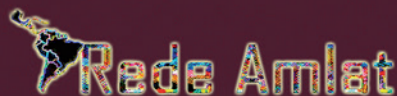


Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

# Teorias da Comunicação na América Latina

Enfoques, encontros e apropriações  
da obra de Verón



Coleção PERSPECTIVAS  
TRANSMETODOLÓGICAS  
DA COMUNICAÇÃO

v. 3



# Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | Reitor  
Prof. Flávio Romero Guimarães | Vice-Reitor



## Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano do Nascimento Silva | Diretor

Antonio Roberto Faustino da Costa

Cidoval Morais de Sousa

| Editores Assistentes

### Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

### Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)	Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)	Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)	Flávio Romero Guimarães (UEPB)
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)	Juliana Magalhães Newewander (UFRJ)
Diego Duquelsky (UBA)	Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)	Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)	Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)
Germano Ramalho (UEPB)	Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)
Glauber Salomão Leite (UEPB)	Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sogas de Mello Bandeira (IPCA/PT)	Vincenzo Carbone (UNINT/IT)
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)	Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

### Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral	Design Gráfico e Editoração
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes	Design Gráfico e Editoração
Leonardo Ramos Araujo	Design Gráfico e Editoração
Elizete Amaral de Medeiros	Revisão Linguística
Antonio de Brito Freire	Revisão Linguística
Danielle Correia Gomes	Divulgação



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

### EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre**

# **Teorias da Comunicação na América Latina**

Enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón

**Copyright ©2020**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

## **Coleção PERSPECTIVAS TRANSMETODOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO**

### **Conselho Editorial**

Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre | Editor

Juciano de Sousa Lacerda | Editor-Adjunto

### **Conselho Científico**

Adrián Padilla (UNESR - Venezuela)

Alexandre Almeida Barbalho (UECE)

Andres Kalikoske (UFRGS)

Carmem Pereira (UFSC)

Cicilia Maria Krohling Peruzzo (Umesp)

Claudio Maldonado (U. TEMUCO - Chile)

Edgar Veja (UASB - Equador)

Elsón Faxina (UFPR)

Gabriel Kaplun (U. REPÚBLICA - Uruguai)

Graziela Bianchi (UEPG)

Itamar de Moraes Nobre (UFRN)

Jiani Adriana Bonin (UNISINOS)

Jordi Grau (UAB - Espanha)

Juan José Perona Páez (UAB - Espanha)

Luis Ignacio Sierra (PUJ - Colômbia)

Maria Ângela Pavan (UFRN)

Maria do Socorro Furtado Veloso (UFRN)

Maria Elisa Máximo (IELUSC)

María Soledad Segura (UNC – Argentina)

Muniz Sodré (Prof. Emérito UFRJ)

Natalia Traversaro (UNC - Argentina)

Nicolás Lorite (UAB - Espanha)

Nísia Martins do Rosário (UFRGS)

Norah Gamboa (UNESR - Venezuela)

Patrícia Gonçalves Saldanha (UFF)

Raquel Paiva (UFRJ)

Raúl Fuentes Navarro (Iteso-México)

Richard Romancini (USP)

Theophilos Rifiotis (UFSC)

Vilso Junior Santi (UFRR)

**Design gráfico e diagramação desta edição:** Norah Gamboa Vela

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CBL.

**Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368**

---

**G634t**

Maldonado, Alberto Efendy

Teorias da comunicação na América Latina: enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón. [Recurso eletrônico]. / Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. – Campina Grande, PB: EDUEPB, 2020.

(Coleção Perspectivas Transmetodológicas da Comunicação, v. 3).

2.900 Kb - 330 p.

ISBN: 978-65-86221-42-8 (E-Book)

ISBN: 978-65-86221-41-1 (Impresso)

1. Comunicação Social – América Latina. 2. Sociologia materialista. 3. Antropologia estrutural. 4. Ciências da Comunicação – História. 5. Discursos sociais - Teoria. I. Título.

21. ed. CDD 302.2098

---

**Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre**

# **Teorias da Comunicação na América Latina**

Enfoques, encuentros e apropriações da obra de Verón



Campina Grande - PB

2020



## **Dedicatória**

*Aos suscitadores coloquiais de minha aventura  
Investigativa, ética, política e filosófica:  
María, Rafael, Maitê, Emiliano, Amaru, Íris Dandara e Valetin Yamandú*





## Agradecimentos

A segunda edição, em português, do livro *Teorias da comunicação: enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón*, tem como ethos de produção a uma *grande família*, tanto em termos genéticos quanto no sentido da *família construída* com afeto e inventividade na América Latina e Europa. Agradeço, em especial, aos/às colegas do GP PROCESSOCOM, filho intelectual que geramos a partir de 2002; como também, aos/às companheiros (as) da Rede AMLAT (2009-2020), com os quais temos construído uma *integração real* latino-americana de produção de conhecimento, de agir político crítico, e de existências transformadoras estratégicas.

Este livro não seria realidade sem o concurso sábio e competente da companheira Norah Gamboa; seus conhecimentos editoriais, seu perfeccionismo estético, e seu talento tecnológico confluíram na produção qualificada de um livro revisado, ampliado, atualizado e transformado, muito obrigado Norah. Converge, também, à operacionalização desta proposta editorial o professor Juciano Lacerda, quem articulou com a editora o processo de produção. Muito obrigado aos colegas da EDUEPB pela aceitação do projeto, que fortalece a *leção de perspectivas transmetodológicas em comunicação*.

Agradeço, ainda, às minhas orientandas e aos meus orientandos no PP-GCC-UNISINOS, que foram atentos, dedicados, críticos, inventivos, colaborativos e éticos, na nossa parceria de produção de teses e dissertações de qualidade; obrigado por me permitir dirigir, orientar, compartilhar conhecimentos; de maneira especial, aqueles/aquelas, que ampliaram e fortaleceram a perspectiva *transmetodológica*. Manifesto minha gratidão, além deles, às minhas orientandas (os), de *iniciação científica* e de *trabalhos de conclusão* de curso, que tantos reconhecimentos e compartilhamentos criativos me brindaram, nestas duas últimas décadas.

Não posso deixar de agradecer às/os colegas pesquisadoras/es do PPGCC que têm nutrido meu intelecto com críticas, contribuições, diálogos, reflexões, desafios e debates; os quais e têm fortalecido e aprofundado minha reconfiguração como pensador e pesquisador; da mesma maneira, sou grato com a equipe da secretaria, que com sua eficiência, comunicabili-

dade e afeto, têm permitido que minha produção intelectual flua da melhor forma.

O palimpsesto que constitui este livro tem como antecedente, também, a edição em espanhol de 2009; sem esse momento de passagem, este livro não seria o que é, meus agradecimentos às/os colegas do CIESPAL, que por mais de uma década têm colaborado com a minha produção editorial, e tem estabelecido condições de produção fecundas; esta segunda edição se nutre, ainda, desse concurso solidário, desse ethos colaborativo inovador.

Muito obrigado a todas e a todos os/as que têm participado com amor social na construção destes pensamentos.

# SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b>	<b>13</b>
<b>PRÓLOGO A LA EDICIÓN CASTELLANA (2009)</b>	<b>18</b>
<b>PRÓLOGO (2001)</b>	<b>21</b>
<b>PARTE I:</b>	
<b>VISUALIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS</b>	<b>25</b>
Significado do autor	27
Uma proposta precursora de interdisciplinaridade	28
Perturbações e componentes semânticos	39
As inter-relações disciplinares para a construção de uma ciência da comunicação	45
A problemática da relação ciência ideologia, o contexto investigativo neocolonial e dependente	59
O cientista e suas formulações	81
Fundações: a ciência como processo de configuração discursiva	83
Ideologia: acionadora da cientificidade	88
Fundações	92
Crítica da teoria dos <i>atos da linguagem</i>	101
A importância do reconhecimento e a multiplicidade de intenções	110
A teoria dos discursos sociais	114
O deslocamento	140
<b>PARTE II:</b>	
<b>DESLOCAMENTOS TEÓRICOS</b>	<b>147</b>
Paradoxos teórico-metodológicos	148
Diálogos e apropriações da antropologia estrutural	155
Movimentos teóricos pluridisciplinares	159

Crítica do psicologismo: diálogos com Jakobson e <i>Palo Alto</i>	161
A impossibilidade das classificações totalizantes e a lógica perversa do capital	170
Transferências, enquadramentos e ação social	173
As condições de produção comunicacional	181
O discurso da ciência e a teoria dos discursos sociais	188
A produção de sentido	192
Configurações teórico-metodológicas: vínculos e contribuições	208
<b>PARTE III:</b>	
<b>PRINCIPAIS PROPOSTAS METODOLÓGICAS</b>	<b>209</b>
Inter-relações entre as dimensões teórica/empírica: inovações e audácia	221
Aprender como aprender	224
Pesquisa empírica de mídias	226
Combinações metodológicas: Bateson, Jakobson e Greimas.	231
Pesquisar o <i>óbvio</i> e o <i>trivial</i>	234
Modismos e superficialismos	238
Análise da <i>semantização</i> : operações, contextualização, circunstancialização	241
Decodificar sistemas ideológicos	245
Marcas neocoloniais no campo científico latino-americano	247
Pesquisa teórica: originalidade e autonomia	254
A compreensão metodológica dos processos de <i>fundação</i>	258
O sujeito produtor de conhecimentos e os tempos longos	262
O procedimento de análise de discursos	264
Proposta precursora de uma necessidade transmetodológica	268
<b>Considerações derradeiras</b>	<b>273</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>287</b>
<b>ENTREVISTA</b>	<b>305</b>

## PRÓLOGO

Esta segunda edição do livro *Teorias da Comunicação na América Latina: enfoques, encontros e apropriações* da obra de Verón, surge num momento crítico para a educação e o campo científico no Brasil. Com efeito, estamos sob a agressão contínua e sistemática de forças obscurantistas, conservadoras, negacionistas e neofascistas, instaladas em posições estratégicas do governo federal, que têm desenhado planos e programas de destruição do pensamento crítico, da investigação científica independente, da experimentação livre, de linhas de formação acadêmica problematizadoras da realidade socioeconômica e cultural, e da necessária e imprescindível autonomia universitária.

Na área de ciências da comunicação no Brasil e na América Latina constata-se importantes avanços, amadurecimentos, desenvolvimentos e realizações, que permitem contar com um conjunto de experiências qualificadas de trabalho acadêmico, de linhas de investigação fecundas, de programas de pós-graduação consistentes, de redes de cooperação internacional dinâmicas, vigorosas e bem-sucedidas. O fato é que, em inícios da terceira década do século XXI, o campo se ampliou consideravelmente e, potencialmente, pode gerar investigações e culturas acadêmicas valiosas para as *formações sociais* latino-americanas.

Este livro se situa nesse processo, e nesses contextos, ele foi revisado, atualizado, complementado, e ampliado na perspectiva de contribuir ao conhecimento teórico, metodológico e epistemológico em comunicação na região; mediante a *problematização transmetodológica* da obra de um autor de referência para a história das ciências da comunicação. Como mostram as análises articuladas neste livro, Eliseo Verón foi um desbravador, um explorador, um pioneiro, um construtor estratégico, um pensador inventivo e fecundo de problemáticas comunicacionais. Seu trabalho de pesquisa nutriu-se de importantes paradigmas do conhecimento social e comunicacional do mundo; sua produção teórica esteve sistemática e profundamente vinculada com projetos de investigação relevantes no contexto internacional; seu comportamento acadêmico foi inovador e desburocratizado; seu espírito de cooperação acadêmica foi generoso e audaz.

Contudo, cabe destacar que Verón não trabalhou, nem viveu, em ambientes favoráveis à produção de conhecimento na área; de fato, no campo acadêmico e profissional da comunicação, continuam primando lógicas e culturas *utilitaristas, instrumentalistas, economicistas, reducionistas e mercantilistas*; que promovem o desprezo pela *Teoria*, desvalorizam a importância da pesquisa sistemática e aprofundada na área, e geram uma cultura apologética -consumista- dos suportes tecnológicos eletrônicos digitais. Assim, o contexto profissional e acadêmico da área não foi, nem é, favorável ao desenvolvimento da produção de conhecimento científico em comunicação. Consequentemente, para a maioria dos gestores e planejadores de programas de estudo em comunicação, aqueles que têm maior poder de decisão, não tem sentido o fomento, a existência e o desenvolvimento de um *campo de investigação científica em comunicação*. Este livro atualiza essa problemática, para enfrentar esse conservadorismo e essa perversidade, que castiga profissionalmente e intelectualmente a centenas de milhares de jovens vivazes que buscam modos de produzir conhecimento. Com efeito, os currículos e programas de estudo, da maioria de instituições universitárias da região, favorecem a mediocridade intelectual, e promovem um tecnicismo sem transcendência.

*Teorias da comunicação na América Latina (...)* é um livro que problematiza o processo histórico de constituição de um conjunto relevante de argumentos teóricos em comunicação; formulados por um *pensador/investigador* que foi capaz de gerar uma vertente fecunda de saberes, estratégias, argumentos e agrupamentos, de importância para o conhecimento científico na América Latina.

Não obstante, nosso distanciamento e nossas diferenças sobre aspectos cruciais de seu posicionamento político e institucional, sua grandeza metodológica, sua fineza teórica e seu compromisso epistemológico estratégico com nosso campo de conhecimento, nos ensinaram a valorizá-lo, e a aprender com ele aspectos e capítulos cruciais da constituição do campo de investigação, e sobre a produção teórica em comunicação na América Latina. Verón trouxe e brindou para as comunidades de pensamento em comunicação de nossa região, de maneira prematura e suscitadora, alicerces teórico-metodológicos pluridisciplinares decisivos para a constituição, o aperfeiçoamento, o amadurecimento, e a consolidação de um campo de estudos e de pesquisa em ciências da comunicação na região.

Este livro, concomitantemente, expressa e exercita uma problematização orientada pela perspectiva *transmetodológica*. Nessa linha, organiza suas análises em três partes, uma primeira com ênfase em aspectos epistemológicos, uma segunda focada na dimensão teórica, e uma terceira que investiga e questiona a dimensão metodológica. O *problema/objeto* de investigação está delimitado pela obra teórico-metodológica de Eliseo Verón, nas quatro primeiras décadas de sua produção. As referências posteriores são trabalhadas no sentido de complementação e atualização; dada a dinâmica mutante e audaciosa do autor. Esse recorte se justifica dado que, nessa época, constituiu a base central de seu pensamento e de suas propostas metodológicas; os insights e atualizações feitos no presente século têm como referência principal o conjunto delimitado.

A lógica analítica realizada neste livro configura-se mediante uma confluência de pesquisas, que primeiro se iniciou numa *pesquisa exploratória* em documentos, bancos de dados, bibliotecas, congressos, associações, revistas, depoimentos de interlocutores de referência, para situar autores cruciais do pensamento comunicacional avançado na América Latina; entre esses autores, emergiu com singular vigor e consistência Eliseo Verón; suas argumentações comunicacionais conseguiram penetrar e atravessar diversos países latino-americanos, em especial aqueles nos quais o campo da comunicação teve um processo de estruturação pioneiro e forte. Cabe explicitar que essa circulação e penetração não foi quantitativa, de fato foi restrita às comunidades e núcleos com maior interesse em produzir conhecimento na área. Não obstante, a consideramos por ter sido profundamente qualitativa; Verón desafiou aos pensadores, investigadores, professores, estudantes e comunicadores de maneira decisiva para quebrar o enquadramento e a acomodação *funcionalistas*, que eram preponderantes no campo, dada a potência desse paradigma estadunidense no mundo.

Nesse processo histórico, Eliseo Verón contribuiu a uma desestabilização salutar dos estudos, processos e indagações em comunicação. Desafiou, provocou, mostrou que os processos de comunicação são complexos; precisam do concurso de saberes interdisciplinares; no caso de Verón articulou argumentos comunicacionais relacionados com *antropologia estrutural, semiologia, psiquiatria social, sociologia materialista, semiótica e análise de discurso*. Desse modo, pensar comunicação deixou de ser simplesmente assunto de *aplicação de ferramentas técnicas* e de *manuals instrumentais*,

reduzidos à vertente *estrutural funcionalista* norte-americana. Para o campo de estudos em comunicação na América Latina, esse acionar transformador e suscitador de Verón foi crucial, estratégico e enriquecedor. Pensar e investigar comunicação, a partir e depois de Verón, já não seria o que foi; o *instrumentalismo*, o *mecanicismo*, o *utilitarismo*, a *dependência* ficariam profundamente questionados; e se abriam alternativas prolíficas e potentes de produzir conhecimento na área.

Nosso trabalho *transmetodológico*, numa segunda linha de investigação, mergulhou nos argumentos de autor mediante uma *pesquisa teórica*, que se orientou pelas sabedorias epistemológicas milenares em termos de “*pensar e sentir o outro como nós mesmos*”. Esse processo de nutrição conceitual fez possível compreender e valorizar os argumentos propostos; e, coloca-los em inter-relação com argumentos de outros autores que pensam problemas/objeto próximos. Assim como, confrontar os argumentos de Verón com os processos históricos concretos das sociedades latino-americanas. O livro, desse modo, apresenta um tecido teórico que aprende, enfrenta e dialoga com Verón; e, paralelamente, situa esses argumentos nos contextos concretos da região; como também, confronta os argumentos do autor com argumentos de importantes pensadores e teóricos sobre a problemática.

O exercício *transmetodológico* nos orientou para a necessária desconstrução e reconstrução de processos metodológicos; para isso, selecionou-se estratégias relevantes propostas por Verón, e as análises procuraram produzir inferências suscitadoras a partir das experiências e dos modelos propostos pelo autor. Foi muito instigante, esclarecedor e fortificante seguir as lógicas propostas por Verón, situá-las em problemas/objeto concretos; em especial, confrontá-las com propostas nossas no campo do reconhecimento, e das inter-relações *produção de sentido*, *vida sociocultural*, *ethos comunicacional* e *realidade econômico-política*.

Em nosso processo de constituição como pensadores, investigadores, comunicadores e militantes Eliseo Verón tem sido um *grande mestre*, por meio da confrontação e o diálogo com sua produção teórica e investigativa construímos uma parte importante de nossas concepções e estratégias sobre os *processos de midiatização*, sobre a *semiose social*, sobre a importância dos sistemas, dispositivos e suportes midiáticos, e os meios de comunicação estruturados nas sociedades latino-americanas.



Esta atualização termina com texto reflexivo, epistemológico, sobre o legado de Verón nesta primeira fase do século XXI; é uma leitura que pretende suscitar o conhecimento e a problematização da obra de este apreciado mestre.

Porto Alegre, primavera de 2020

## PRÓLOGO A LA EDICIÓN CASTELLANA (2009)

La investigación en comunicación en América Latina ha sido un aspecto central del trabajo epistemológico, que he realizado durante las dos últimas décadas. En ese conjunto, la investigación teórica y metodológica se ha constituido en eje articulador de las investigaciones realizadas. Cabe señalar que mi fascinación por la teoría ha sido compartida por el encanto con el trabajo de campo. De hecho, he realizado, simultáneamente, desde 1979, fecha de mi ingreso en el campo de las ciencias de la comunicación, investigaciones importantes en la dimensión teórica y en la dimensión empírica. La teoría y la producción de investigaciones empíricas han caminado juntas, y entrelazadas; los argumentos producidos están lejos de la especulación filosófica, del discurso encerrado en el propio discurso, o de la pomposidad de las formas retóricas en sintonía con el culto a las banalidades formales.

Este libro se inscribe en esa lógica, es fruto de una extensa investigación epistemológica, sigue una línea de trabajo *transmetodológica* y *multilética* que combina varias *praxis*, ejercicios y experimentos mentales en la construcción heurística de argumentos. La epistemología, aquí, no es comprendida como versión abstracta delimitada en un *logos* sobre el propio pensamiento; tampoco se limita a una gnoseología próxima de versiones anglosajonas. Se define, si, como una dimensión que atraviesa el conjunto teórico, metodológico, técnico y contextual de la producción de conocimiento científico. Es una epistemología transdisciplinaria, va más allá de las clasificaciones positivistas del que hacer científico, piensa en dimensiones dialécticas de confrontación y de confluencia de los conocimientos, y de los descubrimientos. Afirma como importantes las referencias disciplinares, su conocimiento y su dominio; pero, dialécticamente, al mismo tiempo, busca su superación.

En la dimensión metódica propone la necesidad de procesos de reconstrucción lógica, que busquen la comprensión, la experimentación y la reformulación de estrategias y modelos de investigación. Reconoce el primado de los procesos históricos reales, de los problemas/objeto, de las configuraciones culturales; sigue a Marx, reconoce la necesidad teórica de elevarse de lo abstracto

a lo concreto, y definir el sentido de la práctica científica en la perspectiva de la transformación del mundo.

Los métodos necesitan de investigación, no son lógicas neutras, hasta los instrumentos más simples son *teorías en acto*; por consiguiente, es necesario conocer su lógica interna, las concepciones a las cuales corresponde, la afinidad o la contradicción con problemas concretos a investigar. En este libro la dimensión teórica y metodológica conversan, se atraviesan, se organizan en una hermenéutica epistemológica.

El análisis transmetodológico estructurado en este libro es sobre una obra de referencia teórico-metodológica, que ha sido relevante para las teorías de la comunicación de América Latina, constituida por la producción de Eliseo Verón. Autor franco-argentino, que, desde los inicios de la investigación comunicacional en la región, en los años 1960, ha participado de manera crucial en su configuración. No es una síntesis, una reseña o una apología; es, sí, una confrontación y un diálogo epistemológico sobre una producción decisiva para el campo de las ciencias de la comunicación.

La opción por Verón en nuestras investigaciones tiene como fundamento su rigor científico, su postura crítica reconstructora de métodos y teorías, su enfoque central en el campo de las ciencias de la comunicación, su influencia en comunidades importantes de investigadores, pensadores y comunicadores en América Latina, su irreverencia y respeto en relación con los modelos teóricos influyentes, su profunda autocrítica, su carácter fundador y actual en la investigación en comunicación.

Es gratificante publicar este libro en la tierra de origen, mis agradecimientos profundos a Alberto Pereira Valarezo compañero de intensas, largas y inventivas jornadas; su visión crítica, cooperativa y esclarecedora, ha sido un apoyo estratégico crucial, en este caso su revisión y traducción me honran. Agradezco también a Gabriela Pereira, sin su iniciativa y esfuerzo traduciendo para el castellano la obra, no sería realidad este proyecto. A Fernando Checa, compañero de aventuras intelectuales desde mi ingreso en el campo de la comunicación, hoy distinguido y renovador director de CIESPAL, gracias por el concretizar este proyecto editorial. Mi agradecimiento profundo a los maestros cruciales en Ecuador de mi trayectoria investigativa; aquellos que brindaron de manera especial su conocimiento, disciplina, sensibilidad y ejemplo para mi estructuración científica: a Rafael Almeida Hidalgo (historiador; antropólogo;

arqueólogo; sociólogo) con quien aprendí la investigación crítica madura, el cuidado y la sistematización de las teorías y de los procesos, la transdisciplinariedad viva y subversiva; a Patricio Zurita maestro en el arte del álgebra, que hizo posible descubrir y desarrollar mis inteligencias lógico-matemáticas y mis competencias para la enseñanza. A Carlos Echeverría y Rodrigo Romo por sus enseñanzas de sistematización metodológica, de perfeccionamiento pedagógico, de respeto y sensibilidad teórica en el campo de la matemática y la física. A Bernard Chevrau (matemático) por la fortaleza crítico-analítica, el rigor lógico, la autoconfianza y el pensamiento estratégico en el mundo de la ciencia. Agradezco especialmente a los compañeros de los colectivos críticos en el campo político, artístico y comunicacional, que confrontaron y cooperaron con mi trabajo intelectual.

Quito, octubre 2009

***Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre***

## PRÓLOGO (2001)

Os processos de comunicação constituem-se numa dimensão central dos sistemas socioeconômicos e culturais contemporâneos. Durante os dois últimos séculos as revoluções tecnológicas, políticas e econômicas fizeram possíveis e estruturaram redes complexas, sistêmicas, de informação e comunicação, para a construção e o funcionamento eficiente das sociedades contemporâneas; sem a centralidade da dimensão comunicacional/informacional, as formações sociais estruturadas no século XX não teriam sido realizáveis.

Na América Latina, as estratégias, as políticas e os processos comunicacionais tornaram-se um eixo crucial das transformações socioeconômicas e culturais do século XX, a pesar de terem apresentado um atraso considerável no século XIX em relação a Europa. Foi assim que, os processos de industrialização, de urbanização e de configuração de mercados, de bens materiais e simbólicos, tiveram como um dos seus eixos estratégicos-chave os *sistemas de comunicação*.

Na primeira metade do século XX foram o Rádio e o Cinema, recentemente inventados, os meios de comunicação de maior importância, que geraram uma cultura urbana, mercadológica, industrial e capitalista nas classes subalternas e nas elites latino-americanas. Os movimentos de migração, adaptação, funcionalização e mudança, da grande maioria dos grupos humanos da região, foram condicionados pela produção midiática; que favoreceu a passagem de formas pré-capitalistas de existência para culturas urbanas de consumo e produção dinâmica. Foram ficando diminuídas as culturas rurais, do interior, fortemente controlado pelos caudilhos locais; e ganharam força as culturas “modernas”, nas quais os modelos socioculturais multinacionais, urbanos, foram adquirindo preponderância e penetrabilidade; até que, no final do século XX, instituíram sociedades fortemente condicionadas pela *informação* e a *digitalização*.

Nesse contexto, conformaram-se importantes campos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. Na América Latina, os empresários e produtores midiáticos mostraram-se singularmente dinâmicos e eficientes para a geração de culturas com forte penetração dos meios de comunicação.

O entretenimento, a publicidade e a informação expandiram-se de maneira acelerada e abrangente nos países da região. México, Cuba, Brasil e Argentina estruturaram importantes indústrias culturais, cinematográficas e radiofônicas, que circularam e foram consumidas avidamente pelos grandes *públicos* da América Latina.

Foi nessa configuração histórica, marcada pelas culturas do rádio e do cinema, que as primeiras pesquisas relacionadas com os processos de comunicação massiva apareceram. Nos anos 1940, as produções estiveram centradas na regulamentação das práticas profissionais e do funcionamento das novas empresas de comunicação. Teve-se, também, monografias historiográficas e ensaios especulativos sobre o fazer jornalístico e empresarial. Vai ser só na segunda metade dos anos 1950 que a pesquisa, focada nos processos comunicacionais empíricos, chegaria na região pela influência estadunidense na América Latina.

Nesse primeiro momento, os modelos *estruturo-funcionalistas* foram adotados como a “*ciência da comunicação*”. O CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para América Latina), com sede em Quito-Ecuador, tornou-se a partir de 1959 a estrutura institucional, concreta e efetiva, para divulgar as estratégias norte-americanas em comunicação no continente. Organizaram-se cursos contínuos de *pós-graduação (lato sensu)* para aperfeiçoar comunicadores sociais de todos os países; nesses programas, de formação de estrategistas e pesquisadores, participaram professores, profissionais, gestores e pesquisadores que, na ótica modernizante ocidental, representavam um capital humano estratégico para as mudanças comunicacionais que aconteceram na região.

O entusiasmo dos setores *integrados* misturava-se já, naqueles primeiros anos, com a força do pensamento crítico, que tem sido uma marca histórica significativa do pensamento social latino-americano. Nessa corrente, um dos pensadores e estrategistas mais destacados foi Eliseo Verón; prematuramente, para o campo das ciências da comunicação, formulou postulados teóricos e procedimentos de pesquisa renovadores, e questionadores, das práticas dominantes na produção de ideias e pesquisa na América Latina. Verón superou as concepções e procedimentos *funcionalistas* vigentes, e trouxe modelos teórico-metodológicos que enriqueceram a pesquisa em comunicação: *antropologia estrutural*, *semiologia*, *comunicação transdisciplinar (Palo Alto)*, e *sociose-*

*miótica* seriam inseridos de forma inovadora e dinâmica por Eliseo Verón nas primeiras comunidades de pensadores em comunicação da América Latina.

Este livro construiu-se a partir de pesquisas sobre a produção teórica e metodológica em comunicação na América Latina. As problemáticas abordadas são parte de uma preocupação abrangente por aprofundar e sistematizar conhecimentos em ciências da comunicação; as primeiras estruturas realizadas-se no *núcleo de epistemologia da comunicação*, do departamento de comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, e tiveram continuidade no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

O texto percorre a produção de Verón numa perspectiva epistemológica, e relaciona seus projetos, postulados, modelos e reformulações argumentativas com as redes conceituais sobre a problemática da comunicação, tecidas por quem escreve estas linhas. Assim, este livro é um encontro entre perspectivas de vários saberes comunicacionais, edificados numa orientação que busca uma problematização mais refinada das teorias e metodologias em comunicação.

Os argumentos, reflexões, *insights*, modelos e esquemas discutidos são situados em cenários conflitivos, nos quais participam propostas de importantes pensadores e tendências teóricas na área. São especialmente instigantes os confrontos com as propostas *funcionalistas* estadunidenses, com o pensamento crítico na linha dos Mattelart, e com as propostas de comunicação e cultura de Jesús Martín Barbero.

As condições socioculturais, políticas e econômicas da produção de conhecimento estão presentes no discurso do livro, e, simultaneamente, na integralidade da construção da obra; assim, são relacionados, acompanhados e problematizados argumentos, procedimentos, afazeres de pesquisa, e de produção de teorias, em inter-relação com as realidades históricas nas quais foram concretizadas. Desse modo, os processos histórico-sociais atravessam o livro sem restringir-se a uma linha de *denúncia epidérmica*; pelo contrário, a tentativa é aprofundar a reflexão crítica, mediante um trabalho concreto com os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos de referência de Verón; e, simultaneamente, problematizando-os, ao confrontá-los, de forma sistemática, *multilética*, dialógica, transdisciplinar e motivadora, com a necessidade de aperfeiçoamento constante das compreensões e das estratégias que participam nos processos de construção dos conhecimentos.

O livro oferece um conjunto estruturado de saberes sobre comunicação, em que intervêm importantes paradigmas teóricos, que têm marcado o campo das ciências da comunicação na América Latina nos últimos quarenta anos. A produção de Eliseo Verón permite-nos pensar -no confronto com as suas ideias-, problemáticas que visualizam a complexidade dos processos comunicacionais contemporâneos, mediante explorações teórico-metodológicas que concebem o campo em termos de uma transdisciplinaridade pragmática e exigente.

O livro pretende contribuir para a construção de pensamento teórico comunicacional, ao situar uma experiência teórico-metodológica relevante na América Latina, que oferece oportunidades singulares para estimular a formulação de pensamentos e de redes conceituais inovadoras em comunicação.

Ao seguir a lógica de Eliseo Verón, podemos afirmar que os *discursos de produção* deste livro são as suas produções teóricas, confrontadas com as propostas teóricas de importantes pensadores das ciências sociais e da comunicação. Assim, esta estruturação de saberes constitui-se num contínuo palimpsesto, em que o leitor/escritor reformula os conhecimentos oferecidos pela produção científica da humanidade numa visão particular, às vezes enriquecedora das reflexões e dos percursos da comunidade. Um dos objetivos da elaboração deste livro foi contribuir para a geração de pensamentos comunicológicos nestas terras indomáveis. Os diálogos, as conversações, as falas, os debates e as reflexões buscam incentivar o estudo e a formulação de teorias em comunicação, buscando miscigenações, aprofundamentos e visualizações construtivas.

**Alberto Efendy Maldonado**





**PARTE I:**  
**VISUALIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS**



## Significado do autor

Eliseo Verón é um autor que apresenta um conjunto de características teórico-metodológicas indispensáveis para trabalhar a problemática do campo da investigação teórica em comunicação na América Latina. Em primeiro lugar, está sua rigorosa e variada formação intelectual: graduação em *psicologia social* pela Faculdade de Filosofia e Letras da UBA<sup>1</sup>; estudos com Lévi-Strauss em *antropologia estrutural*; seminários com Roland Barthes de *semiologia*; estágios, encontros e estudos sobre *transdisciplinaridade comunicológica* na *Escola de Palo Alto*.

Além de ter sido um destacado pesquisador e organizador da Associação Latino-americana de Sociologia e do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO), Eliseo Verón também desenvolveu uma práxis epistemológica avançada como integrante do projeto transdisciplinar francês de Edgar Morin, Roland Barthes e Georges Friedmann. Professor da *Escola de Altos Estudos* da Universidade de Paris; membro da Sociedade Internacional de Semiótica; pensador e investigador em ciências da comunicação, especialmente das linguagens midiáticas; diretor do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Hebraica de Buenos Aires.

Eliseo Verón foi um comunicólogo que, de maneira pioneira, incorporou ao campo de estudos em comunicação latino-americano questões epistemológicas de importantes paradigmas das ciências sociais e humanas, para problematizá-los na área de comunicação. A sua capacidade para perceber percursos, para realizar deslocamentos, para nutrir-se de paradigmas sem acomodar-se a eles, para desenvolver pesquisas empíricas em comunicação sem impor totalitarismos teóricos, tornam-no um **autor-paradigma** no campo comunicológico na América Latina.

---

<sup>1</sup> Eliseo Verón: Licenciado em Filosofia e Letras da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Nacional de Buenos Aires (tese em *psicologia social*). Doutor de estado em linguística pela Universidade de Paris, École Pratique des Hautes Études, (1969). Professor Associado do departamento de sociologia da UBA; secretário de redação da **Revista Latinoamericana de Sociologia**. Diretor do Centro de Investigações Sociais do Instituto Torcuato Di Tella e Diretor do Programa do Comité de Investigações em Psiquiatria Social da Associação Internacional de Sociologia, in Eliseo Verón e Carlos E. Sluzki (org.), **Comunicación y neurosis**, Buenos, Aires, Ed. del Instituto, 1970. p. 334. Esse curriculum vitae corresponde ao período 1960-70.

## Uma proposta precursora de interdisciplinaridade

Para refletir acerca do que consideramos suas contribuições epistêmicas decisivas para a pesquisa teórica na América Latina, vamos percorrer a trajetória do autor num sentido cronológico que começa com a análise de suas proposições sobre **Comunicação e Neurose**. Essas formulações foram fruto de uma pesquisa de quase cinco anos (1964-1969)<sup>2</sup> no Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires, e no Instituto Torcuato Di Tella, como parte do **projeto** “*Estructuras de conducta y sistema de comunicación social*”<sup>3</sup>.

Essa importante experiência de investigação reúne elementos substanciais para compreender a contribuição de Verón ao nosso campo. Para começar, cabe destacar que tanto o trabalho de campo quanto o projeto partem de proposições teóricas densas, previamente estruturadas num esquema conceitual elaborado conjuntamente com Carlos E. Sluzki. A **formulação de uma problemática teórica própria** sobre o assunto que a ser pesquisado foi uma característica do autor, que marcou um posicionamento metodológico raro nas atividades de pesquisa latino-americanas da época; que se caracterizavam pela aplicação acrítica de modelos hegemônicos, sem uma reformulação ou reconstrução necessárias.

Em segundo lugar, essa linha de pesquisa apresenta um caráter **pluridisciplinar**, porque combina *sistemas de comunicação* (de referência semiológica) com *estruturas de conduta* (de referência psicológica); de modo a estabelecer uma confluência teórico-metodológica entre duas áreas de conhecimento social.

Uma terceira questão, foi a **prolongada realização da pesquisa empírica sistemática**, por quase cinco anos, característica que marcou uma ruptura com os costumes de pesquisa instrumental e administrativa, que o *funcionalismo* estadunidense impôs nas escassas atividades de investigação social existentes na época na América Latina.

É importante notar que do lado das *esquerdas*, a dimensão da pesquisa desenvolvida por um Marx, por um Lênin ou por um Gramsci não teve presença significativa na região; os autores trabalhavam a dimensão teórica

<sup>2</sup> A partir de janeiro de 1967 o projeto é inserido no Centro de Investigações Sociais do Instituto Torcuato Di Tella, que foi a alternativa de trabalho depois da intervenção dos militares na UBA.

<sup>3</sup> Eliseo Verón, **Comunicación y neurosis**, op. cit., p. 9.

concentrados na filosofia política, na reflexão dos fundamentos clássicos do pensamento social, na estruturação de programas partidários e na formulação de princípios ideológicos, sem valorizar a necessidade de pesquisas empíricas vinculadas à produção de conhecimento teórico.

A pesquisa empírica estava sob o domínio exclusivo do *estruturo-funcionalismo* norte-americano, era comum qualificar toda proposta de trabalho empírico como *empirismo*, e o uso de técnicas estatísticas como deformação quantitativa. Consequentemente, boa parte do pensamento crítico renunciou a uma abordagem detalhada, sistemática, concreta dos processos e fenômenos reais. A especulação teórica resultava muito mais conveniente no contexto de investigação daqueles anos (1940, 1950 e 1960), e deixava para o *funcionalismo* os trabalhos empíricos. O mérito de Eliseo Verón, nesse aspecto, foi crucial, porque incorporou na prática de investigação crítica a profunda vinculação que deve ter a produção de teorias com a pesquisa empírica.

Parece-me que esse traço de Verón tem antecedentes tanto em Lévi-Strauss como em Gregory Bateson, dois mestres importantes na sua formação como pesquisador. **Pesquisa e Teoria** são duas dimensões-chave para compreender Verón. Sem pesquisa, segundo ele, não existe possibilidade de produzir conhecimento; simplesmente se expressam raciocínios sem fundamentação sistemática real<sup>4</sup>. Durante sessenta anos Eliseo Verón foi conseqüente com esse princípio de ação intelectual.

Outra característica de Verón, já naqueles anos foi, sua **capacidade de gerenciar apoio** institucional. Para o trabalho de campo sobre *comunicação e neurose*, em três hospitais e policlínicos, obteve o financiamento do Conselho Nacional de Investigações Científicas y Técnicas, da *Foundation's Fund for Research in Psychiatry* e do Instituto Torcuato Di Tella.

---

<sup>4</sup> Idem, "Investigación, semiología y comunicación: del estructuralismo al análisis en producción", in **Causas y azares No. 3**, , Buenos Aires, p. 12: *Pero hay otro tipo de discursos que no están sustentados en la investigación. Cualquiera puede elaborar una teoría general que puede ser muy interesante, pero las teorías son diferentes si están alimentadas por la investigación y si no lo están. Doy el ejemplo de Baudrillard en ese sentido: no hace investigación, pero tiene una teoría general sobre la sociedad. Está bien, sus libros expresan su opinión, pero no va más allá de un punto de vista subjetivo sobre las cosas. Siempre fui contrario a esto. No discuto de McLuhan, si algunas cosas que dice son interesantes o no, discuto los efectos devastadores que estos textos tienen en países donde no hay continuidad en la investigación. Sirve para que la gente sienta que está al día y discuta de cosas en el aire.* [destaques meus].

Em decorrência disso, cabe sublinhar sua competência para produzir publicações em editoras de referência; Verón e seus colegas publicaram vários artigos na América Latina e na Europa acerca dos trabalhos que iam desenvolvendo, os quais tiveram uma considerável circulação, levando-se em conta as limitações da época.

Ao focar nossa análise na obra *Comunicación y neurosis*, podemos estabelecer como ponto de partida a seguinte afirmação de caráter epistemológico: “(...) o livro relata a história da investigação: as primeiras intuições sobre o problema central; a construção das técnicas de análise de mensagens; a reformulação da hipótese no confronto com os dados; finalmente, **a teoria geral das neuroses como fenômenos de comunicação**”<sup>5</sup>. [grifos meus]

Os editores do Instituto Torcuato Di Tella sublinharam o caráter teórico-metodológico dessa obra, que reúne questões importantes de pesquisa em *psicologia da comunicação*. Simultaneamente propõe refletir acerca da estruturação de um projeto ambicioso, que procurava montar um modelo pluridisciplinar de pesquisa, combinando psiquiatria social, psicologia social e *lingüística estruturalista*. Essa tentativa expressa o mérito e a audácia de Eliseo Verón e Carlos E. Sluzki<sup>6</sup> para elaborar e desenvolver uma pesquisa exploratória; independentemente das limitações econômicas, institucionais e materiais da produção de conhecimentos na América Latina. Já em 1963, organizam e executam um projeto de pesquisa fora do círculo *funcionalista* predominante, que estava caracterizado pela submissão aos projetos de *contra insurgência* do governo dos EUA.

A formulação do quadro teórico da pesquisa oferece informações importantes sobre o pensamento de Eliseo Verón na época, especialmente o capítulo quatro que versa sobre “*El estudio de la comunicación*”<sup>7</sup>. Nessa parte é manifesta a presença da *teoria da informação* de **Claude Shannon**:

Conectemos ahora los puntos de tal modo que se puedan

---

<sup>5</sup> Apresentação do livro **Comunicación y neurosis**, contracapa terceiro parágrafo.

<sup>6</sup> Carlos E. Sluzki, médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA); especialização em psicanálise na Associação Psicanalítica Argentina. Diretor do Centro de Investigações Psiquiátricas, divisão do serviço de psicopatologia do policlínico “*G. Aróz Alfaro*” de Lanús (província de Buenos Aires) (1970). Pesquisador Associado do *Mental Research Institute*, Palo Alto, Califórnia. Secretário de Redação de **Acta psiquiátrica e Psicológica de América Latina e Advisory Editor de Family Process**: *Comunicación y neurosis*, op. cit., p. 334.

<sup>7</sup> Idem, **Comunicación y neurosis**, op. cit., pp. 89-107.

transmitir de A a B impulsos eléctricos discretos y supon-  
gamos que podemos ubicar un impulso en una cualquiera  
de las casillas. Podemos así transmitir dos impulsos de seis  
maneras distintas. (...)La cantidad de energía transmitida  
en todos los casos es idéntica. El resultado es, cada vez,  
diferente: hemos registrado en los tableros seis mensajes,  
a saber, seis números distintos. La energía que transmiti-  
mos es **codificada** según ciertas reglas convencionales que  
corresponden en ese caso al código binario utilizado para  
representar los números naturales.

Entre A y B hemos transmitido ahora **información**. La  
energía movilizada ha sido siempre la misma; han variado  
en cambio las reglas de distribución de los impulsos en  
el punto de llegada. No existe ninguna relación entre la  
cantidad de energía y el contenido transmitido: aquella ha  
permanecido invariable, éste ha variado de una transmi-  
sión a otra. <sup>8</sup>

A influência cientificista é óbvia nessa explanação de Verón, que resulta reafirmada do seguinte modo:

Aunque nuestro ejemplo es sumamente abstracto y mecánico, **no estamos tan lejos de la comunicación humana como se podría suponer**. Naturalmente la comunicación humana es muchísimo más compleja, **pero los principios básicos son los mismos**: un soporte material consistente en hechos empíricos que no son producidos al azar por el emisor y que no son registrados al azar por el receptor, sino que se trasmiten de acuerdo con ciertas reglas de codificación. Las configuraciones de hechos empíricos tienen entonces una forma, son **mensajes** <sup>9</sup>. [grifos meus]

Proposição muito similar à de Shannon, que afirmou a importância da **codificação-decodificação** no processo de informação. A *mensagem*, nessa perspectiva, depende fundamentalmente das regras de elaboração (código), sem considerar os aspectos culturais, sociais, de contexto, de usos, as media-

<sup>8</sup> Idem, ibidem, pp. 90-91.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 92.

ções, os espaços, os tempos, os modos e as formas de comunicar concretos, que condicionam a significação de uma mensagem. O *tecnicismo* reduz a problemática<sup>10</sup> da comunicação social, ao enquadrá-lo no esquema de transmissão de informação dos engenheiros das telecomunicações, e tentar explicar assim a comunicação humana. O modelo inaugurado por Shannon teve e tem uma forte presença nas concepções teóricas do campo até os inícios da terceira década do século XXI; fato que se explica, em parte, pelo peso das revoluções técnicas nas telecomunicações, e na informação, nos últimos setenta anos<sup>11</sup>.

As vinculações de Verón com a investigação crítica estadunidense fluíram por meio da *Escola de Palo Alto*, da qual Carlos E. Sluzki era pesquisador associado; era curiosa essa combinação *Teoria da Informação/Teoria da complexidade* [Shannon/Palo Alto] que são dois modelos divergentes de pensar o processo comunicativo. Esse arranjo, contudo, mostra a busca por explicações complexas e renovadores para a problemática epistemológica do campo.

A reflexão sobre o conceito de *mensagem*<sup>12</sup> demonstra que, na época (1969), Verón já tinha rompido com a teoria linguística de Ferdinand de Saussure acerca do **signo**. Para o autor, o *signo* não poderia ser considerado como um fato meramente psíquico (*significante/significado*), dado que tornava inviável sua observação fora da dimensão mental. Para Verón era necessário

---

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 92-93: *Si imaginamos que A y B son personas, y si suponemos que la información se transmite en ambos sentidos, es decir, que cada comunicador emite y recibe mensajes, estamos ya muy cerca de un modelo útil para comprender la comunicación humana. La dimensión de control se referirá al hecho de que un mensaje de A hacia B produce en B un efecto: modifica su conducta; y como la conducta consiste, desde ese punto de vista, en mensajes emitidos por B, que A recibirá. A será afectado a su vez por los mensajes de B, y así sucesivamente, en un proceso a la vez circular y acumulativo que llamaremos la "espiral de la interacción". Estamos en el campo de la teoría de la comunicación en la medida en que el elemento crucial es para nosotros la organización de la energía, vale decir, porque suponemos que los efectos resultan de la configuración de los estímulos (mensajes) y no de las características intrínsecas de la energía.*

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 11: *Uma pista interessante da influência tecnicista é o agradecimento realizado por Verón & Sluzki a Sergio H. Orce: En numerosas discusiones, los conceptos teóricos y los principios de análisis fueron desmenuzados con la ayuda del ingeniero Sergio H. Orce: sólo podemos decir que si el lector marca las partes oscuras o confusas dese libro, habrá identificado los fragmentos que escaparon a su influencia crítica. Decir que nos responsabilizamos pelos errores está de más, puesto que él jamás hubiera publicado una investigación exploratoria como ésta.*

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 95.



estabelecer alguns *indicadores* dos fenômenos produtores de *significado*, que permitissem o estudo científico dos mesmos:

Aunque no podemos desarrollar aquí en detalle una teoría del significado, debemos establecer algunas proposiciones mínimas. Cuando hablamos del “**significado**” de un mensaje, estamos haciendo referencia a lo mismo que en el párrafo anterior denominamos “**información**”.<sup>13</sup>

Esse significado seria o *significado denotado* das mensagens, que expressa uma mesma realidade empírica (*denotatum*); mas Verón ia além ao trabalhar outros conceitos centrais para o seu estudo. Em primeiro lugar, o conceito de *conotação* (*significado conotado*), que estaria definido pela “*maneira como se fala algo*”<sup>14</sup>. O importante não é o *denotatum*, salientava, ele pode ser o mesmo em muitos casos; *para a comunicação é crucial o modo, a forma de fabricar* a mensagem para versar sobre uma mesma realidade.

Verón agregou a seu quadro teórico de referência a proposta de **Roman Jakobson**, a respeito das operações de construção de mensagens: **seleção e combinação**<sup>15</sup>. As **múltiplas formas de falar** de uma mesma coisa, nessa perspectiva, estariam diferenciadas pela seleção dos signos e pela forma de combiná-los por um *comunicador*. Esse processo era nomeado como *emissão*. Desse modo, o aspecto mais importante na pesquisa *comunicação e neurose* era, segundo Verón, a *maneira* de falar sobre sua doença pelos neuróticos: **Luis Prieto se ha referido a la manera en que una operación es ejecutada “en la medida en que esta manera no es la única posible”, y le ha dado el nombre de estilo** [PRIETO: 1967].<sup>16</sup> [destaques meus]

Para Verón o **estilo** era sinônimo de **metacomunicação**, que definia como a capacidade de a mensagem expressar, de uma forma ou de outra, não seu referente empírico, mas as **decisões** que foram feitas para a sua emissão.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 96.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 98.

<sup>15</sup> Roman Jakobson, **Essais de linguistique générale**, Paris, Edition de Minuit, 1963, capítulo 11. Cf. p. **Comunicación y neurosis**, op. cit., p. 97.

<sup>16</sup> Luis J. Prieto, **Mensajes y señales**, caps. “*Lengua y connotación*” e “*Comentario*”, Barcelona, Seix Barral, 1967. Cf. **Comunicación y neurosis**, op. cit., p. 98.

Na perspectiva do “receptor”, Verón entendia que esse reconstruía as mensagens mediante a decodificação das decisões seletivas e combinatorias, inseridas na elaboração dos enunciados: “*Esto implica que, de alguna manera, en los mensajes es posible ‘leer’ las decisiones que han determinado su emisión*”<sup>17</sup>. E essa possibilidade é ampliada pelo autor concebendo a *análise científica* como a leitura especializada dessas decisões:

Las operaciones de selección y combinación no son en sí mismas algo observable. El **análisis científico de la comunicación** es un caso particular, de ese proceso de reconstrucción, puesto que el observador científico es un receptor. Se trata entonces de describir qué operaciones realiza el observador sobre los mensajes, con el objeto de obtener una representación adecuada del sistema de decisiones selectivas y combinatorias. Suponemos que **ese proceso de reconstrucción es una explicación (a nivel de análisis científico) de ciertas operaciones** que en un receptor “normal” del sistema tienen lugar de manera inconsciente <sup>18</sup> [destaques meus]

Na perspectiva de Verón era possível (1969), no processo de *recepção*, realizar uma análise científica, construir uma explicação a respeito da própria mensagem, do seu percurso de construção e das relações entre seus elementos. **A mensagem, assim, informa sobre um referente real (*denotatum*), mas essencialmente comunica seu método de construção, e suas preferências de conteúdo**<sup>19</sup>. O discurso científico teria, desse modo, a capacidade de reformular o discurso apresentado pelos *emissores*, ao estabelecer sua significação profunda; nessa linha de compreensão, a *exposição* teórico-metodológica vai

---

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 99.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 100.

<sup>19</sup> Essa formulação metodológica influenciou significativamente a pesquisa em comunicação na América Latina, como caso paradigmático cabe destacar a formulação feita por Ma. Immacolata Vassallo de Lopes no Brasil: *Sabemos, conforme Jakobson, que a linguagem é constituída de dois mecanismos básicos, de seleção e de combinação de signos, aquele operando no eixo vertical, paradigmático ou da língua, e esse no eixo horizontal, sintagmático ou da fala. A Metodologia das Ciências Sociais, como disciplina cujo objeto é a linguagem dessas ciências, tem por objetivo demonstrar o sistema de decisões que está por detrás da construção da linguagem científica: Pesquisa em Comunicação/ formulação de um modelo metodológico*, São paulo, Loyola, 1990, p. 85 .

além da *temática-objeto-referente*, e procura compreender a *metacomunicação* que contem uma mensagem.

Para trabalhar a problemática da *metacomunicação* Verón adotou os procedimentos formulados por Jakobson [1956]<sup>20</sup>, que especificam as relações entre os signos nos processos de *seleção, combinação e eliminação*:

Entre los signos que componen un mensaje transmitido en una situación determinada, entonces, y otros signos existentes en el repertorio pero que no han utilizado en ese mensaje en particular, existen relaciones que Jakobson ha llamado de **sustitución** (Jakobson y Halle, 1956). Vale decir: existen otros signos del repertorio, que el emisor podría haber utilizado en **lugar** de los que efectivamente usó para construir su mensaje. Por otro lado, los signos que forman el mensaje transmitido tienen entre sí relaciones que Jakobson ha llamado de **contigüidad**, como resultado de su copresencia en el mensaje. Vemos pues que la operación de selección crea entre los signos relaciones de sustitución y la operación de combinación crea relaciones de contigüidad o copresencia.<sup>21</sup> [destaques são meus]

Tornou-se fundamental estudar estas relações de *substituição e contigüidade*, mediante a construção de modelos que permitam representar adequadamente esses vínculos. A compreensão da *metacomunicação* passaria por essa análise e ela foi definida por Verón da seguinte forma:

Diremos que la **metacomunicación** consiste en metamenajes referidos **a algún aspecto de la comunicación misma**. La metacomunicación (y el ello justifica el empleo de ese nombre) es siempre **comunicación acerca de la comunicación**.<sup>22</sup> [destaques meus]

A teorização sobre o campo da comunicação feita por Verón nos anos 1960 rompia com as proposições denotativas, de conteúdos manifestos, de aná-

<sup>20</sup> Roman Jakobson & M. Halle, **Fundamentals of language**, La Haya, Mouton & Co., 1956. Edição em castelhano, **Fundamentos del lenguaje**, Madrid, Ciencia Nueva, 1967. Citado por Verón em **Comunicación y neurosis**, op. cit. p. 101.

<sup>21</sup> Idem, **Comunicación y Neurosis**, op. cit., p. 101.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 102.

lises morfológicas a respeito do tamanho das mensagens, de debate político sobre os enunciados explícitos num jornal, numa revista, num programa de rádio ou de TV. Produzir teoria em comunicação, significava incorporar os conhecimentos da linguística -por exemplo as propostas de Jakobson e os esquemas dos engenheiros em telefonia da corrente de Shannon.

A influência do pensamento *positivista, tecnicista e funcionalista*<sup>23</sup> era evidente. Para Verón, naqueles anos, as mensagens produziam **efeitos**<sup>24</sup> nos *receptores*. Esses efeitos seriam perceptíveis nas respostas dadas pelas pessoas às mensagens recebidas e estas permitiriam observar, analisar e conhecer os significados conotados e os processos de metacomunicação realizados.

---

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 102: “(...) *los metamensajes transmiten significados acerca del emisor, el receptor, el canal, el código o el mensaje mismo (queda excluido el referente, puesto que, por definición, el mensaje acerca del referente corresponde al nivel de la comunicación y no de la metacomunicación)*”.

De acordo com essa proposição um discurso teórico da comunicação não poderia tratar de questões sociais, políticas, culturais etc., porque a *metacomunicação* teria por objeto só os elementos apontados, considerando o referente como um elemento estranho à problemática comunicológica. Os elementos formais colocados por Verón correspondem aos mesmos elementos trabalhados pelo *funcionalismo* e por Claude Shannon. Para aprofundar essa questão vamos utilizar as reflexões de Mauro Wolf a respeito da *teoria da informação*:

*Historicamente, pode observar-se como, a nível semântico, os termos <<comunicação>> e <<comunicar>> se modificam de uma forma sensível: <<as aceções que, globalmente significam ‘partilhar’, passam progressivamente para um segundo plano a fim de darem lugar às utilizações linguísticas centradas em torno do significado de ‘transmitir’ (Winkin, 1981, 14: **La nouvelle communication**, Paris, Seuil). (...) A origem do modelo vai buscar-se aos trabalhos de engenharia das telecomunicações(...) o esboço publicado, em 1948, por Shannon, no Bell System Technical Journal, da teoria da informação, <<que é, acima de tudo, uma teoria do rendimento informacional>> (Escarpit, 1976, 19: **Théorie générale de l’information et de la communication**, Paris, Hachette). Todos estes estudos têm por objectivo melhorar a velocidade de transmissão de mensagens, diminuir as suas distorções e aumentar o rendimento global do processo de transmissão de informação. (...) A teoria matemática da comunicação é, essencialmente, uma teoria sobre a **transmissão** óptima das mensagens e o esquema do <<sistema geral de comunicação>>, proposto por Shannon, é o seguinte: **fonte de informação → mensagem → transmissor → sinal → fonte de ruído → sinal captado → receptor mensagem → destinatário** (Shannon e Weaver, 1949: **The Mathematical Theory of Communication**, University of Illinois Press, Urbana). [destaques meus]. Citado por Mauro Wolf nas pp. 100-101 de **Teorias da Comunicação**, 4a. ed., Lisboa, Presença, 1995.*

<sup>24</sup> Na exposição de Verón as relações de comunicação são comparáveis a relações entre enunciados, proposições, opiniões etc. As múltiplas mediações de carácter cultural, político, étnico, racial, regional, educacional, religioso, filosófico, familiar, comunitário ficaram fora dessa proposta.

A ruptura com o esquema formal que vai da *fonte* ao *destinatário* veio pela influência de Gregory Bateson e da *Escola de Palo Alto*. Observemos como, ao tratar das características da *metacomunicação*, estas mudanças eram apontadas:

Esa perspectiva fue desarrollada por Bateson y sus colaboradores, cuando expresaron la idea de que todo mensaje interpersonal contiene una dimensión metacomunicativa que encierra una **definición de la situación** en que tiene lugar la comunicación. Pittenger, Hockett y Danehy resumieron bien ese punto de vista y le dieron el nombre de “**referencia imanente**”; “...independientemente de que sea aquello acerca de lo cual los seres humanos se comunican o piensan que se comunican, siempre se están comunicando acerca de sí mismos, cada uno acerca del otro y acerca del contexto inmediato de la comunicación”<sup>25</sup> (1960:229).<sup>26</sup> [destaques meus]

Dessa forma, mediante a inserção da *situação* e da *referência imanente* foi superada a redução do processo de comunicação aos aspectos linguísticos e à dimensão estritamente técnica das telecomunicações. A mudança metódica que supôs a inclusão da reflexão sobre a capacidade dos humanos de versar sobre o *contexto* cultural, a *situação* e o *referente* real no qual se realiza um processo de comunicação, permitiu aos autores ampliar a problemática e a concepção teórica geral.

Epistemologicamente é importante essa citação porque situa a dimensão comunicativa como um dos eixos da práxis filosófica da humanidade: independentemente dos assuntos tratados, as pessoas comunicam acerca de sua subjetividade, a respeito do seu microgrupo social, e de seu contexto espaço-temporal imediato. Desse modo, nas conversas mais específicas e particulares temos universalidade e transcendência.

A formalidade linguística e “matemática” é quebrada mediante a análise das situações, dos lugares, dos contatos. As escolhas não são simplesmente

<sup>25</sup> Idem, *Comunicación y neurosis*, op. cit., p. 102.

<sup>26</sup> Pittenger, R. E., Hockett, C.F. y Danehy, J.J., 1960, *The first five minutes. A sample of microscopical interview analysis*, Ithaca, Nueva York, Paul Martineau, p. 229.

de palavras, a comunicação é inserida na realidade social dos *emissores* e *receptores*<sup>27</sup>. As formas não linguísticas são importantes para a comunicação e transmitem informações diferenciadas das formas linguísticas. O que nomeamos hoje como *formas* e *modos* de comunicação, eram por Verón classificadas estritamente com respeito ao modelo linguístico e informacional, como *paralinguísticas*.

Atualmente podemos ampliar esse percurso, brilhantemente aberto pela *Escola de Palo Alto*, afirmando que, **além das formas de comunicação dos sons, dos corpos, das faces, dos espaços, temos a comunicação dos tempos, dos rituais e cerimônias, da comida, da sexualidade, das trajetórias, dos vestidos, dos olhares, dos objetos, dos fluxos e fixos, dos territórios, dos sonhos e outras formas que reúnem uma complexidade fértil de estilos e percursos de comunicação humana.**

Nessa perspectiva é importante notar como as *culturas populares* e subterrâneas conseguem ser inseridas na cultura industrial de *massa*. Sem o conceito de *popular*, e sem o que Michel de Certeau designa como as **táticas de indisciplina** que seriam marca da *cultura contemporânea*. **A festa, a alegria, o riso, a irreverência, a criação, a mudança de formas de vida, a memória histórico-cultural, o entretenimento, a sensualidade e a transformação como experiências vitais essenciais da espécie humana estariam seriamente**

---

<sup>27</sup> Para desenvolver esse caminho metodológico Verón e Sluzki adotaram o modelo de **séries comunicativas** de Pittenger, Hockett e Danehy:

*Una serie informacional es una sucesión de hechos empíricos de un cierto tipo, que están sometidos a reglas de codificación, y por lo tanto son portadoras de información para quien los percibe. En una situación bipersonal, donde cada individuo opera como fuente y destino a la vez, en un intercambio de mensajes de cierta duración, existen tres series -distinguibiles analíticamente- de hechos informacionales:*

- 1) *La serie auditiva lingüística (SAL) que comprende la totalidad de sonidos pertenecientes al sistema de la lengua. Esa serie (en transcripción escrita) es la que estudia la lingüística;*
- 2) *La serie auditiva paralingüística (SAP) que comprende toda una gama de variaciones sonoras que desde el punto de vista estrictamente lingüístico no son pertinentes o se considera variaciones "no distintivas", porque no afectan al significado denotativo del mensaje (tono de voz, volumen, timbre, ritmo, pausas, etc.). Estos fenómenos se consideran relevantes en un plano habitualmente llamado paralingüístico; vale decir, transmiten también información, pero en un nivel diferente que la denotación.*
- 3) *La serie no-auditiva paralingüística (SNAP) que comprende todos los elementos de tipo visual, que muchos denominan "lenguaje corporal" (gestos, mímica, expresiones faciales, posturas, etc.).*

*Cada individuo recibe mensajes que son en realidad "gestalten" integradas por fragmentos de las tres series, y emite simultáneamente en las tres series. Un mensaje concreto en una situación interpersonal es siempre un "paquete" de los tres tipos de componentes (Pittenger, Hockett y Danehy, 1960: 240-242). Cf., **Comunicación y neurosis**, op. cit., pp. 46-47.*

**prejudicadas; será que as pessoas suportariam uma existência programada estritamente pela lógica da eficiência e o lucro?** Será que a *cultura do homem-empresa*, da *ordem e o progresso* conseguiria elaborar algum tipo de arte, de entretenimento, de prazer, alguma manifestação emotiva intensa reconhecida por grandes grupos de população?

Um acerto importante no conjunto da obra *Comunicação e Neurose* é a sua **contínua explicitação conceitual e metódica**; Verón e Sluzki apresentaram, em livro, um relatório de pesquisa, como um exercício esclarecedor do que deveria ser a apresentação de uma obra, a qual deve ir além dos assuntos abordados, explicando sua própria construção.

## Perturbações e componentes semânticos

É assim que no capítulo 5, ao tratar “*A perturbação das mensagens*”, definem **dez tipos de perturbação** e os respectivos códigos:

*Tartamudeo (T); Repetición (R); Omisión (O); Sonido incoherente (SI); Lapsus Linguae (LL); Muletilla (M); Frase incompleta (FI); Frase corregida (FC); Frase retomada (FR) e Frase interrumpida (FIT).*<sup>28</sup>

O conjunto de enunciados gravado nas entrevistas com neuróticos, foi classificado nesses dez tipos de *perturbação*; e o combinaram depois em *quadros de análise* que organizavam os *tipos de neurose* com os *tipos de perturbação*; organizando *desvios, tendências, médias e proporções* de perturbação. A preocupação quantitativa, a necessidade de algum tipo de *medição* estava presente.

Para aprofundar a problemática da *perturbação*, Verón trabalhou o esquema de Algirdas-Julien Greimas sobre *semântica-estrutural*<sup>29</sup>, reformulando-o de acordo com as necessidades específicas da pesquisa. Definiu um tipo de *unidade semântica* que permitisse estudar as *decisões* adotadas para construir o *universo semântico* (conjunto infinito de significados que podem manifestar-se nas mensagens verbais). O importante, nessa linha, era analisar esse universo por meio de certas *formas básicas invariantes* nas quais incorporam-se os conteúdos.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, pp. 111-112.

<sup>29</sup> Greimas, A. J., *Sémantique structurale*, Paris, Larousse, 1966. Citado por Verón em *Comunicación y neurosis*, op. cit., p. 136.

Verón organizou os **componentes semânticos** distribuindo o universo entre *discrição [atores] e integralidade [predicados: dinamismo/estatismo]*. O *dinamismo* é formado por *funções: funções “centrais”/ modalidades*. O *estatismo* é constituído por *qualidades: qualidades “centrais”/ aspectos*<sup>30</sup>. Sem entrar na explicação específica de cada noção, o que interessa é o expor o procedimento classificatório, organizativo e estruturante das propostas do autor. Como salientávamos anteriormente, explicita os conceitos utilizados, esclarece as fontes bibliográficas ou os modelos adotados e desenvolve uma construção metódica de análise.

A pesar dos questionamentos que hoje podem ser feitos, com relação aos conteúdos e paradigmas utilizados por Eliseo Verón naquela época, é importante refletir acerca de sua sistematização desses procedimentos e o esforço realizado para construir *esquemas explicativos*. A argumentação teórico-metodológica levou o autor a definir **relações semânticas**, que procuravam compreender o *“efeito global de sentido das mensagens”*<sup>31</sup>. Nessa orientação brindou uma definição instigante sobre o *campo de significações*:

La **copresencia** de una sucesión de unidades con **ciertas características** en un mensaje verbal de cierta longitud, crea un campo de significaciones cuyas propiedades no pueden ser explicadas meramente por la suma de las propiedades de las unidades predominantes. Contribuye en forma importante a ese “campo” la red de relaciones semánticas que se crea en el seno de la cadena verbal, del sintagma, como resultado de su organización secuencial.

Esa red de relaciones que se forma más allá de las unidades mínimas es de una complejidad enorme y la cuestión de cómo estudiarla no está aún resuelta dentro de la problemática lingüística propiamente dicha. Toda incursión en ese terreno, en el estado actual de nuestros conocimientos, tiene pues un carácter de tentativa provisoria, que probablemente nos parecerá primitiva y rudimental dentro de pocos años, tanto desde el punto de vista teórico como empírico.<sup>32</sup> [destaques em negrita são meus]

---

<sup>30</sup> Eliseo Verón, **Comunicación y neurosis**, op. cit., pp. 140-141

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.



O autor aponta, que aplicou um procedimento indutivo para encontrar *tipos de relações semânticas* entre unidades: *A. Operadores lógicos; B. Especificadores; C. Sequências; D. Não classificáveis*<sup>33</sup>, que incluem 25 tipos de *relações*.

Independentemente da formalidade dessas classificações, o importante é constatar o *sentido de responsabilidade* e a *busca de aprofundamento teórico* presentes em Verón. Por outra parte, explicita o reconhecimento das limitações do seu saber que não teve pretensões de *totalidade* nem de *acabamento*, mas que reconhecia a necessidade de amadurecê-lo no confronto sistemático com a pesquisa concreta.

O referente da *semiologia* de Jakobson, Barthes e Greimas; o referente comunicológico da *Escola de Palo Alto*; o instrumental lógico-estatístico e o referente psiquiátrico de Sluzki estão presentes nessa construção teórico-metodológica, de *Comunicação e neurose*, que aspirava já, nos anos 60, alcançar um nível interessante de complexidade.

Nas numerosas tabelas, matrizes, quadros, indicadores e estatísticas observamos a pretensão de obter resultados numéricos, como uma forma de respaldo “científico” as observações psiquiátricas. Os modelos teóricos e as técnicas de investigação eram de suma importância para Verón. De maneira conotada, ele transmite a certeza de que é possível um conhecimento abrangente por meio do aperfeiçoamento e do domínio teórico e metodológico<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Idem, ibidem, pp. 177-180: *A. Operadores lógicos: equivalência ( $\cong$ ), inferência (inf.), conjunção ( $\wedge$ ), disjunção ( $\vee$ ), oposição (op.), pertença ( $\in$ ), definição (def.), condição (Co.).*

*B. Especificadores: causa (Ca.), circunstâncias (Ci), fines (Fi), Motivos (Mo.), Razões (Ra., y2), quantificação (Ct.), tempo (T), aclaração (A).*

*C. Sequências: Sucessão (Su), Sequência relato (SR), Repetição (R), Limite Temático (LT).*

*D. Não classificáveis: Por unidades incompletas (NC), Por falta de categoria (NC2).*

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 280: *En el proceso de construcción de teoría que acompañó a la investigación, (...), surgieron ciertas hipótesis acerca de los sistemas de codificación en cada tipo de neurosis, sistemas que a nuestro juicio pueden expresarse bajo la forma de determinados **modelos de la acción**. Sospechamos que estos modelos de la acción, implícitos en las reglas que el sujeto aplica para procesar la información y controlar sus propias secuencias de conducta insertándolas en las transacciones interpersonales, pueden encerrar los fundamentos para un **sistema de categorías de nexos semánticos internamente más coherente que el que hemos usado**, y que permita explicar a nivel formal las condiciones de su carácter exhaustivo y completo. Esa reelaboración, que incorporaría, probablemente al nuevo esquema muchas de las categorías de relación que hemos aplicado hasta ahora, pero definidas sobre la base de parámetros más rigurosos, podría permitirnos enunciar un modelo de nexos al menos comparable en grado de sistematización al modelo de componentes.*

Dessa forma, no relatório, texto, livro, está presente já a **negação** dos instrumentos aplicados. Essa capacidade de **autocrítica** é fundamental, porque permite explicar como esse autor teve

Os esforços de Eliseo Verón e Carlos E. Sluzki, ao realizar uma pesquisa interdisciplinar, não tiveram a interpenetração esperada; observa-se no texto de *Comunicación e neurose* as diferenças de perspectiva e de conhecimento dos especialistas e de suas áreas de conhecimento. Dos dez capítulos do livro temos concentrações em psiquiatria social nos capítulos 1, 2, 3, 8, 9 e 10; têm um forte acento psiquiátrico; de fato, neles comprovamos que o objeto central de estudo e a neurose, mediante proposições teóricas da linguística, da psiquiatria, da psicanálise e da psicologia da comunicação, de Gregory Bateson e seu grupo de *Palo Alto*. Os capítulos 4, 5, 6 e 7 têm um forte acento da linguística, principalmente de Jakobson, Barthes e Greimas, combinados com formulações sobre *situações de comunicação* de *Palo Alto*.

Ao fazer uma análise formal do texto, diríamos que a problemática psiquiátrica é o eixo central de estruturação da pesquisa, sendo que não existe uma discussão ampla nem um aprofundamento do campo comunicológico. Na realização concreta da pesquisa a comunicação participa de forma secundária, sendo uma ferramenta técnica e hipótese de modelos, é o caso da analogia da comunicação humana com um “*supercomputador do futuro*”<sup>35</sup>. O modelo cientificista, formal e cibernético de programação e controle é muito forte no pensamento do Verón dos anos 1960.

Na perspectiva epistemológica é importante considerar as explicitações realizadas no capítulo 9, de *Comunicación y neurosis*:

Ha llegado el momento de presentar un esquema teórico más amplio, en el que se hagan explícitas algunas hipóte-

---

uma trajetória dinâmica, vital, aprofundada, marcante e consequente durante as quatro últimas décadas na pesquisa em comunicação, na América Latina.

Explicitar as limitações da rede conceitual aplicada e dos seus esquemas metódicos é um comportamento de pesquisa que tem distinguido Verón durante sua longa contribuição aos conhecimentos em comunicação. O que superficialmente poderia parecer incoerência e irresponsabilidade para um pensamento *positivista*, torna-se virtude metodológica numa perspectiva crítica. [destaques meus].

<sup>35</sup> Idem, ibidem, p. 229: Si no tenemos reparos en considerar que una persona se parece bastante a una computadora muy compleja -como las que tal vez puedan construir dentro de algunos años- podemos decir que el neurótico tiene un “**programa**” (entendiendo por programa el sistema de funciones entre “datos” y “operaciones”, es decir, entre entradas y salidas) , que difiere de otros “programas” (de “normales”, “psicópatas”, “esquizofrénicos”, etc.). Además, es preciso no olvidar que el neurótico tiende a crear situaciones interactivas que inducen en los otros, respuestas que complementen sus propias conductas, es decir, tienden a (o al menos tratan de) modificar los “programas” de los otros, transformándolos en “subrutinas” de sus propios programas.

sis sobre los trastornos neuróticos, que pueden ser derivadas de la teoría de la comunicación. (...) Hemos creído útil, sin embargo, exponer los aspectos generales de ese esquema teórico. En primer lugar, porque puede servir para que el lector tenga una idea más clara de las posibles líneas de desarrollo de los modelos comunicacionales en psiquiatría social, y de sus posibles alcances. En segundo lugar, porque ese encuadre permitirá también evaluar el significado que otorgamos a las **perspectivas de investigación empírica futura abiertas por ese trabajo** (...) Y finalmente, porque si no expusiéramos los supuestos teóricos que hemos elaborado tras casi cinco años de trabajo, dejaríamos de lado una parte central de los “resultados” de esta investigación.<sup>36</sup> [grifos do autor]

Aqui, Verón definia uma questão chave de seu posicionamento como cientista: compartilhar e socializar os postulados, proposições teóricas hipóteses e pesquisas empíricas, com a finalidade de permitir uma leitura aprofundada e uma crítica pormenorizada a respeito de suas proposições, textos e pesquisas, tanto por teóricos e pesquisadores quanto por profissionais e estudantes de comunicação.

Eliseo Verón, em 1969, **pensava que era indispensável a elaboração de hipóteses gerais, num quadro explicativo amplo a respeito das problemáticas trabalhadas, considerando as características não formais das ciências sociais; os problemas de construção que se apresentavam entre dados e explicações; as discontinuidades entre resultados e proposições, e a não-existência de uma lógica formal abrangente na elaboração de argumentos, relações e conceitos.**

Epistemologicamente, era fundamental na pesquisa em ciências sociais construir hipóteses como parte de seus resultados. Ainda que essas hipóteses não pudessem ser testadas ou validadas como nas ciências físicas e biológicas. Afirmava, assim, o poder de abrangência e de aprofundamento que adquiriria o pensamento na construção metodológica de hipóteses: *“Todo conjunto de dados é sugestivo de hipóteses que vão além dos dados, às vezes muito além”*.<sup>37</sup>

Para o autor, **a pesquisa teórico-metodológica** permite estabelecer **conexões entre conceitos**, que sem esse tipo de investigação ficariam iso-

<sup>36</sup> Idem, ibidem, pp. 227-228.

<sup>37</sup> Idem, ibidem, p. 228.

lados. Por outro lado, tal percurso torna possível organizar **vínculos entre aspectos dos fenômenos** que, até a realização da pesquisa, não apresentavam relações ou estavam confusas na literatura existente. A pesquisa deve levar também à transformação de velhas teorias em formulações renovadas, mudando significativamente as problemáticas e os conhecimentos<sup>38</sup>.

Em *Comunicación y neurosis*, contudo, Verón está mais assentado na dimensão psicológica que na comunicação. O problema central da pesquisa, boa parte das suas hipóteses e de suas conclusões versam e aprofundam uma problemática de psiquiatria social. O médico Sluzki e o psicólogo social Verón pesam fortemente nos caminhos de investigação selecionados e nas concepções dominantes.

Simultaneamente, o *semiólogo* Verón participa com importantes esquemas de análise, tanto com os chamados *componentes semânticos* quanto com as *relações semânticas* que, não obstante, são questionadas pela concepção das *situações de comunicação* da teoria de Gregory Bateson. As misturas, aplicações e contradições expressam a busca incessante de percursos metodológicos novos, mais adequados e abrangentes para a problemática comunicológica que vislumbra naqueles anos. Os procedimentos de pesquisa e as formulações teóricas também expressam sua audácia ao seguir uma *lógica paraconsistente* numa época marcada, ainda, pelos grandes paradigmas teóricos e a força da *lógica axiomática*.

**Nosso autor, ele mesmo, é uma contradição criativa:** por uma parte acredita na analogia do *“supercomputador humano”* como modelo de explicação da comunicação humana, manifesta-se a favor da existência de verdadeiros “programas” que regeriam o comportamento dos “neuróticos”, dos “normais”, dos “esquizoides”, dos vários tipos psicológicos humanos. No entanto critica seus próprios esquemas de análise, observa suas limitações, propõe possíveis saídas, “denuncia” seu próprio trabalho qualificando-o como *explo-*

---

<sup>38</sup> Idem, ibidem, p. 228: Buena parte de ese **proceso se desenvuelve en forma inconsciente** a medida que se analizan y organizan los datos, y es probable que el investigador mismo tienda a evitar una concientización clara de estos elementos (vale decir, tienda reprimirlos), como resultado precisamente de su convicción de que la norma científica exige no especular en el vacío y atenerse a los datos. Sin embargo, nosotros damos una importancia extrema a ese proceso de decantación de elementos teóricos que acompaña a toda investigación. **Lo decisivo es no suponer que los datos “necesariamente” implican tal o cual perspectiva teórica general**, vale decir, mantener trazado con la mayor claridad el límite entre la interpretación ceñida de los datos y las hipótesis más generales que pueden ir surgiendo en el camino pero que los datos mismos, tomados estrictamente, no “justifican”.

*ratório*; procedimento que deve ter sido considerado muito estranho para o formalismo, cientificismo, positivismo e funcionalismo, hegemônicos naquela época na Argentina, mas que demonstra a preocupação intelectual, o rigor e o compromisso com o conhecimento por parte desse pensador.

O valor de Eliseo Verón para a pesquisa em comunicação na América Latina, naquela época, não era o devido ao seu domínio de uma suposta *comunicologia formal*, que não existia, mas em razão dos questionamentos de grande alcance sobre a prática de pesquisa e a produção de saberes na área social.

Não podemos caracterizar o autor como um comunicólogo na construção de *Comunicación y neurosis*. Seu compromisso, na obra, com a psiquiatria social foi muito mais forte; mas pensando em tendência, em perspectiva, constatamos a importância que vai tendo a comunicação para esse explorador do conhecimento, que para aqueles anos já tinha se alimentado gnoseologicamente dos laboratórios de Lévi-Strauss, dos seminários de Roland Barthes e da experiência de pesquisa de Gregory Bateson na *Escola de Palo Alto*.

O que interessa numa análise epistemológica é resgatar e compreender como um pesquisador da América do Sul, num contexto sem tradição de pesquisa científica em ciências sociais; com condição limitada para a prática da pesquisa e com problemas políticos graves, provocados pela censura dos militares argentinos (Verón foi expulso da UBA em 1966); como, devemos nos perguntar, inicia ele um caminho de construção e desenvolvimento de pesquisa empírica vinculada à construção teórica em comunicação, conseguindo divulgar um conjunto ponderável de proposições e linhas de pesquisa, e motivar várias e importantes comunidades de pensadores da América Latina?

A pesquisa *Comunicación y neurosis* foi um preâmbulo de questões cruciais que tentaremos ir desentranhando na sequência de sua obra.

## **As inter-relações disciplinares para a construção de uma ciência da comunicação**

*“Hacia una ciencia de la comunicación social”*<sup>39</sup>, trabalho escrito em 1967 para o Simpósio *“Teoría de la Comunicación y modelos lingüísticos en*

---

<sup>39</sup> Este texto foi publicado como introdução à coletânea: **Lenguaje y comunicación social**, Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1971.

*ciencias sociales*”, realizado entre 23 e 25 de outubro de 1967 sob a organização do Centro de Investigações Sociais do Instituto Torcuato Di Tella<sup>40</sup>, constitui um dos pontos de partida de Eliseo Verón como teórico da comunicação social. Nele o autor fundamenta as fontes e as partes de uma proposta comunicológica nos seus primórdios na América Latina.

Começa afirmando aquilo que considerava os textos de base dos paradigmas das ciências sociais: *O Capital* de Marx (1867); os estudos de Freud sobre a histeria (1895) e o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (1916). *Economia política, psicanálise e linguística* constituíam assim, para Verón, o chamado “giro copernicano” nas ciências humanas. A partir desses autores teríamos três grandes fontes de conhecimento; o que foi produzido depois só seriam diálogos e debates com o que eles formularam.

No começo de sua trajetória como comunicólogo, Verón acreditava na força e no sentido aglutinante dos grandes paradigmas. Eles organizariam a produção de conhecimentos e seriam o referente necessário para futuros desenvolvimentos; esse dado é importante, porque no transcurso dos anos teremos uma mudança epistemológica que levou o autor a um posicionamento distinto:

“Creo profundamente que ya no puede haber más teorías generales, o mejor: no hay más explicaciones unitarias de lo que son las sociedades actualmente. No hay más “la” explicación correcta. Hay que construir cosas mucho más complicadas”.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Eliseo Verón foi diretor e coordenador do Simpósio, além de ser compilador dos textos do livro: **Lenguaje y comunicación social**. Nessa época Verón era Investigador Associado do Centro de Investigações Sociais do Instituto Torcuato Di Tella, também foi membro da Carreira de Investigador do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas. Ao definir o objetivo desse simpósio Verón apontava:

*El propósito central del simposio fue reunir a investigadores que desde hace varios años trabajan en el campo de la comunicación social, para confrontar experiencias, establecer vinculaciones entre los distintos puntos de vista y precisar los múltiples problemas teóricos y empíricos que caracterizan el estado actual de la investigación de los fenómenos de la comunicación. Un propósito complementario era hacer conocer a un auditorio más amplio los trabajos realizados en esa área en nuestro país y su relación con investigadores y orientaciones teóricas de científicos de otros países. Ha parecido conveniente implementar y reforzar ese segundo objetivo con la publicación de los trabajos bajo forma de libro:* In **Lenguaje y comunicación social**, op. Cit., p. 7.

<sup>41</sup> Entrevista a Eliseo Verón, “Investigación, semiología y comunicación: del estructuralismo al análisis en producción”, in **Causas y Azares n. 3**, 1995, p. 19.

A importância dessa questão reside no fato, de que a primeira argumentação de Verón, influenciou um importante conjunto de pesquisadores na América Latina, durante os anos 1960 e 1970, com seus argumentos sobre a possibilidade de construir uma “*ciência da comunicação*”.

Um aspecto crucial que ele salientou na constituição dos paradigmas sociais, é que eles tiveram como ponto de partida questões triviais, da vida cotidiana, muito próximas das pessoas. A ***economia política*** de **Marx partiu do “trabalho, o dinheiro e os bens materiais que consumimos diariamente”**<sup>42</sup>. A ***psicanálise*** de **Freud partiu do estudo da “conduta, dos nossos atos malogrados e de nossos sonhos”**<sup>43</sup>. Estes são elementos da vida cotidiana que estão presentes na maioria das pessoas, e não constituem nenhum campo desconhecido ou objeto inventado para a pesquisa.

Verón inseria o procedimento do ***distanciamento*** gnosiológico que permitia pensar as questões triviais de maneira científica, porque se passaria de uma experiência “ingênua” a uma experiência de conhecimento aprofundado. Simultaneamente, essa passagem provocaria um efeito de “*mitologização*”, porque a ruptura entre percepções cotidianas e conceptualização científica é problemática, apresentando muitas vezes confusões e misturas entre percepção e conceptualização que motivam a criação de mitologias sociais.

O fato de a *economia política* e a *psicanálise* terem adquirido traduções ideológicas permitiu a esses paradigmas, segundo Verón, um reconhecimento social importante que, no caso da linguística, até esse momento, não encontrava uma forma de sair dos estreitos círculos acadêmicos e de especialistas.

Para o Verón dos anos 1960, a *linguística* é importante porque seria o núcleo central de uma ciência social da comunicação. Teria como objeto o estudo da ***linguagem***; esse elemento cotidiano, comum da espécie humana, que possui a característica de ter como função primária a comunicação.

Para compreender como a linguística, no seu isolamento teórico, conseguiu obter presença social, Verón introduziu a *mediação* da antropologia por meio, principalmente, das formulações de Claude Lévi-Strauss, que aplicou o modelo linguístico à análise das sociedades “primitivas” (*estáveis* e *sincrônicas*), apresentando na sua realização teórico-metodológica uma alternativa importante para começar a resolver a problemática da linguagem relacionada com o social.

<sup>42</sup> Idem, “*Hacia una ciencia de la comunicación social*”, in **Lenguaje y comunicación social**, p. 10.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

**Lévi-Strauss** é um referente substancial, no texto “*Hacia una teoría de la comunicación social*”; o pai do *estruturalismo* antropológico é o **autor com maior número de obras citadas**<sup>44</sup>, oito livros e artigos num ensaio de vinte páginas, que tentava resumir as questões essenciais da futura “*ciência da comunicação*”. Dos seis campos científicos considerados como partes fundamentais dessa “ciência”, Verón formulou três relações disciplinares relacionadas com a obra de Lévi-Strauss: *Linguística e antropologia estrutural* e *Antropologia estrutural e sociologia*. Na primeira salientava a importância que teve para as ciências sociais a aplicação do modelo linguístico aos estudos antropológicos. **Lévi-Strauss argumentou no sentido de que a linguística** não poderia ser considerada uma ciência social entre as outras, mas a “**ciência central**” organizadora do conjunto do pensamento social, porque:

“(…) es la que ha cumplido los mayores progresos; **la única sin duda que puede reivindicar el nombre de ciencia** y que ha llegado a formular un método positivo y al mismo tiempo ha llegado a conocer los hechos sometidos a su análisis”. Y recordaba en seguida la profecía de Mauss: “Ciertamente la sociología habría avanzado mucho más, si hubiera procedido a imitar en todo a los lingüistas (Lévi-Strauss, 1958, p. 37)”<sup>45</sup>. [grifos meus]

Essa citação ocupa um lugar importante na argumentação de Verón, ainda que sublinhando os limites da *linguística* como modelo teórico geral, porque ela só estuda a *linguagem* como sistema de signos específico, diferenciando-se dos outros sistemas de signos que possuem funções primárias distintas das meramente comunicacionais.

<sup>44</sup> Verón cita as seguintes obras de Claude Lévi-Strauss: 1949: **Les structures élémentaires de la parenté**, Paris, Presses Universitaires de France; 1950: “*Introduction à l’oeuvre de Marcel Mauss*”, in **Marcel Mauss, Sociologie et anthropologie**, Paris, Presses Universitaires de France; 1958: **Anthropologie structurale**, Paris, Plon; 1960: “*Leçon inaugurale*”, **Collège de France, Chaire d’Anthropologie Sociale** (Hay trad. cast.: **Elogio de la antropologia**, Córdoba, Cuadernos de Pasado y Presente, 1968); 1962a: **La pensée sauvage**, Paris, Plon (Hay trad. cast.: **El pensamiento salvaje**, México, Fondo de Cultura Económica, 1965); 1962b: “*Les limites de la notion de structure en ethnologie*” en R. Bastide (ed.), **Sens et usages du terme structure dans les sciences humaines et sociales**, La Haya, Mouton & Co.; 1964: **Mythologiques, I: Le cru et le cuit**, Paris, Plon; 1966: **Mythologiques, II: Du miel aux cendres**, Paris, Plon.

<sup>45</sup> Idem, “*Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social*”, op. cit., pp. 18-19.



Nessas análises fica evidente a força que o pensamento da *antropologia estrutural* teve nas suas fundamentações iniciais. Não por acaso estudou com Lévi-Strauss, frequentando seu laboratório de pesquisas etnológicas.

A **segunda relação disciplinar** apontada, que colocou Lévi-Strauss no centro das atenções teóricas de Verón, é a relação entre **antropologia estrutural e sociologia**. Neste ponto, Lévi-Strauss definia uma ruptura radical entre os objetos de estudo das duas disciplinas. Restringia a antropologia ao estudo das “*sociedades primitivas*”; considerava que a *história* começava com as chamadas *sociedades modernas* e limitava o estudo sociológico a esse campo<sup>46</sup>.

Em contraposição a essas afirmações notamos que o desenvolvimento da pesquisa social vem demonstrando a incorreção de Lévi-Strauss, dado que a *antropologia das tribos urbanas*, a *antropologia dos grupos e comunidades* contemporâneos e a *antropologia cultural* superaram os limites formais da *antropologia estruturalista* e *funcionalista*, hegemônicas até os anos 70.

Simultaneamente à crise dos grandes paradigmas a partir de meados dos anos 60, precisamente quando Verón discutia esses argumentos, vinha questionar profundamente as divisões formais entre os campos de conhecimento nas ciências sociais. Posteriormente, o surgimento de novos movimentos sociais, raciais, étnicos, regionais, nacionais e de gênero estimularia a reflexão teórica nesse mesmo sentido: como negar à antropologia, por exemplo, o estudo das relações raciais no Brasil e na América Latina? Como negar à sociologia o estudo das classes sociais nos impérios Inca e Asteca e a pesquisa dessas formas pré-capitalistas de organização social nas *formações sociais* contemporâneas da região?

Finalmente, a **terceira relação disciplinar** trabalhada foi **antropologia estrutural e sociologia**, Verón abre uma argumentação interessante acerca da relação entre *objetividade* e *subjetividade*:

El punto de vista de la **estructura**, del análisis sincrónico, es en Lévi-Strauss **sinónimo de objetividad**. El análisis estructural corresponde típicamente a la posición de **ob-**

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p. 19.

**servador.** A pasar de esta posición de observador a la **posición de actor**, de miembro participante de los procesos de la sociedad accedemos a la posibilidad de comprender el cambio histórico-social y simultáneamente nos **instalamos en la subjetividad.** (15) **Subjetividad** no tiene aquí, para Lévi-Strauss, ningún sentido peyorativo: es la posición en que se asumen valores, se abraza una ideología, en una palabra: **la única posición en que es posible identificarse con algún grupo social protagonista del cambio histórico y, en esa medida, la única posición en que es posible interpretar el proceso de cambio e intervenir en él.**<sup>47</sup> [destaques meus]

Para nós, é gratificante encontrar nas reflexões *estruturalistas* da época afirmações que sustentavam a importância da dimensão subjetiva da ação<sup>48</sup>;

---

<sup>47</sup> Idem ibidem, pp. 20-21.

<sup>48</sup> Idem ibidem, pp. 12-14:

*Una línea muy próxima al estructuralismo se desarrollaba también durante ese período, sin que hubiera ningún contacto efectivo entre ambas: la teoría de la comunicación, predominantemente interaccional, cuyo teórico más importante e influyente es Gregory Bateson. Formado en ciencias naturales, pasó tempranamente a la antropología para incorporar luego los planteos cibernéticos. El paralelo de Las estructuras elementales del parentesco es la obra Naven de Bateson, publicada en 1936 [Naven es el nombre de unas ceremonias de la cultura latmul de Nueva Guinea, en las cuales las mujeres visten ropas masculinas y los hombres ropas femeninas]. Ambas se han convertido en clásicos de la literatura antropológica contemporánea. Las dos obras tienen una dimensión central de discusión metodológica. (...) Bateson se ha trasladado ya al campo de la investigación psiquiátrica cuando publica, (...), el libro Comunicación. Durante diez años, entre 1950 y 1960, se realiza bajo su dirección el proyecto de investigación sobre la esquizofrenia, que ejerció una enorme influencia en la literatura socio-psiquiátrica de Estados Unidos (Bateson et al., 1956: "Toward a theory of schizophrenia", Behavioral Sciences, 1 (4): 251). En todo ese proceso, no parece haber habido ningún contacto explícito entre el estructuralismo y la obra de Bateson; sin embargo, hallamos la idea teórica que está en la base de la noción de estructura, esbozada en uno de los mencionados artículos de Bateson de 1942 ["Si tomamos los datos de una cultura dada y los clasificamos por tema, poniendo todos los datos que se refieren al sexo en una fila, los datos que se refieren a la iniciación en otra, los referentes a la muerte en otra, etc., obtenemos un resultado muy notable. Encontramos que se reconocen tipos de orden similares en cada pila. Asimismo, si observamos los datos sobre sexo o aquellos sobre la iniciación o la muerte, el sistema de clasificación de objetos y hechos percibidos (el eidos de una cultura) es aún el mismo. Similarmente, si analizamos las pilas de los datos para obtener el sistema de respuestas y valores interrelacionados (el ethos) de la cultura, hallamos que el ethos es el mismo en todas las pilas. En resumen, es como si la misma persona hubiera diseñado los datos en todas las pilas"] [destaques meus] (Bateson, 1942: "Sex and culture", Annals of the New York Academy of Sciences, 47: 647-660).*

Verón retoma Lévi-Strauss na sua concepção sobre a complementaridade dos pontos de vista *subjetivo* e *objetivo*:

*“La reconstrucción subjetiva, participante, sería algo así como una confirmación adicional, una “garantía” (Lévi-Strauss, 1960, p. 13) de la adecuación a la realidad por parte de la reconstrucción objetiva”.*<sup>49</sup>

Esses pensamentos fortalecem o trabalho com a dimensão *subjetiva* da pesquisa em comunicação. Especialmente em nosso campo, cheio de preconceitos *funcionalistas* a respeito da *objetividade* das informações, é necessário trabalhar o significado epistemológico da subjetividade como um elemento-chave dos processos de conhecimento. Romper com o positivismo, que nega o valor dos *sujeitos históricos inventores*, com suas características singulares tanto de virtuosismo quanto de limitações na produção de conhecimentos.

Com isso, Verón superou a preocupação com as propostas daquele “outro” Verón, e colocou em debate um elemento substancial na *práxis* teórica da época. Cabe lembrar que naqueles anos o *positivismo* e o *funcionalismo* eram dominantes, tanto nas correntes de direita quanto de esquerda, e a problemática da subjetividade enfrentava muitos obstáculos para alcançar o valor que lhe corresponde nas atividades científicas. Colocar no centro das preocupações a questão *subjetiva*, nos primórdios de uma *teoria da comunicação social*, expressa o mérito de Eliseo Verón. Sua formação psicológica e seus contatos com o *interacionismo simbólico* da *Escola de Palo Alto*, decerto devem ter influído decididamente nas suas posições a respeito.

Uma característica de Verón como autor paradigmático era a **cautela**; sistematicamente ele advertia sobre os perigos das tentativas de explicar os fenômenos de comunicação mediante instrumentais teórico-metodológicos restritos a uma disciplina, ou a uma corrente de pensamento. Já naqueles anos utilizava o *estruturalismo* e a *semiologia*, mas simultaneamente apontava as limitações desses modelos:

Em cualquier caso, la prudencia indica que es mejor replantear estas cuestiones dentro de límites más modes-

49 Idem, *ibidem*, pp. 21-22.

tos: la práctica de la investigación dirá si la aplicación de **modelos “algebraicos”** para el estudio de la comunicación social en las sociedades industriales da o no buenos resultados. Por otra parte, la ciencia de **la comunicación no se agota en ese tipo de modelos.**<sup>50</sup> [grifos meus]

Nesse trecho, o autor expressa seu ponto de vista com respeito às possibilidades teórico-metodológicas que se vislumbravam naqueles anos; era o auge do *estruturalismo* e do *positivismo*, mas Verón fazia as ressalvas necessárias para não adotar acriticamente seus postulados.

O comportamento de Verón foi, nesses momentos de abertura do campo, típico de um *explorador* cuidadoso, esforçado, talentoso e audacioso, aberto às alternativas de modelos e percursos. É importante notar, que suas seleções não foram simplesmente abstratas, continuamente procurou *participar* como pesquisador nos seminários, cursos e projetos que considerava importantes para seu desenvolvimento intelectual, seu trabalho internacional e na Argentina assim o confirma. Esse comportamento deve ser interpretado considerando sua convicção firme da relação gnosiológica, profunda, entre teoria e pesquisa<sup>51</sup>; com efeito, os caminhos que abriu e construiu ao longo dos anos foram coerentes com a necessidade de corresponder a esse postulado.

A **terceira relação disciplinar** inferida a partir de Lévi-Strauss, que Verón postulou em *“Hacia una teoría de la comunicación”*, foi a relação entre **antropologia estrutural e ciência da comunicação**. Nessa problemática, Verón advogava pela superação do *estruturalismo antropológico* que concentrava seus instrumentos de análise na *sintática* e na *semântica*, e **descuidava o lado pragmático** dos fenômenos de comunicação social. Para o Verón, dessa proposta, a *“ciência da comunicação”* estaria integrada por três ramos: *sintática*, *semântica* e *pragmática*, de forma inseparável **-a sua concepção de comunicação era semiológica**.

---

<sup>50</sup> Idem ibidem, p. 22.

<sup>51</sup> Idem, ibidem, p. 27: Refletindo sobre o significado dos simpósio que originou o livro **Lenguaje y comunicación social**, apontava: *En todo caso, no cabe duda de que ese tipo de agrupamiento de perspectivas, y la confrontación a que dio lugar en el simposio en que se discutieron los trabajos, son partes esenciales de la estrategia básica para desarrollar la ciencia de la comunicación, sobre todo si tal confrontación se hace teniendo a la vista la investigación empírica.* [destaques meus]

O aspecto **pragmático** que aparece nessa formulação tem consequências muito mais abrangentes, que no futuro serão decisivas para a reconfiguração do pesquisador Verón, o qual a partir dos anos 1980, vai se situar no campo da *semiótica* de Peirce, como seu eixo central epistemológico. Cabe lembrar, contudo, que desde os anos 1960 Verón já tinha um longo contato com um setor da filosofia *pragmática*, por intermédio da *Escola de Palo Alto*.

A **quarta relação disciplinar** proposta por Verón foi com a **teoria da informação**, e sua necessária colaboração com a constituição de uma “*ciência da comunicação*”; não obstante, ele advertia sobre os abusos na utilização de conceitos como *redundância*, *entropia* e *ruído*, que ao ser utilizados analogicamente, fora de seu campo de construção teórica, e sem as necessárias reformulações, geraram um consumo de ideias sem rigor, nem sustentação metodológica. Verón apontou as limitações dessa *teoria probabilística*, que resultou bastante restringida para a problemática da comunicação social; e que, não entanto, teve ampla divulgação e penetração na América Latina e no mundo.

A **quinta relação disciplinar** foi a da “*ciência da comunicação*” com a **cibernética**. Verón argumentou a favor de uma importância enorme da *cibernética* na construção de uma “*ciência da comunicação*” nos níveis teórico, metodológico e epistemológico<sup>52</sup>. Nessa orientação apontava: **Wiener** definiu a **cibernética** como: “*la ciencia del control y la comunicación en el animal y en la máquina*”<sup>53</sup>. O controle de sistemas complexos de informação seria, segundo Verón, um aspecto fundamental da “*ciência da comunicação social*”. A **regulação de operações de informação** na sociedade seria uma questão crucial que a teoria deveria trabalhar no futuro.

Para Verón a **cibernética** permitiria desenvolver a **pragmática**, quer dizer, a relação dos signos com as pessoas que os usam; estas relações seriam fundamentalmente de regulação ou controle<sup>54</sup>. Nesse texto, é evidente a visão *estruturalista* do autor com respeito à prática social da comunicação: os *usos*, para ele, estariam determinados centralmente por regulações e controles; perspectiva similar, nesse aspecto, à dos teóricos da *sociedade da informação*, e os apologeticos tecnicistas contemporâneos. A lógica cibernética, nessa ar-

<sup>52</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>53</sup> Wiener, N., *Cybernetics, or control and communication in the animal and the machine*, New York, MIT e Wiley 1948. Citado por Verón na página 24: “*Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social*”, Op. cit.

<sup>54</sup> Eliseo Verón, “*Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social*”, op. cit., p. 25.

gumentação, terminaria controlando o conjunto dos *usos sociais* e dos *fluxos* de comunicação. A comunicação incorporada à *cultura*, como *forma de vida*<sup>55</sup>, como *táticas de invenção do cotidiano*<sup>56</sup>, como expressão de *cultura nacional popular*<sup>57</sup> não teve acolhida nesse raciocínio. Antes, prevalecia a ideia de máquina associada com:

El **concepto de máquina** es definido aquí en un nivel de abstracción lo suficientemente grande como para abarcar a **todos los sistemas empíricos complejos** que “son cerrados en cuanto a la información y al control”, es decir, donde “ningún factor determinante, o señal, o información, puede pasar de una parte a otra del sistema sin ser registrado como un hecho significativo”.<sup>58</sup>

Pensamos que o problema dessa definição é a abrangência outorgada ao objeto cibernético; o tom *cientificista*, *estruturalista* e *tecnicista* é forte em afirmações como:

La cibernética proporciona modelos formales para estudiar sistemas complejos de transmisión de información y **abarca entonces desde una computadora hasta una sociedad, pasando por los sistemas biológicos**. Es pues una interdisciplina de alcance mucho mayor que la “ciencia de la comunicación social” a que aludimos en ese trabajo, puesto que la comunicación social (animal y humana) sería sólo un caso particular de los sistemas complejos que son el objeto de la cibernética.<sup>59</sup> [destaques meus]

---

<sup>55</sup> Ludwig Wittgenstein, *Investigaciones Filosóficas*, Barcelona, Editorial Crítica, 1988.

<sup>56</sup> Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano/Artes de fazer*, Petrópolis, Vozes, 1994.

<sup>57</sup> Antonio Gramsci, *Literatura e vida nacional*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978; Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento/o contexto de François Rabelais*, São Paulo-Brasília, Ednub-Hucitec, 1993; Néstor García Canclini, *Consumidores e Cidadãos/ conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1995; Beatriz Sarlo, *Cenas da vida pós-moderna/ intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997; Renato Ortiz, *Mundialização e cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

<sup>58</sup> Ashby, W.R., ed. cast., 1960. *Introducción a la cibernética*, Buenos Aires, Nueva Visión. Cf. Verón “Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social”, op. cit. p. 25.

<sup>59</sup> Eliseo Verón, *ibidem*, op. cit. p. 25.

O velho sonho *positivista* de definir a sociedade como uma máquina-organismo, o modelo *funcionalista* que concebe a sociedade como um organismo biológico natural estão presentes nessas proposições. Vemos que a ruptura fundamental entre o social, o cultural, o histórico, o político e a criação cotidiana de *formas de vida* está ausente nessa formulação, central, de Verón. A ideia de uma sociedade *[super]estruturada*, na qual a participação humana está *[super]determinada* pelas estruturas e as funções é intensa. Os modelos cibernéticos de fato serviram de apoio para a constituição de correntes relacionadas com a problemática da comunicação social. Lembremos algumas das reflexões de Armand Mattelart sobre a busca da transdisciplinaridade na França dos anos 1960 e 1970:

En **1965**, en el coloquio de Royaumont, donde científicos, ingenieros y filósofos habían sido invitados a reflexionar sobre el concepto de información en la sociedad contemporánea, el sociólogo **Lucien Goldmann** había lanzado una pregunta provocadora: **el lugar del receptor en la definición de la información**. “La información es la transmisión de un cierto número de mensajes, de afirmaciones verdaderas o falsas a un individuo que los recibe, los deforma, los acepta o los rechaza o bien permanece completamente sordo o reacio a cualquier recepción”.<sup>60</sup>

Esa reflexión, introducida a partir de trabajos como los de Goldmann sobre “la conciencia posible”, era entonces un pensamiento minoritario. El análisis estructural apenas si concedía importancia al sujeto en la producción del sentido.

(...) **También se excluyó a la historia al aplicarse el esquema cibernético a la complejidad de las relaciones sociales de comunicación**, tendencia que empieza a detectarse a partir de 1971. Fue el número 18 de *Communications* el que la anunció, al inaugurar la nueva definición del carácter transdisciplinar de uno de los ejes de investigación del centro el de la “sociología del presente”. [destaques meus]

<sup>60</sup> Armand Mattelart, *Pensar sobre los medios / comunicación y crítica social*, Madrid, FUNDESCO, 1987, p. 51.

As inter-relações entre disciplinas, ciências e áreas do conhecimento são e foram problemáticas; os apontamentos acerca das tendências autoritárias no interior das ciências, e a inserção da questão do *poder* nas suas atividades é um fator que deve ser considerado ao estudar toda realidade de produção científica.

Nesse sentido, a importância que **Verón conferia à cibernética como “ciência geral da comunicação”, na qual se inseriria a “ciência da comunicação social”, representava uma opção epistemológica muito polêmica.** De fato, nessa proposta do autor, percebemos o peso do pensamento *pragmático* e *cientificista*. É importante sublinhar que o contexto mundial, no qual Verón tomava essas decisões, era muito adequado para o entusiasmo *racionalista* e *cientificista*: a década de 1960 viu o homem viajar para o espaço sideral e pisar na Lua; nesse período, instalaram-se os primeiros sistemas de satélites de informação, e sistemas midiáticos foram profundamente transformados pela inserção dessas novas tecnologias. O auge da **informática** se iniciava, afetando aceleradamente a vida das sociedades industriais e urbanas, de fato, seria um componente importante na queda dos regimes socialistas “reais” de Europa oriental. A força do *positivismo* científico era cada vez mais abrangente, oferecendo dia-a-dia múltiplas inovações tecnológicas.

Dialeticamente, a história mostra como essa década representou o começo da crise estrutural do modelo capitalista *fordista-keynesiano*<sup>61</sup>. Os Estados socialdemocratas de Bem-Estar, do mundo desenvolvido, pouco a pouco, deixavam de prestar os benefícios sociais que as classes trabalhadoras recebiam, por causa do eficiente funcionamento do modelo econômico keynesiano.

As novas gerações na Europa e nos EUA, pouco a pouco, foram perdendo a segurança, que seus pais tiveram com respeito às suas expectativas de vida; as quais, na *época de maior sucesso social do capitalismo*, permitiram uma distribuição expressiva da renda, e a outorga de benefícios sociais importantes. Na América Latina, e particularmente na Argentina, as convulsões sociais eram crescentes; o modelo de dependência capitalista *neocolonial*, dos países latino-americanos, alcançou níveis extremos de confrontação, as ditaduras autoritárias e oligárquicas emergiram, pela incapacidade do *capitalismo selvagem para resolver a pobreza, a fome, a injustiça e marginalização da maioria dos*

<sup>61</sup> David Harvey, **A condição pós-moderna/ uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**, São Paulo, Edições Loyola, 1992, pp. 115-184; Eric Hobsbawm, **Era dos extremos/ o breve século XX -1914-1991**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 393-420.



habitantes de nossa região. É a época das ditaduras militares, do genocídio, da tortura sistemática, do terror de Estado, e das políticas repressivas.

É interessantíssimo como Verón, nesse contexto sociopolítico, voltava-se para questões científicas transcendentais nas ciências sociais, e particularmente no campo da comunicação social. Foi um **precursor, um instituidor de argumentos a respeito da problemática comunicológica na região**, que trabalhou sistematicamente por validar a práxis teórica crítica, e a pesquisa empírica como atividades valiosas para a mudança das sociedades. Não obstante, é explicável o questionamento de outras correntes teóricas críticas a seu posicionamento *cientificista*<sup>62</sup>; ainda mais, ao considerar as condições políticas, econômicas e sociais da América Latina na época, caracterizadas por uma crise profunda do modelo de dominação autoritário, e a consequente mobilização de massas, e de grupos políticos na procura de alternativas transformadoras.

Um pensador como Verón, preocupado em estudar a “*ciência do controle*”, poderia ter produzido *estratégias de antidisciplina*<sup>63</sup> importantes para os processos políticos da época. Nesse sentido, foi contraditório o comportamento de Verón com seu próprio pensamento filosófico *pragmático*. Numa perspectiva epistemológica, paradoxalmente, foi coerente com a busca de conhecimento, pesquisando e aprendendo em algumas das principais comunidades científicas relacionadas com a comunicação na França e nos Estados Unidos.

A escolha de Verón foi priorizar o trabalho intelectual rigoroso; a procura de fundamentos para a construção de uma “*ciência da comunicação*”<sup>64</sup>;

<sup>62</sup> Ariel Dorfman; Armand Mattelart, **Para leer al pato Donald ...**, México, Siglo XXI, 1980, p.5: *En la frecuencia permanente con las ideas de la clase hegemónica de la sociedad -la que posee materialmente los medios e impone el sentido de los mensajes que emite- los hombres elaboran su manera de actuar, de observar la realidad. Es preciso, por lo tanto, escapar de ese orden y decodificarlo desde otra visión del mundo, es necesario re-comprender la realidad para lograr modificarla. Si esto no se entiende, si la “lucha ideológica” no adquiere primordial importancia, se castra la función del proceso revolucionario que tiende, básicamente a reordenar el sentido de los actos concretos* (texto de Héctor Schmucler citado pelos autores). [destaques meus].

<sup>63</sup> Truóng, Chinh, **El marxismo vietnamita**, México, Ed. Grijalbo, 1972.

<sup>64</sup> Em contraposição ao comportamento de Verón é interessante a seguinte citação de Jürgen Habermas na sua **Teoria da ação comunicativa**:

***Pero como hombre, aquí sigo viviendo, por propia elección, en una África todavía profundamente tradicional y no en la subcultura occidental de orientación científica en que fui educado. ¿Por qué? Bueno es posible que haya una serie de razones excéntricas, siniestras, no reconocidas. Pero una razón que sí es segura es el descubrimiento que he hecho aquí de cosas***

e o trabalho concreto de pesquisador, procurando caminhos para explicar os *processos*, os *usos*, os “*contratos de leitura*”<sup>65</sup> e os *modos de comunicação* nas sociedades contemporâneas.

A **sexta inter-relação disciplinar** apontada por Verón, como importante para começar a construir um percurso teórico-metodológico para uma “*ciência geral da comunicação*”, foi a vinculação entre a **psicolinguística** e a **ciência da comunicação**. Numa visão epistemológica é importante considerar a diferenciação colocada pelo autor a respeito do tipo de vínculos que estabeleceria cada concepção: a *psicolinguística*, como produto típico norte-americano. Seus procedimentos metódicos e suas proposições situaram-na como parte da **psicologia experimental** e não de uma *ciência da comunicação*; ela utiliza conceitos de várias disciplinas para estudar as relações entre as mensagens e os comunicadores: *psicologia-sociologia-antropologia* participam dessas análises sem estabelecer relações interdisciplinares. A *psicolinguística* seria um ramo da *pragmática* preocupado com os processos de *codificação* e *decodificação*, tanto enquanto análise dos estados das mensagens e dos estados dos comunicadores<sup>66</sup>:

(...) es decir, en sentido amplio, “se ocupa de las relaciones entre los mensajes y las características humanas de los individuos que los seleccionan e interpretan” (Osgood e Sebeok, 1965: p.4).<sup>67</sup>

Essa perspectiva era diferente da postulada pela **semiologia europeia que concebia a comunicação como uma “ciência nova”, integradora, que organizaria o conhecimento de todos os sistemas de comunicação e não so-**

---

*que se han perdido allá en casa. La cualidad intensamente poética de la vida y del pensamiento diarios, un vivido goce del momento fugaz, cosas ambas expulsadas de la refinada vida occidental por la búsqueda de la pureza del motivo y por la fe en el progreso:* HORTON, R., “*African Thought and Western Science*”, em Wilson, B.R. (ed), **Rationality**, Oxford, 1970. Citado por Habermas no Volume I, “*Racionalidad de la acción y racionalidad social*”, Madrid, Taurus, 1988, p. 98.

<sup>65</sup> Eliseo Verón, **Causas y azares**, n. 3, 1995, p. 17:

*En el 83 presenté la noción de ‘contrato de lectura’ en un congreso en París y a partir de ahí hice trabajos para muchos grupos de prensa sobre la prensa escrita, siempre en producción y recepción.*

<sup>66</sup> Idem, “*Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social*”, op. cit., pp. 25-26.

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

**mente o linguístico.** Concomitantemente a *ciência da comunicação* teria uma influência importante no conjunto das ciências sociais, definindo um campo não estruturado por elas e renovando suas proposições teóricas e metodológicas. Dessa maneira a *psicolinguística* abordaria uma área específica da conduta linguística, ou verbal, e a *semiologia* teria um caráter mais abrangente e importante<sup>68</sup>.

## A problemática da relação ciência ideologia, o contexto investigativo neocolonial e dependente

A problemática das relações entre *ciência* e *ideologia* é trabalhada por Verón mediante a construção de uma *pragmática* das ciências sociais<sup>69</sup>. Essa definição passaria em primeiro lugar pela compreensão das diferenças entre ciências humanas e sociais e as ciências em geral. A questão-chave que permitiria determinar essa *distinção* é a seguinte: “(...) **quais são os conceitos relevantes para caracterizar a atividade científica de conhecimento enquanto tal...**”.<sup>70</sup> [destaques meus]

<sup>68</sup> Idem, *ibidem*, p. 17: *Hoy podemos hablar de una ciencia general de los signos, de la cual la lingüística ha sido una vanguardia privilegiada. A cincuenta años de Saussure, esta ciencia está constituida sólo a medias. Podemos referirnos a ella como semiología o ciencia de la comunicación según se prefiera, aunque la diferencia de denominación representa en realidad una diferencia de acento entre dos tradiciones: el término semiología está vinculado más bien a la tradición europea, muy estrechamente asociada a los estudios de lingüística estructural (cf. Barthes, 1964) e inclinada a la investigación de los sistemas de signos per se, es decir, concentrada en la sintáctica (“estudio de las relaciones de los signos entre sí”) y la semántica (“estudio de las relaciones de los signos con lo que significan”) de esos sistemas, sin muchas referencias a la pragmática, es decir, a los procesos concretos de utilización de los mismos por parte de los usuarios. Human communication o simplemente communication es, en cambio, una expresión que agrupa investigaciones orientadas al estudio de los procesos de interacción interpersonal vistos desde la perspectiva de la comunicación, sobre todo en los Estados Unidos (...). En la tradición anglosajona, se ha utilizado con frecuencia en los últimos años el término semiotics, que fuera sistemáticamente empleado por Morris (1938 y 1946. Cf. Sebeok, Hayes y Bateson, 1964).* [destaques meus].

<sup>69</sup> Idem, *Ideologia, estrutura e comunicação*, 2a.ed., São Paulo, Ed. Cultrix, 1977, pp. 171-172: *A pragmática começa quando esse conjunto de regras é considerado o instrumental que um usuário do sistema utiliza em um momento dado. A emissão e recepção de uma determinada mensagem em uma situação exige a aplicação dessas regras de uma certa maneira; em outras palavras, exige que se ponha em prática um sistema de decisões.* [destaques meus].

<sup>70</sup> Idem, *ibidem*, p. 165.

Verón aborda as relações entre *sujeito* e *objeto* nas ciências sociais, explicando que uma das propriedades desses saberes é que eles elaboram conceitos sobre a atividade científica de forma genérica. Desse modo, os conhecimentos relevantes para estudar os objetos sociais são igualmente relevantes para estudar a produção geral de conhecimentos. A epistemologia, a gnosiologia e a filosofia das ciências sociais etc. constroem explicações acerca da atividade científica geral. A essa característica Verón chama de “*pertinência máxima*”; a diferença das *ciências naturais* que teriam uma “*pertinência mínima*” porque a construção de conhecimentos seria restrita ao campo particular da realidade que estudam. Desse modo, o autor estabelece uma diferença quantitativa entre os dois tipos de ciência, reconhecendo uma continuidade qualitativa entre as ciências sociais e as naturais<sup>71</sup>.

Ao situar as ciências sociais numa zona de *pertinência alta*, Verón desenvolve sua argumentação acerca da objetividade:

(...) o problema da objetividade científica é um problema intrinsecamente social, que somente pode ser formulado adequadamente a partir do ponto de vista do funcionamento da ciência como sistema de comunicação interpessoal e institucional, ou seja, da ciência como instituição social. Em outras palavras, o problema da objetividade é um problema empírico, vinculado às condições de funcionamento da ciência como um sistema de ação social, e não meramente uma questão epistemológico-metodológica.<sup>72</sup> [destaques meus]

Essa proposição estabelece um posicionamento *materialista objetivo*<sup>73</sup> com respeito à problemática da *objetividade*, os aspectos teóricos ficam

<sup>71</sup> Cf. idem, ibidem, op. cit., pp. 165-167.

<sup>72</sup> Idem, ibidem, p. 167.

<sup>73</sup> Eli de Gortari, **Introducción a la lógica dialéctica**, México, Ed. Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 68: *La actividad práctica es el criterio objetivo de la verdad (...) El desenvolvimiento de la ciencia en su integridad incluye su verificación reiterada en la práctica, porque no se conoce y no se comprende sino haciendo; y, en todo caso, para determinar a un proceso, y aun para descubrirlo, se necesita ejercer una acción sobre él, trabajando un contacto dinámico y recíproco (...) Pero “ la práctica supera al desarrollo teórico; porque, además de poseer el rango de la universalidad, comprende a la realidad inmediata, directa y concreta”. Por todo esto es que la categoría de práctica constituye la primera y la última de las categorías del conocimiento (...).* p. 79: “(...)la acción recíproca es la verdadera **causa final** de todos los procesos”.

condicionados pela prioridade do social. A ciência, desse modo, não é só o produto do conhecimento, ela supõe sistemas de produção; organizações institucionais que administram, planejam, programam e financiam suas economias. A ciência constrói sistemas de comunicação para seus projetos, hipóteses, teses, fundamentos, reformulações conceituais, problemáticas, tendências, polêmicas e críticas. Verón elabora essa definição como uma ampliação da problemática, particular, da linguagem, concebida como instituição social. Portanto, **a problemática da objetividade científica sai de um contexto abstrato e teorista<sup>74</sup> e passa a confrontar os elementos concretos da realidade social** na qual é produzida. A ciência é um tipo de produção, de fabricação humana, por conseguinte um produto cultural, ela necessita de políticas que orientem estrategicamente o seu desenvolvimento. As opções, exclusões e escolhas que uma determinada estratégia formula, determinaram os percursos, os tipos de pesquisa, os campos

---

p. 288: “(...) *la teoría y la práctica, el conocimiento y la acción creadora son inseparables*”.

p. 59: *Una condición primaria en la cual coinciden los trabajos científicos, es la de que todos ellos son necesariamente objetivos. Por objetividad se entiende, por un lado, que toda investigación científica, al resultar fructuosa, puede ser repetida por cualquier otro hombre, siempre que éste reproduzca los diferentes pasos seguidos por el descubridor, hasta alcanzar los mismos resultados. También significa, por otra parte, que los resultados de la investigación expresan y representan determinadas manifestaciones de una realidad material que no depende de la sensibilidad, ni de la conciencia, ni del pensamiento del sujeto cognoscente.* [destaques meus].

<sup>74</sup> Vladimir Ilich Lenin, **Materialismo y empiriocriticismo**, Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos, 1971, p. 150: *El punto de vista de la vida, de la práctica, debe ser el punto de vista primero y fundamental de la teoría del conocimiento. Y conduce infaliblemente al materialismo, apartando desde el comienzo mismo las elucubraciones interminables de la escolástica profesoral. Naturalmente, no hay que olvidar aquí que el criterio de la práctica no puede nunca, en el fondo, confirmar o refutar completamente una representación humana cualquiera que sea. Ese criterio también es lo bastante “impreciso” para no permitir a los conocimientos del hombre convertirse en algo “absoluto”; pero, al mismo tiempo, es lo bastante “preciso” para sostener una lucha implacable contra todas las variedades del idealismo y del agnosticismo. Si lo que confirma nuestra práctica es la verdad única, última, objetiva, de ella se desprende el reconocimiento del único camino conducente a esta verdad, el camino de la ciencia, que se mantiene en el punto de vista materialista.*

Eli de Gortari, **Introducción a la lógica dialéctica**, op. cit., p. 39: *Una condición primaria en la cual coinciden los trabajos científicos, es la de que todos ellos son necesariamente objetivos. Por objetividad, se entiende, por un lado, que toda investigación científica, al resultar fructuosa, puede ser repetida por cualquier otro hombre, siempre que éste reproduzca los diferentes pasos seguidos por el descubridor, hasta alcanzar los mismos resultados. También significa, por otra parte, que los resultados de la investigación expresan y representan determinadas manifestaciones de una realidad material que no depende de la sensibilidad, ni de la conciencia, ni del pensamiento del sujeto cognoscente.* [destaques meus].

priorizados, os avanços tecnológicos, as revoluções de conhecimento que uma instituição, comunidade ou país realizam.

Essa concepção da ciência, como produto social e cultural, é crítica das formas escolásticas, abstracionistas, que na cultura ocidental aparecem como ondas de modas intelectuais nas comunidades carentes de pesquisa científica sistemática. Para caracterizar essas manifestações, é ilustrativa a seguinte passagem de Umberto Eco:

Os **nouveaux philosophes** podiam ser previstos já há dez anos. Era só pegar um ambiente estruturalista, ainda permeado de positivismo do século XIX e de espírito cartesiano, introduzir nele um pouco (o muito) de Heidegger, refogar a fogo lento com um Nietzsche ingerido em ritmo acelerado. Transformar o alto magistério de Lacan em moda lacaniana traduzir como metáforas literárias o vazio, a fissura, a diferença, a falta para o ser. Extrair de Lévi-Strauss a tentação de que as estruturas do espírito sejam universais e imutáveis e tirar as consequências de que os primeiros estão com a razão e de que o resto modificou apenas na superfície a natureza humana. Vislumbrar em Althusser não o tema da contradição (tirada de Mao), mas o da necessidade (secreta sugestão spinoziana).

Resultado desse coquetel: recusa da história como produto humano sujeito a erros, ajustes, desvios e soluções provisórias tomadas por boas: recusa do contraditório vivido como absurdo, para ser sofrido e não resolvido; Amor fati e desconfiança em relação a qualquer projeto para o dia de amanhã, mesmo que errado...<sup>75</sup>

O *fatalismo pós-moderno* e o *funcionalismo* não compreendem essa relação fundamental entre teoria e prática, subjetividade e objetividade, e estabelecem divórcios e falsas dicotomias que confundem a reflexão de fundo: a *objetividade*, apesar de ser um problema metodológico importante, não é simplesmente um problema abstrato, epistêmico, ela é fundamentalmente um problema social empírico e, como tal, adquire sua transcendência histórica e epistemológica, não ao contrário. Nesse sentido, merece consideração uma

---

<sup>75</sup> Umberto Eco, “Os novos filósofos” in *Viagem na irrealidade cotidiana*, 8a. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p. 309.

crítica às proposições funcionalistas que no campo da comunicação social divulgam proposições sobre a *objetividade*, muito enraizadas nos comunicadores profissionais. Esses pensamentos, afirmam que a *objetividade* é sinônimo de *neutralidade*, de cópia simples do real, de reflexo mecânico da realidade empírica e negam o caráter mental, racional, abstrato, sistemático da *objetividade* como expressão do pensamento. As duas facetas da objetividade têm que estar presentes numa análise metodológica de sua problemática. O primado da prática, do social e do empírico não nega a importância crucial da dimensão cognitiva, como produção cultural humana, específica, que trabalha com abstrações; o *abstrato* e o *concreto* fluem numa mistura contraditória, na qual os dois precisam participar para a produção de conhecimentos <sup>76</sup>. Um apontamento decisivo de Eliseo Verón, acerca da concepção da *objetividade*, nas ciências sociais, é sua distinção entre *objetividade* e *subjetividade*; a problemática da primeira não pode ser atribuída -como fazia a sociologia tradicional do conhecimento- à subjetividade do cientista: “ (...) *trata-se de uma relação empírica, objetiva, entre atividade científica e o contexto social em que tal atividade se dá*”.<sup>77</sup>

Concomitantemente, uma das *condições objetivas* para a produção de conhecimento científico é o *tipo de cientistas*, as características deles como fabricantes de pensamento: sua formação; seus recursos técnicos; seus paradigmas teóricos; sua capacidade de improvisação, sua intuição e construção poética; seu domínio emocional e sua mestria social. Dessa forma, acaba-se com a análise *psicologista* que reduz a problemática da *subjetividade* às características comportamentais dos sujeitos cientistas.

Ao mesmo tempo, o **contexto social condiciona** de maneira fundamental a produção de conhecimentos, a ciência depende para sua produção da *formação social*, na qual se situe. Essa verdade óbvia e trivial, no caso das condições infraestruturais, não foi considerada nas análises sobre subjetividade por considerá-las distintas. Na perspectiva que formulamos anteriormente, essa *subjetividade do cientista* tem forte configuração e se constitui de maneira dependente do contexto social, e da realidade histórica em que trabalha o pensador.

<sup>76</sup> Eli de Gortari, op. cit., p. 39: *Así se destaca la acción recíproca existente entre el desarrollo teórico y el experimento, dentro de la investigación científica. La teoría se desenvuelve partiendo del experimento y conduce al experimento. Y, por su parte, el experimento resulta de la teoría y hace surgir la necesidad de nuevos desarrollos teóricos..., la actividad práctica constituye el único criterio objetivo de la verdad del conocimiento científico.*

<sup>77</sup> Eliseo Verón, “*Ciência e ideologia: para uma pragmática das ciências sociais*”, op. cit., p. 168.

Ao refletir acerca das consequências desse posicionamento, constatamos que ele tem um forte sentido político porque, de fato, o cientista (cidadão) não deveria ficar isolado da problemática política na qual está inserido, nem na sua dimensão subjetiva particular. O **trabalho científico, assim, exige um conhecimento e uma participação importantes dos cientistas na vida social e política da sua época.**

A problemática das relações entre *sociologia latino-americana* e *sociologia dos países hegemônicos* foi tratada por Eliseo Verón nos anos 1960, quando levantou uma crítica profunda das proposições vigentes na região. O *estruturo-funcionalismo* apresentava-se como a ciência sociológica “natural”, “concreta” e “positiva”; as tendências críticas eram caracterizadas como discursos “ideológicos”, no sentido pejorativo de discursos doutrinários, partidistas; como conjuntos de ideias não científicas, e que expressam pensamentos ultramontanos, de interesse de grupos ou pessoais. Eliseo Verón enfrentou esse posicionamento “cientificista”, da *sociologia oficial* da época, demonstrando como a **ideologia** está presente em todo discurso, e necessariamente nos discursos científicos, porque todo discurso tem uma *dimensão de significações* semânticas que expressam as relações sociais de todos os tipos no plano simbólico e, portanto, a ciência não poderia estar num campo vazio de simbolismo, muito pelo contrário o discurso científico na sua beleza manifesta relações semânticas abundantes. Desse modo, Verón criticou o uso de uma *noção primária de ideologia* por parte da *sociologia estruturo-funcionalistas*, e colocou o debate sobre a **recepção de teorias e métodos** científicos na América Latina num campo de reflexão diferente:

A maioria dos problemas significativos referentes à relação entre a sociologia dos países desenvolvidos e a dos países dependentes não são passíveis de decisão em termos dos princípios do método científico. A situação real da sociologia contemporânea é, precisamente, que em muitos casos não existe passagem unívoca das “regras do jogo” da ciência à resolução dos problemas pragmáticos da disciplina. E desta forma nos aproximamos de um dos pontos cruciais: a ideologia (certa ideologia) se difundirá em nome da ciência. Como a situação real é que os “procedimentos gerais do conhecimento científico” não nos permitem decidir -por exemplo- entre diferentes te-



orias gerais sobre a sociedade global, como esse fato tende a ser ocultado pela ideologia dos difusores, e **como na maioria dos casos estes decidiram importar alguma versão do estrutural-funcionalismo, esta teoria particular aparecerá como a sociologia**. Um determinado ponto de vista sobre os fatos sociais se apresenta assim como o único ponto de vista possível, e o funcionalismo tenderá a ser internalizado até se transformar no “sentido comum” da sociologia.<sup>78</sup> [destaques meus]

Constata-se, assim, uma crítica fundamental às práticas sociológicas das décadas de 1950 e 1960 na América Latina. Em especial, à **importação dos modelos estadunidenses, estruturo-funcionalistas**, como a “**ciência da sociedade**”, sem uma crítica epistemológica de suas origens, de suas proposições filosóficas, de seus métodos, de suas significações, de sua estrutura como produto de um determinado contexto histórico cultural; o que provocou um “*consumo*” acadêmico e profissional desse modelo como o único existente para “o conhecimento social”. Verón desmascarou seu caráter ideológico, como expressão de um determinado ponto de vista sobre os fatos sociais, e sobre uma determinada estrutura interna de construção semântica.

A crítica de Verón situou a tendência *tecnicista* dos *funcionalistas*, que limitavam o debate a questões de aplicação do “método científico”; quer dizer, do seu método, negando o caráter social e empírico da produção científica. Apontamos já, em parágrafos anteriores, que **a problemática científica** deve ser encarada, em primeiro lugar, como **um tipo de produção cultural**, inserida em contextos histórico-sociais concretos. Portanto, reduzir o debate à questão metodológica desvia o pensamento das proposições centrais por serem discutidas. Não se pode “naturalizar” um método, como se fosse a representação mecânica da realidade, e não uma alternativa de percurso para o pensamento e a pesquisa.

A *recepção* de metodologias e de modelos teóricos na América Latina, segundo Verón, devia considerar, também, **o caráter ideológico do discurso científico**; analisá-lo nessa dimensão, precisamente para não cair na retórica *cientificista*, e ampliar as concepções sociológicas para várias alternativas. Nesse sentido, Verón foi um exímio representante da pluralidade teórico-me-

<sup>78</sup> Idem, “*As ideologias estão entre nós*”, , op. cit., pp. 199-200.

todológica; e procurou na sua *práxis*, como cientista social, aprender de várias comunidades, tendências e modelos: *antropologia estrutural*, *semiologia*, *sociologia de Durkheim*, *semiótica*, *psicologia social*, *interacionismo simbólico*, *marxismo estruturalista* e *filosofia pragmática de Peirce*. Por conseguinte, Verón não criticava nos *estruturo-funcionalistas* sua opção por essa escola do pensamento, ele criticava sua estratégia de transformar um discurso científico em um discurso único, dotando-o de uma abrangência e de uma exclusividade totalitárias.

O discurso científico está atravessado por *ideologias*, e elas atuam a todo momento, de modo eficiente e expansivo quando as regras dos métodos científicos não são consideradas, para a construção dos raciocínios. Nesses campos, e nesses momentos, a codificação ideológica atua *‘sub-repticiamente’* na construção dos enunciados, independentemente da área da realidade, ou do conhecimento em referência. Essas proposições organizadas por Eliseo Verón, permitiram levantar uma crítica sistemática e aprofundada ao pensamento *estruturo-funcionalista*, que se autodefinia como “neutro”, “objetivo”, “positivo”, “real” e “verdadeiro”. A desconstrução de Verón não se reduz ao nível das políticas partidárias, governamentais ou institucionais de produção da ciência; ele criticou no âmbito teórico-metodológico, ao deslocar a *práxis* de produção de conhecimento do limite *cientificista*; ao pensar essa *práxis* em termos das *relações sociais* e das *estruturas empíricas* existentes, independentemente da vontade dos pensadores.

Nas discussões sobre *ciência* e *ideologia* com o *funcionalismo* dos anos 1960, Verón esclareceu, que não pode ser atribuído ao pensamento crítico, de maneira geral, o fato de considerar o *contexto social* como determinante absoluto, e fatal, da atividade científica; apesar de constituir-se sim, é um elemento substancial e condicionante dos modos de produção da ciência.

Na realidade, constata-se que se apresentam paradoxos e desníveis, que comprovam uma produção de qualidade em contextos sociais adversos. Mas, essas são exceções, que confirmam a proposição geral: **a ciência** é uma **forma de relações sociais específica**, que constrói um tipo de produto humano essencial; definidor da espécie, e de suas possibilidades de transformação da natureza e da sociedade. O conhecimento científico, como propriedade inerente à humanidade, permitiu que esta mudasse seu *tempo-espaco* natural de vida e inventasse objetos, dimensões e novas realidades, como expressão

singular do universo conhecido. O *sujeito cientista* depende do contexto no qual se formou, e do que está inserido; mas, simultaneamente, ele condiciona esse contexto, pela sua ação transformadora mudando significativamente a realidade empírica.

A problemática da dependência científica, ou *heteronomia*<sup>79</sup> do conhecimento, na América Latina, foi caracterizada por Verón definindo as relações entre os sistemas de produção de conhecimentos e a sociedade -entre esses, um aspecto substancial são os mecanismos institucionais. O autor estudou o ***modo de produção de saberes***, que se articularam na fase de estruturação da sociologia, na região, elaborando um modelo sobre como foi a organização de trabalho científico nessa primeira época. Para sua análise crítica, Verón estabeleceu dez características centrais dessa *práxis*:

a) **“A problemática teórica que define o campo conceitual desses projetos é elaborada nos países centrais, que são os que fornecem o financiamento.** Na maioria dos casos, não só a problemática geral, mas **também as hipóteses específicas de cada projeto são elaboradas no exterior (...).**<sup>80</sup> [destaques meus]

Verón colocou em primeiro lugar a questão- chave, fundamental para compreender essa heteronomia científica. Os centros de produção de saberes dos países hegemônicos determinavam o conjunto de problemas inter-relacionados que deviam ser estudados e na América Latina. A dependência era tão forte, que o autor salienta como até as hipóteses específicas foram feitas no exterior.

No caso da ***teoria da comunicação*** essa situação foi extrema, e os estudantes, professores e pesquisadores, desses primeiros tempos, aceitavam como um fato natural o domínio do *estruturo-funcionalismo* norte-americano, que se apresentava como sinônimo de *ciência* e *teoria da comunicação*.

A aplicação de técnicas alcançava níveis ridículos, era paradigmático o caso das *listas de palavras de difícil compreensão* elaboradas nos Estados Uni-

<sup>79</sup> *Heteronomia: Condição de uma pessoa ou de grupo que recebe de um elemento que lhe é exterior, ou de um princípio estranho à razão, a lei à que se deve submeter (Cf. autonomia)*

<sup>80</sup> Eliseo Verón, “As ideologias estão entre nós”, op. cit., p. 210.

dos, e aplicadas nas *análises de conteúdo* das pesquisas do CIESPAL, seguindo o modelo de Bernard Berelson. O contraste com a realidade latino-americana era evidente, as traduções grosseiras, e os princípios básicos eram precários; apesar disso, nas escolas de comunicação da região se empregavam frequentemente.

Essa primeira definição de Verón sobre a dependência comprova até que nível alcançava esse atrelamento de pensamentos; de fato, um bom número de sociólogos latino-americanos negava-se a construir seu próprio objeto de pesquisa. Partiam de uma proposição logocêntrica, de considerar-se incapazes de elaborar teorias, e aceitavam as propostas dos centros hegemônicos com “naturalidade” e submissão. Essa situação começou a mudar em meados da década de 1960 com as primeiras críticas realizadas por Eliseo Verón, e por outros importantes críticos da região. De toda forma, a hegemonia *positivista-funcionalista* continua até os dias de hoje, especialmente no campo das pesquisas empresarial e comercial; modelos como os de Gallup são uma “bíblia” para os pesquisadores das empresas de divulgação social.

A segunda característica sobre heteronomia, formulada por Verón, foi:

**“b) Os instrumentos -(...)- geralmente já chegam esboçados. Em suma, os pesquisadores locais têm como tarefa a tradução e adaptação dos questionários”.**<sup>81</sup> [grifos meus]

O abuso de técnicas quantitativas, em especial do *questionário* como instrumento “máximo” e “geral” de pesquisa, marcou os processos de trabalho em ciências sociais; lamentavelmente, ainda existem numerosos casos em que esse comportamento se mantém.

Se reproduziam as teorias, concomitantemente se copiavam as técnicas; mas, se pensassem de maneira diferente poderiam, pelo menos, considerar-se capacitados para fabricar elementos menos complexos que os teóricos, não, nem as técnicas eram construídas. A realidade demonstrava uma acomodação generalizada ao *instrumentalismo funcionalista*: aplicavam-se técnicas padronizadas, independentemente do objeto de estudo; como se as técnicas não fossem definidas pelo *objeto* para o qual são empregadas. Simultaneamente, esse comportamento demonstrava um divórcio entre teoria

---

<sup>81</sup> Idem *ibidem*, p. 210.

e técnicas, o que no fundo expressa uma concepção que separa a teoria da realidade. De fato, as técnicas são *teorias em ato*, elas trazem inseridas na sua estrutura, e nas suas proposições, teorias que as fundamentam; acreditar na “neutralidade” das técnicas, na sua independência de conteúdos teóricos, é ingenuidade ou acomodação.

A terceira questão problematizada por Verón sobre a organização dos centros de pesquisa na América Latina foi:

**c) A análise e interpretação dos dados se realiza habitualmente no centro estrangeiro onde se originou o projeto.** No melhor dos casos, o pesquisador local que trabalha no mesmo é provido de uma bolsa para ir ao dito centro, com o fim de participar na tarefa de elaboração dos resultados.

**O predomínio deste tipo de projetos nos centros da região teve, para a organização do trabalho científico, consequências que vão muito além dos limites de sua pesquisa.**<sup>82</sup> [destaques meus]

Uma situação triste para as instituições e os pesquisadores engajados nelas. As condições do trabalho dos cientistas sociais latino-americanos eram humilhantes, segundo esse diagnóstico; com efeito, durante os anos 1950 e 1960, os centros de pesquisa dos países hegemônicos consideravam aos pesquisadores latino-americanos como força de trabalho secundária, funcional para realizar as tarefas operativas da investigação, sem possibilidade de participar na construção do objeto, nem na interpretação dos dados coletados. Toda uma geração de pesquisadores e intelectuais foi formada nessa prática de pesquisa e nesse condicionamento teórico. As mentes críticas eram uma exceção, e necessariamente no começo não contariam com recursos financeiros para estruturar pesquisas alternativas ao modelo hegemônico. As constatações de Eliseo Verón denunciavam um modelo de fazer ciência subjugado aos interesses de centros do *Primeiro Mundo*<sup>83</sup>, que

82 Idem ibidem, p. 211.

83 Hermann Herlinghaus, “*La modernidad ha comenzado a hablarnos desde donde jamás lo esperábamos/ Una epistemología política de la cultura en De los medios a las mediaciones de Jesús Martín Barbero*”, In: María Cristina Laverde Toscano; Rossana Reguillo (Org.), **Mapas nocturnos/ Diálogos con la obra de Jesús Martín Barbero**, Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 1998,

consideravam os pensadores e instituições latino-americanos como “mão-de-obra braçal”.

O “*sentimento de inferioridade*” que atribuíam os *funcionalistas* aos latino-americanos não era um complexo psicológico próprio da raça, foi uma consequência de relações e práticas sociais de dominação e neocolonialismo concretos.

Um quarto elemento-chave detectado por Verón nas duas primeiras décadas de pesquisa social na América Latina tratava sobre a relação universidade-pesquisa:

**d) Quando os centros locais estão associados a um departamento numa universidade ou formam parte dele, a problemática dos projetos importantes tende, por necessidade, a “contaminar” as atividades docentes.** Na medida em que se procure vincular a docência à pesquisa, os projetos importantes serão elaborados no exterior, o principal campo de experiência dos estudantes, e, portanto, os cursos tenderão a se adaptar ao horizonte conceitual definido por tais projetos.<sup>84</sup> [destaques meus]

A pesquisa nas universidades, que poderia ter tido um caráter autônomo e alternativo, também estava controlada pelo modelo *estruturo-funcionalista*, quando pensamos no atraso científico latino-americano, devemos refletir sobre o significado dessa história concreta, que marcou o perfil da pesquisa e do conhecimento nos principais centros da região. O conhecimento privilegiado de Verón, como membro das principais associações de sociólogos, psicólogos e semiólogos na América Latina permitiu-lhe um conhecimento apurado dessas realidades.

---

p. 26:

“*Aquellos cuyo discurso (universalista o colonial) se está cuestionando, hegemonizan la misma crítica. Dicho más explícitamente la autoridad de conceptualizar las diferentes dimensiones del Otro cultural la siguen dominando las academias y los distribuidores del saber en los antiguos centros de la modernidad.*”

\* Hermann Herlinghaus (Alemanha). Docente. Atualmente pesquisador do Centro de Pesquisas Literárias no Centro de Estudos Humanísticos de Berlin.

<sup>84</sup> Eliseo Verón, “*As ideologias estão entre nós*”, in **Ideologia, estrutura e comunicação**, op. cit., p. 211.

Os cérebros, que dirigiram as estratégias e políticas nacionais de pesquisa na América Latina foram formados nesse paradigma, e nessas práticas de investigação; portanto, não são acidentais suas teses sobre *privatização* das universidades, sobre a necessidade de uma ingerência das empresas globais na determinação do tipo de projetos, de problemáticas e de curriculum. Os cursos e linhas de pesquisa nas universidades, segundo essa concepção, deveriam tornar-se *funcionais* para o *mercado*, transformado pelo auge neoliberal no “deus” que dirime e ordena a vida das sociedades. A lógica do *lucro* determinaria as problemáticas, as estratégias, os objetivos, os modelos teóricos, as práticas e as condições de pesquisa. Numa época como a atual, marcada pela hegemonia do *modelo capitalista* de vida, as ideologias, as políticas, as concepções, os valores e as aspirações são reduzidos por um bom número de pensadores à lógica do *capital*.

A ideologia do *lucro* contamina, principalmente, aos dirigentes e responsáveis pelas políticas científicas institucionais, e nacionais. *O objetivo de muitos deles é acabar com o pensamento crítico*, considerado uma forma obsoleta pelos apologistas do modo de vida capitalista.

A quinta questão, que abordou Verón sobre as condições do trabalho científico em ciências sociais, na América Latina, durante as duas primeiras décadas de existência institucional, foi a formação de um mercado de trabalho dependente:

e) Nos primeiros níveis de formação profissional, esses projetos constituem a principal fonte de trabalho para os estudantes avançados e os jovens graduados (...). A um **sociólogo estrangeiro necessitado de dados sobre um determinado país** basta resolver duas questões bem simples: **obter a colaboração de um pesquisador local** que se interesse pelo projeto (raramente num plano de igualdade com o pesquisador estrangeiro) e assegurar o **sistema de recrutamento dos entrevistadores**.<sup>85</sup> [grifos meus]

As relações de trabalho, dessa forma, reproduziam a forma geral do *sistema capitalista* nas regiões subdesenvolvidas, que dizer a *superexploração da força de trabalho*. Interessava ter pesquisadores, e novos profissionais, forma-

<sup>85</sup> Idem ibidem, p. 211.

dos de acordo com as normas dos centros de pesquisa dos países hegemônicos, controlados pela instituição que financia, trabalhando nas problemáticas de interesse desses centros, comunicando pouca coisa para a sociedade que serviu de objeto de pesquisa, e sendo pagos com baixos salários. Assim, os centros de pesquisa norte-americanos estruturaram um mercado cativo na América Latina, que lhes permitiu facilmente desenvolver seus projetos e aproveitar-se dessa força de trabalho intelectual.

A sétima condição analisada por Verón sobre a produção de pesquisa em ciências sociais, durante os anos 1950 e 1960 na América Latina, foi a problemática do *financiamento das investigações*:

(g) Em igualdade com outras condições, o estabelecimento deste modo de produção conta com um sistema de realimentação e ajuste interno bastante eficiente: **é pouco provável que se desenvolvam projetos de pesquisa autônomos.** (...) Quanto mais autônomo seja um projeto de pesquisa, tanto menor será a possibilidade de obter financiamento e recursos materiais, tanto locais como externos.<sup>86</sup>

O exercício da pesquisa, para ser realizável, devia inserir-se nos grandes projetos internacionais -planejados, construídos e registrados nos centros de investigação das metrópoles. A dependência econômica era intensa, sem financiamento era muito difícil produzir pesquisa crítica, ou pelo menos pesquisa independente dos modelos impostos. Nesse aspecto, uma questão importante, que Verón não podia perceber nessa época, é que as universidades tinham constituído, na América Latina, espaços centrais de produção de pesquisas e de conhecimentos fora do âmbito dependente. Não afirmo que essas instituições sejam, ou fossem, estruturas livres da lógica do sistema econômico social capitalista; de fato, elas reproduzem elementos importantes desse modelo na dimensão educativa, de pesquisa e de extensão; mas, simultaneamente, nas universidades existem importantes espaços que a lógica do capital não consegue administrar. O exercício do pensamento criativo, nessa perspectiva, exige esforços que, em muitas ocasiões, entram em contradição profunda com as necessidades imediatas de reprodução do capital. Os quadros *funcionais*

<sup>86</sup> Idem, ibidem, p. 212.



ao sistema deixam livres campos de investigação, e linhas de pesquisa, que não são rentáveis, momentaneamente, para eles; os pesquisadores inovadores ocupam esses espaços e desenvolvem importantes projetos que são reconhecidos pela sua importância científica nas comunidades e associações de cientistas e no conjunto social.

Esse é um elemento muito importante na produção de conhecimentos no capitalismo contemporâneo, porque existe uma contradição fundamental que trabalha a favor do conhecimento transformador: o sistema capitalista precisa da revolução tecnológica para sua existência, sem a produção de *mais-valia relativa* as possibilidades de gerar lucro diminuem consideravelmente, as formas de produção entram em crise estrutural, e as contradições fundamentais vêm à tona configurando situações revolucionárias. O *capital* necessita de investimentos em pesquisa científica, mas a produção de conhecimentos não consegue ser gerenciada como em outras áreas da produção pelo *instrumentalismo*; simplesmente não é negócio ser cientista e numerosos cérebros migram para a burocratização funcional, ficando esses espaços livres para ser ocupados por pensadores criativos.

Esse processo, como todo processo real, não acontece de forma mecânica, e, simultaneamente à possibilidade de ocupação por pesquisadores, cientistas e pensadores livres dos espaços de produção, temos o aproveitamento deles por outra espécie de burocratas: os funcionários ou gestores automeados de pesquisadores. Nas universidades públicas esse tipo de *management*<sup>87</sup> é comum, aproveita os recursos de pesquisa públicos para beneficiar empresas, instituições ou grupos privados interessados nos recursos e nos conhecimentos oferecidos pela universidade, sem preocupar-se com a existência de condições essenciais de pesquisa. A mediocridade e, em numerosos casos, a deficiência acadêmica, técnica, metodológica, teórica, pedagógica e de pesquisa são alarmantes. A burocratização se expande e o prejuízo para a produção de conhecimentos é considerável; os “funcionários do saber” aprendem rapidamente a elaborar projetos nos esquemas aceitos pelo gerenciamento *funcional*, apresentam relatórios periódicos no momento certo, e com as normas de estilo bem definidas, geram toneladas de *papel-relatório* e contribuem com muito pouco para o conhecimento sério.

---

<sup>87</sup> *Management: direção, gerência; condução, administração; governo, controle; economia; capacidade de dirigir*

O oitavo problema considerado por Eliseo Verón na sua análise acerca da produção de conhecimentos em ciências sociais, foi o fato de que a dependência dos projetos internacionais estabeleceu condições adversas para a produção teórica:

(h) **Raramente esses projetos internacionais** são pesquisas destinadas a desenvolver **hipóteses teóricas básicas** ou estão vinculadas a um processo de elaboração desse tipo de hipótese. (...) Os projetos mais importantes em que se baseou a organização inicial dos centros regionais correspondem pois, por assim dizer, às “**indústrias extra-tivas**”. Em suma, trata-se de réplicas destinadas a pôr à prova hipóteses específicas da “sociologia do desenvolvimento”. Mas, ainda neste caso, a elaboração de matéria-prima habitualmente não se dá nos centros da região; se o projeto deu lugar a um processo de construção de teoria, os colaboradores locais podem chegar a se informar disto pelas publicações especializadas.<sup>88</sup>

No caso da produção teórica o legado *funcionalista* condicionou enormemente os hábitos de pesquisa em comunicação na América Latina. **Essa primeira fase de dependência extrema**, que logo variará para formas menos autoritárias e intensas, assistirá à geração de poucos pólos de produção de conhecimento em comunicação próprios na região, como é o caso do México, do Brasil, do Chile, da Argentina e da Colômbia; constituídos durante décadas nos principais centros de reflexão e de pesquisa em comunicação, demonstraram que *a dimensão teórica foi e é um espaço gnosiológico pouco trabalhado*<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Eliseo Verón, “*As ideologias estão entre nós*”, in op. cit., pp. 212-213.

<sup>89</sup> Sobre o descuido da pesquisa teórica na América Latina são esclarecedores os diagnósticos das pesquisas realizadas pelas entidades associadas do campo da comunicação ALAIC (*Asociación latinoamericana de investigadores de la comunicación*), AMIC (*Asociación mexicana de investigadores de la comunicación*), INTERCOM, DESCO (*Centro de estudios y promoción del desarrollo*), CIESPAL (*Centro internacional de estudios superiores de periodismo para América Latina*) e FELAFACS (*Federación latinoamericana de facultades de comunicación social*). Nos relatórios de congressos, encontros, oficinas, colóquios e seminários é constante a preocupação pela escassa produção teórica na região. Apesar da pesquisa em comunicação ter se expandido significativamente nos anos 80 e 90 na América Latina, especialmente nos cursos universitários, a linha teórica de pesquisa continua sendo um caso raro de produção. Os pós-graduandos, professores e pesquisadores preferem desenvolver pesquisas empíricas ou sobre assuntos menos escabrosos que a produção teórica; simultaneamente a formação teórico-metodológica conti-

A pesquisa teórica continua com dificuldades para conseguir apoio financeiro, os poucos pesquisadores que se aventuram nesse campo devem realizar um esforço redobrado para convencer as agências e autoridades sobre a legitimidade de sua opção. Os apontamentos de Verón contribuem para um esclarecimento histórico sobre as condições concretas de produção de pesquisa institucional, em ciências sociais, nos seus primórdios. O fenômeno da dependência econômica, teórica, metodológica e técnica foi sistematicamente caracterizado pelo autor, e permite contar com valiosíssimos elementos de análise na atualidade. O trabalho de avaliação epistemológica, realizado nas “...*ideologias estão entre nós*”, esclareceu assuntos que, de outra forma, necessitariam de um investimento econômico e histórico muito grande nos nossos dias.

A nona consideração trabalhada por Verón, com relação às condições sociais de produção de partida da pesquisa social no subcontinente, afirmava que:

Neste contexto, é muito pouco provável que a orientação teórica dominante se neutralize mediante um processo “autocorretivo”. No **nível teórico-conceitual, os projetos internacionais introduzem nos meios locais certa orientação** que, como se assinalou, **tenderá a ser transferida à atividade docente**,(...). Como se trata de projetos com consideráveis fundos, (...), o clima intelectual resultante conduz, quanto à formação de novos sociólogos, a essa imagem simplificada e homogênea da “sociologia mundial”,(...).

O reforço se produz ao longo do tempo, nos programas de pesquisa de cada centro: **um projeto importante estimula logo novos projetos na mesma direção e com igual ou semelhante orientação, e, por outro lado, se estabelecem rapidamente normas implícitas sobre que tipo de projetos tem maior probabilidade de obter financiamento nos centros internacionais.**<sup>90</sup> [destaques meus]

A dificuldade histórica para a produção teórica na América Latina, que permita romper com o enquadramento *estruturo-funcionalista*, foi sintetizada

---

nua sendo descuidada pela imensa maioria das instituições universitárias da região, que escolhem um perfil profissionalizante simplório para o currículo de seus estudantes.

<sup>90</sup> Eliseo Verón, “*As ideologias estão entre nós*”, op. cit., p. 213.

magistralmente por Verón nesses parágrafos. Seu estilo de argumentação demonstra a finura lógica, o embasamento empírico, e a riqueza de experiências que o caracterizavam. Desse modo, a pouca probabilidade de acontecer uma autocorreção na produção teórica na região, ele atribuía à força financeira dos projetos hegemônicos, à proliferação desse tipo de pesquisa por ser quase a única que tinha apoio econômico, à força ideológica -entendida como nível de significações das relações de trabalho intelectual nas ciências sociais- da nomeada “*sociologia mundial*” que, na verdade, era o rótulo do *estruturo-funcionalismo* na área.

A atividade docente estava condicionada pela presença de mestres que, simultaneamente, eram os quadros dos centros de pesquisa, vinculados com os centros hegemônicos. Suas experiências de pesquisa e suas orientações eram reproduzidas por ter legitimidade e ser modelos de sucesso. Concomitantemente essa força econômica, política, acadêmica e ideológica estruturava formas normativas fortes para delimitar a prática dos pesquisadores, e dos pensadores. Com exceção do Brasil e do México, a dependência de recursos para pesquisa em comunicação com respeito aos centros e fundações das metrópoles capitalistas, especialmente estadunidenses e alemãs, continua sendo enorme. A responsabilidade por essa situação é principalmente dos governos locais que investem quantidades insignificantes em pesquisa, educação e conhecimento. Se a situação da pesquisa é lamentável não só nas ciências sociais, mas também em todos os ramos da ciência, a produção teórica é considerada um luxo que essas sociedades atrasadas não se podem permitir. O resultado dessas políticas educativas, tecnológicas e científicas é um crescente atraso com respeito aos níveis das *formações sociais capitalistas* desenvolvidas; de fato, nenhum dos países do *Primeiro Mundo* teria conseguido chegar ao nível atual, sem significativos investimentos em educação.

Mas a história da América Latina demonstra que a pesquisa transformadora, subversiva em comunicação social é possível. O mundo *subterrâneo* da pesquisa social na América Latina é paradigmático: com poucos recursos, com muito esforço intelectual, aproveitando os interstícios do sistema, inventando técnicas; desenvolvendo táticas de sobrevivência; refletindo profundamente sobre os processos históricos da humanidade, os pensadores alternativos na América Latina têm produzido na área importantes contribuições para o conhecimento em comunicação social.

A décima colocação de Verón abordou a problemática *psicossocial*; atitudes, comportamentos, expectativas e modelos de carreira que condicionavam profundamente a prática dos cientistas na América Latina. Segundo o autor, entre os centros hegemônicos do *Primeiro Mundo* e as comunidades de pesquisadores na região existia uma espécie de “ponte”, que regulava os diferentes tipos de relações que tal produção exige. Além dos vínculos financeiros,

políticos, conceptuais e metodológicos, existiam nexos administrativos e de intercâmbio de pessoal.

Conseguir um *status* na comunidade científica internacional requeria de habilidade para inserir-se no esquema vigente. Mercado de trabalho, cursos no exterior, prestígio profissional, “nível intelectual”, fontes de financiamento etc., dependiam da estrutura hegemônica. Esse tipo de relação estabelecia uma prioridade estratégica para os pesquisadores latino-americanos; na sua vinculação com os centros metropolitanos a sua existência estava garantida, pela funcionalidade em relação aos interesses das fundações, instituições ou centros dos EUA e Europa. Como salientei em páginas anteriores, essa situação, caracterizada por Verón na sua experiência dos anos 1950 e 1960 mantém-se vigente na maioria dos países da região. Se pensamos nos centros com maior autonomia, Brasil e México, observamos que, se bem existe produção e apoio financeiro independente dos organismos internacionais, as marcas conceituais, o prestígio intelectual, as problemáticas consideradas cruciais, os modelos teórico-metodológicos desses pólos estadunidenses e europeus exercem uma força inquestionável.

Uma questão essencial apontada por Verón em 1968 foi:

“...os sociólogos locais comumente não foram formados para tarefas profissionais que possam exercer em seu contexto local extra acadêmico, é fácil compreender que o resultado geral seja um isolamento crescente e uma **desvinculação dos sociólogos com relação a seu meio ambiente local** mais amplo. **Os produtos que elaboram são, muito diretamente, artigos de exportação(...). Bastará uma deterioração significativa da situação política do país para que o sociólogo fique totalmente desarraigado de seu contexto.** <sup>91</sup> [destaques meus]

O isolamento desses intelectuais com relação ao campo nacional de atividade, as necessidades de pesquisa e de ação profissional foram estruturadas, como Verón aponta, pelo conjunto de sua capacitação, pelos modelos de procedimento e de conceição, e por sua práxis concreta vinculada com as atividades e as estratégias da instituição estrangeira.

<sup>91</sup> Idem, ibidem, pp. 213-214.

As condições e características anotadas definiam a heteronomia, ou dependência, dos sociólogos e cientistas em ciências sociais na América Latina. Dado que, em geral, **não tinham um domínio a *unidade do processo de trabalho científico***; uma autonomia científica significaria uma articulação dos elementos, dos aspectos e um controle dos componentes dessa atividade social. A definição de *heteronomia* nessa proposta de Verón significava uma “*relação de dependência cultural em relação aos centros imperialistas*”, que se expressava num modelo de trabalho desarticulado da realidade histórica e social; um desconhecimento e falta de domínio com respeito ao processo de pesquisa, no seu conjunto, e uma situação de ruptura cultural com a sociedade autóctone, especialmente com as classes subalternas e com os interesses coletivos nacionais.

Um apontamento crucial, de particular interesse epistemológico, foi o elaborado por Verón em sua reflexão sobre o **projeto *Camelot***<sup>92</sup>:

**Como acontece sempre, a realidade que não foi levada em conta nos esquemas conceituais acaba por corrompê-los a partir de fora.** Em alguns países (como ocorreu na Argentina) não só a influência dos modelos desenvolvimentistas está se debilitando, como também aluíram as ordens institucionais no plano universitário. **A relativa correção que se produziu na prática científica, longe de ser endógena, é resultado do desenvolvimento dos processos políticos gerais**<sup>93</sup> [destaques meus]

---

<sup>92</sup> Idem, *ibidem*, pp. 221-222: (...) *o projeto Camelot em suas diferentes versões, destinado a estudar as potencialidades de guerra interna subversiva em vários países latino-americanos, e analisar as medidas que os governos podem tomar para evitá-las.*

(...) *O fracasso do Camelot provém, a meu ver, de uma aceleração do processo histórico na América Latina, que os sociólogos do desenvolvimento não estavam conceitualmente em condições de prever.*

(...) *a distorção da realidade tem, afinal, seu preço...colocar boa parte das estruturas científico-acadêmicas das ciências sociais, criadas nos últimos anos, a serviço mais direto dos projetos militares de “defesa da segurança” no hemisfério. A tentativa não significava outra coisa que transladar para a América Latina um dos aspectos do modo de produção de conhecimentos nos Estados Unidos...*

Um livro importante trabalhado nessa tese é: Noam Chomsky, **Camelot os anos Kennedy**, op. cit.

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*, p. 221.

Verón sintetiza as **relações entre realidade→ ciência→ política** destacando a importância da política nas mudanças da produção científica na América Latina dos anos 1960, assim com o princípio geral de correspondência entre realidade e pensamento, sem o qual experimenta-se a corrosão das estruturas conceituais construídas. A sociologia *desenvolvimentista* e suas proposições funcionalistas fracassaram na implementação de modelos na América Latina, porque não consideraram elementos essenciais das *formações sociais* latino-americanas.

Os esquemas mecânicos de interpretação que caracterizavam a história como a passagem linear do *tradicionalismo* à *modernidade* resultaram rudimentares para explicar a complexidade histórica, cultural, social e política do subcontinente. Os discursos explicativos, retóricos, de perspectiva *desenvolvimentista* chocaram com a realidade de exploração sistemática dos recursos naturais da região. O projeto capitalista estadunidense implementado na região sustentava-se na superexploração da força-de-trabalho, no controle militar direto ou indireto, na estruturação de formas políticas autoritárias e na circulação festiva do capital especulativo<sup>94</sup>.

Nesse contexto histórico, a participação política de Eliseo Verón esteve restrita aos apontamentos acerca da problemática de produção de conhecimentos em sociedades *dependentes*, sem ter nenhum tipo de militância comprometida com mudanças estruturais da sociedade. O posicionamento de Verón a respeito da *práxis política*, do exercício da *cidadania científica*, era redutor das possibilidades de interpenetração entre a dimensão científica e

<sup>94</sup> Noam Chomsky, **Camelot/ os anos Kennedy**, op. cit., p. 19: *Cada era da história humana, argumentou Adam Smith com certa justiça, revela as aplicações da “máxima vil dos mestres da humanidade”: “Tudo para nós, nada para os outros”. No segundo milênio de conquista europeia, os “mestres da humanidade” são os empresários -guerreiros da Europa, os industriais e financistas que seguiram sua trilha, as corporações supranacionais, e as instituições financeiras (que estão criando o que a imprensa de negócios chama agora de “nova era imperial” e as várias formas de poder estatal que têm sido mobilizadas para servir a seus interesses. O processo continua hoje, quando novas formas de governo se unem para atender os interesses dos grandes num “governo mundial de fato”: o FMI, o Banco Mundial, o Grupo dos Sete, o GATT e outros acordos executivos: James Morgan, principal artigo, “Weehend FT”, Financial Times, Londres, 25/26 de abril de 1992.*

Idem, ibidem, p. 20: *Em grande medida, a deterioração das condições de vida no hemisfério Sul pode ser atribuída às políticas neoliberais impostas pelo “governo mundial de fato” enquanto o mundo industrial buscava o caminho oposto tornando-se cada vez mais protecionista (de modo destacado a América Reagan), ainda que atrelado à linguagem bombástica do livro mercado.*

a dimensão política; e certo sentido concordava com Carlos Fuentes: “*Nossas sociedades não querem testemunhos, e todo ato de linguagem verdadeiro é em si revolucionário*”<sup>95</sup>. Mas suas argumentações teóricas mais estruturadas negavam a possibilidade de uma participação revolucionária por meio da produção de conhecimentos:

Em nossa sociedade, a práxis científica e a práxis política estão **objetivamente dissociadas**, e se estamos interessados em nos inserir em uma práxis política revolucionária, **não é através da atividade científica que se pode dar essa inserção**. Se a possibilidade de essa inserção existe, está em outra parte.<sup>96</sup> [destaques meus]

Essa citação é decisiva para compreender o posicionamento político do autor; de fato, era profundamente cético sobre a possibilidade concreta de realização de um projeto transformador na América Latina. Qualificava as tentativas dos intelectuais da *esquerdas*, que defendiam a necessidade de uma vinculação entre produção de conhecimentos e atividade política, como uma “*convergência imaginária*”. Dessa forma, ele negava completamente o valor dos pensamentos produzidos nas vertentes políticas do pensamento crítico, como expressões estratégicas de conhecimento para a transformação da realidade social.

O *formalismo* de Verón era explícito:

Tudo depende de como se jogue o fermento ideológico em relação à atividade do conhecimento científico. **Neste ponto a opção a meu ver é perfeitamente clara: ou se aceitam ou se recusam as regras do jogo da ciência, entendidas como regras formais, normas de procedimento que nada dizem sobre os conteúdos**.<sup>97</sup> [destaques meus]

---

<sup>95</sup> Eliseo Verón. “*As ideologias estão entre nós*”, op. cit., p.234.

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p. 233.

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*, p. 232.



As regras do jogo ficam, desse modo, separadas das teorias e afirmam uma estrutura metodológica *cientificista*, que supõe possível a existência de um sistema formal organizador das práticas, normativo dos processos, e garantidor da descoberta da verdade<sup>98</sup>. A influência do *estruturalismo* e do *positivismo* em Verón era evidente nessas proposições. **O autor acreditava, nessa época, na possibilidade de construir uma teoria e uma ciência formal da comunicação com embasamento cibernético e lógico-formal.**

## O cientista e suas formulações

Os caminhos de produção de conhecimentos por meio de lógicas *paraconsistentes* não são parte do pensamento de Verón. A ciência continuava sendo, nas suas propostas, uma espécie de máquina-social produtora de verdades livres da “contaminação” da sensibilidade, dos sonhos, e da procura exploratória de fundamentos teórico-metodológicos. *As estruturas cognitivas* eram, nessa ótica, um produto do domínio dos jogos, dos esquemas, das normas, dos procedimentos técnicos de controle da pesquisa. **Para Eliseo Verón formalizar as propostas em esquemas era uma questão-chave do seu estilo. Os diagramas, relações, estruturas, sistemas, componentes, operações e inferências, tinham um papel fundamental no seu modelo de raciocínio.** Para o autor era basilar *construir modelos*, o quadro teórico de apoio era secundário:

“(...) porque as referências livrescas ou acadêmicas -devo confessá-lo- não são muito mais que **pretextos** que servem de apoio para a elaboração de certos conceitos”.<sup>99</sup>  
[destaques meus]

<sup>98</sup> Jürgen Habermas, **Teoría de la acción comunicativa**, Tomo I “*Racionalidad de la acción y racionalización social*”, Madrid, Taurus, 1988, p. 99: (...) *El debate mantenido en Inglaterra acerca de la racionalidad sugiere, como conclusión, que a la comprensión moderna del mundo le subyacen ciertamente estructuras universales de racionalidad, pero que las sociedades occidentales modernas fomentan una comprensión distorsionada de la racionalidad, centrada en los aspectos cognitivo-instrumentales y, en ese sentido, solo particular(...)* [destaques meus].

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

A pesquisa empírica, para Eliseo Verón, era um elemento essencial de sua concepção acerca da produção de conhecimentos; a construção do seu raciocínio estava organizada e motivada pela análise dos materiais empíricos em comunicação. Émile Durkheim, Max Weber, Talcon Parsons, Lévi-Strauss e Karl Marx eram, segundo sua afirmação, pretextos para fabricar seus conceitos.

Ao estudar essas proposições, elaboradas pelo autor nos anos 1960, comprova-se como estava presente nele uma linha cético-pragmática do fazer intelectual. **Ceticismo sistemático** com respeito a procedimentos próprios da ciência política; para Verón, com efeito, o cientista político é um contrassenso; os caminhos artísticos de forma alguma poderiam produzir conhecimento. O *formalismo* era onipresente no seu trabalho, para compreendê-lo é importante situar sua formação filosófica na UBA dos anos 1950; logo a seguir seus estágios como auxiliar de pesquisa de Gino Germani, no campo da sociologia empírica de tipo *funcionalista* norte-americana; imediatamente, sua passagem pelo laboratório de antropologia social de Lévi-Strauss, com a força que o *estruturalismo* teve nos anos 1950, 1960 e 1970, deixou uma marca importante em Verón. A continuação, sua inserção no projeto semiológico francês com intenso tom *estruturalista*. Sua aproximação ao *materialismo histórico* foi pela *mediação* do modelo de Louis Althusser, também de caráter *estruturalista*. Todos esses referentes metodológicos carregam uma forte dose de *formalismo argumentativo*.

Por outra parte, na época, as formulações de Charles Sanders Peirce, Norbert Wiener e Claude Shannon, que constituem outros *paradigmas de produção* na concepção de Eliseo Verón, também apresentam essas características formais.

Desse modo, o pensamento do autor estava longe das concepções e métodos existenciais, fenomenológicos, culturais, políticos, genealógicos, construtivistas de produção de conhecimento. Os saberes das culturas populares, considerados por um José Martí, um Antonio Gramsci, um José Carlos Mariátegui, um Mikhail Bakhtin, um Walter Benjamin, um Paulo Freire ou um Michel de Certeau, não tinham aceitação e reconhecimento no pensamento de Verón. Seu estilo era cartesiano, no sentido de considerar um método formal como garantia de obtenção de verdades. Seus pensamentos são orientados num sentido de ação eficiente, seu *pragmatismo*, o dirigia para proposições que procurassem um objetivo útil; e orientavam para considerações sobre a experiência humana do cientista, como *suporte estrutural* para a aplicação das “fórmulas corretas”.

## Fundações: a ciência como processo de configuração discursiva

Uma contribuição importante de Verón para a dimensão epistemológica é sua concepção de produção de conhecimentos concebida como *fundações*<sup>100</sup>. Verón estruturou seus esquemas interpretativos apropriando-se das (nomeadas) *fundações* da linguística: Ferdinand de Saussure e o *Course de Linguistique Générale* e as teorias de Noam Chomsky sobre o caráter biológico da linguagem.

Para Verón era importante considerar a produção de conhecimentos como parte de um *sistema produtivo instituído*:

(...) La noción de “ciencia” o de “actividad científica” designa un conjunto de instituciones y sistemas de acciones y de normas (lo que llamamos un **sistema productivo**), que se encuentra en el interior de lo social. Es por ello que la noción de “ciencia” puede ser asociada a la de un **tipo de discurso**: el reconocido socialmente como discurso producido por estas instituciones.<sup>101</sup> [destaques meus]

O discurso científico, nessa definição, estaria restrito à produção realizada pelas instituições especializadas que estabelecem um sistema de

<sup>100</sup> As propostas sobre a *teoria das fundações* foram feitas em 1975 como uma resposta à corrente da *ruptura epistemológica* e às tendências da *continuidade acumulativa de conhecimentos*. Verón formula uma alternativa que procura resolver a problemática da produção de saberes na perspectiva discursiva. No Brasil o texto sobre *fundações* foi publicado pela Edusp-Cultrix em 1980 como parte do livro **A produção de sentido**. A importância que o autor deu a essas formulações é constatada na inserção deste texto no livro **La semiosis social/ fragmentos de una teoría de la discursividad**, editado em espanhol pela Gedisa em 1996. Nessa obra o autor recolhe os textos considerados fundamentais na sua produção de dez anos (1975-1985), que corresponde à segunda década de sua inserção no campo da comunicação social ocorrida em 1965.

<sup>101</sup> Eliseo Verón, “**Fundaciones**”, **La semiosis social...**, op. cit., p. 16. Na edição brasileira de “**Fundações**”, **A produção de sentido**, op. cit., p. 104 esta proposta está escrita da seguinte forma: (...) A noção de “ciência” ou de “atividade científica” é uma noção que tem um referente concreto no real: ela designa um conjunto de instituições e de sistemas de ações e de normas que se descobre no do social (o que chamamos um **sistema produtivo**). É por essa razão que a noção de “ciência” pode ser associada à noção de um **tipo de discurso**: o que é socialmente reconhecido como o discurso produzido por essas instituições.

ações e normas. Os saberes não normatizados, não institucionais ficariam fora de uma definição científica, e constituiriam produtos de outro tipo. Para Verón era fundamental o reconhecimento social da comunidade científica, formal, o cumprimento de normas, ou seja, a inserção num sistema especializado.

Em sentido contrário questionamos: Como explicar os conhecimentos filosóficos, linguísticos e de teoria cultural elaborados por um **Mikhail Bakhtin** fora do circuito reconhecido pela sociedade de sua época, e quebrando as normas e sistemas estabelecidos. De que maneira compreender as descobertas de **Galileu Galilei**, feitas em confronto com o conhecimento oficial do seu tempo. Como classificar as formulações de **Joseph Dietzgen** que, apesar das limitações pertinentes à vida de um trabalhador manual, chegou a construir, paralelamente a Marx, os conhecimentos alcançados por esse em **economia política**<sup>102</sup>. Na América Latina é especialmente fértil a produção de conhecimentos fora do circuito oficial, institucional, formal de atividade intelectual. Filósofos, estrategistas militares, pedagogos, estetas, cientistas políticos, antropólogos, psicólogos e pensadores de todas as áreas do conhecimento elaboraram importantes contribuições para o saber social fora da cultura oficial.

Não obstante, ao retomar a lógica de Verón sobre a produção de conhecimentos, há que considerar sua operação epistemológica-chave para fundamen-

---

<sup>102</sup> Polanyi, que antecipa algumas das ideias de Kuhn (o convencionalismo, a importância da comunidade científica) e de Bourdieu (a noção de campo), submete a uma crítica radical a concepção objetivista e positivista das ciências naturais, e o modo como o faz aproxima o seu estatuto epistemológico do das ciências sociais. Segundo ele, **o conhecimento das ciências naturais não se pode distinguir em termos absolutos do conhecimento vulgar do senso comum: “Os métodos pelos quais confirmamos os fatos na vida quotidiana são logicamente anteriores às premissas específicas da ciência e devem por isso ser incluídos numa descrição completa delas”** (POLANYI, Michael (1962), **Personal Knowledge**, Chicago, University of Chicago Press, p. 161): in Boaventura de Souza Santos, **Introdução a uma ciência pós-moderna**, op. cit., p. 60. [destaques meus].

Nessa mesma linha de pensamento Orlando Fals Borda aponta referindo-se ao conhecimento formal: No entanto, esse nível reconhece uma **dimensão antiga e válida da atividade científica e cultural** que avançou e continua a avançar para **fora dos canais acadêmicos institucionais e governamentais** e que, pelo contrário, tem se constituído em um fator ou estímulo construtivo, em criatividade e inovação mesmo dentro das instituições estabelecidas que têm sido desafiadas. (NOWOTNY, Helga; ROSE, Hilary (eds.). **Counter-Movements in the Sciences**. D. Reidel Publishing Co., Dordrecht (Holland), 1979, in Carlos Rodrigues Brandão, **Pesquisa participante**, São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 45.

tar essa atividade: **a ciência como um “tipo de discurso”**<sup>103</sup>; e, por meio desse recurso, construiu um *modelo de análise* sobre a fabricação de pensamentos baseado no estudo *formal dos discursos*; mediante a estruturação de uma série de *componentes, operadores, esquemas e modelos*, que permitiriam pensar e avaliar a produção científica de maneira sistemática.

Seu interesse voltou-se para o que chamou de **processo de produção dos discursos**, processo esse em que seria crucial **descrever as chamadas operações discursivas**. Além dos níveis de significação formais da *sintaxe, semântica e pragmática*, Verón formula uma questão decisiva:

Parece-me que o princípio teórico mais importante é o seguinte: não se pode descrever o processo de produção de um discurso ou de um tipo de discurso, a não ser relacionando-o com um conjunto de hipóteses referentes a elementos **extratextuais**. Por outras palavras, não se pode definir o nível de pertinência de uma leitura do **processo de produção** de um discurso, a não ser relacionando-o às suas **condições de produção**.<sup>104</sup> [destaques meus]

O texto, desse modo, deixa de ser algo intrínseco, explicável por si mesmo; na concepção de Verón ele tornou-se um produto social-histórico, fabricado em razão de uma série de elementos que participam decisivamente na sua constituição; entre estes, os mais importantes para o autor são os *outros textos* que formam parte de suas condições de produção.

No caso da comunicação e das outras ciências sociais é importante definir, em acordo com Verón e a tradição socio discursiva, a ciência como um *tipo discurso*<sup>105</sup>, estabelecendo, assim, um modelo de percurso de estudo sistemático

<sup>103</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social*, op. cit., p. 16.

<sup>104</sup> Idem, *“Fundações”*, in **A produção de sentido**, op. cit., p. 106; in **La semiosis social...**, op. cit., p. 18.

<sup>105</sup> *No ensaio “Semiótica do discurso científico”, Greimas propõe a aplicação das estruturas narrativas ao estudo do discurso científico em Ciências Sociais tais como são inferidas do discurso literário; o objetivo é dar conta da dinâmica do processo de produção e de transferência do saber científico. O discurso científico é então considerado uma “aventura cognitiva”, ou seja, a narrativa da busca que realiza o sujeito discursivo, de um objeto de valor, no caso, de um certo saber:* in Ma. Immacolata Vassallo de Lopes, **Pesquisa em comunicação/Formulação de um modelo metodológico**, p. 100. O texto de Greimas é citado pela autora do livro **Semiótica do discurso científico, da modalidade**, São Paulo, Difel/Sbpl, 1976

co. É pertinente apontar duas questões importantes nessa linha de pesquisa: a **multiplicidade de leituras e a heterogeneidade do pacote textual**<sup>106</sup>. Sem essas considerações, não seria possível afirmar a da **prevalência da recepção** como ponto de partida das análises descritivas acerca dos discursos sociais<sup>107</sup>.

O trabalho do pesquisador, do cientista, do teórico era concebido, num primeiro momento, como uma atividade de *recepção dos discursos existentes*, que estabeleceram marcas e traços importantes na perspectiva do pensador que participa no processo de produção de sentido. Para desenvolver seu raciocínio, Verón adotou da linguística as proposições de *gramática da produção* e de *gramática do reconhecimento*. Essas proposições representariam os dois momentos principais de todo o conjunto de textos; e considerar as diferenças entre *produção* e *reconhecimento* permitiu-lhe evitar deformações dogmáticas, afirmações de “verdade absoluta” e de “conhecimento total”, que teriam validade numa concepção que confunda a *estrutura textual* e suas *leituras*, que não compreenda as diferenças substanciais entre esses dois tipos de estratégias e momentos.

Para aprofundar sua reflexão sobre essa problemática, Verón formulou a questão da **história do texto**:

(...) a história de um texto ou de um conjunto de textos consiste **num processo de alterações sistemáticas, ao longo do tempo histórico, do sistema das relações entre “gramática” de produção e “gramática” de reconhecimento**.<sup>108</sup> [destaques meus]

<sup>106</sup> Idem, **A produção de sentido**, op. cit., p. 107: *Essa noção de texto não pressupõe qualquer princípio de unidade ou de homogeneidade de tal objeto, muito pelo contrário, um “feixe textual” qualquer, descoberto no social, é, deste ponto de vista, lugar de manifestação de uma multiplicidade de traços decorrentes de diferentes ordens de determinação.*

<sup>107</sup> Idem, **La semiosis social**, op. cit., p. 19.

<sup>108</sup> Idem, **A produção de sentido**, op. cit., p. 109.

Idem, **Semiosis de lo ideológico y del Poder/ la mediatización**, Buenos Aires, Oficina de Publicaciones del CBC-UBA, 1997, p. 19: *En la red infinita de la producción del sentido, toda gramática de producción puede considerarse como resultado de condiciones de reconocimiento determinadas, y una gramática de reconocimiento no puede sino atestiguar bajo la forma de un proceso de producción textual determinado: tal la forma de la red de la producción social en la historia. El término <<determinado>> es aquí decisivo: pues estas gramáticas no expresan propiedades <<en si>> de los textos; más bien, ensayan representar las relaciones de un texto o de un conjunto de textos con su <<otredad>>, con su sistema productivo (social). Y esse último es necesariamente histórico* [destaques meus].

O autor inseriu na sua análise elementos importantes de uma concepção *não formal*, a categoria de *história* é colocada numa posição privilegiada para compreender um conjunto de textos; simultaneamente introduziu um *tipo* de processo: *o tempo histórico*, diferenciado do tempo lógico, por exemplo. Reafirmou a importância do *extratextual*, que no seu raciocínio, da época, correspondia às *condições de produção* gerais: sociais, culturais, institucionais, políticas etc. As *relações* entre produção e reconhecimento seriam, assim, partes importantes da *história do texto*. A influência do *materialismo histórico* nessas proposições centrais do autor era inegável; ainda que depois considerasse essa aproximação negativamente, e não realizasse uma autocrítica consistente de sua etapa “*marxóide*”<sup>109</sup>. *Condições de produção históricas; circulação social* dos textos; *relações de produção*, como elementos essenciais na *produção de sentido; formação social; ideologia e superestrutura* têm uma significativa influência *materialista histórica* na concepção de Verón, apesar das distâncias que ele, depois, tentou estabelecer<sup>110</sup>.

<sup>109</sup> Conforme entrevista com o autor que realizei em Buenos Aires, 26 de agosto de 1998, como parte da pesquisa desta tese. O termo “*marxóide*” foi utilizado por Verón para caracterizar sua aproximação ao *marxismo*. Considero sua análise coerente, porque se bem incorporou elementos importantes do modelo marxista nas suas reflexões teórico-metodológicas, em nenhum momento, pelo menos nas suas fundamentações teóricas, definiu-se como um autor desse paradigma de pensamento. Por outro lado, penso que o autor não elaborou uma análise reflexiva sobre como as marcas do marxismo estão presentes nas *condições de produção* dos seus argumentos centrais sobre *fundações, sociologia e antropologia* críticas.

<sup>110</sup> Como um dos exemplos demonstrativos desse traço marxista está o seguinte texto: *Essa prática social consistente na produção de discursos que se supõe descrevam e expliquem o real e na qual pode-se produzir o efeito de sentido chamado “conhecimento científico” é inseparável, em sua emergência e em seu desenvolvimento, da história de um tipo de formação social: daquela cujo fundamento é o modo de produção capitalista. Ora, sabemos que a história das formações sociais capitalistas é a história da luta de classes. A conclusão é inevitável: se os discursos das ciências estão submetidos a determinadas condições de produção, isso não pode significar outra coisa senão o seguinte: os discursos das ciências são marcados pela luta de classes. É esta marca” que eu chamo de ideológico-no-discurso-das-ciências* [grifos do autor]: Eliseo Verón, **A produção de sentido**, op. cit., p. 110. Esse parágrafo foi apagado na reedição castelhana de **Fundações** (p. 22 depois do segundo parágrafo) sem nenhuma nota de rodapé ou anotação. **Mudou um elemento da definição** de *ideologia* sem realizar as operações discursivas necessárias para sustentá-lo.

## Ideologia: acionadora da cientificidade

Nessa linha de influência, um conceito trabalhado pelo autor com insistência e sistematicidade, singulares, foi o de **ideologia**; suas argumentações a respeito contribuíram indubitavelmente para a construção de uma compreensão mais afinada sobre essa problemática:

(...) o ideológico não é o nome de um **tipo** de discurso, mas de uma **dimensão** dos discursos socialmente determinados; se preferem, é o nome de uma leitura que é sempre possível fazer de qualquer discurso socialmente determinado (portanto, também, do discurso das ciências).

(...) Em que consiste esta “dimensão”? Ela não alude senão ao conjunto de determinações sociais que **marcaram** os discursos. A tal nível de análise, por conseguinte, **“ideológico” é o nome do sistema de relações entre os discursos e suas condições de produção**, sendo estas últimas definidas no contexto da teoria das formações sociais.<sup>111</sup> [destaques meus]

As **condições de produção** que em 1975 estavam definidas pela “*teoria das formações sociais*”, e que continuaram formuladas assim, também, nas edições brasileiras de 1980, *mudam de definição* em *La semiosis social*:

¿En qué consiste esta “dimensión”? Concieme al conjunto de determinaciones sociales que han **marcado** los discursos. En ese nivel de análisis, en consecuencia, **“ideológico” es el nombre del sistema de relaciones entre los discursos y sus condiciones de producción**, siendo estos últimos definidos en el contexto de una sociedad determinada<sup>112</sup> [destaques meus]

---

<sup>111</sup> Eliseo Verón, “*Fundações*”, op. cit., pp. 109-110.

<sup>112</sup> Idem, “*Fundaciones*”, *La semiosis social...*, op. cit., p. 21; Idem, *Semiosis de lo ideológico y del poder/ la mediatización*, op. cit., p. 25: “*Lo ideológico es el nombre del sistema de relaciones entre un conjunto significativo dado y sus condiciones sociales de producción*”.



A *teoria das formações sociais* saiu da definição. O autor, ou qualquer leitura formal, poderia apontar que na primeira citação definem-se as *condições de produção* e na segunda os *discursos*. O fato é que temos um parágrafo em que se excluem e substituem elementos importantes; sabemos que o parágrafo constitui uma unidade argumentativa básica relacionada com o conjunto do texto; se ele mantém o mesmo formato e o mesmo conteúdo em quase toda sua extensão, não significa que não devam ser explicitadas as exclusões realizadas. Essas operações discursivas escondem mudanças substanciais de paradigma, e deslocamentos teórico-metodológicos que não são explicitados; portanto, produzem-se *efeitos ideológicos*<sup>113</sup>, que expressam procedimentos discursivos impróprios de um comportamento crítico aprofundado.

Eliseo Verón utiliza sua capacidade retórica para esconder o Verón de meados dos anos 1970. Por quê? Acaso excluir o *marxismo*, a *antropologia estrutural*, a *psicanálise* e outros paradigmas foi tão traumático?<sup>114</sup>. O Verón posterior tornou-se um cético profundo com respeito à possibilidade de explicações teórico-filosóficas gerais. Sua perspectiva com relação ao campo da comunicação social vislumbrava, nos anos 1980, a possibilidade de existência de uma *ciência autônoma da discursividade social*, a partir da ruptura de Chomsky com a linguística *estruturo-funcionalista*<sup>115</sup>, que Verón chama de *segunda fundação da linguística*.

Verón que me desculpe pela ousadia, mas seus modelos de reflexão epistêmica são muito úteis para analisar a sua própria produção. Nessa pers-

<sup>113</sup> Idem, **A produção de sentido**, op. cit., p. 112: *Ao contrário, o efeito de sentido que se pode chamar “ideológico” é precisamente a anulação de qualquer possibilidade de desdobramento: sob o efeito ideológico, o discurso surge como possuidor de uma relação direta, simples, linear com o real; por outras palavras: como sendo o único discurso possível sobre o objeto, como sendo absoluto.*

<sup>114</sup> Essa atitude de mudar conceitos fundamentais num mesmo texto é criticada pelo próprio Verón na 3a. ed. de **Conducta, estructura y comunicación**, 3ª. ed., Buenos Aires, Ed. Amorrortu, 1996, p. 10: *Naturalmente, para que ese juego entre flashback y feedback tenga algún interés, una condición fundamental es que los textos no hayan sido re-escritos en oportunidad de cada re-edición, porque en ese caso la modificación del sentido del que son portadores sería una banalidad, o inclusive una trampa.* [destaques meus].

E óbvio que entre a publicação de *“Fundações”* (São Paulo: 1981) e o mesmo texto inserido em **La semiosis social** existem modificações que não são mínimas, nem na forma.

<sup>115</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social**, op. cit., p. 9.

pectiva utilizarei o critério de *efeito de cientificidade*<sup>116</sup>, quer dizer, a capacidade de um discurso de autoanalisar-se, para apontar seguidamente sua limitada presença no comportamento de Verón a partir de meados da década de 1980.

Em **La semiosis social** Verón recolheu uma série de textos produzidos durante a década, 1975-1985, os quais considera expressivos de seu trabalho teórico durante o período -entre eles encontra-se “*Fundações*”. O texto analisado nessa argumentação corresponde à primeira reimpressão em castelhano de 1996 (original em francês, 1988: *La sémiotica social. Fragmentos d’une théorie de la discursividade*, Paris, Presses Universitaires de Vincennes, 230 pp.). O fato de Verón ter organizado e reeditado esses textos em várias ocasiões expressa a importância que eles tiveram para o autor. E, portanto, merece consideração estudá-los detidamente, tanto por suas características teórico-metodológicas quanto pela significação comprovada para seu produtor.

*Fundações* pretende sair do que identifica como a *lógica da ruptura* e a *lógica da continuidade*, romper com a dicotomia *ciência/ideologia* e caracterizar a ciência como um processo de produção discursiva. O **efeito de cientificidade** permitiria o **desdobramento** do discurso, ao tematizar-se a si próprio e ao abrir-se para a compreensão das relações desse discurso com o real. Reflete, por conseguinte, acerca de suas próprias condições de produção, e a respeito do objeto que estuda.

Analisemos de maneira mais detalhada o *efeito de cientificidade*, no pensamento de Verón:

A modalidade com que assinalamos a afirmação à cientificidade nos discursos produzidos pelas ciências parece-nos crucial: o efeito de conhecimento que chamamos “cientificidade” pode aparecer nos discursos que são o produto da prática dita científica: mais aí não aparece, seja de

---

<sup>116</sup> Idem, **A produção de sentido**, op. cit., p. 112: *Direi portanto que o efeito de sentido chamado “cientificidade” pode produzir-se quando um discurso que se supõe descrever um domínio do real, discurso submetido a determinadas condições de produção, tematiza-se a si próprio como se estivesse, precisamente, submetido a determinadas condições de produção. Está claro, portanto que tal propriedade definidora da cientificidade de um discurso (portanto, do “conhecimento científico”) consiste em instaurar um desdobramento nas relações do discurso com o extradiscursivo. A cientificidade nada mais é do que uma relação do discurso com sua relação com o real.*

modo fatal, seja de modo necessário. Por outras palavras: **seria ingênuo acreditar que todo discurso produzido pelos “sábios” seja conhecimento científico (longe disso). Pelo contrário, o efeito de sentido “cientificidade” pode aparecer em discursos que não tenham sido produzidos pelo sistema produtivo das ciências.** <sup>117</sup>

Esse reconhecimento sobre a produção de conhecimento científico fora das instituições, normas e comunidades oficiais foi mantido por Verón em *La semiosis social* (1996) sem alterações, o que reafirma suas tendências (**as tendências contrárias, como vimos, também estão presentes nele**) de caráter não *formalista* e *aberto*. Na prática concreta seu reconhecimento da possibilidade de produzir saberes fora das academias, institutos de pesquisa, universidades e comunidades de cientistas voltou-se para a produção de conhecimentos para o *mercado*, concentrando-se nessa área de produção a partir de 1983.

A proposta de Eliseo Verón sobre a *ideologia* é importantíssima para o campo da comunicação, porque aprofunda questões sobre a problemática ideológica vinculadas com nossa área: **conceber o efeito ideológico como efeito de sentido, como relação presente em toda produção de sentido. Definir a ideologia como uma dimensão** e não como um *tipo* de discurso permite compreender como **os traços do sistema produtivo estão presentes nos discursos sociais**. Por conseguinte, **as marcas da realidade histórico-social e do contexto cultural impregnam todo tipo de argumento, inclusive o da ciência**.

Um dos méritos de Verón foi sua capacidade para lidar com proposições paradoxais. Desse modo, conseguia expressar elementos de *formalismo* e *cientificismo*, que percebemos em alguns dos seus juízos com anterioridade; e, em outros momentos, era capaz de questionar essas definições com proposições afinadas, como sua apurada definição de *ideologia*.

Em *Fundações* o conceito de *ideologia* alcança um nível de elaboração que permite esclarecer os vínculos da *estrutura ideológica* com o real; porque é, segundo Verón, por meio da *dimensão ideológica* que descobrimos as condições históricas e socioculturais dos discursos. **As marcas de realidade** presentes em todo conjunto de enunciados nos permitem analisá-las por meio da dimensão ideológica.

<sup>117</sup> Idem, *ibidem*, p. 111.

O **discurso científico** em sua capacidade de desdobrar-se, de distanciar-se de si mesmo, de explicitar suas condições de produção, de caracterizar seus traços internos e as relações com sua problemática precisa da *dimensão* que relaciona seu discurso com o real, quer dizer necessita da **ideologia**: **“Por outras palavras: num discurso, é o desvendamento (sic) de seu sistema ideológico que lhe produz a cientificidade”**<sup>118</sup>.

A maioria dos discursos são construídos sem levar em conta a sua própria estrutura e procedimentos de montagem. O *discurso científico* é aquele que, além de descobrir elementos sobre a realidade, efetua uma análise de seus próprios procedimentos e produz conhecimentos metódicos acerca das estratégias, dos caminhos, das alternativas, das misturas, dos percursos que devem ser seguidos para alcançar um conhecimento.

Estes **postulados construídos pela filosofia das ciências, a epistemologia, a metodologia e a gnosiologia são reformulados por Eliseo Verón** na sua reflexão sobre as relações entre **ciência e ideologia**. A audácia e o mérito do autor, nesse sentido, estavam na sua argumentação sobre o **importante papel da ideologia na produção de conhecimentos científicos**. As marcas históricas das *condições de produção* dos discursos, presentes em todo tipo de enunciados, devem ser consideradas como um elemento valioso da produção científica: **“(...) lo ideológico es el nombre de las condiciones que hacen posible el conocimiento”**<sup>119</sup>.

## Fundações

A hipótese sobre o aparecimento de um **conjunto de obras cruciais**, que estabelecem, num determinado campo do real, uma prática de produção de conhecimentos foi uma contribuição importante de Eliseo Verón para a constituição de saberes em comunicação. De acordo com sua argumentação, uma *‘fundação’*:

- 1) **Não tem a unidade de um acontecimento –, é um processo** e não um acontecimento singular;

<sup>118</sup> Idem, ibidem, p. 115. Em espanhol: **“En otras palabras: en un discurso, es la exhibición de su ideológico lo que produce la cientificidad”**, in E. Verón (1996), **La semiosis social**, p. 25.

<sup>119</sup> Idem, **La semiosis social**, op. cit., p. 25.

- 2) **Não tem a unidade de um ato**, cuja fonte seria um agente humano singularizado-, portanto **não tem sujeito**;  
 3) **Não tem a unidade de um lugar** ou de um espaço (mesmo textual) -, portanto **é inútil buscá-lo “em alguma parte”**.<sup>120</sup> [destaques meus]

Esses pressupostos do autor foram uma reviravolta radical em relação às correntes conservadoras da *história das ciências*; é muito difícil conceber que uma *fundação* não teve tempo, nem lugar, nem sujeito fundador. A proposição de Verón procurou conciliar a complexidade histórica da conformação de um campo de conhecimentos, que para nós, pesquisadores em comunicação, constitui um problema concreto, atual, pertinente e valioso, uma vez que os esquemas formais acerca da configuração de um campo científico chocam com uma realidade heterodoxa, heterogênea, dinâmica e miscigenada. Nesse sentido, os ensinamentos sobre a instauração do campo de estudos em comunicação pelos “pais fundadores” Lasswell, Lazarsfeld, Hovland e Levin resultam primários; as limitações de seus fundamentos teóricos, e a precariedade de suas formulações metodológicas, tornam insustentável uma argumentação ao seu favor. O problema de fundo não é com respeito a esses autores, a questão é que somos parte de um **processo de configuração**, numa época em que os **modelos acabados não têm pertinência científica**; portanto, as diferentes correntes, tendências, escolas, autores e linhas de pesquisa representam apenas um elemento mais do conjunto teórico-metodológico em construção.

Na perspectiva discursiva a proposição sobre *fundações tornou-se* interessante para ser trabalhada, porque se inseria num modelo histórico, de **concepção aberta, sobre a produção de saberes**, que tentou explicar o porquê certo conjunto de obras, ou de autores, se transformaram em núcleo central de uma *fundação*. Nessa linha, uma primeira questão enunciada por Verón afirmava que: “(...) a resposta à questão do **porquê do começo não se encontra no discurso; são as condições de produção dos discursos que contêm a resposta**”<sup>121</sup> [destaques meus].

Como sabemos, para o autor, essas condições não são simplesmente as *materiais*; no caso do discurso científico são principalmente ideologias, dado que geram um determinado modelo de explicação sobre um aspecto

<sup>120</sup> Idem, *ibidem*, p. 116.

<sup>121</sup> Idem, “*Fundações*”, **A produção de sentido**, op. cit., p. 118; **La semiosis social...**, op. cit., p. 29.

da realidade. As ciências humanas, na análise de Verón, são o resultado do avanço do *capitalismo* e essencialmente da ideologia *positivista* que ele tornou possível. Uma conjuntura de mudanças históricas radicais, de revolução nas *formas de vida*, traria necessariamente a produção de explicações e modelos abstratos para tentar compreender esses fenômenos. Portanto, devemos explicar as *fundações* no processo histórico, e não na lógica interna dos discursos; estes não têm possibilidade alguma de explicar epistemologicamente o porquê de sua existência.

Uma segunda questão importante para explicar as fundações:

(...) é compreender que **a localização histórica de uma fundação é um produto do processo de reconhecimento.** Uma fundação é inseparável do reconhecimento retroativo, do qual com efeito ela decorreu. É sempre **a posteriori** que reconhecemos, numa dada região do passado, o começo ou o recomeço de uma ciência. **A questão é, portanto, saber quais as condições de produção desse efeito de reconhecimento que chamamos de fundação.**<sup>122</sup>

O processo de reconhecimento, no caso de uma *fundação*, na ótica de Verón, era um conjunto de **efeitos fortes e abrangentes de sentido.** Uma *fundação* expressa, assim, uma transcendência social que transforma um conjunto de textos num *corpus* necessário para as reflexões, debates, construções e reformulações de uma problemática. As sociedades científicas, os pensadores, as instituições, as comunidades de produção de conhecimentos *usam* as obras de um autor, de uma escola, de uma corrente, de um modelo por considerá-las importantes para a produção de saberes. Fundar, nessa perspectiva, é ser reconhecido.

Na realidade de uma área de estudo, de uma disciplina, de um campo existem vários textos reconhecidos como importantes, mas isso não significa que sejam textos de fundação. Como diferenciar esses discursos cruciais dos discursos importantes? Para responder esta pergunta, Verón formula a seguinte hipótese:

A questão decisiva é a seguinte: por que a consciência histórica se reporta a esse ou àquele texto e não a outros?

---

<sup>122</sup> Idem, “*Fundações*”, op. cit., p. 119.

Por que **Das Kapital** e o **Curso de Linguística Geral**? Os textos a que se reporta o reconhecimento têm propriedades particulares? Gostaria de sugerir que, ao tentar responder a esta pergunta, podemos explicar de modo simultâneo como são produzidas essas duas “leituras” opostas, essas duas teorias aparentemente inconciliáveis do reconhecimento, as quais, entretanto, alimentam-se uma e outra, da mesma ilusão necessária: o continuísmo e o descontinuísmo.

(...) Minha hipótese é que os textos de fundação ocupam uma posição particular no interior da rede, a saber, a que é caracterizada por uma **distância máxima** entre a produção e o reconhecimento.<sup>123</sup>

Com essa hipótese Verón alcançou um ponto culminante na sua crítica às correntes da *ruptura* e da *continuidade*<sup>124</sup>. Conseguiu combinar elementos importantes dessas duas concepções, mas sua reflexão está fora da lógica particular de cada uma delas. Concretamente, o autor fundamenta um modelo de construção de conhecimentos de **tipo histórico** em que uma **fundação é compreendida no processo histórico de produção de conhecimentos**; nesse processo existem textos que formam parte das *condições de produção* de um texto, constituindo-se num conjunto de *discursos de produção*. Segundo o modelo de Verón -que, cabe explicitar, é bastante adequado para um trabalho de reflexão epistêmica- existe um segundo conjunto de textos produzidos *a pos-*

<sup>123</sup> Idem, ibidem, p. 120; **Fundaciones**, op. cit., pp. 30-31. É importante apontar que Verón conservou para a publicação de 1996 a mesma definição realizada em 1975, o que demonstra o reconhecimento do autor para com seu produto da época; de fato a construção dessa hipótese é apurada e constitui uma contribuição importante de Verón para a reflexão epistemológica.

<sup>124</sup> Idem, **“Fundaciones”**, op. cit., p. 122: *Uma abordagem continuísta encara o texto por trás, por assim dizer (ou se preferirem, aplicando a metáfora em sentido contrário, ela se preocupa apenas com a frente dos textos). De maneira exclusiva, ela privilegia a instância da produção. Colocando-se em produção, uma abordagem continuísta, bem entendido, desconhece o caráter produtivo do processo, anedotizando o: procura “antecedentes”, “precursores”. Ficará sempre embaraçada para explicar como pode acontecer que haja novidade num texto de fundação. A teoria da “ruptura”, pelo contrário, coloca-se sempre (e somente) em reconhecimento. É, por conseguinte, muito sensível ao “novo”, o qual ela acredita estar contida nos textos de fundação. Mas, ao se limitar a ler os textos pela frente (vale dizer, tomando em consideração apenas o seu depois), o surgimento desse “novo” permanecerá fatalmente misterioso, uma espécie de emergência absoluta. Isso leva a teoria da “ruptura” a cair, malgrado suas pretensões “materialistas”, e como veremos daqui a pouco, no modelo biográfico, na anedota.*

*teriori*, que são os **discursos de reconhecimento** a respeito do texto. Este texto transforma-se num **texto-fundador** se, seguindo Verón, produz uma **distância máxima entre produção e reconhecimento**.

Pensemos nessa hipótese mediante um raciocínio paralelo: uma obra, um corpus que recolhe na sua produção um conjunto muito importante de discursos, que insere traços essenciais das problemáticas cruciais de uma época, que constrói uma argumentação afinada e, portanto, estrutura textos esmerados, estabelece uma condição potencial para ser reconhecida no futuro. Numa segunda fase, esse texto editado começa a circular, socializar-se, e provocam por razões históricas um reconhecimento amplo, que não pode ser explicado só pela sua qualidade interna, mas pelo conjunto de *condições culturais, políticas, históricas, econômicas e intelectuais*. A transcendência do texto fará com que ele tenha inúmeras edições, que seja publicado em várias línguas, que motive múltiplos debates e -um fator essencial para diferenciá-lo de um *best seller*- que **incentive a produção de outros textos de reconhecimento** por um **longo período de tempo** com base nos seus postulados. Reunidas todas essas condições estabelecer-se-ia uma **distância máxima** entre o conjunto de textos de produção e de reconhecimento, e provavelmente teremos um **texto de fundação**.

Na ótica de Verón é a transcendência social-científica, o reconhecimento dos pares, das comunidades de pensadores num campo ou numa disciplina que legitimam uma *fundação*. Desse modo, é a *recepção* do texto, suas leituras, suas críticas, suas interpretações, suas reformulações e seu reconhecimento que geram a *fundação*.

A crítica às correntes *continuístas* e de *ruptura* para explicar a produção das ciências é sintetizada pelo autor na seguinte proposta:

Impõe-se, conseqüentemente, mudar de nível teórico: a **noção de fundação designa os momentos de tensão** no interior da rede histórica da produção discursiva das ciências, os pontos onde o tecido da circulação histórica dos textos conhece suas **defasagens máximas**. Nem continuidade nem ruptura: o desenvolvimento das ciências, ao nível dos discursos que produzem, é marcado por fundações. **Uma fundação não é senão um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações**, relações que os discursos contraem com as condições que os sustentam



e explicam enquanto produtos de uma prática significante que se desenrola na História.<sup>125</sup> [destaques meus]

O problema com essa definição é que ela concebe o *sistema produtivo* da ciência, e as *relações* entre discursos de produção e discursos de reconhecimento como *relações* em que os sujeitos históricos, os autores, os cientistas, os pensadores simplesmente são *atravessados* pelos processos de produção. A herança do *estruturalismo* e do *determinismo* era evidente. Nessa argumentação a ação construtiva dos pesquisadores; a sua capacidade de *invenção*; a *história de vida* dos autores; as *mediações* micropolíticas, sociais e culturais; as características subjetivas, sua sensibilidade estética, sua persistência, seus valores e utopias, sua capacidade de sonhar eram elementos sem nenhuma importância para a ótica de Verón. Novamente percebemos a força da *lógica formal* e das *estruturas*, sejam estas discursivas, ideológicas, sociais ou políticas. O *determinismo* de certas condições de produção fará surgir, nessa concepção, necessariamente, textos de fundação. Observamos, assim, também, uma dose de *materialismo formal* que relega a participação dos sujeitos históricos do seu papel nas conjunturas decisivas da criação de conhecimento. Uma dialética aprofundada compreende que se bem o conhecimento é um processo sua *estruturação concreta não é só processo*<sup>126</sup>; existem momentos-chave de “*genialidade*” nos quais os conhecimentos fundamentais se concretizam.

Condições históricas adequadas potencializam a aparição de teorias e modelos, mas não são condição suficiente para obter resultados mecanica-

<sup>125</sup> Idem, ibidem, p. 122.; “*Fundaciones*”, op. cit., pp. 32-33.

<sup>126</sup> (...) *No pienses ni una sola vez en la comprensión como ‘proceso mental’! Pues ésa es la manera de hablar que te confunde. Pregúntate en cambio: en qué tipo de caso, bajo qué circunstancias, decimos <<Ahora sé seguir>>, quiero decir, cuando se me ha ocurrido la fórmula. - En el sentido en el que hay procesos (incluso procesos mentales) característicos de la comprensión, la comprensión no es un proceso mental.*

*(La disminución y el aumento de una sensación dolorosa, la audición de una melodía, de una oración: procesos mentales.: in Ludwig Wittgenstein, Investigaciones filosóficas, México, UNAM-Ed. Crítica, 1988, p. 155.*

Karl Popper: *Traço típico da linguagem humana é o de que favorece a narração e, pois, a imaginação criativa. A descoberta científica tem grande afinidade com a apresentação de estórias explicativas, com a formulação de mitos e com a imaginação poética. O desenvolvimento da imaginação acentua, é claro, a necessidade de certo controle, tal como, na ciência, a crítica interpessoal -amistosa e hostil cooperação entre cientistas, que se assenta, em parte, no desejo comum de chegar mais perto da verdade: Karl Popper, “A racionalidade das revoluções científicas”, in Harré, R. (org.), Problemas da revolução científica, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1976, p. 97.*

mente<sup>127</sup>. **No surgimento de *inventos* o acaso, a poesia, o momento, a vontade e a capacidade de sonhar também são importantes.**

A **compreensão**, de acordo com Wittgenstein, não é um processo mental; para refletir sobre ela é necessário perguntar-se: em que casos, em que circunstâncias ela se produz? **Compreender é ver conexões e elas são descobertas mediante processos mentais, mas o instante da compreensão, da descoberta, é um momento psicoistórico singular.**

Para aprofundar essa questão é importante lembrar, conforme a Wittgenstein, que a relação entre *pensamento* e *linguagem* não é articulada nem inarticulada<sup>128</sup>; os dois conceitos não são comparáveis, às vezes a fala e o pensamento vão acompanhados, outras não. Pode-se ler e enunciar palavras sem sentido, mas não se pode definir a fala como um processo sem sentido. **A intencionalidade, o sentimento e a lógica acompanham o discurso imaginativo, mas essa conexão não é parte de todo discurso; são fenômenos intimamente ligados, mas diferentes.**

Ao pensar na produção de conhecimento é importante lembrar um aspecto crucial de sua realização: a capacidade de *verificação* e *refutação* de hipóteses organizadas como *proposições gramaticais*. Segundo a perspectiva de Wittgenstein, muito pertinente a meu ver, essa capacidade depende do **uso**, do **contexto**, da **emotividade**<sup>129</sup>, das **circunstâncias** e do **sujeito**<sup>130</sup> [destaques meus].

<sup>127</sup> Karl Marx: *O concreto é o concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é, para o pensamento, um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto, igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstrata, pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento*; in Karl Marx, **Contribuição à crítica da economia política**, “O método na Economia política”, São Paulo, Martins Fontes, 1977, pp. 218-219.

<sup>128</sup> Ludwig Wittgenstein, *Investigaciones filosóficas*, op. cit., p. 155.

<sup>129</sup> Idem, ibidem, p. 519: <<**La autenticidad de la expresión no puede demostrarse; hay que sentirla**>>.

<sup>130</sup> Rudolf Haller, **Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões**, São Paulo, Edusp, 1990, p. 61. Ludwig Wittgenstein, op. cit., p. 519. Mario Bunge: *Em verdade, não existem tais receitas populares para investigar. O que existe é uma estratégia de investigação científica. Há também um sem-número de táticas ou métodos especiais característicos das diversas ciências e tecnologias particulares. Nenhuma dessas táticas é exaustiva e infalível. Não basta lê-las num manual; é preciso vivê-las para compreendê-las. E não dão resultado todas as vezes. Seu êxito depende não só da tática ou método, mas também da escolha do problema, dos meios (conceituais e empíricos) disponíveis e, em medida não menor, do talento do investigador. O método não supre o talento, apenas o ajuda. A pessoa de talento cria novos métodos, não ao inverso.* [destaques meus], in Mario Bunge, **Epistemologia**, São Paulo, T.A. Queiroz, 1980, p.34.

Uma *fundação*, que segundo Verón implicava um processo social de *reconhecimento* -de *consumo*- de leitura e seleção do texto ou conjunto de textos considerados fundadores. Não poderá ser um atravessar das *estruturas*, das *condições de produção*, das *marcas* das relações básicas da sociedade num *sujeito-depositário*. No meu entender ela é construída pelos sujeitos da história; especialmente no caso da produção de saberes, a participação humana é fundamental. Daí a afirmação de Verón: **“A noção de fundação não é do nível dos sujeitos concretos da história, e menos ainda do nível (mais abstrato) dos sujeitos enunciadores dos discursos”**<sup>131</sup>

É uma proposição polêmica, que a nosso ver confunde a interpretação dos processos de constituição de campos de saber ou de disciplinas, porque considera as produções cruciais como efeitos automáticos de um *sistema produtivo*. Os cientistas, nessa concepção, seriam uma espécie de peça ou elemento do *sistema* que necessariamente deveria produzir resultados previstos de acordo com a lógica que a *“história tem determinado”*.

Esse argumento, que nega a participação dos sujeitos históricos e dos pensadores como fatores importantes numa *fundação*, ignora, também, a importância das *formas de vida*, das *culturas* nos processos de cognição:

De fato, basta recordar o quanto esta “filosofia” e cultura popular têm feito pela civilização, desde os produtos agrícolas até as práticas medicinais e as ricas contribuições artísticas. Não é raro encontrar-se pessoas cultas que delas se apropriam e transformam o conhecimento ou a tecnologia e a arte popular, fazendo com que se mostrem como novas descobertas (...) Muitos importantes inventos mecânicos foram projetados com base na experiência rural, como foi o caso com muitas das invenções de Franklin, McCormack, Le Tourneau e os irmãos Wright. As interpretações newtonianas de Kant em sua **Crítica da Razão Pura** trazem a marca dessa racionalidade, que não era senão o senso comum de sua época. Galileu transmitiu em seu **De motu** uma teoria

<sup>131</sup> Eliseo Verón, *“Fundações”*, **A produção de sentido**, op. cit., pp. 124-125.

do movimento que era a expressão técnica da opinião comum que existia desde o século XV.<sup>132</sup>

Os saberes são fabricações humanas, são produtos que têm as marcas dos seus construtores; expressam (nesse aspecto concordo com Verón) traços do sistema produtivo social em que foram realizados, mas necessariamente dependem, também, do *talento*, da *imaginação*, da *genialidade* dos seus inventores.

Hanna Pitkin, nos seus argumentos a propósito do trabalho científico advogava sobre a necessidade de desenvolver a *capacidade imaginativa*, aquela que **vislumbra e esclare as múltiplas interconexões na configuração de um objeto**. A autora argumentava sobre como as confusões, próprias do discurso gramatical, não podem ser resolvidas, simplesmente, mediante *regras* ou *definições formais*. Para resolver o desarranjo é necessário construir uma **“perspectiva geral clara dos casos relevantes”**<sup>133</sup>. Nesse percurso, é indispensável distinguir a *autenticidade* das expressões cruciais, importantes, profundas da retórica superficial do *burocratismo-intelectual* e dos *fundamentalismos* de toda espécie. Para nós que trabalhamos com linguagem gramatical não existe alternativa, o postulado de Wittgenstein é inevitável: **“La autenticidad de la expresión no puede demostrarse; hay que sentirla”**<sup>134</sup>.

No campo da comunicação social esse postulado é um elemento central, constatado nas indagações do dia-a-dia, na pesquisa empírica e nas reflexões teóricas sobre os objetos investigados. Essa proposição, que constitui uma heresia para a *lógica formal*, é parte necessária de todo processo de construção de pensamentos sistemáticos, de redes conceituais, e de teorias que trabalham com o instrumental da linguagem articulada verbal.

Os argumentos, se bem seguem um percurso de coerência interna, de antecedentes e consequentes complexos numa dialética de interação de *causas* e *efeitos*, não têm a possibilidade de produzir demonstrações lógicas for-

---

<sup>132</sup> Orlando Fals Borda, *“Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular”*, in Carlos Rodrigues Brandão (org.), **Pesquisa participante**, op. cit., p. 48.

**Para ampliar estos pensamientos es interesante visitar: (MILLS, Wright, De hombres sociales y movimientos políticos, México, Siglo XXI, 1969, p. 111; FAYERABEND, P., Contra el método (Against Method), Barcelona, Península, 1974, p. 63 e p. 189)**

<sup>133</sup> Hanna Pitkin, **Wittgenstein: El lenguaje, la política y la justicia**, Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1984, p. 142.

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*, p. 519.

mais, como no caso da matemática. Sabemos, de acordo com Neurath<sup>135</sup>, que vários sistemas coerentes de hipóteses podem explicar uma mesma realidade; no caso das ciências sociais, esse postulado cria choques, fragmentações, confusões, conflitos e inúmeras interpretações acerca de uma mesma problemática. Juntar elementos de vários sistemas hipotéticos, interpenetrando suas essências e suas lógicas é um método que nas ciências sociais contemporâneas encontra-se ainda nos primórdios. A comunicação, como campo de conhecimento, é um filho desconhecido pela maioria dos cientistas sociais; eles falam de comunicação a partir de suas “disciplinas”, e pensam a comunicação como um tema, um item, um assunto particular da sua “ciência”. Por outro lado, os pesquisadores em comunicação têm uma forte influência empirista e profissionalizante que limita seus horizontes epistemológicos e conceituais; essas características embaralham o campo, dificultando a produção científica e a reflexão crítica sobre a problemática da comunicação social.

### ***Crítica da teoria dos atos da linguagem***

A crítica epistemológica de Eliseo Verón tem um dos seus pontos mais importantes no debate teórico-metodológico com a corrente *pragmática*, também conhecida como *teoria dos atos da linguagem*.

Uma primeira questão anômala, detectada por Verón nessa teoria, é a **confusão entre fazer e dizer, entre significar e fazer**. O autor argumenta acerca do que é fazer, observando que no uso das ciências humanas os conceitos relacionados com essa atividade sempre contêm a definição do *resultado* da ação<sup>136</sup>. Desse modo, existe uma relação necessária entre *fazer* e o seu *resultado*; nas atividades sociais **da ordem do fazer está definido previamente o resultado**, independentemente das intenções das pessoas que realizem a atividade. Entre essas atividades, Verón situa **os contratos, a fabricação de objetos, os batismos, as sentenças, os casamentos, as cerimônias** etc. que juntam a ação a um *resultado* previamente definido. Esses fenômenos são nomeados

<sup>135</sup> Rudolf Haller: *Os pontos centrais em que Neurath seguiu o passado de Duhem foram, primeiro, que mais de um sistema autoconsistente de hipóteses pode satisfazer um dado conjunto de fatos e, segundo, que qualquer teste de uma teoria refere-se “a uma rede completa de conceitos e não a conceitos que possam ser isolados”*: in Rudolf Haller, **Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões**, op. cit., p. 28.

<sup>136</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social/ fragmentos de una teoría de la discursividad**, op. cit., p. 173.

pelo autor como **verdaderos performativos**, constituem **eventos excepcionais** entre os inúmeros acontecimentos da vida social.

J. L. Austin e a corrente da **pragmática**, de quem ele é um representante paradigmático, postulam a **capacidade de classificar os atos sociais em tipos de enunciados verbais**; para eles é possível fazer coisas com palavras e ordenar as variantes de *linguagem ordinária* de acordo com uma classificação formal<sup>137</sup>. Existiriam três tipos de atos nessa proposta de Austin: **atos locutórios**: dizer algo; **atos ilocutórios**: é um ato convencional efetuado ao dizer algo (casamento, veredicto, missa etc.) e **atos perlocutórios**: realizados pelo fato de dizer algo, não é convencional, provoca efeitos sobre sentimentos, pensamentos e atos de um auditório. Verón aponta com propriedade que esses últimos atos não foram teorizados pelos *pragmáticos* por estar fora da convencionalidade e, portanto, ter relações indiretas ou inexistentes com os outros tipos de atos; de fato, classificar o não convencional é impossível, e suas consequências dependem de uma multiplicidade de fatores, situações, atores e contextos.

Na **lógica formal dos teóricos pragmáticos** essa classificação geral combina-se com a classificação de acordo com a produção locutória. Estabelecem os **atos fonéticos**: a pronúncia de sons, independentemente de sua compreensão; os **atos fáticos**: a pronúncia organizada de acordo com uma gramática e com o domínio de um vocabulário, e os **atos réticos**: que dizem algo com um *sentido* e uma *referência* mais ou menos determinados pelo sujeito falante. A produção de linguagem, nesse modelo, contém a compreensão; nesse ponto **Verón constrói sua crítica** afirmando como todo **ato de compreensão é um ato de reconhecimento** e que de nenhuma forma pode-se **confundir a gramática da produção com a gramática do reconhecimento**:

Hay que concluir que si las reglas que determinan la significación fueran convenciones no violables (tal sería el caso si la hipótesis según la cual la lengua es “un conjunto de reglas constitutivas” fuese cierta), se trataría en efecto, como lo dice Grice, de un verdadero “misterio”. Todo el problema se reduce a saber si ese “misterio” está inscrito

---

<sup>137</sup> J. L. Austin, **Quand dire c'est faire**, Paris, Seuil, 1970; idem, “Truth”, in **Philosophical papers**, Oxford, Clarendon Press, 1970, pp. 121-122.

en la naturaleza de (sic) lenguaje, o si solo es **el resultado artificial de un punto de vista inadecuado: el que afirma que la significación lingüística se rige por convenciones.**<sup>138</sup>  
[grifos meus]

Verón desenvolve seus argumentos críticos contra essa concepção analisando os fenômenos chamados *ilocutórios*, convencionais, que são o ponto “forte” da *teoria dos atos da linguagem*. Como sublinhamos anteriormente, os *verdadeiros performativos* são fenômenos *incomuns*, a definição de seu resultado é independente das *intenções* e dos *sentidos* que as pessoas possam dar ao evento. As regras de organização de um casamento, as palavras formais do juiz, os rituais conformam um conjunto de convenções que devem ser cumpridas para caracterizar o ato; o *resultado* do ato convencional é que a realidade jurídica dessas pessoas mudou, ou os objetos foram construídos, ou a casa ficou limpa, algo aconteceu e que estava previsto como *resultado* dessa atividade. A produção de sentido durante esses eventos, ou a partir desses sucessos, é um problema distinto que não está normatizado por essas convenções; elas são parte do *contexto* em que acontecem as atividades, mas não determinam, nem definem, a produção de sentido que é um processo complexo, *multidimensional*, impossível de ser normatizado por um conjunto de normas, regras e especificações.

Para caracterizar os *verdadeiros performativos* Verón estabelece seis propriedades básicas que os distinguem:

1) Convencionalidade do resultado; 2) Convencionalidade da modificação do resultado; 3) A indiferença do resultado os atos não convencionais dos interessados; 4) O fazer associado com um verdadeiro performativo jamais é puramente linguístico, há sempre outros atos que são tão necessários quanto a verdadeira fórmula. Os fatores extralinguísticos condicionam o poder dos verdadeiros performativos; 5) O poder causal da fórmula performativa, como em todos os casos de relações causais a causa não se confunde com o efeito; 6) A impossibilidade de confundir resultado (convencional) com consequência (não convencional).<sup>139</sup> [a tradução do castelhano é minha].

<sup>138</sup> Eliseo Verón, “*El sentido inverso*”, *La semiosis social ...*, op. cit., p. 169.

<sup>139</sup> Idem, *ibidem*, pp. 179-180.

A argumentação de Verón era forte e contundente, porque analisa os postulados dos *pragmáticos* nas suas características, nas suas anomalias, nos seus erros metodológicos, nas limitações de suas proposições. A crítica procurava, por exemplo, desmontar os aspectos decisivos da concepção *pragmática*, questionando por exemplo o fato de que **os teóricos dos atos da linguagem nunca provam a existência das convenções cuja existência postulam**; para Verón esse procedimento era errático, para postular na perspectiva do autor era necessário pesquisar. Os *atos da linguagem* precisariam de estudos sociológicos acerca dos intercâmbios da fala; segundo Verón, numa perspectiva de comunicação, seriam importantes estudos mais abrangentes de caráter antropológico, etnológico, histórico, psicológico, geográfico e econômico.

Um **problema grave** com os enunciados teóricos, que é comum em algumas correntes do pensamento social, **é formular hipóteses sem pesquisa**. As *convenções* geradoras de atividades sociais são uma questão empírica, portanto precisariam de uma pesquisa sociológica e jurídica para esclarecer seu funcionamento como atos sociais.

A análise dos fenômenos nomeados como *pseudo-performativos* por Verón, que constituem a **maioria** dos *atos de linguagem* analisados pelos *pragmáticos*, e que na vida social são muito numerosos; isso fez possível que o autor, realiza-se um esclarecimento importante das anomalias desenvolvidas por essa corrente de pensamento. Para começar, Verón demonstrou que essa nova categoria não é similar à anterior (*verdadeiros performativos*), porque não cumpre nenhuma das seis características encontradas nos *performativos*; e, *atos de linguagem* como *aconselhar, advertir, ameaçar, afirmar, ordenar, suplicar, solicitar, apreciar, exortar, prometer e muitos outros* participam em processos nos quais o *resultado* é estar previamente conhecido; no caso dos *pseudo-performativos* isso não acontece: um **conselho** pode ser aceito ou não, ele não produz qualquer efeito jurídico por si mesmo; como fórmula verbal não gera necessariamente um *resultado*; **as consequências não têm relação com um resultado conveniado**; o **poder** não é condição, como nos *verdadeiros performativos*; não existe convencionalidade para mudar o *resultado*; não há atos regulamentados, todos são não convencionais. Por conseguinte, nos *pseudo-performativos* temos múltiplas consequências possíveis e não *resultados*<sup>140</sup>. Verón criticou as tentativas de Ducrot para inserir os *pseudo-performativos* na fórmula dos *verdadeiros*.

---

<sup>140</sup> Idem, ibidem, p.181.



## Seu argumento é implacável:

Para comprender que, **en ciertas circunstancias**, decir “yo prometo” equivale a comprometerse a mantener la palabra, no tenemos necesidad de una teoría de los actos del lenguaje, ni de postular la existencia de una regla convencional: basta consultar el diccionario, que indica, como una de las acepciones del verbo “prometer” la siguiente: “Acción de prometer, lo que se compromete a hacer” (...). Se trata, por lo tanto, en definitiva, de un fenómeno trivial, por el cual, según el contexto de empleo se actualizará o no una de las acepciones del término.

La enunciación de la fórmula “yo prometo”, **cuando todas las condiciones contextuales** están presentes, ¿produce necesariamente una “situación jurídica nueva”? Me permito dudar. Consideremos el siguiente ejemplo sencillo:

- Te prometo venir mañana.
- ¡De ninguna manera, tienes muchas cosas que hacer! Nos vemos el sábado.

¿De acuerdo?

- De acuerdo.

La utilidad de una teoría que pretende que, cumplidas las condiciones (a) y (b), la enunciación de la fórmula “yo prometo” produce una “situación jurídica nueva”, dista de ser evidente. (...) Parece más económico darse un marco conceptual que nos lleve más bien a observar lo que hace (B) frente a la enunciación de (A), pues es claro en nuestro último ejemplo que la réplica de (B) anula automáticamente todo sentido de compromiso que hubiese podido estar contenido en la enunciación de (A). (...) <sup>141</sup>. [grifos do autor]

A primazia do reconhecimento, da interação, do jogo de linguagem, do *uso*, da perspectiva do *receptor* anula qualquer sentido de convencionalidade nesse tipo de fórmula. Os *pseudo-performativos*, examinados caso a caso, não se associam como modelos convencionais nos quais a fórmula verbal contém resultados previamente estabelecidos. As respostas dos interlocutores determinam os sentidos numa situação de intercâmbio concreta, não existe *resul-*

<sup>141</sup> Idem, *ibidem*, p. 185.

*tado* que necessariamente deva acontecer realizando o ato. As tentativas de normatizar uma realidade multifacetada, multidimensional, na qual existem regras básicas, como em qualquer jogo, mas que de nenhuma forma regulamentam cada movimento, cada combinação, resultam em *formalismos sem profundidade cognitiva e sem importância comunicacional*.

A vida social é muito mais variada e rica que os atos convencionais, o fazer com resultados previstos é uma parte limitada dessa realidade. Seria impossível compreender a história humana, e suas revoluções, partindo desses parâmetros conceptuais. Por outro lado, a linguagem humana não pode ser normatizada tão estreitamente; de fato, não é pertinente compreender os atos de linguagem sem caracterizá-los como uma *interação*. Não tem cabimento inventivo encerrar *o dizer* em convenções, quando ele é um conjunto infinito de *jogos* sociais, de *formas de vida*; não é adequado ignorar que os atos de linguagem são *relações sociais dinâmicas* que contribuem na estruturação da sociedade.

Na crítica à *pragmática não convencionalista* Verón apontava certa-mente que entre a *produção* e o *reconhecimento* não existem relações lineares; como também, demonstrou as limitações de uma reconstrução gramatical da produção, como método para estabelecer os *efeitos de sentido* em nível do reconhecimento; assim, organizava sua argumentação:

Un efecto determinado de sentido **jamás** es deducible del análisis de un discurso en producción. Las propiedades discursivas de ese último, descritas a la luz de su gramática de producción, definen un **campo** de efectos de sentido y jamás un solo efecto. Esa hipótesis de la **indeterminación relativa** entre producción y reconocimiento la formulamos como un postulado necesario para comprender el funcionamiento del universo discursivo del sentido.<sup>142</sup> [grifos do autor]

**Sabemos que entre *produção* e *reconhecimento* existe um mundo complexo de situações, circunstâncias, mediações, contextos, estruturas, fenômenos, pulsões etc.** que condicionam o sentido produzido pelos *receptores*. A formulação de ***campo de efeitos de sentido*** realizada por Verón fez possível definir

---

<sup>142</sup> Idem, ibidem, p. 189.

essa problemática de maneira mais lapidada, menos formal, e mais abrangente; porque torna possível vislumbrar uma produção de sentido a partir da *recepção*. Essa é uma primeira questão essencial para se diferenciar dos *semânticos formais*, ou dos *teóricos dos atos da linguagem*, não se pode pensar a produção de sentido social a partir do estudo de frases formais. Não se pode, tampouco, conceber o sentido como um aglomerado de sentidos isolados, é mais adequado pensá-lo como um campo; tanto na perspectiva do *emissor* quanto do receptor as *variações* de sentido são numerosas, ao se trabalhar com uma mesma estrutura linguística (palavra, frase etc.). A *produção* tampouco pode ser normatizada como pretendem os *formalistas*. Para refletir sobre isso pensemos na seguinte afirmação de Umberto Eco:

Entender o processo criativo é entender também como certas soluções textuais surgem por acaso, ou em decorrência de mecanismos inconscientes. É importante **entender a diferença entre a estratégia textual** -enquanto objeto linguístico que os leitores-modelo têm sob os olhos (de modo de poder existir independentemente das intenções do autor empírico)- e a **história do desenvolvimento** daquela estratégia textual.<sup>143</sup> [grifos meus]

A diferença entre estratégia textual e história da construção dessa estratégia é esclarecedora de como a produção de sentido tem caminhos múltiplos,

<sup>143</sup> Umberto Eco, **Interpretação e superinterpretação**, São Paulo, Martins Fontes, 1993, pp. 100-101. Para ilustrar como funciona esse mecanismo inconsciente na produção, Eco lembra um exemplo de sua obra **O pêndulo de Foucault**: *o jovem Casaubon está apaixonado por uma brasileira chamada Amparo. Giosue Musca descobriu, maliciosamente, uma ligação com André Ampère, que estudou a força magnética entre duas correntes. Engenhoso demais. Não sei por que escolhi aquele nome: percebi que não era um nome brasileiro, de modo que me senti compelido a escrever: “Nunca compreendi como foi que Amparo, uma descendente de colonizadores holandeses no Recife, que se casavam com indígenas e negras do Sudão -com seu rosto jamaicano e sua cultura parisiense- recebeu um nome espanhol”. Isso significa que considerei o nome Amparo como se viesse de fora de meu romance. Meses depois de sua publicação, um amigo me perguntou: “Por que Amparo? Não é o nome de uma montanha?” E então explicou: “Existe uma canção, ‘Guajira Guantanamera’, que menciona um monte Amparo.”*

*Meu Deus! Eu conhecia muito bem aquela canção, embora não me lembrasse de uma única palavra dela. Era cantada, em meados da década de 50, por uma moça por quem eu estava apaixonado. Ela era latino-americana, e muito bonita. Não era brasileira, nem marxista, nem negra, nem histórica, como é Amparo, mas é claro que, ao inventar uma latino-americana encantadora, pense inconscientemente naquela outra imagem de minha juventude, quando eu tinha a mesma idade de Casaubon.*

de como as leituras e as interpretações são diferenciadas, de como os modelos só estabelecem questões e percursos básicos gerais. Não existem receitas para compreender a estruturação de um sentido, tampouco caminhos obrigatórios, ou mesmo normas invioláveis. A **proposta de campo de efeitos de sentido** é uma solução engenhosa que deixa abertas as possibilidades de realização do sentido.

Uma segunda questão refere-se ao postulado da **indeterminação re-ativa** entre **produção e reconhecimento** (*consumo*<sup>144</sup>, *uso*). O mesmo nos faculta falar da existência de relações entre essas duas instâncias<sup>145</sup>; relações causais, não lineares, que manifestam uma correspondência entre essas duas realidades, que têm nexos e procedimentos relacionados, mas que de nenhuma forma são similares ou isomórficos.

É importante apontar que as relações entre essas duas instâncias foram caracterizadas por Verón como vínculos entre gramáticas; essas **gramáticas** não são concebidas pelo autor como *propriedades internas dos textos*, elas “... *tentam representar as relações de um texto ou de um conjunto de textos (...), com seu sistema produtivo (social). E esse último é necessariamente histórico*”<sup>146</sup>.

As gramáticas, nesse sentido, não são compreendidas como modelos ou sistemas de embasamento textual, são pensadas como **relações** dos discursos

<sup>144</sup> Eliseo Verón, “*Semiosis de lo ideológico y del poder*”, **Semiosis de lo ideológico y del poder/ la mediatización**, op. cit., p. 14: *De los tres términos que designan los tres momentos, conceptualmente distinguibles, de un sistema productivo, el de consumo parece el más crudamente económico cuando se lo aplica al ámbito de sentido. Probablemente, esto obedece al hecho de que en los ensayos (muy variados) de transferencia del modelo <<económico>> a otros ámbitos. La instancia consumo precisamente ha merecido poca atención. Al no haber sido objeto de un trabajo de <<metaforización>> comparable al que se ha sometido a los otros términos, consumo continúa dando la impresión de ser un término <<puramente económico>>. En la situación actual, me ha parecido preferible reemplazarlo por el de reconocimiento que, por otra parte, ha sido utilizado en lingüística para aludir al momento <<recepción>> del circuito del lenguaje, a pesar de que tengo en cuenta que esto produce cierto desequilibrio. Con todo, en el estado actual de las cosas, cierta vacilación terminológica me parece inevitable. [destaques meus].*

<sup>145</sup> Idem, ibidem, p. 20: *(...) todo análisis de un conjunto signifiante, cualquiera sea la (o las) materia (s) signifiante (s) en juego, es necesariamente heterónomo. El sentido producido sólo llega a ser visible en relación con el sistema productivo que lo ha engendrado, es decir en relación con esa <<otredad>> constituida por las condiciones de producción, de circulación, de reconocimiento. [destaques meus]*

<sup>146</sup> Idem, ibidem, p. 20.

com sua história produtiva. Novamente, na definição de uma proposição importante, o autor recorre ao modelo de Marx: *relações sociais de produção*, como alicerce teórico de fundamentação. Independentemente da vontade do autor de estabelecer uma negação com respeito à influência de Marx nas suas teses em comunicação, o seu discurso apresenta as marcas decisivas desse paradigma: ***as relações sociais de produção são um fundamento central do devir histórico discursivo***. De fato, a problemática da comunicação social não foi uma área desenvolvida pelo pensamento de Marx; o que afirmo, é que conceitos fundamentais desse paradigma estiveram presentes nas definições, propostas e inferências de Verón.

Na crítica aos *pragmáticos não convencionais* Verón identifica o deslocamento desses autores da *produção* para o *reconhecimento*; o problema é que essa **operação é entendida como o reconhecimento das intenções do locutor** (L). Do mesmo modo, o *não convencionalista* confunde as duas gramáticas porque imagina que o *sentido* do locutor está presente, “intato e idêntico” no ouvinte (O). A argumentação de Verón situa esse problema-chave. Inferindo com base nas questões abordadas anteriormente, podemos apontar que a produção de sentido dos locutores (L) tampouco é um produto mecânico das suas *intenções* como autores; **entre obra e autor existem mediações, aspectos conscientes e inconscientes, influências e marcas, raciocínios formais e poesia, circunstâncias, situações, história e contexto cultural como elementos do sistema produtivo social presentes no discurso**.

A *teoria dos atos da linguagem* torna-se na sua versão não convencional uma *teoria do reconhecimento das intenções*; nessa linha, o desvio-chave continuava sendo a **confusão** entre processo de *produção* e de *reconhecimento* (*consumo*). É importante sublinhar que essa anomalia tem sido muito comum no campo de estudos e pesquisa em comunicação social, tanto na perspectiva *funcionalista -teoria hipodérmica, análise de conteúdo, teoria dos efeitos*; quanto na ótica crítica: *Escola de Frankfurt, estruturalismo, estudos ideológicos, semiologia imanente*. Historicamente várias religiões, especialmente as monoteístas com origens no Oriente Médio, estabeleceram a força da presença divina na Terra com a *mediação da palavra, do verbo, do livro sagrado, das escrituras*; em **todas essas correntes o sentido filosófico da existência é “transmitido” pelo poder do sentido imanente desses discursos**. A proposta aristotélica do esquema triangular *locutor, discurso, ouvinte*, se bem desenvolve a concepção retórica sobre a interligação do pensamento

e a linguagem, e a capacidade expositiva do locutor; ao tratando da *produção de sentido* a concebe como *resultado* da produção: quem constrói o sentido é o *locutor*, que na época seria o filósofo, o político, o artista; do outro lado está o ouvinte que simplesmente recepta os sentidos.

Para concluir essa análise Verón foi categórico: “**Ningún fenómeno de sentido se determina por convenciones que aseguran a univocidad de un resultado, lo que quiere decir, en suma, que el orden del sentido es irreductible al orden del hacer**”<sup>147</sup> [grifos do autor]

## A importância do reconhecimento e a multiplicidade de intenções

O sentido é *equivoco (multidimensional)*, depende de múltiplos fatores, mediações, espaços-tempos, formas heterogêneas, formas sociais etc. Conceber uma univocidade na produção de sentido só é possível nos manuais pragmáticos; na realidade sociocultural, como minuciosamente o demonstra Verón, esses processos são inexistentes. Desse modo, tanto os *teóricos da linguagem* -que acreditam na força das *convencões* como determinante da *semiose-*, quanto os *não convencionalistas* -que tentam situar as *intenções* como elemento decisivo, reduzem a problemática da significação a questões e enquadramentos formalistas. O *fazer* com *resultados* previstos na lógica da ação não é pertinente à problemática do sentido; as tentativas formalistas submetem a multiplicidade semiótica a exercícios abstratos, sem expressividade real.

As *intenções* dos atores só podem ser conhecidas por eles mesmos, sempre que tenham sido construídas conscientemente; como observamos no exemplo de Umberto Eco sobre o nome Amparo, nem ele mesmo sabia como a palavra inseriu-se no seu romance; só após um processo de reconhecimento e de psicanálise, transcorrido um bom tempo de debates, críticas e reflexões, o próprio autor descobriu a origem do nome no seu cérebro.

Uma *teoria das intenções* só pode provocar “confusão permanente”, como aponta Verón. A *intenção*, para **ser analisada**, precisa de uma **estratégia relacional de reconhecimento, de consumo, de recepção crítica**; assim como, da manifestação do autor, de uma forma ou de outra, comunicando sua in-

<sup>147</sup> Eliseo Verón, “*El sentido inverso*”, **La semiosis social...**, op. cit., p. 191.

tenção. As conjeturas pragmáticas que procuram nas *frases-objeto* identificar *intenções* dos atores sociais, não compreendem a variedade do jogo semiótico e do mundo sociocultural.

Para Verón, “**...os únicos problemas não triviais formulados pelo conceito de intenção são todos problemas de reconhecimento**”<sup>148</sup>.

Constatamos que só o intercâmbio entre dois atores numa situação concreta torna pertinente o problema do esclarecimento das intenções; o *diálogo* é necessário, porque estabelece uma dinâmica de perguntas e respostas que possibilita conhecer as intenções. Para a problemática do sentido o que importa é a *interação*, que admite o desenvolvimento da rede discursiva: *enunciados produzidos-reconhecidos* numa cadeia social infinita. A **relação entre produção e reconhecimento**, apesar de Verón não a explicitar, **é uma relação dialética**:

“...porque en el **seno de una interacción**, la **producción** de una enunciación siempre **es el reconocimiento** de otra, y todo **reconocimiento** se materializa **en la producción** de una enunciación”.<sup>149</sup>

Essa lógica não foi compreendida pelos *pragmáticos*, que isolam os enunciados da dinâmica social. É no contexto histórico-cultural que os sentidos são produzidos, muitos deles concretizam-se inclusive contra a intencionalidade dos produtores. Um exemplo paradigmático disso são as campanhas políticas: a *intenção principal* de todos os estrategistas e “marketeiros” é construir uma imagem adequada do candidato, de modo a convencer um grande número de pessoas a votar nele. Os publicistas e assessores fabricam uma série de produtos de comunicação que consideram pertinentes e efetivos para convencer os eleitores; apesar de suas intenções, a maioria fracassa. Sua intenção é transmitir uma imagem positiva-efetiva que ganhe votos; numerosas campanhas provocam o contrário: a rejeição dos cidadãos.

**Com o decorrer dos anos até os *funcionalistas* tiveram que reconhecer que não existe um fluxo em sentido único das mensagens.** Os meios e sujei-

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*, p. 193.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*, p. 194.

tos que realmente estabelecem uma comunicação eficiente são aqueles que, de uma ou outra forma, consciente ou inconscientemente, desenvolvem uma capacidade<sup>150</sup> de *interação simbólica* com os atores sociais com os quais se relacionam. As correntes *pragmáticas* não tiveram a capacidade de perceber essa questão fundamental, é uma das causas de sua impossibilidade de abandonar o formalismo.

Lembremos que a crítica metodológica de Verón ao *pragmatismo* se sustenta, também, no fato de que: **“...ningún teórico de los actos de lenguaje se propuso nunca verificar si las reglas así postuladas existen”**<sup>151</sup>. Seguindo esse raciocínio do autor, sem pesquisa empírica que esclareça como os atores sociais realizam seus intercâmbios de sentido (*produção-reconhecimento*), os postulados *pragmáticos* tornam-se enunciados ora *falsos*, ora *vazios*.

**Os discursos sociais, as operações de significação não-linguística** não foram assumidas metodologicamente pela *pragmática não-convencional*. A procura das *intenções* sem inseri-las na problemática do reconhecimento tampouco oferece propostas metodológicas proveitosas. Sem considerar a questão empírica, a problemática da *interdiscursividade*, da *interação simbólica*, do *contexto*, da *variedade de possibilidades enunciativas*, do *estudo histórico do desenvolvimento das estratégias discursivas*, os *pragmáticos* conservaram-se no formalismo ostentoso e redutor.

Para desenvolver uma teoria acerca dos intercâmbios da palavra, os *pragmáticos* deveriam começar por *observá-los*, estudá-los empiricamente para construir um conhecimento dos tipos, dos modos de funcionamento, dos limites, das relações etc.

---

<sup>150</sup> Idem, “*Semiosis de lo ideológico y del poder...*”, op. cit. pp. 26-27: **La noción de <<poder>> de un discurso sólo puede designar los efectos de ese discurso en el interior de un tejido determinado de relaciones sociales. Ahora bien, tales efectos sólo pueden tener la forma de otra producción de sentido. Ya lo hemos dicho: todo reconocimiento engendra una producción, toda producción resulta de un sistema de reconocimientos. Si, por ejemplo, tal tipo de <<mensaje>> de los medios masivos tiene efectivamente un poder sobre los <<receptores>>, ese poder sólo puede interesarnos en la forma del sentido producido: comportamientos, palabras, gestos que definen, a su vez, las relaciones sociales determinadas por los mencionados <<receptores>> y que se entrelazan, así, en la red infinita de la semiosis social.** [destaques meus].

<sup>151</sup> Idem, *ibidem*, p. 195.



A crítica de Verón questionou profundamente a ideia de que se pode estudar a linguagem como ato singelo, nem a significação discursiva, nem a significação linguística pode ser reduzida a “atos”, na verdade temos processos complexos multidimensionais. O autor contrapõe sua definição de *atividade de linguagem* à noção isolada de *ato*:

Por “**actividad del lenguaje**” entiendo ese universo **extraordinariamente complejo** en que nos aparece el lenguaje en su factuality **mezclado** con todo tipo de actividades y comportamientos, articulado a las situaciones de intercambio más diversas, encuadrado en múltiples instituciones, manifestándose tanto en forma oral cuanto escrita, en soportes extremadamente variados; combinando con la gestualidad, las imágenes (fijas o animadas) y con otros numerosos **sistemas significantes** no lingüísticos, desde la ropa hasta la organización material del espacio. Ese **universo empírico** de la actividad del lenguaje es forzosamente el de una **sociedad**, y de ese modo **la actividad del lenguaje nos aparece como uno de los niveles (quizá el más importante) de los intercambios** (más o menos regulados, más o menos macro o microscópicos) que allí se desarrollan.<sup>152</sup> [grifos meus]

Essa argumentação explica por que não é possível compreender a significação linguística complexa só na atividade da linguagem articulada, isoladamente. As misturas, circunstâncias, materializações (*espaçotemporalização*), a heterogeneidade (*pacotes de significação*) são profundas e condicionam a significação linguística. A proposta epistemológica central de Verón para estudar essa problemática, que supera o âmbito da linguística, foi a construção de sua *teoria dos discursos sociais*, como parte de uma *teoria geral da produção social de sentido*. Nessa orientação, o autor construiu o que considera *fragmentos de uma teoria da discursividade*; nela são importantes os conceitos de *ideologia*, *poder*, *materialização do sentido*, *campos de sentido*, *pacotes de significado*, *interdiscursividade*, *interação social*, que serão estudados na segunda parte deste livro.

<sup>152</sup> Idem, ibidem, p. 211.

## A teoria dos discursos sociais

Finalmente é importante apontar a proposição de Verón a respeito da importância epistemológica da escrita:

(...) **sólo en la red discursiva de la escritura se pueden constituir los objetos del conocimiento científico.** La construcción de los objetos científicos y su evolución-transformación en el tiempo, es decir, las retomas interdiscursivas que supone esta evolución-transformación, exigen necesariamente la estabilidad y complejidad del soporte de la escritura; si no hubiera escritura, no habría ciencias: solo tradiciones, mitos y saberes prácticos. (...) Trabajando sobre y en lo escrito, el lingüista satisface una condición que es propia de toda perspectiva científica: sólo la escritura puede asegurar la **estabilidad** del objeto.<sup>153</sup> [destaques meus]

A construção dos objetos científicos precisa desse suporte de estabilidade, o que não significa, como pensam os formalistas, que o objeto científico seja meramente o discurso escrito; de fato, têm-se elementos do *problema/objeto* exteriores ao discurso, este necessita de uma relação com a realidade: o discurso científico permite descrever as propriedades do objeto, os métodos de estudo, suas fundamentações e a organização de seus elementos essenciais e de seus nexos com o exterior.

Verón advertia contra o *engano positivista* que considera o discurso como reflexo mecânico do objeto. Podemos afirmar seguindo essa linha de reflexão, que o discurso cujo referente é o *problema/objeto* está regulado pelas condições de produção social desse conhecimento; entre essas condições, os aspectos interdiscursivos, institucionais, políticos, contextuais investem esse discurso de significação e de possibilidades de objetivação concreta. O discurso científico -como qualquer discurso- é social, contém as características do objeto, mas depende, também, do desenvolvimento científico da sociedade na qual é produzido, e das características particulares de tipo institucional e humano que intervêm na sua construção.

---

<sup>153</sup> Idem, *ibidem*, p. 213.

**A confusão entre discurso científico e discursos sociais** teria provocado, segundo Verón<sup>154</sup>, o desvio epistemológico que confunde **as frases-objeto dos linguistas**, que são construções científicas, com **os elementos que os sujeitos sociais utilizam** na sua **interação** semiótica. Essa falta de clareza estabelece uma confusão profunda porque ignora as diferenças entre a linguagem construída, sistemática dos cientistas e a linguagem coloquial. **Os pragmáticos confundem as construções formais frases-objeto com a discursividade social, sua tentativa busca impor na realidade fórmulas construídas para interpretar os fenômenos sociais sem observar, pesquisar e definir a relação entre o real e o abstrato, entre pensamento e ação.**

A passagem do autor, que combinava nas suas reflexões teóricas *semiólogia-estruturalismo-marxismo* e *psiquiatria social*, para o pesquisador das análises de discursos sociais, exigiu o aprofundamento da problemática acerca do ‘discurso’:

Os discursos sociais são objetos semioticamente heterogêneos ou mistos, nos quais intervêm, ao mesmo tempo, várias matérias significantes e vários códigos. O próprio discurso linguístico não é nunca monocódigo: quer se trate da escrita ou do discurso falado, há sempre regras paralinguísticas que não podem ser reduzidas apenas ao código da “língua”. Isto se aplica aos discursos que circulam no nível das “comunicações de massa”, mas também à comunicação interpessoal, sempre constituída por “pacotes” de comportamento-e-fala.<sup>155</sup> [grifos meus]

Para Verón os discursos já eram fenômenos translinguísticos em 1974; nessa época os caracterizava pela variedade das suas matérias significantes, e pela multiplicidade dos seus códigos; o vínculo com a linguística era forte e a sua definição delimitava os discursos como fenômenos *translinguísticos*.

Segundo Verón, a tarefa dos semiólogos estaria definida pelo **esclarecimento da complexidade discursiva**: “delimitando os códigos e sua maneira diferencial de trabalhar as matérias significantes”<sup>156</sup>. Por esse ponto de vista

<sup>154</sup> Idem, ibidem, p. 221.

<sup>155</sup> Idem, **A produção de sentido**, op. cit., pp. 78-79.

<sup>156</sup> Idem, ibidem, p. 79.

**os discursos devem ser situados como práticas sociais específicas**, que necessitam ser pesquisadas, compreendidas e teorizadas na sua particularidade. O autor conservava o vínculo linguístico, mas formalmente construía proposições que estabeleciam vínculos teóricos com o sociológico. Verón percebe a impossibilidade de pensar a produção da *indústria cultural* e os processos sociais de comunicação –que ele nomeia como *universos discursivos diferentes*, apenas com o instrumental teórico da linguística; portanto inseria na sua formulação elementos sociológicos:

As operações produtoras da significação no seio do discursivo, isto é, as operações de investimento do sentido nas matérias significantes são, ao mesmo tempo, **práticas sociais específicas**. Os “códigos”, como conjuntos de operações, são, portanto, apenas **sistemas de regras às quais obedece ao trabalho social produtor de significação**.<sup>157</sup>  
[Destaques em negrita são meus]

Associa, desse modo, a definição de código como *sistema de regras* com elementos concretos de produção social. **O código combina trabalho (operações) com regras, legitimando essas atividades como um setor-chave da sociedade**. É muito importante essa proposição de Verón, porque questiona interpretações formais que caracterizam os códigos como uma espécie de vade-mécum jurídico que reúne as normas, ou as chaves de uma determinada “linguagem”. Contudo, o aspecto conservador da proposta é forte, porque concebe as operações de codificação como: “(...) *sistemas de regras às quais obedece*”.

<sup>157</sup> Idem, ibidem, p. 81: A visão *instrumentalista* e *estruturalista* de Verón sobre a participação dos sujeitos na “*semiose*” social é manifesta de modo incisivo na seguinte proposição:

*Dissemos já que os discursos estão sempre situados: com efeito, é evidente que a noção de processo de produção pressupõe a noção de um **sujeito produtor**. Ora, este **sujeito produtor nada mais é que o suporte das operações** que definem a produção de um certo tipo de discurso.* [destaques meus].

Verón expressa muito bem, nessa passagem, esse momento da sua concepção. Definir os SUJEITOS simplesmente como SUPORTES é próprio de um *estruturalismo ortodoxo*. O processo histórico, nessa perspectiva, é um acontecer determinista que responde a um *programa estrutural* extremamente delimitado e que segue orientações próprias, deixando para os sujeitos sociais, as classes, um papel secundário linearmente definido. Nos processos de comunicação, a *produção de sentido*, as *operações semióticas* realizadas pelos sujeitos estariam programadas pela lógica estrutural, correspondendo aos atores simplesmente materializar essas funções.

Sabemos que além da normatização básica de todo jogo de linguagem é possível a ruptura de suas regras, o que acontece muitas vezes nas diferentes formas de comunicação social; no caso da linguagem, esse aspecto é fundamental para enriquecer a língua, já que só por meio da fala cotidiana, irreverente, a linguagem se mantém viva. Na realização de trabalhos estéticos e de *produção de sentido*, na fala grotesca e cotidiana, as táticas *underground* estão presentes, reiteradamente, reformulando de alguma maneira essas regras. Importantes obras artísticas do campo da comunicação social, no cinema, na publicidade, no teatro, na escrita apresentam essa ruptura criativa com as normas.

A tentativa de Verón para normatizar as **operações e as atividades criativas**, mediante as quais os comunicadores constroem seus produtos, é repressiva. Por outro lado, se bem um jogo ou uma linguagem tem regras que deve cumprir, as operações que desenvolve esse jogo têm infinitas possibilidades de combinação e sempre teremos novas execuções.

A crítica às correntes que centraram suas preocupações teóricas na *intencionalidade* dos enunciadores levou Verón a formular um posicionamento polêmico e extremo em sentido contrário: **A produção do discursivo nada tem a ver com a intencionalidade de um sujeito que gostaria de “transmitir uma mensagem”**.<sup>158</sup> O peso das correntes que concebiam a *intencionalidade* como um elemento fundamental na produção de sentidos sociais era considerável na primeira metade dos anos 70; tanto *funcionalistas* quanto *críticos* outorgavam a esse fator um papel determinante, orientador e decisivo na produção de discursos.

A proposta de Verón anulava a participação da *intencionalidade*, desvirtuando um elemento importante da *semiose social*. Sabemos que as indústrias de comunicação montam estratégias de divulgação que têm objetivos determinados a alcançar, na publicidade e na propaganda política esses elementos são especialmente importantes; o trabalho de assessores de comunicação, “marketeiros”, produtores, diretores, “criativos”, jornalistas etc. está constantemente orientado por metas a cumprir; as quais dependem de uma *intencionalidade* tanto da empresa quanto dos clientes e do produtor. Se essa *intencionalidade* teve uma realização feliz na consecução dos objetivos é outro problema; para avaliar isso deveríamos

<sup>158</sup> Idem, *ibidem*, p.81.

considerar múltiplas variáveis que podem mudar por completo o resultado do processo. O que não podemos negar é que, de fato, os produtores têm *intencionalidades*. No exemplo das **telenovelas brasileiras**, é de conhecimento público o interesse de alguns diretores em colocar na trama assuntos que questionam preconceitos e tabus; assim como problemas políticos de atualidade. Provocar o debate tem sido uma *intencionalidade* realizada reiteradamente por esses comunicadores. É evidente que a telenovela não é uma *frase-modelo* da teoria linguística, é um discurso social complexo, e as intenções dos autores estão presentes de forma estratégica na sua realização.

Se pensarmos num programa infantil como **Castelo Rá-Tim-Bum**, comprovamos que a *intencionalidade* dos autores em produzir um programa diferenciado com qualidade estética, com sentido crítico-educativo e uma orientação humanista é um elemento fundamental da construção desse programa. A intenção de produzir um programa alternativo ao *lixo* – violento e embrutecedor – da maioria dos programas infantis determinou a escolha de temas, cenários, tramas, música, personagens etc.

Se aceitarmos a proposição de Verón sobre as *marcas de reconhecimento*, que são as que um discurso provoca ao ter um poder de significação, então as pesquisas demonstram que *Castelo* teve uma importante audiência, que as crianças ficavam extremamente concentradas ao assistir, que motivava brincadeiras, conversas e imitações com sentidos diferenciados daqueles dos modelos hegemônicos. Quanto a isso, percebemos que a *intencionalidade* tem um papel na produção de sentido; ainda nos casos nos quais os sentidos, construídos pelas crianças, não foram tão *humanistas* como queriam os produtores, observamos a presença conflitiva de questões que a programação hegemônica não consegue administrar.

Na dimensão metódica um modelo de **programa como o Castelo** fundamenta um **percurso heurístico-libertário** que incentiva às crianças a resolver problemas; coloca as questões éticas, de luta entre posições contraditórias, de uma forma não maniqueísta; oferece as crianças a possibilidade de participar na organização dos jogos e suas regras; trata às personagens de uma forma equânime; os castigos são reflexivos e procuram o bem de quem errou; a violência não constitui uma matriz de desenvolvimento das relações, nem de resolução das contradições; propõe o respeito e o conhecimento dos se-

melhantes e das estórias (histórias) familiares; em suma, organiza um modelo estético-argumentativo subversivo com respeito aos padrões hegemônicos da programação das indústrias de televisão infantil capitalistas.

A *intencionalidade* sabemos hoje, depois de várias décadas de pesquisa em comunicação social, não é um processo semiótico mecânico, nem linear; ela configura *campos de sentido* que dependem de múltiplas condições, fatores, grupos sociais e matrizes culturais-históricas. A *intencionalidade* não determina univocamente, ou isoladamente, um processo de produção de sentido, mas ela participa e *tem a ver* com a *semiose* social sim.

Em 1974 Verón afirmava:

O sujeito produtor só pode ser definido em termos de **sua posição social**. O conjunto de determinações que definem a posição social dos produtores é o que se pode designar como **as condições de produção** dos discursos.<sup>159</sup> [grifos do autor]

Os *produtores*, na concepção de Verón, eram simplesmente *suportes*; o importante para essas formulações eram as determinações estruturais, que organizam e ordenam as operações e o conjunto da produção de sentido realizada pelos *indivíduos-suporte*. Dessa forma, as **matérias investidas de sentido** – objetos de todo tipo – e os **suportes-humanos** realizam o programa previamente estruturado pelo sistema semiótico. **Condições de produção eram determinações** na definição de Verón, não são elementos condicionantes ou mediações que intervêm na produção de sentido. *Condições de produção*, nessa ótica, são *posições sociais*, nas quais os indivíduos produtores são situados pelo sistema para constituir-se em *suportes* efetivos da *semiose* social. De forma alguma, no pensamento de Verón, *os sujeitos sociais* estruturam essas condições; eles não constroem a história, basicamente são organismos, dos quais se servem as estruturas, que permitem a realização material e concreta da produção de sentido.

Nas formulações anteriores constatamos a forte presença de uma linha *cibernética*, no sentido de *sistemas de controle das comunicações*, que anula

<sup>159</sup> Idem, *ibidem*, p. 81.

a *participação criativa* dos sujeitos comunicantes na *produção de sentido*. Para esse tipo de proposições os poetas, cientistas, artistas e demais criadores são elementares suportes de programas determinados. A *invenção* é reduzida a efeito mecânico e necessário do desenvolvimento *natural* das estruturas. Os grupos humanos, os sujeitos notáveis, como fatores fundamentais do curso histórico, são negados radicalmente pelo *veronismo cibernético*<sup>160</sup>. A *cultura* é transformada em expressão de determinações estruturais; as ações sociais, como a atividade de *semiótica* reduzida à realização dessas “determinações”.

A meu ver as *condições de produção* de um discurso são um conjunto de elementos causais e fortuitos que intercambiam de função, de acordo com uma lógica dialética, de tal forma que é inadequado estabelecer *a priori* uma situação determinada para eles. Entre as condições de produção temos aspectos de índole histórica, cultural, econômica, ideológica, psíquica, geográfica, sociológica, ecológica, linguística etc. que configuram uma série de condicionantes; que não necessariamente na realização do processo de produção de sentido tornar-se-ão causais; o acaso, o fortuito, elementos que num primeiro momento não apareciam como necessários, participam de acordo com as circunstâncias, as variações de rumo operadas pelos sujeitos e as indispensáveis mudanças do devir histórico, em essência dinâmico e variável, que transformam fatores secundários em causas importantes<sup>161</sup>.

<sup>160</sup> Umberto Eco, **Interpretação e superinterpretação**, op. cit., p. 117: *O universo da semiótica, isto é, o universo da cultura humana, deve ser concebido como se fosse estruturado como um labirinto do terceiro tipo: (a) é estruturado de acordo com uma rede de intérpretes. (b) É virtualmente infinito porque leva em conta as múltiplas interpretações realizadas por diferentes culturas... é infinito porque todo discurso sobre a enciclopédia lança dúvidas sobre a estrutura da própria enciclopédia. c) Não registra apenas “verdades”, mas antes o que se disse sobre a verdade ou o que se acreditava ser a verdade...*

<sup>161</sup> Eli de Gortari, **Introducción a la lógica dialéctica**, México, Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 79: *La relación entre los procesos es, además, múltiple y polimorfa. Asimismo, en cada proceso existe interdependencia y conexión íntima entre todos y cada uno de sus aspectos y elementos; y esta conexión interna es la que produce la unidad del proceso. A la vez, la conexión universal entre los procesos y en el interior de los procesos es una relación activa. Los movimientos y los cambios de cada proceso influyen en los cambios y los movimientos de los otros procesos y, a su vez, reciben la influencia de ellos. Esta acción recíproca es una causalidad recíproca entre los procesos, que se condicionan mutuamente. Así, la causa produce el efecto; pero, al propio tiempo, el efecto no es pasivo, sino que actúa, a su vez, sobre la causa. De esta manera, existe una transferencia continua y recíproca entre causa y efecto. Y, en consecuencia, toda acción es simultáneamente efecto y causa, en sus múltiples relaciones con otras acciones. (...) la acción recíproca es la verdadera **causa final** de todos los procesos.*



As **condições de produção** dos discursos sociais levaram Verón a refletir sobre um sistema produtivo particular de geração discursiva: *o discurso da ciência*, que no caso deste livro é de extremo interesse. A produção social do conhecimento, até 1974, era definida pelo autor como um sistema produtivo em concordância com o paradigma de Marx<sup>162</sup>. *O discurso científico* é produto desse processo, um resultado material concreto. Para compreender a **especificidade do discurso científico** Verón estabeleceu dois grandes aspectos de sua constituição: o elemento geral a todo discurso, que como apontamos são suas **condições de produção**, e as **condições distintivas** da prática de produção de conhecimento, que na orientação do autor estão caracterizadas pela propriedade desse discurso de poder **autoanalisar-se**, de voltar-se sobre o próprio produto e estudá-lo, avaliando suas condições de produção, suas fases, suas metodologias, seus modelos teóricos de referência. Segundo Verón, teríamos um **“retorno infinito”** do discurso científico sobre si mesmo mediante uma autorreflexão que permitiria uma produção ponderada de pensamentos<sup>163</sup>:

El presente enfoque es **empírico**: se trata de estudiar concretamente qué propiedades posee lo que la sociedad llama el “discurso científico” (el “conocimiento”) y qué condiciones de producción pueden explicar esas propiedades. Si se quiere conservar el término (“epistemología”), se podría decir que se trata de fundar una epistemología empírica materialista sobre la generación del conocimiento.<sup>164</sup>

Desse modo, a reflexão sobre a noção teórica de *condições de produção* levou Verón a propor, na época, uma epistemologia materialista, que considerava fundamentais as relações do conhecimento com os fatores extra discursivos: as *classes sociais*, suas lutas; as determinações das *formações econômicas*

<sup>162</sup> Eliseo Verón, **Imperialismo, lucha de clases y conocimiento (Veinticinco años de sociología en la Argentina)**, Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporáneo, 1974, p. 82: “*La ciencia, dije, es un sistema productivo, una práctica social articulada con las demás prácticas que configuran una formación social determinada.*”

<sup>163</sup> Idem, *ibidem*, p. 85.

<sup>164</sup> Idem, *ibidem*, p. 85.

*co-sociais*<sup>165</sup>; o caráter histórico da produção científica, no qual a *dependência do imperialismo* era um aspecto importantíssimo<sup>166</sup>. Estes elementos eram importantes na produção teórica em comunicação.

Como podemos inferir das formulações e considerações do raciocínio de Verón sua construção conceptual a respeito da problemática das *condições de produção* tinha uma fonte teórica em Marx; até meados da década de 1970 o próprio autor reconhecia essa inspiração, da qual renegaria nos anos 1980.

Em sua análise retrospectiva da noção de *discurso social* (1976-1980)<sup>167</sup> Verón desloca o eixo de reflexão para o problema específico das relações da *teoria dos discursos* com a linguística, considerando que um dos elementos mais importantes dessa teoria foi a sua *ruptura* com a linguística. Nessa época, Verón, pouco a pouco, vai concentrando suas preocupações teóricas no discursivo, fundamentando seus argumentos nas propostas lógicas de Göttlob Frege, na semiótica de Peirce e na linguística de Chomsky.

Verón situa sua fonte para começar a refletir e adotar o conceito de ***discurso*** num velho artigo de **Zelig Harris (1952): “Discours analysis”**<sup>168</sup>, segundo o autor, esse foi o referente teórico que lhe permitiu começar a refletir sobre a problemática do *discurso* nos anos 1970; época da crise da semiologia estruturalista, levando aos teóricos centrados na problemática da significação a procurar caminhos diferenciados da semiologia.

Em teoria, as propostas de Verón a respeito dos *discursos sociais* são muito importantes porque deslindaram campos de pertinência com a linguís-

---

<sup>165</sup> Idem, ibidem, p. 87: *En efecto, es a mi juicio una verdad histórica el que la sociedad capitalista occidental generó un tipo de práctica social (la llamada “ciencia moderna”) regulada (entre otras cosas) por la norma según la cual se produce un discurso descriptivo de lo real con capacidad autorreflexiva. La ciencia no es una actividad en el vacío: es el nombre de una práctica específica, articulada por primera vez en las formaciones sociales del capitalismo. Ya dije que lo que llamamos ideología no es cualquier relación entre lo discursivo y lo extra discursivo, sino aquella relación del discurso con sus condiciones de producción que se explica a su vez por la relación de dichas condiciones con la lucha de clases.* [destaques meus].

<sup>166</sup> Idem, ibidem, p. 97-103.

<sup>167</sup> Idem, “Discursos sociales”, in **La semiosis social...**, op. cit., p. 121-123.

<sup>168</sup> S.Z.Harris, “Discours analysis”, **Language**, 28: 1-30 (1952). Citado por Verón em **La semiosis social...**, op. cit., p. 121.

tica<sup>169</sup> e com a semiologia: **“Una teoría de los discursos sociales se sitúa necesariamente en un plano que no es el de la lengua”**<sup>170</sup>. Para o Verón dos anos 1980, a **teoría dos discursos torna-se uma espécie de “epistemologia”, uma metateoria** com capacidade de avaliar os diferentes discursos produzidos na sociedade:

“...una teoría de los discursos sociales puede darse como objeto (como ya lo hicimos), el surgimiento de la lingüística como práctica discursiva científica (**y más en general, el surgimiento de los discursos científicos en la historia**). Resulta evidente que la lingüística no posee las herramientas para comprender sus propios orígenes y su funcionamiento como discurso sobre el lenguaje (y tampoco tiene la pretensión de poseerlas).<sup>171</sup> [Destaques em negrita são meus]

Claramente, **essa formulação sobre o objeto da teoría dos discursos sociais tem um caráter epistemológico**. Constatamos que a aspiração de Verón de construir uma **epistemologia empírica materialista**, com um embasamento forte em Marx e na **semiologia estruturalista**, levou-o a uma **teoría analítica**, uma metateoria, que **conservou** seu aspecto **reflexivo-crítico**, mas que incorporou como referentes teórico-metodológicos centrais as propostas de Frege, Peirce e Chomsky. Foi assim que, para o autor, foi decisiva sua ruptura com a concepção binária de signo; considerou que a **terceridade** proposta por Frege e Peirce possibilitava formular uma teoria mais aperfeiçoada sobre os discursos.

Verón inseriu, como parte de sua **teoría dos discursos**, dois problemas que não foram considerados como fundamentais na fase anterior: a **materia-lidade do sentido** e a **construção do real na rede da semiose**. Os elementos

<sup>169</sup> Eliseo Verón, **Semiosis de lo ideológico y del poder...**, 2a. ed., Buenos Aires, CBC-UBA, 1997, p. 22:

*No se trata de decir que cuando se pasa al orden de lo discursivo, se pasa a lo social: de hecho, la lingüística como ciencia de la lengua, como ciencia extraña a lo social, sólo pudo constituirse sobre la base de un dispositivo metodológico destinado a expulsar lo social del lenguaje, reduciendo la actividad relativa al lenguaje (siempre discursiva y siempre social) al modelo de la producción de oraciones por un <<hablante-oyente ideal>> (No se pretende ciertamente negar la importancia histórica de tal dispositivo).*

<sup>170</sup> Idem, **La semiosis social...**, p. 122.

<sup>171</sup> Idem, *ibidem*, p. 122.

sociológicos, antropológicos e psicanalíticos perdem força para privilegiar o lado semiótico. Com efeito, Verón considera nessa fase, a *teoria da semiose* um capítulo importante de uma teoria sociológica geral: “...es en la semiosis donde se construye la realidad de lo social”.<sup>172</sup>

Proposição-chave do autor, que ao analisa-la esclarece seu posicionamento teórico-social, no campo da produção de conhecimentos nas ciências sociais; o logocentrismo de Verón sobre a problemática do *discurso*, definiu-o como um autor centrado no discurso, que o considera a base teórica principal para explicar as questões científicas, políticas, sociológicas e comunicacionais.

**Os discursos** nessa perspectiva não são meras expressões de pensamento, são as formas concretas *espaço-temporais de sentido*, sejam elas **sons, imagens, grafias, móveis, cenários, cores, vestidos, paisagens, corpos, gestos, olhares, cerimônias, contatos** etc., matérias investidas de sentido pelas determinações de suas *condições de produção*<sup>173</sup>. A **materialidade do sentido** é um aspecto que Verón conservou no seu pensamento sobre os discursos sociais para suas formulações dos anos 1980, demonstrando assim uma continuidade com sua tradição *materialista*.

O materialismo é um aspecto importante de sua concepção teórica que, como sabemos, estava profundamente vinculada com a perspectiva metodológica empírica. De acordo com **Verón, sem pesquisa empírica não existe condição de produzir teoria científica**. Esse princípio *teórico-metodológico* questionou profundamente, desde os anos 1960, a prática teórica *crítica* acostuada exclusivamente a uma reflexão especulativa. Em Verón é interessantíssimo constatar como se **combina um formalismo teórico** com a **obrigatoriedade da investigação empírica**; desde suas pesquisas com neuróticos nos anos 1960 até as interpretações semióticas dos anos 1980 e 1990, sempre trabalhou prá-

---

<sup>172</sup> Idem, ibidem, p. 126.

<sup>173</sup> Idem, ibidem, p. 128: *Los “objetos” que interesan al análisis de los discursos no están, en resumen, “en” los discursos; tampoco están “fuera” de ellos, en alguna parte de la “realidad social objetiva”. Son sistemas de relaciones: sistemas de relaciones que todo producto significativo mantiene con sus condiciones de generación, por una parte, y con sus efectos por la otra.*

Idem, ibidem, p. 129: *La semiosis está a ambos lados de la distinción: tanto las condiciones productivas cuanto los objetos significativos que nos proponemos analizar contienen sentido. Para dar toda su importancia teórica a esta observación basta recordar el hecho de que, como ya lo subrayamos en la primera parte de este trabajo, entre las condiciones productivas de un discurso hay siempre otros discursos.*

ticas de pesquisa empírica, como elemento de produção de suas construções teóricas.

Desse modo, a **teoria dos discursos sociais**, além de ser uma **metateoria de todo tipo de discurso, inclusive dos científicos**, também é uma **teoria operativa** que **investiga o sentido** produzido mediante a **análise das relações entre discursos**, tanto em **produção** quanto em **reconhecimento**. Assim sendo, de acordo com os postulados de Verón, ela é uma **teoria científica** porque reúne a condição de **autorreflexão**, de **desdobramento**, formulada pelo autor para esse tipo de discurso. Ela **produz conhecimentos**, por uma parte, e, por outra, **avalia a produção desses conhecimentos**.

O objetivo de Verón em 1974, quando tentava **fundar uma epistemologia empírica materialista**, efetivou-se na formulação de sua **teoria dos discursos sociais**, na qual estruturou formulações essenciais construídas anteriormente: *teoria da ideologia*, *teoria do poder*, *teoria da produção de conhecimentos*.

Uma problemática teórica, amplamente tratada e aprofundada por Eliseo Verón ao longo de sua trajetória, foi da produção do **sentido**. As pesquisas e os estudos realizados para construir uma concepção mais ajustada sobre essa questão, se iniciou com a pesquisa realizada com 53 neuróticos (*histéricos, fóbicos e obsessivos*) em hospitais de Grande Buenos Aires; durante quase cinco anos, entre 1965 e 1969. Nesse período, trabalhou técnicas semânticas e psicanalíticas para investigar as distorções linguísticas dessas pessoas que, pelas características de desvio próprias de seu estado, ofereciam material fecundo para caracterizar *estilos de enunciação*; *tipos de construção sintática*; *comportamentos interativos* com o entrevistador; que serviriam para perguntar-se acerca do sentido. As anomalias, e os desvios próprios desses comportamentos neuróticos, permitiram compreender aspectos comunicacionais, que em indivíduos “normais” é muito complicado perceber.

A análise de falas (entrevistas), textos jornalísticos, tipos de comportamento social, modelos e práticas de cientistas levaram o autor a procurar fundamentação teórica na *semiologia*, na *linguística*, nas *teorias da comunicação*, na *antropologia estrutural*, na *sociologia* e na *psicologia social*. O profundo e sistemático interesse pela **problemática do sentido** guiaria seus esforços até a formulação de seus **fragmentos sobre uma teoria da discursividade**; foi assim

que, entre 1976 e 1980, construiu sua proposta do *sentido como produção discursiva*.

Verón considerava que o impasse, reiterado, que encontrava para vincular *o sentido* com *o real* foi resolvido mediante a introdução da *terceridade* de Peirce e Göttlob Frege que permite estabelecer um vínculo teórico-metodológico do *signo* com o social, e com a realidade:

Se trata de concebir los **fenómenos de sentido** como apareciendo, por un lado, siempre bajo la forma de **conglomerados de materias significantes**; y como remitiendo, por otro, al **funcionamiento** de la red semiótica conceptualizada como **sistema productivo**. El acceso a la red semiótica siempre implica un trabajo de análisis que opera sobre fragmentos extraídos del proceso semiótico, es decir, sobre una cristalización (resultado de la intervención del análisis) de las tres posiciones funcionales (operaciones-discurso-representaciones). Se trabaja así sobre **estados**, que sólo son pequeños pedazos del tejido de la semiosis, que la fragmentación efectuada transforma em productos. La posibilidad de todo análisis del sentido descansa sobre la hipótesis según la cual **el sistema productivo deja huellas en los productos** y que el primero puede ser (fragmentariamente) **reconstruido a partir de una manipulación de los segundos**. Dicho de otro modo, analizando **productos**, apuntamos a **procesos**.<sup>174</sup> [Destques em negrita são meus]

A proposta teórica de Verón, construída em princípios dos anos 1970, sobre a *produção de sentido* como um *sistema produtivo*, continuava. A formulação de finais da década de 1970 aperfeiçoa a definição, concebendo-a como uma *rede semiótica*; as matérias significantes organizam-se nessa rede em três *posições funcionais*: *operações– discurso– representações*. Elas correspondem, respectivamente, ao que Peirce trata como: *interpretante –signo– objeto*; já em Frege a correlação é: *sentido– expressão– denotação*. A análise semiótica estudaria, na proposta de Verón, cada uma dessas partes fragmentariamente (*produtos*) para reconstruir o processo.

---

<sup>174</sup> Idem, ibidem, p. 124.

O *sentido*, para o autor, é necessariamente social, é determinado pelas suas condições produtivas. A **variação do interpretante** de Peirce para **operações** – o elemento correspondente em Verón – é indispensável, porque **para o autor o sujeito só é um suporte dessas operações**, não interessa como indivíduo.

A respeito do *signo*, Verón desenvolveu argumentos sobre a discursividade de que compreendem os signos além de seu caráter lógico, em configurações sociais concretas. Os **discursos** podem estar formados por **pacotes de imagens-textos-sons**, ou podem ser **conjuntos de cenários, quer dizer não correspondem às formas lógicas formais**.

Com respeito à relação entre o **objeto** de Peirce e as **representações** de Verón, considera que na cadeia semiótica os **suportes** não operam com objetos, mas com as representações deles; portanto, **o propósito da análise do discurso** não visa aos *objetos*, mas sim suas **representações discursivas**. Essas **representações sociais**, na perspectiva de Verón, estão fundamentadas na produção de sentido que atravessa todas as instituições, os comportamentos, as relações e a organização social em seu conjunto.

O autor partia das seguintes hipóteses:

- a) **Toda producción de sentido es necesariamente social:** no se puede describir ni explicar satisfactoriamente un proceso significativo, sin explicar sus condiciones sociales productivas.
- b) **Todo fenómeno social es**, en una de sus dimensiones constitutivas, **un proceso de producción de sentido**, cualquiera que fuere el nivel de análisis (más o menos micro o microsociológico).<sup>175</sup>

Apesar de afirmar que a *produção de sentido* é só uma dimensão constitutiva do social, na prática de pesquisa **o autor situa essa dimensão** como o **eixo diretriz fundamental, principal, organizador das sociedades**. Concebe, também, esse processo como **o eixo essencial de explicação dos processos histórico-sociais**. Os livros: *Perón o muerte; Construir el acontecimiento*, são um exemplo demonstrativo disso; penso que, para Verón, a **teoria dos discursos sociais e da produção de sentido é o quadro teórico fundamental das explicações históricas, políticas, sociológicas e ideológicas**.

<sup>175</sup> Idem, ibidem, p. 125.

Não obstante afirmar que nem tudo é semiótico, ela é para o autor, a *dimensão essencial* das sociedades:

Si el sentido está entrelazado de manera inextricable con los comportamientos sociales, si no hay organización material de la sociedad, ni instituciones, ni relaciones sociales sin producción de sentido, es porque esta última es el verdadero fundamento de lo que corrientemente se llama las “representaciones sociales”. (...) la teoría de **la producción del sentido es uno de los capítulos fundamentales de una teoría sociológica**, porque **es en la semiosis donde se construye la realidad de lo social**. (...) El análisis de los discursos sociales abre camino, de esa manera, al estudio de la **construcción real de lo social** (...).<sup>176</sup>

Concordo com Verón em que a *dimensão semiótica* é uma problemática fundamental da teoria sociológica; afirmo inclusive que a produção de sentido é uma problemática epistemológica geral das ciências do conhecimento, e de cada ciência em particular. Não obstante, penso que o *logocentrismo semiótico* de Verón está em pensar que a construção real do social é realizada centralmente na *dimensão da produção de sentido*; coincido em que esse aspecto é fundamental, mas não posso excluir nos estudos sociais modelos teórico-metodológicos fundamentais que também explicam a construção do real. Nas construções teóricas de Verón, a partir de 1975, esses fundamentos saíram, pouco a pouco, de seu quadro conceptual, centrando suas fundamentações no modelo de Peirce, e perdendo assim a abrangência teórica dos seus primeiros anos.

Paradoxalmente, quanto mais social a configuração formal de seus *fragmentos teóricos*, menos sociológico e mais especializado tornou-se seu discurso profundo. O Verón das análises pluridisciplinares deu lugar ao Verón que estuda operações discursivas particulares; condições interdiscursivas de produção; interações concretas entre *suportes humanos* dos discursos; *sistemas de relações* dos produtos significantes com as suas *condições de produção*, e com seus *efeitos de poder*. Um quadro teórico fechado, autossuficiente, negador radical de um diálogo e uma cooperação com outros modelos, disciplinas ou quadros. Para o campo da comunicação esse posicionamento resulta singularmente conflitivo e isolante, dadas nossas características de multidimensionalidade teórica.

<sup>176</sup> Idem, ibidem, p. 126.



Numa perspectiva construtiva essas hipóteses de Verón, independentemente dos desvios que o autor realizou, e apesar de que para alguns análises podem resultar triviais, questionaram e enriqueceram o pensamento em comunicação social na América Latina, porque inseriram na sua problemática epistemológica elementos teóricos-filosóficos-lógicos (Peirce-Frege-Chomsky), que criticavam os procedimentos vulgares e *funcionalistas* de resolução dos problemas, tanto ao estimular nossa crítica quanto ao permitirmos aprofundar e ampliar nossos referentes. Esses postulados ofereceram, assim, subsídios importantes para a reflexão, o debate e a produção de conhecimentos.

Para o estudo teórico em comunicação é muito interessante, por exemplo, a proposta triádica de Göttlob Frege: **expressão** (signo: zeichen), **sentido** (sinn), **denotação** (Bedeutung). Verón relaciona a *denotação* de F.G. Frege<sup>177</sup> com a sua noção de *representações* (a *representação* em Frege é subjetiva)<sup>178</sup>. Para Verón é fundamental o caráter de construção do real-social do *sentido*

<sup>177</sup> Göttlob Frege: “*La denotación de un nombre propio (eines Eigennames) es el objeto mismo (der Gegenstand selbst) que designamos con ese nombre...*”. Citado por Verón em **La semiosis social...**, op. cit., p. 101; in G. Frege, **Ecrits Logiques et philosophiques**, Paris, Seuil, 1971, pp. 105-106.

Para Frege, a *denotação* problematiza-se não ser, no mundo construído por uma linguagem; essa linguagem pode ser imaginária ou real, abstrata ou concreta, significante ou material. Esse mundo é social, transubjetivo. O universo da denotação de Frege é heterogêneo e abrange toda a problemática do ontológico.

<sup>178</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social...**, op. cit., p. 101: “*La representación asociada a un signo debe distinguirse de la denotación (Bedeutung) y del sentido (Sinn) de ese signo. Si un signo denota un objeto perceptible por medio de los sentidos, mi representación es un cuadro interior (inneres Bild), formado por el recuerdo de las impresiones sensibles y de las acciones exteriores o interiores a las cuales me entregué. En ese cuadro, los sentimientos penetran las representaciones; la distinción de sus diversas partes es desigual e inconstante. En el mismo individuo, la misma representación no siempre está ligada al mismo sentido, pues la representación es subjetiva (Die Vorstellung ist subjektiv); la de uno no es la de otro (...). Es allí donde una representación se distingue esencialmente del sentido de un signo. Este puede ser la propiedad común de varios individuos: no es por lo tanto parte ni modo del alma individual, porque no se puede negar que la humanidad posee un tesoro común de pensamientos (einen gemeinsamen Schatz von Gedanken) que se transmite de una generación a la otra.*”

*Un poco más lejos:*

“*La denotación de un nombre propio (eines Eigennames) es el objeto mismo (der Gegenstand selbst) que designamos con ese nombre; la representación que allí alcanzamos es enteramente subjetiva; entre los dos se encuentra el sentido, que no es subjetivo como la representación, pero que tampoco es el objeto mismo*”

[ Citado por Verón do texto francês de G. Frege, *Ecrits logiques et philosophiques*, Paris, Seuil, 1971, pp. 105-106; texto alemão *Kleine Schriften*, op. cit., pp. 145-146].

em **Frege: o sentido é transubjetivo; a denotação abrange o mundo; a expressão representa linguisticamente esse ser; o sentido é o “tesouro comum de pensamentos”** da humanidade. *Ontologia, linguística-lógica e semiótica-sociológica* segundo o autor, tornaram o modelo de F.G. Frege em um *paradigma teórico central*, sistematicamente incorporado por Verón como discurso-chave das suas condições de produção sobre uma *teoria da discursividade*. Frege ofereceu a Verón um quadro abrangente dos tipos de *denotações*: dos juízos lógicos, dos objetos materiais; estabeleceu as relações dessas *denotações* com a dimensão discursiva, *expressões* em Frege; e fundamentou um modelo para uma *teoria do real como construído*: “...por las operaciones de referenciación tomadas a su cargo por las expresiones de un sistema lingüístico dado”.<sup>179</sup>

O modelo ternário de Friedrich Göttlob **Frege define um modelo de signo** vinculado com o **mundo** pela **denotação**; esse mundo é construído por meio de um **quadro interior de representações subjetivas** das **impressões sensíveis** e das **ações realizadas**. O **sentido situa-se entre a denotação e a representação**, ele não é o objeto, mas também não é subjetivo; o **signo pertence à ordem do social**, as operações para sua construção são parte da fabricação do real.

Outro quadro teórico essencial na produção dos fragmentos de *teoria dos discursos sociais* de Verón é a **semiótica de Ch. S. Peirce**. Verón situou em Peirce elementos para resolver o problema da produção do dispositivo *sentido* na sociedade; novamente o caráter ternário formulado por Peirce foi decisivo para nosso autor:

“(…) por ‘semiosis entiendo, una acción o influencia que es o implica la cooperación de tres sujetos (subjects), un signo, su objeto y su interpretante, esta influencia tri-relativa (tri-relative influence), no siendo en manera alguna reductible a acciones entre pares.”<sup>180</sup>

Para Verón, além do paralelismo, com F.G. Frege, pelo seu caráter ternário do *signo*; seria importante salientar a **exclusão feita por Peirce do psico-**

<sup>179</sup> Idem, *ibidem*, p. 103.

<sup>180</sup> Charles Sanders Peirce, *Escritos sur le signe*, Paris, Seuil, 1978. Citado e traduzido por Eliseo Verón na p. 103 de *La semiosis social...*, op. cit.

**lógico no signo:** nega radicalmente a interação entre humanos, e **considera a produção de sentido uma relação do *interpretante* com a linguagem** (signo) e **com o objeto real de que trata**. Questão importante do quadro teórico de Verón, tomada de Peirce: **a noção de *suporte***; Peirce considera os **três termos** do signo como ***subjects = suportes***, não como sujeitos em sentido psicológico. Lembremos que nas proposições de Verón os indivíduos que participam de um processo de *produção de sentido* são meros *suportes*, que realizam operações de acordo com as normas, determinações e condições sociais. Para fundamentar essas proposições, Verón buscou insistentemente elementos que eliminassem o psicologismo próprio da semiologia de Saussure, e das teorias comunicativas com as quais trabalhou nos seus primeiros anos de pesquisa e reflexão.

Seguindo esse raciocínio, Verón estabeleceu uma correspondência essencial entre as concepções de *signo* de Frege e Peirce<sup>181</sup>:

<b>FREGE</b>	<b>PEIRCE</b>
<b>Signo (Zeichen)</b>	<b>Signo</b>
<b>Sentido (Sinn)</b>	<b>Interpretante</b>
<b>Denotação (Bedeutung)</b>	<b>Objeto</b>

As reflexões teóricas de Verón levam-no para um plano epistemológico, tomando de Frege e Peirce elementos que tratam sobre a concepção das ideias e a produção de pensamento. Identificar nesses autores categorias para produzir sua *teoria dos discursos* é seu objetivo fundamental.

É assim que Verón adota a **proposição de *phaneron* de Peirce**:

“(...) por **phaneron** entiendo la totalidad colectiva de **todo lo que**, cualquiera sea la manera y el sentido, **está presente en el espíritu, sin considerar en modo alguno si ello corresponde a alguna cosa real o no.**”<sup>182</sup>

Nessa definição podem estar presentes tanto sonhos quanto representações dos fenômenos, ou leis, ou pensamentos. Para caracterizar esse

<sup>181</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, op. cit., p. 104.

<sup>182</sup> Ch. S. Peirce, *Ecrits sur le signe*, op. cit., p. 67; citado por Verón em *La semiosis social...*, op. cit., p. 106.

**phaneron** Peirce define três **modos de ser** gerais, nele presentes: **‘primeridade’** da ordem da **possibilidade** (qualidade: **qualisignos**); **‘secundidade’** da ordem dos **eventos singulares**, em bruto (**sinsignos**); **‘terceridade’** da ordem da **razão**, da **lei** (do pensamento: **legisignos**). Essas distinções permitem delimitar a especificidade entre os diferentes tipos de fenômenos ontológicos.

Para **Verón** não é importante em Peirce sua *taxonomia* dos signos, **ele concebe o pensamento de Peirce como analítico**. Nesse sentido os *modos de ser* do *phaneron* são fundamentais, **o que interessa é o modo de funcionamento dessas categorias** ou dimensões. Elemento essencial, condição de produção do discurso de Verón, é que esse pensamento analítico pode ser encarado como uma **“composição de operações cognitivas”**<sup>183</sup>; lembremos que a concepção de **código em Verón: normas e operações** combinadas, já permitia essa aproximação com a problemática operativa.

Verón debatia na época, como uma questão fundamental, a relação entre *signo* e *objeto*; em contraposição com algumas interpretações de Peirce o autor afirma que *o objeto não determina o signo* como tal mas na sua condição de *terceridade*, que essa relação é um tipo de *emanação* de *“preceito de explicação”*:

Peirce dice:

“...todo signo tiene, en acto o virtualmente, lo que podemos llamar un **precepto** de explicación, según el cual hay que comprenderlo como si fuera, por así decir, una especie de emanación de su objeto(...). Si el Signo es un ícono, un escolástico diría que la **‘species’** del objeto que de él emana (emanating from it) encuentra su materia en el ícono. Si el Signo es un índice, podemos pensar que se trata de un fragmento arrancado al Objeto, siendo ambos en su existencia un conjunto o una parte de un tal conjunto. Si el Signo es un símbolo, podemos pensar de él que incorpora la **‘ratio’** o razón del objeto de él emanado (emanated from it)” (2.230).<sup>184</sup> [grifos do autor]

<sup>183</sup> E. Verón, **La semiosis social...**, op. cit., p. 111.

<sup>184</sup> Ch. S. Peirce, **Ecrits sur le signe**, op. cit., p. 123; a segunda parte da citação não consta no texto francês, foi extraída de **Collected Papers of Chales Sanders Peirce**, editado por C. Hartshorne y P. Weiss, Harvard University Press, 8 volumes, 1931-1958. Segundo a convenção utilizada, para citar a Peirce: o primeiro número indica o volume e o segundo o parágrafo, que

As **relações entre signo e objeto são relações complexas de interdependência**; Verón realiza uma leitura em que o *signo* tem um caráter ativo sobre o *objeto* – para ele, tanto no caso do ícone quanto do símbolo, Peirce afirmaria que o objeto é uma emanação do signo<sup>185</sup>.

Por outro lado, numa carta dirigida a Lady Welby de 23 de dezembro de 1908, Peirce afirmava:

“A esta cosa que es la causa de un signo en cuanto tal, se la llama el **objeto** (en la lengua ordinaria el objeto “real”, pero más exactamente el objeto **existente**) representado por el signo: el signo está determinado a tener alguna especie de correspondencia con ese objeto” (5.473/Fr.: 127).<sup>186</sup>

Peirce afirma que deve ter algum tipo de correspondência – considero que não está asseverando uma determinação mecânica do *objeto* pelo *signo*, como o fariam alguns leitores de Peirce. **Verón, pelo contrário, argumenta a favor da determinação do objeto pelo signo, porque em profundidade todo “objeto” é um terceiro, uma lei. É aí um juízo-chave de seu logocentrismo semiótico**<sup>187</sup>. A perspectiva contrária reduziria o *signo* a um reflexo linear do objeto, reprodução que determinaria a estruturação do sistema de signos que o representam. A argumentação não é tão clara e sintética, sua retórica tem uma configuração dialética na qual o raciocínio reconhece elementos neste caso é 2.230; citado por Verón em *La semiosis social...*, op. cit., p. 113.

<sup>185</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, op. cit., p. 113.

<sup>186</sup> Idem, ibidem, p. 112.

<sup>187</sup> Idem, ibidem, p. 115: *Siendo un segundo un objeto, no puede producir ni determinar jamás un signo, que es un tercero. Si se puede decir del objeto que es determinante, es porque el objeto mismo es ya un tercero. Ello es evidente, porque cuando se habla, en la semiótica, de un primero, de un segundo y de un tercero, se designan de ese modo aspectos de la Terceridad. Dicho de otro modo, el primero, el segundo y el tercero ya son naturalmente, los tres, terceros. En consecuencia, si se puede decir de un objeto que termina un signo, es porque el objeto mismo, como el representamen y el interpretante, es un signo. Esta es precisamente la respuesta de Peirce: “Todo signo está puesto para un objeto independientemente de él mismo; pero sólo puede ser un signo de este objeto en la medida en que el objeto tiene en sí mismo la naturaleza de un signo, del pensamiento; porque el signo no afecta al objeto, pero es afectado por éste, de tal suerte que el objeto debe ser capaz de comunicar el pensamiento, es decir, debe tener la naturaleza del pensamiento o de un signo” (1.538/Fr.: 115).*

contraditórios, de partida, que são desvendados mediante a construção de argumentos que explicam a primazia do abstrato<sup>188</sup>, do pensamento na definição do *signo*.

De todo modo, nem o pensamento de Verón, nem as proposições de Peirce, apresentam só um único aspecto da problemática, sua riqueza é inquestionável. Tomemos por exemplo o seguinte parágrafo que **caracteriza o signo como mediação**:

El signo, en efecto, remite a su objeto, lo **representa**. Pero lo hace siempre **de una manera determinada**. “(El signo) reemplaza algo: su objeto. Lo reemplaza, no desde todos los puntos de vista, sino con referencia a una especie de idea que he llamado **fundamento** del representamen” (2.228/Fr.:121). Esta **manera** define la relación del signo con su objeto y es la que, al **operar el signo como mediación**, debe ser **producida** como **relación del interpretante** con el mismo **objeto**.<sup>189</sup> [grifos do autor]

Para Verón essa seria uma relação primária entre *signo* e *objeto*. A relação que lhe interessa é uma relação de *segunda ordem*, que é a *representação* da relação entre a *representação de primeira ordem* e o objeto, imposta pelo funcionamento da *semiose*. Analisando essa relação, Verón compreende que o *objeto* desborda o *signo*, porque este não pode representar o “todo” do objeto; esse desbordo é denominado ***objeto dinâmico***.<sup>190</sup>

Como afirmei anteriormente, considero que existe uma interdependência entre o *signo* e o *objeto*, na qual não é possível estabelecer um condicionamento unilateral, portanto as duas proposições de Peirce são válidas (*objeto* → ← *signo*), porque referem-se a aspectos distintos da cadeia semiótica. O fundamental é reconhecer esses nexos e evitar definições redutoras.

<sup>188</sup> Eli de Gortari, **Siete ensayos filosóficos sobre la ciencia**, México, Ed. Grijalbo, 1969, p. 19:

*En la interpretación lógica del método científico, una de las grandes conquistas realizadas por Galileo fue la de comprobar que el pensamiento lógico puro es estéril, puesto que no permite adquirir ningún conocimiento de la realidad objetiva; o sea, que las conclusiones a las cuales se llega, valiéndose de medios exclusivamente lógicos, son completamente vacuas.*

<sup>189</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social...**, op. cit., p. 118.

<sup>190</sup> Idem, ibidem, p. 118.

Se pensarmos num projeto científico, sabemos que todo *objeto científico* (*objeto empírico/objeto teórico*) é construído, ele não é um capricho especulativo dos pesquisadores; os signos organizados como hipóteses são testados mediante a experimentação ou a observação sistemática, que confronta os processos reais de existência do *objeto* (*objeto dinâmico*) com os signos que tentam representá-lo. Sabemos, também, que vários sistemas de hipóteses podem dar uma explicação coerente e apurada de um mesmo objeto, portanto ele condiciona a estruturação desses signos e de seus significados, mas não os determina em caráter absoluto. Podemos afirmar que, de alguma forma, o *objeto* está representado no *signo*; mas também que, de alguma outra maneira, o *signo* define o que é o *objeto*.

A análise da citação permite identificar que para Verón o importante, nesse parágrafo, era a *maneira* de se relacionar o *signo* com o *objeto* e os fundamentos da representação. Para nós, é importante o caráter do *signo* como **mediação** entre *objeto* e *interpretante*, estabelecida explicitamente por Peirce nessa passagem. Seguindo Peirce, teríamos que formular que **os signos organizados em textos e discursos são uma mediação fundamental** entre os *interpretantes* e os *objetos*.

Para Verón, não obstante, a **terceridade** (lei, pensamento, lógica) **tinha primazia** na fabricação da realidade:

Si nos colocamos en el nivel de la semiosis, de la red de los signos que remiten unos a otros sin cesar, ambos objetos, el objeto inmediato y el objeto dinámico, son producidos por la semiosis.

(...) El objeto dinámico es una cuestión de conocimientos supuestos, y el conocimiento es una cuestión de signos (...).<sup>191</sup>

Na ótica de Verón os dois tipos de objetos são fabricados pela semiose, como vimos, ela foi definida como o eixo fundamental de construção da realidade; ela também, nessa perspectiva, é a *dimensão constitutiva essencial* da sociedade; ela não é tudo no mundo social, mas é o fundamental na perspectiva de Verón. Eis o logocentrismo de Verón expresso teoricamente, que por outro lado, o constatamos como discurso profundo nas suas pesquisas empíricas em comunicação.

<sup>191</sup> Idem, ibidem, p. 118.

Por mais relevantes que sejam as proposições de F.G. Frege e de Peirce, não podemos reduzir o pensamento essencial (*hard*) em comunicação a esses modelos lógico-filosóficos<sup>192</sup>. Romper com uma visão binária de signo não é suficiente; tampouco declarar o caráter social do *signo* ou caráter semiótico da sociedade. **Como pensar os discursos sociais fora da história? Como definir as condições de produção dos discursos, ignorando a economia política dos modos e dos meios? Como excluir os produtos discursivos das suas relações com as classes<sup>193</sup> e com os grupos que os constroem? Como caracterizar os discursos, anulando as estratégias políticas que são parte de sua estruturação? Como compreender os discursos sociais expulsando os sujeitos históricos, os cidadãos produtores desses pacotes e seus sentimentos, paixões e emoções?**<sup>194</sup>.

<sup>192</sup> Eli de Gortari, **Introducción a la lógica dialéctica**, op. cit., p. 79: *La relación entre los procesos es, además, múltiple y poliforme. Asimismo, en cada proceso existe independencia y conexión íntima entre todos y cada uno de sus aspectos y elementos; y esta conexión interna es la que produce la unidad del proceso. A la vez, la conexión universal entre los procesos y en el interior de los procesos es una relación activa. Los movimientos y los cambios de cada proceso influyen en los cambios y los movimientos de los otros procesos y, a su vez, reciben la influencia de ellos. Esta acción recíproca es una causalidad recíproca entre los procesos, que se condicionan mutuamente. Así, la causa produce el efecto; pero, al propio tiempo, el efecto no es pasivo, sino que actúa, a su vez, sobre la causa. De esta manera, existe una transferencia continua y recíproca entre causa y efecto. Y en consecuencia, toda acción es simultáneamente efecto y causa, en sus múltiples relaciones con otras acciones.*

<sup>193</sup> Karl Marx, **O dezoito Brumário de Luís Bonaparte** (parte VII): *Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em oposição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe:* in **Dicionário do pensamento marxista**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Norberto Bobbio: *(...) para Marx o conceito de classe constitui um instrumento de análise que lhe permite entender de relações entre os fenômenos econômicos, políticos e culturais...;* in N. Bobbio et. al., **Dicionário do pensamento político**, Brasília, Ed. UNB, 1986, p. 172.

<sup>194</sup> Ludwig Wittgenstein, **Investigaciones filosóficas**, op. cit., p. 519: *<<La autenticidad de la expresión no puede demostrarse, hay que sentirla>>.*

José Carlos Mariátegui, “El hombre y el Mito”, in Augusto Salazar Bondy (org.), **Ensayos escogidos**, Lima, Ed. Universo, 1974, pp. 33-36: *Renán, como el mismo Sorel lo recuerda, advertía la fe religiosa de los socialistas, constatando su inexpugnabilidad a todo desaliento. “A cada experiencia frustrada, recomienzan. No han encontrado la solución: la encontrarán. Jamás los asalta la idea de que la solución no exista. He ahí su fuerza”.*

*(...) Los profesionales de la Inteligencia no encontrarán el camino de la fe, lo encontrarán las multitudes. A los filósofos les tocará, más tarde, codificar el pensamiento que emerja de la gran gesta multitudinaria. ¿Supieron acaso los filósofos de la decadencia romana comprender el lenguaje del cristianismo? La filosofía de la decadencia burguesa no puede tener mejor destino.*



O instrumental teórico semiótico é um modelo importante, que deve ser parte das construções teóricas em comunicação; aplicá-lo isoladamente, centrando as análises e as pesquisas nos seus procedimentos e nas suas proposições é um desvio, que diminui importantes contribuições que a semiótica oferece para os estudos em comunicação.

Tomemos, por exemplo, a problemática do *signo* com relação ao *social*; lembramos que Verón afirmou que **“o conhecimento é uma questão de signos”, podemos apontar que é e não é, porque ele é um processo produtivo muito mais complexo que a dimensão semiótica.** Em termos de proposições gerais, Verón formula a pertinência do social como elemento substancial da produção simbólica; o problema é que, ao situar a *semiose* nesse social, ela torna-se a *“dimensão constitutiva fundamental”*.

Coincidimos com Verón em que para analisar *discursos sociais* (filmes, telenovelas, noticiários, programas de auditório, jornais, revistas, comportamentos de públicos, modas, hábitos de comida, rituais, festas etc.) é fundamental partir do estudo das *condições de produção* desses discursos. Porém, a questão-chave, na qual me distancio de Verón, é que **não podemos reduzir essas condições à interdiscursividade**, considerando-a na análise como a determinante na produção discursiva.

**Os discursos sociais são multidimensionais, os fatores determinantes do seu processo de configuração dependem de combinações concretas, nas quais as circunstâncias, os sujeitos, as mediações, as matrizes culturais, a conjuntura política, as estruturas econômicas, as características institucionais, os conflitos entre os grandes grupos sociais intervêm significativamente.**

Eliseo Verón adotou as proposições de Peirce sobre a categoria de *realidade*; após pesquisa sistemática conseguimos encontrar algumas pistas importantes acerca da concepção do autor com respeito ao *social*:

“Las cogniciones que nos alcanzan... son de dos clases, las verdaderas y las no-verdaderas, es decir, cogniciones cuyos objetos son **reales** y otras cuyos objetos son **irreales**. ¿Y qué entendemos por ‘real’? Es una concepción que debimos tener por primera vez cuando descubrimos que había algo irreal, una ilusión; en otras palabras, la primera vez que nos corregimos. (...) Lo real es aquello

sobre lo que más tarde o más temprano debería desembocar finalmente la información y el razonamiento; lo que, en consecuencia, es independiente de las extravagancias del yo y del tú. El **verdadero origen de la realidad** muestra que esta concepción implica esencialmente la noción de una **COMUNIDAD**, sin límites precisos, capaz de un crecimiento definido de conocimientos” (5.311). Esta comunidad aparece como la garantía, la fuente de legitimidad, de lo real y de lo verdadero, pues el problema de la verdad se plantea a partir de actos de aserción. Y **la aserción no es otra cosa que un contrato social**: “Un acto de aserción supone que, formulada una proposición, una persona cumpla un acto que la hace pasible de los castigos del derecho social (o en todo caso, del derecho moral) en caso de que no fuera cierta, a menos que tenga una excusa precisa y suficiente” (2.315/Fr.: 71).<sup>195</sup> [grifos do autor]

A realidade é reduzida ao *social produtor de conhecimentos*, que seria a fonte essencial da *verdade*. O *real*, na perspectiva de Verón, para ter essa categoria, necessita de uma *comunidade* produtora de conhecimentos definidos. Pergunto: qual é essa comunidade na sociedade? Não pode ser outra, senão a comunidade dos cientistas, pesquisadores e intelectuais capazes de estruturar leis, de produzir “terceridade”?

Esses acertos sociais, normas de ação, organizam-se em *hábitos* que fundamentam na proposta de Peirce a veracidade desses signos. O direito social e moral define, nesse ponto de vista, o *real* e o *verdadero*. A *realidade* definida como uma categoria objetiva independente do pensamento, da vontade e da organização social dos homens, transforma-se em Verón, seguindo Peirce, em *objeto existente, contingente*.

O jogo retórico é forte, aparentemente estamos fortalecendo o *social* dotando-o de um nível epistemológico substancial que fundamenta o *real* e o *verdadero*. **Na verdade, o pensamento pragmático, operativo, com poder de estabelecer efeitos de poder: regras, normas, hábitos e ações, é formulado como sinônimo de verdade e de realidade.** O *logocentrismo* é derradeiro, adquire um caráter excludente que, para mim, explica o porquê da falta de

---

<sup>195</sup> Ch. S. Peirce, *Ecrits sur le signe*, op. cit.; citado por Eliseo Verón no livro *La semiosis social...*, op. cit., pp. 119-120.

diálogo do autor com paradigmas comunicacionais distintos. Esse modelo teórico combina, magistralmente, *teoricismo* e *empirismo*, porque só a dimensão teórica, a comunidade produtora de cognição pode construir o verdadeiro e o real; **o hábito empírico-social fundamenta, sincronicamente, o pensamento e o mundo.**

Um pensamento coerente e apurado, que “elegantemente” nos desloca de problemáticas comunicológicas importantes. Os problemas históricos, econômicos, políticos, antropológicos, psicológicos e culturais dão ensejo à “total/meta/teoria semiótica”. Em claro estilo apologético, Verón sublinha:

Peirce fundó la semiótica y, a la vez, definió su problemática teórica fundamental: la de las relaciones entre la **producción del sentido, la construcción de lo real y el funcionamiento de la sociedad.**<sup>196</sup>

Esse parágrafo nega a própria tese de Verón sobre *fundações*, que seriam discursos com uma relação complexa de máxima tensão e distância com os discursos de produção e com os discursos de reconhecimento<sup>197</sup>; esse discurso (ou conjunto) fundador, capaz de gerar as características apontadas, não teria uma personagem fundadora<sup>198</sup> na teoria de Verón. Novamente,

<sup>196</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, op. cit., p. 120.

<sup>197</sup> Idem, *A produção de sentido*, op. cit., p. 120: *Minha hipótese é que os textos de fundação ocupam uma posição particular no interior da rede, a saber, a que é caracterizada por uma **distância máxima** entre a produção e o reconhecimento. Essa distância máxima não diz respeito à relação (Pdi)-(Di), isto é, à relação de um discurso com os discursos que fazem parte de suas condições de produção. A distância que estamos falando não se refere, tão pouco, à relação (Di)-(Rdi). Ela se refere à **relação entre as duas relações**. O que é móvel e variável é a relação (Pdi)-(Di)/(Di)-(Rdi); é ela que encerra a dinâmica histórica do desenvolvimento do sistema de produção de uma ciência ao nível discursivo.*

Idem, *ibidem*, p. 122: *Impõe-se, conseqüentemente, mudar de nível teórico: a noção de fundação designa os momentos de tensão no interior da rede histórica da produção discursiva das ciências, os pontos onde o tecido da circulação histórica dos textos conhece suas defasagens máximas. Nem continuidade nem ruptura: o desenvolvimento das ciências, ao nível dos discursos que produzem, é marcado por fundações. **Uma fundação não é senão um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações...***

<sup>198</sup> Idem, *ibidem*, pp. 123-124: *o “verdadeiro” rosto do fundador não existe. A pesquisa desse rosto autêntico que estaria em algum lugar da obra (desde que se fizesse a boa leitura desta), que seria localizável a partir deste ou daquele escrito, nada mais é do que a última versão da ideologia do “sujeito criador”.*

como em repetidas ocasiões, temos comprovado em nossa argumentação, o autor postula questões-chave em profunda contradição com suas próprias formulações.

A terceira questão, que devo salientar, é a síntese bem-sucedida que o parágrafo configura do eixo problemático da semiótica Peirce→Verón: *produção de sentido*→ *construção do real*→ *funcionamento da sociedade*. Penso que a ordem de exposição não é acidental; se considerarmos a lógica do discurso de Verón, esses elementos têm uma hierarquia que vai, em ordem genética, do *sentido* para a *construção do real* e logo para o *funcionamento social* concreto. O processo também, nesse raciocínio, segue o caminho inverso: da ação social empírica – a sua força de *hábito* – determina o *sentido*, transformando-o em lei, em *terceridade*: “**Una ley jamás puede encarnarse en tanto ley, salvo determinando un hábito**” (1.536/Fr.:115).<sup>199</sup>

Um cruzamento retórico forte que argumenta, simultaneamente, a primazia do empírico-social: *hábito* (*critério da verdade e do real*) e a prioridade do semiótico-lógico: (*semiose produtora da realidade e do social*).

## O deslocamento

Para terminar esta parte epistemológica sobre a produção intelectual de Eliseo Verón, vamos refletir sobre algumas questões basilares apontadas por ele, no prefácio à terceira edição argentina do livro: **Conducta, estructura y comunicación**<sup>200</sup>, de 1996. Nesse livro, o autor aproveita para realizar uma autoavaliação do seu processo de produção teórica no período 1959-1973; e insere, também, pontos de vista de sua concepção nos anos 1990 sobre comunicação social, e as mudanças de rumo, relevantes, que aconteceram na sua trajetória.

O livro referido, faz possível retomar a mudança epistemológica crucial do autor, cujas problemáticas de pesquisa passaram, de uma perspec-

*(...) Ora, não é nada disso. Isso não quer dizer que o sujeito concreto (histórico, individual) não tenha deixado traços no discurso: em qualquer discurso, há uma multidão heterogênea de traços de diferentes origens. Só que as origens de interesse para a análise de um texto como texto de fundação nada têm a ver com o sujeito concreto (histórico, individual). A lembrança desse sujeito concreto só servirá para embaralhar indefinidamente a questão.*

<sup>199</sup> Ch. S. Peirce, , **Escrits sur le signe**, op. cit.; citado por Eliseo Verón no livro **La semiosis social...**, p. 119.

<sup>200</sup> Eliseo Verón, **Conducta, estructura y comunicación**, op. cit., p. 11.

tiva que considerava importante pesquisar e produzir conhecimento numa linha transdisciplinar antropológica, psicológica, sociológica, para uma perspectiva concentrada na semiótica<sup>201</sup>. Verón lembra muito bem, nesse livro, a polêmica que provocou em Urbino, em 1969, com Greimas, por usar uma **metodologia que combinava antropologia, estruturalismo, pragmática de Palo Alto e semiologia francesa**. As propostas epistêmicas para construir uma ciência da comunicação eram amplas e pluridisciplinares em Verón, nessa primeira época; porém, pouco a pouco, o autor concentrou-se na linha da *análise do discurso*:

Como si la problemática propiamente semiológico-discursiva hubiese tenido para mí la ventaja de representar una posición excéntrica con respecto a ese campo cultural [refere-se à antropologia, psicologia e estruturalismo], tal vez un lugar protegido. Esa interpretación resulta tanto más plausible cuanto que es en ese año 1973 cuando decido <<descentrarme>> más radicalmente del campo intelectual argentino, instalándome en Francia.<sup>202</sup>

Verón culminou assim sua primeira época como produtor intelectual, pesquisador e teórico em ciências sociais. É interessante estudar esse processo paradoxal, no qual o autor se desloca definitivamente para a área semiótica; é notável como suas ferramentas teórico-metodológicas ficaram mais abertas, flexíveis, aprofundadas e aprimoradas na *análise de discurso*; porém, simultaneamente, é constatável como sua concepção epistemológica sobre a problemática das ciências sociais e da comunicação fechou-se, reduziu-se, em síntese evoluiu a partir de 1975, restringindo-se a uma concentração excessiva na singularidade do discurso.

Essa mudança foi por ele concebida como uma passagem da problemática *psicossocial* para uma *sociologia do discurso*; como um deslocamento das proposições gerais sobre a importância da *história*, da *sociedade* e dos *sistemas produtivos* para a *semiótica*; de fato, as fontes e as partes epistemológicas transdisciplinares perderam força em Verón, a compreensão das problemáti-

<sup>201</sup> Idem, ibidem, p. 11: “En términos de investigación el período está claramente marcado por el pasaje progresivo de una problemática psicossocial a una problemática sobre el discurso.”

<sup>202</sup> Idem, ibidem, p. 12.

cas da comunicação e das ciências sociais passou a ser um assunto de *discurso*. Aparentemente, Verón estaria afirmando uma construção passo a passo de “*fragmentos de uma teoria da discursividade*”, mas na verdade reduzi também a problemática social à produção de sentido:

Em definitiva, Peirce ayuda a liberarse de la idea, natural y testaruda, de que un sistema debe, de alguna manera, estar integrado o poder integrarse. Tal vez los sistemas que son la sociedad por un lado y el actor social individual por otro lado sean sistemas semióticos débilmente integrados, tanto internamente cuanto entre sí.<sup>203</sup>

Pensar a sociedade como sistemas semióticos é uma opção de todo pesquisador social, o problema é excluir elementos fundamentais do conhecimento social que não correspondem à análise do discurso ou à semiótica. Poderíamos dizer que, numa perspectiva *econômico-política*, lidamos com um *sistema econômico de integração fraca* na sua estruturação e no seu funcionamento nos últimos duzentos anos? Com certeza não. A *globalização* capitalista, na qual os sistemas de científico-técnicos de informação e comunicação constituem um elemento central, não podem ser caracterizados como organizações de frágil constituição, sua estruturação. Sua hegemonia e seu controle do planeta manifestam um poder avassalador.

Verón concebe os sistemas como *desintegrados* e sem possibilidades de *integração*, esse postulado precisaria de uma demonstração minuciosa porque questiona a categoria mesma de sistema como uma estrutura organizada em movimento. Sua crítica ao *estruturalismo*, que estabelece modelos definitivos e determinantes de pirâmides sociais, não pode confundir essa corrente teórico-metodológica com o fato de encontrarmos, na realidade empírica, formas organizadas em relações singulares que conformam sistemas integrados, tanto na biologia quanto nas ciências físicas e sociais.

A *teoria das fundações* -que contribui com elementos interessantes sobre os processos históricos de produção dos textos- esclarece questões acerca da complexidade da configuração de conjuntos de textos-chave numa área do saber humano; diferencia as gramáticas ou instâncias da *produção* e do *reconhecimento*; define a partir dessas relações um conceito adequado à semiose

<sup>203</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.

sobre *ideologia* e *poder*, como fragmentos e hipóteses sobre a discursividade social. Essa teoria fecunda, não obstante, não tem a pertinência, nem a abrangência, para se considerar o campo comunicológico, e pior considerar-se o eixo central do saber em ciências sociais.

As proposições de Eliseo Verón constituem elementos importantes da reflexão na nossa área; sua primeira época latino-americana ofereceu férteis reflexões teóricas sobre os possíveis caminhos metodológicos de construção de uma “*ciência da comunicação*”. De fato, formulou teses importantes acerca da necessidade de integração teórico-metodológica entre a *psicanálise*, a *linguística*, o *materialismo científico* e a *antropologia estruturalista*. Com efeito, percebe-se nessa primeira época uma perspectiva abrangente, que buscava inserir paradigmas e modelos diferenciados na produção de conhecimentos sobre o campo. Por exemplo, a pesquisa empírica, como elemento necessário na produção de conhecimentos na *práxis* de Verón, fortalecia suas argumentações, e questionava os saberes fundamentados só em abstrações. As ferramentas técnicas formais, como foi o caso da *análise semântica estruturalista*, combinavam-se com reflexões teóricas amplas, multifacetadas e integradoras.

Segundo Verón:

“<<Fundaciones>> es para mí un texto importante, en la medida en que cierra, de alguna manera, ese período <<argentino>> y consagra mi ruptura definitiva con la lógica conceptual del marxismo”.<sup>204</sup>

Verón, na verdade rompeu, com o *estruturalismo marxista* (Althusser), com o *estruturalismo antropológico* (Lévi-Strauss) e com o *funcionalismo semiológico* (Ferdinand de Saussure). Como analisamos nesta parte, o autor criticou em *Fundações* os postulados binários da semiologia de Saussure, suas tendências psicologistas e sua confusão entre dos aspectos biológicos e sociais da linguagem; criticou, também, as dicotomias *estruturalistas* centrando-se no debate contra a concepção de *estrutura/superestrutura* e os esquemas relacionais estabelecidos por Althusser; criticou as teorias sobre a *ruptura/continuidade* epistemológicas; critica no *estruturalismo semiológico* a não distinção entre o objeto de estudo da linguística (que segundo Verón deveria ser a linguagem formal: *frases objeto*) e o objeto de estudo da *análise da produ-*

<sup>204</sup> Idem, *ibidem*, p. 12.

*ção de sentido* (produção/reconhecimento de discursos sociais). Defendeu a pertinência da linguística fora das ciências sociais e como parte das biológicas (para o que aproveita Noam Chomsky), e argumentou a favor das teorias de produção de sentido pela via da *interação social* (Gregory Bateson); propôs um modelo histórico de configuração das fundações.

Quando Verón afirmou que esse texto foi a “*ruptura definitiva com a lógica conceptual do marxismo*” encontramos um profundo efeito de distorção. Primeiro, porque até 1980 esse texto continuava usando conceitos como *luta de classes, formações sociais capitalistas, sistema produtivo-histórico etc.*<sup>205</sup> próprios da lógica de Marx. Segundo, porque Verón não explicitou sua “crítica definitiva” ao modelo de Marx na edição de *Fundações* de 1988, simplesmente cortou parágrafos, ou mudou palavras sem explicar o porquê dessas operações.

Não era possível, nem o é, situar Verón como representante do *materialismo histórico* em ciências sociais, ou em comunicação; já desde seus inícios, como demonstramos, transitou por várias comunidades de pensamento e modelos teóricos, simultaneamente. Adotou do *estruturo-marxismo* metodologias formais e categorias-chave que, apesar de sua “apostasia” futura, continuaram como *marcas* na suas proposições, basta apontar os conceitos de *condições sociais de produção/ condições sociais de reconhecimento*, concebidas como relações sociais de produção históricas e como elementos essenciais da organização social.

O mérito principal de Verón não está em suas vinculações com o “*marxismo*”; ele não desenvolveu uma linha de pensamento nesse sentido, nem constituiu uma comunidade, nem foi um pensador-militante paradigmático. Sua transcendência foi definida pela riqueza de recursos teóricos, e de modelos metodológicos inseridos no trabalho de construção de pensamentos sobre comunicação social. Destacou-se também, pela defesa da pesquisa empírica como parte da produção teórica de conhecimentos numa perspectiva crítica; sobressaiu, por uma história de produção teórica aprofundada, e a sistematização de pesquisas relevantes para o campo da comunicação.

Foi um autor polêmico, profundo crítico dos *funcionalismos* sociológico, semiológico e de *esquerdas* na América Latina. Foi um crítico pertinaz dos autores e correntes que não se situavam na sua perspectiva geral de atividade

---

<sup>205</sup> Idem, “*Fundações*”, in E. Verón, **A produção de sentido**, op. cit., pp. 110-112.



científica. Foi um cético por excelência, que continuamente esteve duvidando sobre as propostas próprias e alheias. Verón expressou uma característica paradoxal fortíssima; por uma parte, sua concepção abrangente da necessidade de várias perspectivas, disciplinas, métodos e paradigmas para estudar comunicação; por outra, seu *formalismo* redutor que definia questões-chave mediante proposições gerais a partir de uma problemática determinada:

“Tal vez los sistemas que son la sociedad por un lado y el actor social individual por otro lado sean sistemas semióticos débilmente integrados”. “El desfase entre producción y reconocimiento no me parece globalmente de orden probabilístico”<sup>206</sup>. “Tampoco la historia de las sociedades humanas es mecánicamente determinista. Esto quiere decir, por un lado, que la emergencia de la democracia industrial es en buena medida resultado del azar...”<sup>207</sup>

Assim passamos do Verón “superestruturado” dos anos 1960 e 1970 para o entusiasta defensor do *acaso* como forma central de realização da história da humanidade. Sem desconhecer a importância desse elemento no devir histórico, não podemos reduzir as explicações histórico-filosóficas a esse aspecto. Minha hipótese para compreender essas incongruências do autor está necessariamente fora do texto: em *primeiro lugar* seu distanciamento da academia, na primeira metade dos anos 1980, coincidiu com o ceticismo profundo a respeito da possibilidade concreta de construir conhecimento sem atividade prática, que concretamente o levou para a assessoria comercial privada. Desse modo, uma parte importante de seu trabalho deve ter sido a elaboração de relatórios para os clientes de semiótica aplicada.

A produção de livros teóricos sobre a problemática geral das ciências sociais e da comunicação perdeu interesse para Verón; os livros teóricos publicados nos anos 1990 e inícios dos 2000 são compilações ou reedições de textos produzidos entre 1959-1988.

Em *segundo lugar*, considero que as contradições foram uma rejeição ao seu lado teorista e formal. As contínuas tentativas por elaborar uma “ciência

<sup>206</sup> Idem, **Conducta, estructura y comunicación**, op. cit., p. 21.

<sup>207</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.

da comunicação”, que nos anos 1960 parecia possível de alcançar, e que, pouco a pouco, foi se demonstrando supercomplexa para um projeto pessoal ou de equipe.

Em *terceiro lugar*, penso que a conjuntura histórico-política e social, que tanto na Europa como na América Latina, caracterizou-se por profundos questionamentos aos saberes formais, aos grandes paradigmas, às formas tradicionais de produção de conhecimentos, às formas de vida social preponderantes, o levaram a uma ruptura com os modelos teórico-metodológicos de caráter transdisciplinar.



## **PARTE II: DESLOCAMENTOS TEÓRICOS**

Eliseo Verón é na América Latina um dos autores mais importantes na constituição do campo teórico em comunicação social. Como constatamos na análise epistemológica prévia, existem duas fases fundamentais no seu processo teórico-metodológico; uma primeira caracterizada por uma linha de preocupações psicossociais –nas quais a linguística e a semiologia já estavam presentes– e uma segunda centrada na problemática semiótica.

Nesta segunda parte do livro, examino também alguns elementos teóricos relevantes trabalhados por Verón durante mais de cinco décadas, respeitando o *tempo histórico* e as *marcas* que o autor foi deixando na comunidade de ciências sociais e de comunicação na região. Analiso a *dimensão teórica* do autor, como uma problemática e não como uma lista de conceitos acabados, fechados em si mesmo, ou desvinculados da realidade cultural. Nesse sentido, considero importante estudar os problemas teóricos estabelecendo relações com as conjunturas históricas, e com as propostas de outros autores-referência na problemática.

## Paradoxos teórico-metodológicos

Em *Comunicación y neurosis*, publicado em 1970<sup>1</sup>, Verón **define a comunicação humana como uma máquina de informações binárias** (computador). *Energia, informação*<sup>208</sup> e *controle* são elementos do processo cibernético esquematizado por Verón<sup>209</sup>. **Informação** e **controle** seriam os elementos-chave para conceitualizar a comunicação humana, dado que “*os princípios básicos são os mesmos*”, segundo o autor, tanto nos processos de informática eletromagnética quanto nos processos sociais<sup>210</sup>. Essa afinidade com a informática

---

<sup>208</sup> É importante lembrar a definição de *informação* de Norbert Wiener: “A soma de **informação** num sistema é a medida do seu grau de organização, escreve Wiener: “a **entropia** é a medida do seu grau de desorganização; sendo uma o negativo da outra”. [grifos meus] Citado por Armand Mattelart, *História das teorias ...*, p. 55, com base no texto **Cybernetics or Control and Communication in the animal and the Machine**, Hermann, Paris, 1948.

<sup>209</sup> Eliseo Verón, op. cit., pp. 89-91.

<sup>210</sup> Essa concepção *cibernética* de Verón corresponde mais à concepção mecânica, linear de Shannon que à concepção de Wiener ou da *Escola de Palo Alto*; para esta última, *cibernética* fala de uma visão circular de comunicação na qual o *receptor* tem a mesma importância que o *emissor*, nela a comunicação é pensada como um processo global de interação permanente, no qual toda atividade humana tem um valor de comunicação. Para a *cibernética Palo Alto*-Wiener, a comunicação deve ser compreendida em vários níveis de complexidade; sendo que, o comportamento humano expressaria questões essenciais do meio ambiente social. Seguindo

continuou por um longo período, como demonstra a entrevista que realizei em 26 de agosto de **1998**, em Buenos Aires, na qual **Verón reafirmou sua concepção cibernética** sobre a comunicação social. Inserindo-se nesse modelo e seguindo uma linha *formalista*, compreende que o estudo científico das *comunicações* e do *sistemas de controle*, tanto nos organismos vivos quanto nas máquinas, é parte da mesma problemática substancial de comunicação.

Cabe anotar que, na mesma época da publicação de *Comunicación y neurosis*, Verón publicou *El proceso ideológico*, uma coletânea na qual escreveu “*Condiciones de producción, modelos generativos y manifestación ideológica*”<sup>211</sup>. Nesse texto debate as proposições de Chomsky, mistura Marx com Greimas e propõe uma definição *informática* para ideologia:

“Se proponía entonces **localizar la ideología en un nivel lógico más complejo**, y con este fin introduce la analogía con una computadora: las proposiciones “ideológicas” son el “output” de la máquina; lo que podemos llamar un **sistema ideológico es su programa**”<sup>212</sup>. [grifos meus]

Interessa-me, nessa passagem, a referência ao *modelo informático*, que durante os últimos sessenta anos gerou concepções fortes acerca da vida e da sociedade. Observamos no autor, assim, a presença de pensamentos sistêmicos informacionais, que alcançaram abrangência mundial devido ao desenvolvimento acelerado dos modelos biológicos e sua descoberta da organização dos códigos genéticos de maneira profundamente similar aos modelos linguísticos formais; como também à revolução tecnológica provocada pela invenção da multidimensão digital.

Na perspectiva de Chomsky, que Verón assumiu logo de um primeiro confronto nos anos 70, o objeto de estudo da linguística seria *biológico-cognitivo* e não social. O *problema/objeto* linguístico estaria conformado por *fra-*

---

essa linha de pensamento o *contexto* é muito mais importante que os conteúdos na análise comunicológica. Como comprova nos textos citados a definição de comunicação de Verón estava longe dessa visão.

<sup>211</sup> Eliseo Verón, “*Condiciones de producción, modelos generativos y manifestación ideológica*”, in E. Verón (org.), **El proceso ideológico**, 2a. ed., Buenos Aires, Ed. Tiempo Contemporáneo, 1973, pp. 251-292.

<sup>212</sup> *Ibidem.*, p. 253.

*ses-modelo* comparáveis a um *quantum*; vistas como expressões abstratas que não devem ser confundidas com as formas sociais-coloquiais da linguagem cotidiana –*discursos sociais* na terminologia de Verón, *modos e formas de comunicação* na nossa compreensão–.

É importante considerar essa distinção, definida por Verón, porque explica importantes confusões que aconteceram nas proposições teórico-metodológicas dos linguístas, semiólogos, *semânticos formais* e *teóricos dos atos da linguagem*. Uma coisa é estudar a linguagem como sistema e estrutura formal, de caráter cognitivo-biológico, e outra muito diferente estudar os *modos sociais de comunicação*, definidos por Verón como *discursos sociais* seguindo sua linha semiótica-linguística.

O central para a problemática da comunicação, segundo essa primeira concepção cibernética de Verón, seria conhecer o conjunto de regras organizadas que permitiriam *codificar*<sup>213</sup> uma *informação*. As informações seriam *impulsos controlados que produzem efeitos*, mediante a transmissão de *ordens* codificadas. Abre/fecha, liga/desliga, armazena/apaga, seleciona/exclui, transfere/mantêm etc. são exemplos de funcionamento binário que, segundo Verón, aconteceriam também na comunicação humana.

Para o autor a *informação* estaria definida por uma capacidade de organizar elementos –impulsos, fonemas, etc.– mediante regras de construção/desconstrução que permitiriam a transmissão de ordens controladas entre o *emissor* e o *receptor*:

Si imaginamos que A y B son personas, y si suponemos que la información se transmite en **ambos** sentidos, es decir, que cada comunicador emite y recibe mensajes, estamos ya muy cerca de un modelo útil para comprender la comunicación humana. La dimensión de control se referirá al hecho de que un mensaje de A hacia B produce en B un **efecto**: modifica su conducta; y como la conducta consiste, desde este punto de vista, en mensajes (auditivos o visuales), ese efecto se traducirá en mensajes emitidos por B, que A recibirá. A será afectado a su vez por los

---

<sup>213</sup> Eliseo Verón, **Comunicación y neurosis**, p. 93: (...) *codificación es una transformación realizada mediante un conjunto de reglas no ambíguas, por la cual los mensajes son convertidos de un sistema de representación a otro.* (C. Cherry, **On human communication**, New York, MIT and Wiley, 1957, p. 303).

mensajes de B, y así sucesivamente, en un proceso a la vez circular y acumulativo que llamaremos la “espiral de la interacción”. Estamos en el campo de la teoría de la comunicación en la medida en que el elemento crucial es para nosotros **la organización** de la energía, vale decir, porque suponemos que los efectos resultan de la configuración de los estímulos mensajes y no de las características intrínsecas de la energía<sup>214</sup>. [grifos meus]

*A espiral de interação* será essa capacidade de produzir *efeitos* controlados entre duas pessoas; esses efeitos são produto da *organização* da energia e não do tipo de energia. São os *estímulos* ordenados mediante códigos (regras) que permitiriam um fluxo biunívoco de “informações”.

É impressionante constatar como um pensador que trabalhava, já naquela época, modelos sociológicos críticos; que adotava posturas da semiologia de Barthes; concebia, simultaneamente, em outros textos e lugares, a comunicação como um processo social complexo que precisava de psicanálise, de antropologia, de sociologia, da psiquiatria social podia propor esquemas tão reduzidos e mecanicistas como o exposto na citação anterior.

Produzir impulsos organizados que provocam efeitos determinados pela capacidade de *controle*, de *fluxo* em dois sentidos e de domínio dos códigos. Conceber o *controle* com a simples mudança de conduta provocada por uma mensagem, efeito que hoje nem os funcionalistas defenderiam; porém em Verón a marca formalista era forte, e o esquema proposto pelos engenheiros de computação era atraente para o autor, e ainda estava fundamentado num campo científico “*hard*”.

Num olhar crítico me preocupam muito esses contrastes de posicionamento, porque não foram produto de uma busca primária. Em 1970 o autor já passou pelo laboratório de Lévi-Strauss, pelo *Seminário* de Barthes, pela experiência de pesquisa sociológica na UBA, pelos contatos com o *Colégio Invisível*. Era um autor muito bem informado, centrado enquanto às mais importantes tendências teórico-metodológicas em ciências sociais. Aos 35 anos Verón era um *autor/referência*, pela riquíssima experiência de conhecimentos que acumulou; contudo, a despeito de todas essas virtudes, propôs uma definição redutora, cibernética-mecanicista de comunicação, como a apresentada nesse parágrafo.

<sup>214</sup> Eliseo Verón, *Comunicación y neurosis*, p. 93.

Na primeira parte do livro, constatamos a seriedade de Verón nas suas argumentações sobre os modelos teóricos que trabalhava. Sua rigorosidade era acrescentada por um **postulado central de sua postura teórica: não aceitar a produção de conhecimentos sem pesquisa**. Lembremos que para escrever *Comunicación y neurosis* investigou quase cinco anos sobre as relações entre psiquiatria social e comunicação; aplicou esquemas da semiologia estruturalista francesa (*componentes semânticos; relações semânticas*), e da psiquiatria (*testes, entrevistas, categorias de perturbação linguística*) com grande esforço e dedicação. Suas tentativas classificatórias eram incansáveis; entretanto, os resultados não correspondiam com suas expectativas gnosiológicas de construção de uma “teoria da comunicação”.

Nos mesmos anos, Verón escreveu “*As ideologias estão entre nós*”, que data de 1968, texto no qual criticava o consumo acrítico das teorias dos países hegemônicos, costume intelectual que se eximia de produzir um conhecimento aprofundado e reformulado desses modelos teóricos, e limitava às comunidades de pesquisadores da América Latina ao consumo das matrizes teóricas produzidas nos centros de poder mundial. Verón, na época, denunciava a ideologia dos difusores da “*sociologia científica*” (*funcionalista*); explicitava aspectos do modo de produção de conhecimentos; reconhecia que: “...a atividade científica constitui uma modalidade da práxis social”<sup>215</sup>, e seguia uma perspectiva próxima do estruturalismo *althusseriano*. Em síntese, Verón conhecia vários modelos complexos de interpretação dos processos históricos e, simultaneamente, produzia inferências redutoras, como a citada, que constituem um sintoma importante de seus deslocamentos teóricos futuros.

Independentemente do caráter paradigmático, essa definição de *comunicação* demonstra as limitações do autor naquele momento; e, a meu modo de ver, comprova uma questão que, depois da crise dos anos 80, foi evidente no conjunto das comunidades de cientistas sociais: **o domínio formal, da lógica de um modelo teórico-metodológico, e o conhecimento vasto de uma teoria, não garantem a consistência científica, a coerência transdisciplinar e o compromisso político-social.**

<sup>215</sup> Eliseo Verón, *Ideologia, estrutura, comunicação*, pp. 207-208:

*A práxis social está articulada numa pluralidade de complexos de atividade. A teoria marxista afirma que as características da organização de certo complexo ( a saber, o da atividade econômica) tem maior peso que as de outros complexos para a determinação dos traços gerais de um determinado sistema social. Pois bem, a distinção infraestrutura/superestrutura pode ser aplicada a cada um desses complexos de atividade social. A ciência é um deles.*



No caso de Verón comprova-se, como um intelectual pode estudar por um longo período as propostas de um paradigma, ou de vários paradigmas, conseguir expor argumentos que expressam a abrangência e o domínio dessas proposições; pode ensinar por anos a validade desses postulados e, contudo, mudar radicalmente de postura, de um momento para outro, como consequência de uma variante de percurso ou de mudanças históricas conjunturais. Em outros casos, como na dos historiadores da Academia de Ciências de Moscou, têm sido ótimas para o marketing acadêmico como “rupturas” de moda, escandalosas e favorecedoras da lógica hegemônica.

Para esta argumentação, é importante constatar como, num mesmo autor –sério e paradigmático–, subsistem posicionamentos teóricos contraditórios que convivem sem o confronto necessário, e o esclarecimento científico imprescindível. Não como simples presença, ou influência, mas como apropriação, reconstrução e reformulação das propostas teórico-metodológicas centrais.

Em Verón o aspecto linguístico, semiótico e informático era dominante. Me pergunto sobre o que teria sucedido com o autor, no ambiente crítico explosivo dos anos 60, se não adotava formalmente um discurso “*estruturo-marxista*”. Por que ele mesmo, (1998), classificava algumas de suas produções sociológicas, da época, como “*marxoides*”? Será que seu *teorismo*, combinado com pesquisas empíricas, com forte organização e controle de códigos semiológicos, não aumentou esse desconforto filosófico? Até que ponto seu *ceticismo*, e sua tendência detalhista condicionou sua futura rejeição ao mundo acadêmico? Por que o lado funcional, operativo, de efeitos pertinentes, foi hegemônico a partir de meados dos anos 80; porventura pela saturação teórica? O **fato crucial**, que interessa para esta problematização, é o **como as marcas** presentes nas suas proposições, seleções, exclusões e decisões históricas -como sua saída de América Latina-, **são possíveis de analisar e interpretar** numa perspectiva teórica crítica, reflexiva, *transmetodológica*, geradora de argumentos para a produção de conhecimentos em comunicação.

É possível argumentar, também, a partir da análise do processo histórico de construção de argumentos comunicacionais por Verón, que: **Não obstante um autor, ou uma equipe, conhecer e dominar modelos teóricos de maneira detalhada; essa condição, não garante que consiga produzir conhecimentos articuladores, abrangentes e aprofundados acerca do caráter geral de um campo.**

O importante paradoxo teórico-metodológico construído por Verón, permite esclarecer como o *formalismo semiótico* e a *teoria dos atos da linguagem* comprovam-se insuficientes e redutores; demonstram como, a utilização de inúmeras funções, variáveis, tipos de relações, classificações, operações etc., não constroem explicações ricas e essenciais acerca da problemática comunicacional. Em geral, observa-se um alto investimento teórico formal e uma fraca descrição empírica, acompanhada de uma interpretação reduzidíssima<sup>216</sup>.

O processo de *recepção*, em *Comunicación y neurosis*, era concebido como uma “*desconstrução*” da lógica da mensagem. Nessa investigação, o modelo de Roman Jakobson dos eixos *substitutivo* e *combinatório* da linguagem era trabalhado, supondo que o indivíduo-*receptor* interpreta as mensagens, e busca compreender a lógica interna do *emissor*<sup>217</sup>.

Nessa época, a diferença entre as gramáticas do *emissor* e do *receptor* eram descuidadas por Verón. Supostamente o *receptor* estaria constantemente tentando interpretar as mensagens do *emissor*, e essa limitação esteve presente numa considerável parte dos formalistas da linguagem. Em relação com isso, Chomsky delimitou a problemática *gramatical*, *sistêmica*, da *codificação* e das normas, que é pertinente para os teóricos, linguistas e pesquisadores da linguagem.

Sabemos hoje, em razão do debate aprofundado e de pesquisas sistemáticas e fecundas em comunicação social, que os grupos sociais adotam partes dessas estratégias sistêmicas –reformulam e mudam as regras na sua prática social–; desenvolvem modos de comunicação que tem a forma comum de *táticas*

<sup>216</sup> Como exemplos: “*Ideología y comunicación de masas: La semantización de la violencia política*” (cap. 5 de **Lenguaje y comunicación social**); “*Análisis de componentes semánticos*” e “*Análisis de relaciones semánticas*” (cap. 6 e 7 de *Comunicación y neurosis*); *Construir el acontecimiento*, Buenos Aires, Gedisa, 1983

<sup>217</sup> Eliseo Verón, **Comunicación y neurosis**, p. 100: *Como puede verse, se trata muy claramente de un caso de lo que en el capítulo I hemos llamado el “problema de la caja negra”. El observador analiza las entradas y salidas del emisor, que es una caja negra. Las entradas son las propias conductas del observador, si es un observador participante que interactúa con el sujeto estudiado, o las conductas de otras personas, en el caso en que observe, desde afuera, una situación interactiva. Las salidas son los mensajes emitidos por el sujeto. A partir de estos observables, deberá descubrir algo acerca de las reglas selectivas y combinatorias que el emisor aplica para construir sus mensajes, y asimismo acerca de las reglas que emplea para “interpretar” o decodificar los mensajes que recibe de los demás. Debe tenerse en cuenta que, para ambos tipos de reglas, los observables son los mismos: **las salidas**, es decir, los mensajes emitidos por el sujeto.*

cotidianas, fortemente condicionadas pelas *mediações*. O *extralinguístico* hoje é pensado como determinante dos *modos* de comunicação; a dimensão linguística, que era considerada o *universo* e o *núcleo duro* da comunicação até os anos 70 passa a ter um *lugar* importante, porém específico, como uma práxis social de especialistas, que deveriam considerar seu objeto como um sistema formal, e não como um conjunto cultural, social e histórico da comunicação. Nesse sentido, Verón contribuiu de maneira importante para esclarecer a posição da linguística no nosso campo; simultaneamente, concentrou-se paulatinamente numa concepção que reduz, na prática de pesquisa, o sociológico à *semiose*, outorgando a essa dimensão do histórico social um caráter universal e totalizante da organização social, o que anteriormente era atribuída à linguística.

## Diálogos e apropriações da antropologia estrutural

A concepção de *comunicação* em Verón, nos anos 60, trazia, contudo, elementos muito mais interessantes para sua compreensão. No texto “*A antropologia estrutural*”, publicado no Brasil como primeiro capítulo do livro *Ideologia, estrutura e comunicação*, o autor expôs algumas questões importantes para aprofundar sua concepção acerca da *teoria da comunicação*.

Em primeiro lugar, a problemática das “*culturas primitivas*” desenvolvida por **Lévi-Strauss** que rompe com a visão clássica da antropologia ocidental, segundo a qual as culturas diferentes são concebidas como a “*infância*” da cultura de Ocidente. **O mérito da antropologia estrutural**, apontado também por Verón, **foi reconhecer que os homens de outras culturas estruturam processos de organização social, de pensamento lógico, de criação artística, de valores éticos e de cosmovisão de caráter complexo, ético e lógico, independentemente dos processos, valores e formatos da civilização ocidental:**

O estudo dos fenômenos de parentesco indicava a existência, em um dos níveis fundamentais da organização social, de um sistema de regras lógicas de intercâmbio, (...). A partir desse momento, tornava-se possível efetuar uma análise detalhada dos sistemas de organização social, cujos princípios internos não diferem qualitativamente do pensamento lógico da sociedade moderna, com o que se **acelerava a destruição da imagem tradicional do primiti-**

**vo submerso nos labirintos da afetividade e da irracionalidade.** Simultaneamente, **Lévi-Strauss** elaborava os primeiros lineamentos de uma **teoria geral dos fenômenos sociais como processos de comunicação** definidos por sistemas de regras, com o que seu pensamento convergia com alguns dos mais importantes desenvolvimentos das ciências humanas contemporâneas: a linguística a partir de Saussure, e posteriormente a teoria da comunicação, a cibernética e a teoria dos jogos.<sup>218</sup> [grifos meus].

As culturas autóctones, como demonstraram as pesquisas de Lévi-Strauss, tinham regras lógicas que se expressavam em organização social e em formas estruturadas de intercâmbio. **A cultura**, nessa teoria, passa a ser uma forma superior de ordenamento que se diferencia dos sistemas biológicos; para **Lévi-Strauss os fenômenos sociais devem ser entendidos como processos de comunicação** delimitados por sistemas de regras. Seguindo esse raciocínio, Verón apontava :

As regras matrimônias, entendidas como sintaxe de um sistema de intercâmbio de pessoas, conferem a estas o caráter de **unidades de significação**. (...) Lévi-Strauss distingue três níveis de comunicação social: comunicação de **mensagens**, que corresponde aproximadamente ao que o marxismo chama de superestrutura, isto é, todos os produtos simbólicos que operam sobre a base da linguagem ou de algum sistema codificado de signos; comunicação de **mulheres**, isto é, as formas de organização do parentesco e o intercâmbio matrimonial; e a comunicação de **bens**, vale dizer, a economia. Nestes dois últimos níveis, as formas de organização não se reduzem à função comunicativa: cumprem uma função primária extralinguística, e secundariamente **significam**.<sup>219</sup> [grifos do autor].

A comunicação vista como *instituição social*, como conjunto de regras que estruturam as significações, na mesma linha de Saussure. **A antropologia de Lévi-Strauss rompeu com a concepção funcionalista etnocêntrica**, no entan-

---

<sup>218</sup> Eliseo Verón, “A antropologia estrutural”, in E. Verón, **Ideologia, estrutura e comunicação**, p. 26.

<sup>219</sup> *Ibidem.*, p. 28.

to serviu como um alicerce para as tendências formalistas em ciências sociais. Foi assim, que a possibilidade de tratamento formal, com auxílio em instrumentos matemáticos, para as ciências humanas constituiu um fator estimulante para aqueles que “reverenciavam” os números como entes totalizantes, expressão de uma “verdade absoluta”; essa alternativa, no caso de Verón, deveu ser muito provocativa, considerando sua afeição pelos computadores e pelos formalismos lógicos naquela época<sup>220</sup>.

É importante, por outro lado, verificar como a pesquisa antropológica *estruturalista* situou a problemática da comunicação no centro da organização social; questão que, depois de várias décadas (anos 70 e 80 do século XX), tornou-se o ponto crucial dos debates sobre o período “*pós-moderno*”, “*pós-industrial*” e “*tecnocrônico*”.

A *globalização* capitalista precisou para sua implantação e expansão do estabelecimento de um *sistema técnico-científico informacional* único; hoje, as aplicações de tecnologias cibernéticas nos processos de produção são parte fundamental da formação de *mais-valia-relativa*.

Quando Verón escreveu essas proposições, década de 60, estava em auge o pensamento racionalista, cientificista, e evolucionista do *progresso*, como categoria e valor central, que tinha levado o homem para o espaço sideral, e que inaugurava toda uma série de mitologias sobre as possibilidades de transformar o social pelo caminho da evolução tecnológica<sup>221</sup>.

As tendências formalistas no eram exclusivas no pensamento de Verón; o autor, pelo menos no nível teórico, reconhecia a primazia da práxis social, da história, do trabalho sobre a esfera da significação. Eram muito interessantes suas observações acerca do como as regras sociais de comunicação são *inconscientes*. Nessa dimensão, Verón situava como necessária uma convergência transdisciplinar entre paradigmas, que de uma ou outra forma mostrariam

<sup>220</sup> São paradigmáticas nesse sentido suas classificações sobre componentes, funções, relações, tipos, variáveis em **Lenguaje e comunicación social**, pp. 151-191 e em **Comunicación y neurosis**, pp. 135-206.

<sup>221</sup> Isso não significa que não reconhecesse a importância do pensamento crítico marxista que apresentava um confronto radical tanto nos argumentos quanto nas ações de rebeldia com as lógicas hegemônicas. Contudo, Verón era muito mais sensível, nesse período, à pesquisa formal que a ação militante. Numa época tão conturbada ele foi alheio à participação política. Foi um crítico sério, em teoria, das proposições radicais formais das *esquerdas* na Argentina, não obstante não teve a mínima preocupação por implementar esses postulados numa prática política.

que: a **“verdadeira significação inconsciente pode ser reconstruída a partir da conduta”**<sup>222</sup>.

Esse suposto, gerou uma série de proposições a respeito da possibilidade teórica de interpretar sistemas latentes mediante uma observação científica e sistemática, que poderia reconstituir os sistemas conscientes de representação.

A comunicação, nessa nova formulação, deixa de ser o esquema mecânico-técnico apresentado na primeira versão, e apresenta complexidade e abrangência inquestionáveis. No nível teórico, **é importante a definição dos vínculos da comunicação com a práxis social, com a cultura, com a história.** No nível metódico, **é fundamental o reconhecimento de “outras lógicas silvestres”** que pensariam o mundo como um *sistema de elementos descontínuos* (signos, componentes de mensagens, mitos, cosmovisões etc.). **Segundo Lévi-Strauss, tanto na modalidade ocidental quanto nas outras modalidades lógicas opera a mesma razão analítica.**

No campo dos estudos em comunicação social na América Latina esses elementos teóricos são muito importantes, porque permitem enfrentar o pensamento *funcionalista/positivista* na área, sustentador do primado da razão positivista para compreender a problemática da comunicação social.

Uma das hipóteses deste livro argumenta a respeito da importância da produção de conhecimentos sobre as *lógicas autóctones*, para compreender e reconstruir o campo teórico do pensamento comunicológico latino-americano. Essa proposição teórica, fundamenta a articulação desses pensamentos com a problemática das *identidades, dos confrontos, dos fluxos, da diversidade, das distinções* e dos *imaginários* dos diferentes povos da região; é constitui uma tarefa crucial para pensar os processos de construção de um campo científico vigoroso na nossa área.

Para concluir este tópico sobre as apropriações da *antropologia* estrutural, é instigante observar que em 1964 Verón já refletia sobre a necessidade do **mediador** em comunicação; é assim que, aproveitando uma passagem do livro *Pensamento Selvagem* de Lévi-Strauss afirmava: **“(...) cremos que entre práxis e práticas se intercala sempre um mediador, que é o esquema conceitual...”**<sup>223</sup>. Desse modo, argumentava a favor da importância da teoria na ação

---

<sup>222</sup> Idem., p. 30.

<sup>223</sup> Claude Lévi-Strauss, **La pensée sauvage**, Paris, Plon, 1962, p. 173.

social, mas restringia o *mediador* ao esquema conceitual. No futuro do campo, a noção de *mediador* terá uma importância singular, conforme mostraram as investigações sobre as inter-relações meios/públicos e os múltiplos contextos culturais, em especial nas propostas de deslocamento da problemática da comunicação social dos *meios às mediações* de Martín Barbero.

## Movimentos teóricos pluridisciplinares

É assim que, na mesma época, nos mesmos anos, no mesmo autor –Eli-seo Verón–, observamos critérios profundamente diferenciados do que seria a problemática e a concepção sobre os processos de comunicação social. Às vezes parece que o autor, na sua relação com vários paradigmas teóricos, entrava na lógica interna de cada um deles, construindo seus argumentos sem considerar profundamente, em detalhe, as contribuições de cada um para o raciocínio de conjunto. A percepção de sintonias teórico-metodológicas entre vários sistemas de hipóteses contrapostos era trabalhada nas suas coincidências, em vários momentos, sem importar muito os pontos de confronto entre esses argumentos. O trabalho de Verón nessa fase é um exemplo importante de construções pluridisciplinares, que, lamentavelmente, não conseguiram um avanço transdisciplinar, e se deslocaram para o “campo seguro” da semiótica de Peirce.

Como sublinhávamos anteriormente, nos anos oitenta o autor tem um rompimento não só com os argumentos de Althusser, mas também com o *estruturalismo* e com a *semiologia* de Saussure. É interessante como nesse processo ele abre sua perspectiva semiótica, passou dos esquemas semiológicos para uma visão mais sociológica e histórica da produção de sentido (*discursos sociais*); valorizava esses conjuntos de sentido na sua realidade empírica, nos meios ou nas falas das pessoas. O *formalismo* das *variáveis*, *componentes* e *relações estruturais* pré-estabelecidas, e o autoritarismo linguístico, dão passo a uma visão mais centrada e concreta dos processos sociais de produção de sentido. O paradoxo dialético, contudo, apresenta-se no estabelecimento do *lugar* que ocuparia a *teoria dos discursos sociais* na pesquisa em ciências humanas: **o centro, o núcleo, o eixo principal** de interpretação dos processos políticos, sociológicos, antropológicos, mediáticos e históricos, segundo Verón, é sua **teoria dos discursos sociais**.

Numa mesma operação rompeu com as formas binárias de Saussure, com o *estruturalismo*, com o *materialismo histórico*, com a *psicanálise*, que foram referentes cruciais de seu posicionamento anterior, que tentava combinar modelos teóricos diferenciados de maneira criativa; e dotou à chamada **teoria dos discursos sociais de uma essencialidade logocêntrica, restritiva**, que perde o conjunto teórico necessário para problematizar os processos de comunicação social<sup>224</sup>.

O ceticismo, que constatamos em Verón no período 1959-1973, estava orientado contra os argumentos *funcionalistas*, que afirmavam ter uma construção teórica global científica do social. Esse ceticismo problematizador, estava orientado, também, contra as formas esquemáticas e superficiais em ciências sociais e, agia também, a respeito de sua própria condição, como teórico, e sobre a condição dos outros pensadores latino-americanos.

Não obstante, sua práxis teórica era intensa e dinâmica, estudou e pesquisou o *Colégio Invisível*, no laboratório de Lévi-Strauss, no seminário de Barthes; aproximou-se das teses estruturalistas de Althusser. Enfim, procurou entender o *social*, o *cultural*, o *simbólico* e o *comportamental* se apropriando nas suas argumentações de redes conceituais, de modelos relevantes e consistentes, com um importante reconhecimento internacional.

A partir de 1974 foi ficando cada vez mais cético sobre os paradigmas teóricos gerais, concentrou-se na *análise dos discursos*, e transformou esses na teoria e no método unívoco para estudar os processos histórico-sociais de produção de sentido. Nesse percurso, é importante observar como sua concepção sobre a problemática da comunicação apresenta, nas várias fases, visões restritivas e insustentáveis; a meu ver é demonstrativa disso a seguinte proposição:

El lector ya habrá comprendido que la diferencia entre una teoría de la comunicación y una teoría del discurso es que la primera es una teoría formulada desde el **punto de vista**

---

<sup>224</sup> Eliseo Verón:

*Como todo comportamiento social, la acción política no es comprensible fuera del orden simbólico que la genera, y del universo imaginario que ella misma engendra dentro de un campo determinado de relaciones sociales. Ahora bien, el único camino para acceder a los mecanismos imaginarios y simbólicos asociados al sentido de la acción es el análisis de los discursos sociales*, in Eliseo Verón e Silvia Sigal, **Perón o muerte**, Buenos Aires, Ediciones Hyspamérica, 1988, p. 13. [grifos meus, sublinhado do autor]



**subjetivo del actor**, y la segunda una teoría **del observador**. En efecto: desde el punto de vista de un actor social que “comunica”, no existe ninguna clase de indeterminación: él sabe (o cree saber) lo que “quiere decir”, y en función de esta representación produce su discurso. Dicho de otra manera: la indeterminación relativa de la circulación del sentido **sólo es visible para un observador**, el cual, colocándose “fuera”, analiza el intercambio discursivo. El predominio de las “teorías de la comunicación” ha ocultado, durante largo tiempo, esta propiedad fundamental del funcionamiento de los discursos sociales que es el carácter no lineal de la circulación.<sup>225</sup> [grifos do autor].

**As teorías da comunicación reducidas a uma teoría do ponto de vista subjetivo do ator social;** é aí uma amostra de como pode deslocar-se um pensador para inferências inconsistentes. Verón pode argumentar sobre a concentração teórica na subjetividade da teoria de Saussure, da psicanálise e de outras teorias psicológicas em comunicação; entretanto, não podia ampliar essa caracterização para compreensão da problemática da comunicação social. A economia-política, dos modos e das formas de comunicação; as teorias históricas do campo; os teorias de estudos culturais; as teorias políticas de comunicação; as teorias dos sistemas midiáticos, as teorias das mediações; as teorias dos meios e das tecnologias etc. são uma amostra decisiva de que essa redução não corresponde com a realidade. Pretender legitimar a proposta teórica dos *discursos sociais*, negando a complexidade dos estudos e da pesquisa em comunicação, é reduzir o campo teórico da área; especialmente quando vem de um autor paradigmático, que percebe essa complexidade. Como explicar esse deslize em 1988? penso que poderia ser provocado pelo *logocentrismo* semiótico, aquele que, na segunda fase de sua configuração teórica, limitou sua produção a uma prática operacional.

### **Crítica do psicologismo: diálogos com Jakobson e *Palo Alto***

Ao retomar os paradoxos da concepção de comunicação do autor. É estimulante uma questão teórica insistentemente trabalhada por Verón,

<sup>225</sup> Ibidem., p. 16.

que expressa seu aprofundamento e seu dom sistematizador; ela é a problemática do **sentido da ação**, que a sociologias *estruturo funcionalistas* trabalharam construindo uma série de interpretações *subjetivistas*. O autor questiona profundamente essa concepção, desenvolvendo uma capacidade crítica afinada para demonstrar as confusões dessas correntes de pensamento:

O “sentido” é uma propriedade associada a certos elementos observáveis, as mensagens. O sentido não é um “conteúdo de consciência”: remete a certas operações realizadas por emissores e receptores, que podem ser reconstruídas a partir das próprias mensagens, e expressas num modelo. Um dos passos decisivos para constituir essa ciência da comunicação social é, pois, o que nos leva da noção de representação à noção de mensagem. A primeira supõe fatalmente a consciência intencional de um ator, e é um conceito estático; a segunda supõe um sistema de operações, e é um conceito dinâmico.<sup>226</sup> [grifos meus].

Nessa passagem, a *materialidade do sentido* é crucial em Verón, que supera a tendência ao psicologismo da sociologia funcionalista estadunidense, e da linguística de Saussure. Define, assim, uma *espaço-tempo* do sentido na *mensagem*; ela é possível de desconstrução, análise, crítica, reprodução de suas operações de montagem, reformulação etc. **A mensagem supõe uma estrutura, uma lógica interna, um valor contextual que podem ser analisados independentemente da vontade do construtor.**

Na contemporaneidade compreende-se muito melhor a autonomia-relativa da obra com respeito ao autor; **o autor** é um **mediador magmático** –no sentido proposto por Eco<sup>227</sup>; o processo de leitura, ou de **recepção**, como um

<sup>226</sup> Eliseo Verón, **Ideologia, estrutura e comunicação**, p. 12.

<sup>227</sup> Umberto Eco:

*Entender o processo criativo é entender também como certas soluções textuais surgem por acaso, ou em decorrência de mecanismos inconscientes. É importante entender a diferença entre a estratégia textual -enquanto objeto linguístico que os leitores-modelo têm sob os olhos (de modo a poder existir independentemente das intenções do autor empírico)- e a história do desenvolvimento daquela estratégia textual.*

**conjunto cultural complexo**; as **marcas do texto no leitor** como **outro processo complexo** que depende de múltiplas variáveis subjetivas. O importante é notar que Verón criticava o pensamento sociológico em comunicação pela sua atividade redutora do problema do sentido; ele não é, simplesmente, um “*conteúdo da consciência*”, tampouco é uma “*propriedade intrínseca do curso da ação*”. As noções de “*meios*”, “*fins*”, “*motivos*”, “*condições*” não explicam o processo de produção de sentido, porque nessa perspectiva:

“(...) a ação é uma mensagem e, como toda mensagem, carece de significado **intrínseco**: o “sentido” que transmite está determinado por suas regras de codificação. Essas regras não se manifestam nunca na própria ação; é necessário reconstruí-las a partir da ação. E como qualquer fragmento de comportamento social está submetido a muitos sistemas de codificação ao mesmo tempo, nunca possui um sentido, mas **muitos**. É necessário, pois, introduzir a ideia de uma pluralidade de níveis **de sentido** da ação social<sup>228</sup>. [grifos do autor].

Para pensar o *sentido da ação* devemos situá-la, segundo Verón, numa problemática semiótica, na qual *o sentido* é múltiplo e depende dos diferentes *níveis*; esses níveis são os diferentes processos de *codificação* presentes nos processos sociais de produção de sentido. Vários sistemas de codificação, simultâneos, determinariam o sentido. A noção de *codificação* continua sendo central nessa proposta, as regras de construção cumpririam, assim, um papel determinante. Lembremos que essas proposições datam do período 1965-67; nelas, o papel do *contexto*, da *interação*, do *poder*, da *dimensão ideológica*, da *distância interdiscursiva*, dos *jogos de linguagem*, ainda não estava presente na concepção de Verón. De todos modos, suas formulações apresentavam uma opção mais elaborada para interpretar o *sentido da ação social*, que as hegemônicas na sociologia da época. As formulações do autor, nesse período, estabeleciam que não exis-

---

(...) *mostrar como um texto, que é um mecanismo concebido com a finalidade de fazer com que surjam interpretações, às vezes brota de um território magmático que nada tem -ou ainda não tem- a ver com a literatura.*; in U. Eco, **Interpretação e superinterpretação**, São Paulo, Martins Fontes, 1193, p. 100.

<sup>228</sup> Ibidem., p. 13.

te um sentido único e mecânico determinado pelo *ator social*, de acordo com seus motivos e fins; que os sentidos concretos, produzidos, podem ser até contrários a essa vontade foi uma das questões colocadas de forma muito pertinente nesses anos.

É importante apontar por experiência própria, assim como por trabalhos e pesquisas de comunicadores sociais latino-americanos, desde os anos 70, que as formulações de Verón contribuíram significativamente para problematizar, e aprofundar o pensamento em comunicação, tanto por tratar-se de um pensamento crítico complexo e aprofundado, quanto por divulgar as propostas da semiologia estruturalista, confrontando-as com o pensamento *funcionalista* e com os esquemas simplórios do *marxismo-vulgar*. Verón foi um pensador paradigmático que problematizou intensamente o pensamento em ciências sociais na América Latina. Distante do Verón formalista, que citamos em parágrafos anteriores, ele mesmo é um paradoxo, um *mediador* teórico; no qual se confrontaram os pensamentos *informáticos-digitais* com ideias complexas sobre a sociedade. Sua definição de autor, como um dos *suportes* nos quais se materializa o *sentido*, tem tudo a ver com a sua experiência própria.

Existe uma “*linguagem da ação*”? É aí uma pergunta-chave, que Verón colocava como crucial para entender o ponto de vista da comunicação em ciências sociais. No texto “*Os códigos da ação*”<sup>229</sup> o autor aprofunda essa reflexão, retomando a noção saussuriana de *relações associativas* e os aprofundamentos posteriores de **Roman Jakobson** sobre as operações de *seleção* e *combinação*, que ao superar os estreitos limites da *sintaxe* e da *semântica* buscavam caracterizar os processos de comunicação não realização concreta da linguagem.

Seguindo o raciocínio de Jakobson, Verón reflete sobre a importância dos eixos da *substituição (metáfora)* e *contiguidade (metonímia)*, que permitiriam explicar dois tipos fundamentais de codificação: *codificação analógica* –série de símbolos por similaridade–, *codificação digital* –intervalos discretos escalonados: alfabeto fonético, sistema numérico, códigos binários–. Verón combina as propostas linguísticas de Jakobson com as proposições da George Bateson, P. Watzlawick, J. Beavin e D. D. Jackson do *Colégio Invisível* acerca da produção de mensagens por máquinas calculadoras (digitais) e fotográficas

---

<sup>229</sup> Eliseo Verón, “*Os códigos da ação*”, in **Ideologia, estrutura e comunicação**, pp. 114-137. Publicado simultaneamente na revista **Communications**, Paris, Éditions du Seuil, n. 15.

(analógicas) procurando estabelecer elementos importantes para a interpretação comunicológica.

Nessa análise, define o **princípio de distância** (temporal-espacial) como um elemento decisivo para constituir um *signo*:

Tudo indica, portanto, que deve existir alguma **descontinuidade** para que se tenha um signo: algum tipo de distância espacial ou temporal entre os elementos que compõem o signo. Uma manifestação da realidade não é um signo de si própria, mas pode ser um signo de **alguma outra coisa**.<sup>230</sup> [grifos do autor].

Seguindo esse raciocínio considero importante a **crítica à noção saussuriana de signo arbitrário**, realizada mediante a inserção das proposições de Bateson, Ekman e Jackson, as quais foram produto de pesquisas antropológicas sobre **comportamentos não-verbais utilizados em processos de comunicação**. De fato, os signos *analógicos* não são arbitrários (similaridade) e *metonímicos* (*parte/todo; conteúdo/recipiente; antes/depois; atrás/avante; fora/dentro; componente funcional/todo funcional; acima/abaixo, etc.*), e têm uma relação direta com o referente.

Contudo, na época, Verón ainda pensava essas relações no modelo saussuriano do signo: *significante/significado*, mas sua reflexão transcendia essa limitação conceptual. Sua argumentação sobre as relações de *substituição / contiguidade; continuidade / descontinuidade* (elementos discretos entre os quais não há transição: *mensagens digitais*); *arbitrariedade / não-arbitrariedade; similaridade / não-similaridade* oferecem raciocínios muito interessantes a respeito de matrizes de codificação que tentavam explicar fenômenos de comunicação verbais e não-verbais<sup>231</sup>. É importante apontar que, nesse texto,

<sup>230</sup> Ibidem., p. 121.

<sup>231</sup> Umberto Eco, **Interpretação e superinterpretação**, pp. 56-57:

*É inegável que os seres humanos pensam (também) em termos de identidade e similaridade. Mas, na vida cotidiana, o fato é que geralmente sabemos distinguir similaridades relevantes e significativas, por um lado, de similaridades fortuitas e ilusórias, por outro. Podemos ver alguém a distância cujos traços nos lembram a pessoa A que conhecemos, tomá-la erroneamente por A e depois perceber que na verdade é B, um estranho; depois disso, em geral, abandonamos nossa hipótese quanto à identidade da pessoa e não damos mais crédito à similaridade, que registramos como fortuita. Fazemos isso porque cada um de nós introjetou um fato inegável, ou*

não existia uma pretensão de saber acabado (**efeito ideológico**), nem tampouco uma negação das contribuições de autores, modelos e escolas diferenciados. Era uma **época de procura transdisciplinar**, de pesquisa sistemática e produção criativa no autor; nesse sentido, refletimos acerca das seguinte hipótese: “*Meu argumento é que a passagem da similaridade a não-similaridade é gradual, quantitativa e relativa a processos perceptivos*”<sup>232</sup>.

Para explicar esse argumento Verón insere **o exemplo da fotografia**, uma mensagem analógica típica, portanto similar ao referente de sua simbolização. O autor realiza um deslocamento crucial: *a mudança do nível perceptual* para esclarecer a **transição da similaridade para a não-similaridade**, ele amplia a fotografia até uma dimensão que permita ao olho humano detectar a “*multidão de pontos discretos de intensidades diferentes*”, que formam a imagem, e teremos uma perspectiva de *não-similaridade* com o objeto fotografado. Esse exemplo lembra o descobrimento do carácter simultâneo *corpuscular* e *ondular* da matéria, formulado na física moderna, e a importância da *perspectiva* e do *observador* na práxis científica. Os signos historicamente, também, realizariam esse percurso: um primeiro momento de *similaridade* com o *objeto*; uma segunda fase em que iriam tornando-se mais complexos e abstratos até *romper* com a *similaridade* original.<sup>233</sup>

Verón ao analisar a **relação continuidade / descontinuidade**, concebe-a como uma dimensão formada de elementos que seriam pólos, nos quais se estabelecem nexos “*quantitativos, graduais e relativos*”<sup>234</sup>. Desse modo, o carácter quantitativo e gradual se repete, definindo um processo de transformação entre essas duas formas de configuração dos códigos. Para ilustrar essa proposição, Verón utiliza **o exemplo das mensagens visuais,**

*seja, que, de um certo ponto de vista, todas as coisas têm relações de analogia, contiguidade e similaridade com todas as outras.*

Ibidem., op. cit., p. 61: (continua na página seguinte)

*(...) Pense, ..., que podemos aceitar uma espécie de princípio popperiano, segundo o qual, se não há regras que ajudem a definir quais são as “melhores” interpretações, existe ao menos uma regra para definir quais são as “más”.*

<sup>232</sup> Ibidem., p. 123.

<sup>233</sup> Umberto Eco, **Interpretação e superinterpretação**, p. 55:

Como podemos ver, às vezes as duas coisas são semelhantes por seu comportamento, às vezes por sua forma, às vezes pelo fato de terem aparecido juntas num certo contexto. Desde que se consiga estabelecer algum tipo de relação, o critério não importa. Depois que o mecanismo de analogia se põe em movimento, não há garantias de que vá a parar. (...) Isso esclarece outro princípio subjacente da semiótica hermética. Se duas coisas são semelhantes, uma delas pode tornar-se signo da outra, e vice-versa.

<sup>234</sup> Idem., p. 123.

**analógicas** e, portanto, contínuas, que podem ser transferidas para formas digitais estruturadas por elementos discretos, sem transição nenhuma. Esses procedimentos atualmente são comuns até na informática doméstica, pouco a pouco, inclusive nos países periféricos, as famílias usam “scanners” e transcodificadores para passar informações analógicas para digitais. O curioso é como, prematuramente, Verón incorporou essas reflexões ao pensamento sociológico em comunicação na América Latina. Foi por intermédio do autor que as formulações e pesquisas de ponta, que os cientistas da *Escola de Palo Alto* realizavam, passaram a ser parte da pesquisa em comunicação na região.

Lembremos que as proposições teórico-metodológicas dessa *escola* cobraram transcendência internacional, e o reconhecimento acadêmico que mereciam, só a partir dos anos 1980 com a crise dos paradigmas; como foi o caso do *funcionalismo* norte-americano em comunicação. O importante projeto transdisciplinar experimentado pela *Escola de Palo Alto*, e as riquíssimas experiências que oferecia para as ciências sociais no mundo, nos anos 40, 50 e 60, não foram aproveitadas, dada a preponderância do *funcionalismo* naquela época.

Ao cruzar as dicotomias *substituição / contiguidade; continuidade / descontinuidade; arbitrariedade / não-arbitrariedade* e *similaridade / não similaridade* com as formas de codificação *digital, analógica, metonímica das máquinas do tempo (relógios) e simbólicas (logotipos de empresas)*, o autor estabelece relações importantes entre os diferentes tipos de códigos, e suas regras de organização e configuração em mensagens sociais. A mistura das dicotomias *estruturalistas* com as formulações *comunicacionais* de *Palo Alto*, tornaram possível que o autor análise *problemas de produção de sentido social*, em variadas e de múltiplas perspectivas; tanto de processos publicitários quanto de discursos políticos. A partir dessa linha de raciocínio formulou o seguinte postulado: “(...) **a possibilidade, dada a um sistema não-digital, de veicular mensagens mais ou menos abstratas somente existe sob a regra de substituição.**”<sup>235</sup>

235

Roman Jakobson:

“(...) Os constituintes de um contexto estão numa situação de contiguidade, ao passo que, num conjunto de substituição, os signos estão vinculados por vários graus de similaridade, que flutuam entre a equivalência de sinônimos e o núcleo comum de antônimos”; in R. Jakobson e M. Halle, **Fundamentals of language**, Mouton & Co., S.-Gravenhage, 1956, p. 61, citado por E.

Isso significaria que as mensagens *não-digitais* codificadas sob a regra da *contiguidade* não têm possibilidade de abstração, se consideramos que Verón compreende *contiguidade* como um relacionamento *parte / todo* ou *parte / parte subjacente* (relações simbólicas entre elementos que comparte uma *espaço-temporalidade*) compreenderemos melhor por que é necessário esse distanciamento substitutivo para caracterizar uma abstração.

Sabemos que as mensagens abstratas não são os mecanismos empíricos básicos de *ação social*. A *ação social*, segundo Verón, está caracterizada por mecanismos semiológicos básicos de *contiguidade*. De fato o pensamento e a produção de conhecimentos, em geral, não são atribuições elementares da *ação social*; como podemos comprovar em qualquer tipo de sociedade as mensagens abstratas precisaram de condições sociohistóricas, de produtores qualificados, de desenvolvimento específico das linguagens complexas para configurar-se como uma dimensão superestrutural.

O postulado de Verón é pertinente e reforça a especificidade de **um eixo lógico da linguagem, aplicável a todo tipo de modos de comunicação**. Se pensarmos, por exemplo, numa *mensagem* complexa constituída por elementos visuais, verbais e sonoros, **sua capacidade de abstração estará dada pela presença de fatores metafóricos** que configuram a mensagem mediante uma resolução poética, que insere, densamente, qualidades essenciais e flexíveis; desse modo, expressa um sem-número de questões de forma abrangente e aberta.

A *produção de sentido* em 1969, data de fabricação de “*Os códigos da ação*”, já era concebida por Verón como uma problemática centrada no *observador* e não no *ator social*. A diferença dessa concepção com a dos “*discursos sociais*” –na qual a *interdiscursividade*, *o contexto* e *a interação* são fundamentais– é que nos “*códigos da ação*”:

**“(...) a contiguidade constitui a regra básica pela qual um fragmento de ação transmite informação para um observador, mesmo se o seu desempenho não estiver associado a qualquer ‘intenção’ de comunicar. Qualquer ato**



corporal tem um elo de contiguidade espacial e temporal com a sequência mais longa da qual forma parte, e, por força disso, ele se torna inevitavelmente “contaminado” por sentido...”<sup>236</sup> [grifos meus].

As ações sociais desenvolvidas por meio de movimentos corporais múltiplos têm, na proposta de Verón, um caráter sequencial e uma existência relacional espacial fundamentais. É a natureza metonímica das ações que permitiria, mediante a *contiguidade* ou a pertença a uma cadeia (presente ou imaginada), obter informação das ações sociais. Existiria, desse modo, uma equivalência simbólica entre *o todo* e as *partes*, entre uma *ação* e a *série*. Não obstante, um mesmo ato poderia ser interpretado por vários observadores, dependendo da sua perspectiva, como *agressão*, *burla*, *carinho*, etc. O significado depende, assim, da série significante<sup>237</sup> na qual o observador inseriu o ato.

Segundo Verón, **o caráter ambíguo**, atribuído por Bateson e Jackson às transações analógicas, **corresponderia às relações metonímicas**. As ações, ao estar marcadas pela regra da *contiguidade*, possibilitam várias interpretações. Um mesmo conjunto de posturas corporais pode significar uma provocação erótica, ou movimentos estéticos refinados de uma companhia de dança.

**O problema central**, nessas análises e postulados de Verón, **é a ausência do contexto cultural** como elemento que intervém fortemente na *produção de sentido*. As regras de elaboração das linguagens, de fato, são importantes para compreender as informações transmitidas. Mas um mesmo fragmento de ação, codificado numa mesma linguagem, cumprindo as mesmas normas e relações metonímicas pode produzir interpretações, leituras e informações diferenciadas dependendo das circunstâncias, do momento subjetivo, das di-

<sup>236</sup> Ibidem., p. 134.

<sup>237</sup> Eliseo Verón:

*Peirce hablaba a este propósito de lazo **existencial** entre el signo y su objeto. El nivel de funcionamiento indicial es una red compleja de reenvíos sometida a la regla metonímica de la contigüidad: parte/todo; aproximación/alejamiento; dentro/fuera; delante/detrás; centro/periferia; etcétera. El pivote de este funcionamiento, que llamaré **la capa metonímica de producción de sentido**, es el **cuerpo significante**. (...) El cuerpo es el operador fundamental de esta tipología del contacto, cuya primera estructuración corresponde a las fases iniciales de lo que Piaget llamaba el período *sensomotriz*, anterior el lenguaje. (...); in E. Verón, **La semiosis social...**, p. 141.*

ferenças culturais, da história desses eventos e de outros fatores multidimensionais.

Considero que a *contiguidade* é um fator da lógica interna da linguagem que deve ser examinado em toda análise de mensagens, entretanto não podemos afirmar que seja a regra básica. **Além da oferta intertextual, intervêm várias questões importantes que definem o sentido das ações.** Podemos concordar com Verón em que: “*Um fragmento de uma sequência de conduta tende, contudo, a simbolizar por contiguidade o todo do qual forma uma parte.*”<sup>238</sup>

Porém essa tendência não necessariamente será realizada. Os comportamentos humanos têm formas de realização diferenciadas (uma mesma sequência tem vários *todos*), constatamos que nem os modos formais da codificação verbal ou da codificação matemática podem ser reduzidos a um esquema codificador *digital* ou *analógico*.

Não obstante Verón compreender a impossibilidade de inserir a ação humana nessas duas alternativas, pensava possível classificar os comportamentos em códigos complexos. Centrando, daquele modo, a problemática da comunicação referente às ações humanas à compreensão das regras de sua realização.

## **A impossibilidade das classificações totalizantes e a lógica perversa do capital**

Ainda não estava presente no autor a vertente de *jogos de linguagem* e as formulações essências de Michel de Certeau sobre a *invenção do cotidiano*; nas suas “*artes de fazer*”, esse autor aprofunda a importância das *táticas criativas* de sobrevivência da maior parte da humanidade, como um modo de contraposição fundamental à presença hegemônica das *estruturas* que condicionam significativamente as ações humanas.

Sabemos, a partir de Wittgenstein, que a linguagem pode ser pensada como *formas de vida*, que se constrói mediante *jogos* infinitos. As regras em toda linguagem com *força cognitiva* e com *reconhecimento social amplo* são as mais econômicas possíveis e demonstram sintonia com a realidade cultural.

---

<sup>238</sup> Ibidem., p. 136.

Portanto, tentar classificar tudo resulta absurdo já que sabemos que nos jogos as combinações e realizações são infinitas.

Os comportamentos sociais, em parte, respondem a uma lógica similar são jogos nos quais as regras têm um papel, que muitas vezes não é nem considerado; na verdade as condutas poéticas e científicas transcendentemente quebram regras, inventam coisas, propõem novos jogos.

Por outro lado, como compreender as ações sociais sem a participação do *sentimento*? Esse fator, muito bem conhecido pelos grandes publicitários e os mestres da propaganda política, possibilita a realização de processos efetivos de marketing. A dimensão emotiva em comunicação é um fator essencial na estruturação de formas políticas concentradoras de poder, que impedem um aprofundamento significativo da democracia. O imaginário dos grupos humanos que vivem nas sociedades de mercado está fortemente condicionado pelos sistemas simbólicos hegemônicos, as emissões são sistemáticas e seguem uma lógica e um ritmo retórico eficazmente estruturados.

As relações de produção social ainda funcionam, em muitos aspectos, de maneira irracional e anti-humana contradizendo os próprios princípios de aperfeiçoamento da produção do capitalismo avançado. No Brasil, por exemplo, são paradigmáticos os casos de falsificação de medicinas por importantes indústrias farmacêuticas, que comercializaram farinha disfarçada de remédios contra o câncer e pílulas para o controle da natalidade. O sistema financeiro japonês, considerado até meados da década de 90 um paradigma de eficiência capitalista, demonstrou todos os defeitos possíveis de corrupção, administração irracional e desperdício de recursos. Os mitos sobre a “perfeição” do capitalismo japonês e europeu, assim como os preconceitos que caracterizavam o *Terceiro Mundo*, caracterizado como sujeito paradigmático de corrupção e de formas criminais de gestão financeira e empresarial, caíram estrepitosamente na década de 90 do século XX; tanto no Japão quanto na Itália, na Grã-Bretanha e em Mônaco (entre outras economias do *Primeiro Mundo*) explodiu a crise provocada por gerenciamentos irresponsáveis, especulativos e até delitivos.

Nessa mesma perspectiva, a ilusão tecnológica que pensava que o desenvolvimento acelerado das técnicas seria a solução para os problemas econômicos, políticos e sociais demonstrou-se insustentável. O cientificismo eufó-

rico das décadas de 50, 60 e 70 que se considerava capaz de construir o “reino da abundância e a felicidade”, comprovou suas limitações éticas, racionais e políticas; tanto na vertente socialista quanto na capitalista os resultados do entusiasmo tecnológico foram desastrosos para a melhora das condições de vida da humanidade: poluição, estresse, violência, desemprego e fome são, entre outros, fatores característicos do dia-a-dia contemporâneo.

A acelerada inserção das tecnologias informáticas na formas de vida humana não resolveu os problemas sociais fundamentais; ampliou as diferenças entre classes sociais; estendeu o abismo que separa às formações sociais capitalistas hegemônicas das do resto do mundo. A “prosperidade” e a “privatização” quase destruíram a *vida pública* nos países ricos; o processo de *globalização* intensificou o desemprego, a fragmentação do proletariado e provocou novas ondas de migração interna e externa nas diferentes regiões do planeta.

O país considerado como o paradigma da democracia liberal, EUA, tem o maior índice de população carcerária do mundo 609 presos por cada 100 mil habitantes<sup>239</sup> –quase dois milhões de presos– ilustram o chamado “desenvolvimento”; sem contar os gravíssimos problemas de violência provocados por milhões de jovens armados, que formam parte das gangues das grandes cidades norte-americanas. O fosso entre o PNB dos habitantes dos países ricos e pobres aumentou de 14 vezes em 1970 para 24 vezes em 1990<sup>240</sup>. No século XXI essas diferenças se ampliaram, para ilustrar isso é interessante comparar o PIB *per capita* dos 10 países mais ricos, que alcança cifras superiores a 60 mil dólares, com o PIB *per capita* dos 10 países mais pobres que não chega a 600 dólares, isto é 100 vezes a menos que os ricos em 2019<sup>241</sup>

A realidade contemporânea confirma, em todas suas facetas, a lógica anti-humana do *capitalismo*, caracterizada pelos grandes pensadores socialistas e anarquistas desde o século XIX. Os dois últimos séculos, período em que o *capitalismo* instauro-se como modelo de produção hegemônica na Terra, viram acontecer os maiores genocídios da história da humanidade –64 milhões de mortos na primeira e segunda guerras mundiais–<sup>242</sup>. A civilização demonstrou-se consideravelmente mais selvagem que as formas de violência primitiva; como

---

<sup>239</sup> Eric Hobsbawm, **Era dos extremos/ o breve século XX, 1914-1991**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 330.

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> Tabela de PIB per capita. **Divisão de estatística da ONU**, acesso 1 de dezembro de 2019.

<sup>242</sup> Ibid., p. 56.

exemplo, basta lembrar as guerras de agressão na Ásia nas quais os norte-americanos queimaram, envenenaram e massacraram aplicando os métodos mais perversos de tecnologia genocida 6 milhões de cidadãos coreanos, indochineses e vietnamitas<sup>243</sup>, segundo estimativas modestas. A sociedade tecnológica mais avançada (EUA) demonstrou nos últimos setenta anos de história, especialmente a partir das bombas de Hiroshima e Nagasaki, sua capacidade de selvageria e perversidade. Quando escutamos os testemunhos dos jovens estadunidenses que combateram no Iraque em 1990-91, e que foram contaminados pelas armas bacteriológicas e químicas dos próprios norte-americanos, comprovamos que esse período ainda não terminou, e que a defesa dos *direitos humanos* não passa de retórica grosseira em boca dos políticos da superpotência.

## Transferências, enquadramentos e ação social

Para finalizar essa reflexão acerca do problema da *produção de sentido* nas ações sociais é importante retomar a **crítica** de Eliseo Verón à **sociologia da ação**: *Na sociologia da ação a relação entre sistemas de relações sociais e ideias institucionalizadas (...) se conceitua nos termos do problema da relação do ator individual com suas ideias.*<sup>244</sup> [grifos meus]

O autor afirmava que os “*sistemas de ideias*” não são mecanismos de controle interno das pessoas, nem condutas observáveis, mas ***mensagens materializadas***, como *componentes do meio ambiente*. Verón afinava ainda mais seu raciocínio e concebia essas mensagens concretas, *espaço-temporalizadas*, como ***textos***. Para este livro é importante essa concepção flexível de *texto*:

Na nossa análise, o conceito de **texto** possui uma área denotativa sumamente ampla: todo conjunto de signos pertencentes a um determinado universo de discurso delimitado por um código, seja este qual for (a língua, os códigos plásticos, as imagens transmitidas pela TV) e que é transmitido em uma situação determinada sobre a base de um suporte físico distinguível da conduta dos receptores.<sup>245</sup> [grifos do autor].

<sup>243</sup> Ibidem., p. 422.

<sup>244</sup> Eliseo Verón, “*Infraestrutura e superestrutura na análise da ação social*”, in **Ideologia, estrutura e comunicação**, p. 149.

<sup>245</sup> Ibidem., p. 154.

Essa citação data de 1965, e comprova uma tendência para uma visão ampla e não formalista acerca do *texto* a partir de uma perspectiva semiológica; por outra parte, demonstra como a notação gramatical era forte em Verón. Para legitimar teoricamente os modos de comunicação ele outorgou-lhes a categoria de *textos*. **Todas as formas de comunicação com capacidade de codificação seriam textos; só exclui a conduta dos receptores.**

Essa **ampliação do conceito de texto para formas não digitais de codificação**, como as **formas plásticas e as imagens de TV**, leva ao autor a perguntar-se sobre as diferenças entre os sistemas de codificação linguísticos, analógicos e para-linguísticos. Verón considerava complicadas as transferências entre os diferentes tipos de códigos, e utilizava um postulado de Bateson e Jackson para aprofundar sua argumentação: “(...) *se traduzimos informação de um sistema análogo para um sistema digital, ela não pode ser transferida sem deformações sistemáticas que obedecem a propriedades intrínsecas de cada código.*”<sup>246</sup>

A problemática da *produção de sentido*, quando é produto da *ação social*, encontra nessa argumentação uma hipótese interessante acerca da transferência de comportamentos, condutas, atos e ações humanas –cujos códigos são analógicos– para códigos digitais. Essa proposta estabelece diferenças infranqueáveis entre as duas formas essenciais de códigos, determinadas pelas características essenciais de cada código<sup>247</sup>.

Como transferir para linguagem verbal um filme? De que forma construir em linguagem audiovisual um romance ou uma obra filosófica? É possível expressar um poema em fotografias? Como expressar em palavras ações

---

<sup>246</sup> Idem., p. 161.

<sup>247</sup> G. Bateson e D.D. Jackson, 1964: “Some varieties of pathogenic organization”, *Disorders of Communication*, 42: 279:

“Três características do material analógico contribuem para a dificuldade da transformação em palavras; essas características devem ser consideradas em conjunto, pois as dificuldades de tradução têm origem numa combinação delas. Em primeiro lugar, o material analógico contém magnitudes reais (e, portanto, sempre **positivas**); em segundo lugar, o material analógico não contém a negativa simples, ou seja, carece de palavra para ‘não’; em terceiro, o material analógico não contém signos morfêmicos.”. Seguindo essa linha de reflexão, Verón apontava: (...)*dar-se-ia que a observação significa que uma mensagem a respeito do caráter irreal de algo, a respeito da ausência, carência ou inexistência de algo não é passível de ser transmitida através (sic) de material analógico?* (Op. cit., pp. 129-130).

Lembremos que as **mensagens analógicas** são: “aquelas que guardam alguma relação “imitativa” com aquilo que representam” (Op. cit., p. 124). Existe um “elo empírico de contiguidade entre eles e as coisas que representam” (idem., p. 125).

humanas sem perder a riqueza dos acontecimentos? Essas e outras perguntas surgem na produção de conhecimentos teóricos e na pesquisa empírica concreta sobre fenômenos de comunicação.

A noção de *texto* em Verón nos leva a pensar o problema da **transfereência** entre diferentes formas e modos de comunicação. Se saímos da problemática dos códigos (*sistemas de regras*) e nos situamos numa problemática de *produção* e *recepção* de comunicação, encontramos questões cativantes: atualmente, as combinações de *multimídia* demonstram que é possível transferir material analógico para certas formas de estrutura digital; temos fotografia, música, vídeo e filmes organizados em sistemas digitais. Essas estruturas nos permitem realizar variações temporais, espaciais, de tonalidade, de faixa acústica que em décadas anteriores pareciam quase impossíveis, os avanços tecnológicos da informática encontraram caminhos de transferência exequíveis.

É paradigmático o caso da construção a partir de informação do *código genético* da imagem de pessoas nas diferentes fases de sua vida. As mudanças que podemos introduzir nas imagens, que têm elos com o mundo empírico, alterando sua configuração questionam o princípio de impossibilidade de negação atribuído por Verón aos modelos analógicos.

De fato, hoje, os códigos analógicos e as mensagens paralinguísticas podem ser transformadas em códigos binários: é possível registrar um jogo de futebol em códigos binários, realizando depois múltiplas variações do jogo; é possível filmar uma chacina e transferir as imagens para códigos binários (ou filmar diretamente numa câmera digital), situando depois exatamente as trajetórias dos projéteis e demonstrando as responsabilidades dos assassinos. Desse modo, as transformações de uma matriz para outra não podem ser reduzidas aos esquemas formulados pela semiologia estruturalista ou pela linguística funcionalista. Não esqueçamos que todo esquema conceptual é uma construção abstrata que procura organizar as essências de um fenômeno ou objeto, mas simultaneamente perde a riqueza do fenômeno integral.

As simulações teóricas e de pesquisa que realizamos na construção de uma rede de conceitos nos permitem aprofundar os conhecimentos sobre uma série de problemas, não obstante apresentar as limitações próprias dessas construções. A teoria, o pensamento, os processos de pesquisa têm um referente real, entretanto são construções mentais diferencia-

das do mundo empírico. Uma concepção mecanicista dessa relação pode levarmos a um materialismo vulgar; uma outra concepção separatista nos levaria a visões subjetivistas e idealistas dos processos. Portanto, é bom construir esquemas de análise com o maior rigor, sistematicidade e coerência possíveis (*responsabilidade científica*), considerando sempre que eles são uma construção feita por seres humanos com todas as limitações próprias da espécie: históricas, subjetivas, econômicas, científicas, filosóficas, metodológicas etc.

A *transferência* de códigos, independentemente dos avanços tecnológicos, continua sendo uma problemática muito importante na comunicação. Os estudos de recepção nos demonstram a complexidade da pesquisa sobre a vida cotidiana e sua relação com os processos massivos de comunicação. A interpretação de condutas, de gestos, de olhares, da disposição dos objetos domésticos, das rotinas, das relações macro e microssociais continua apresentando inúmeras dificuldades. As pesquisas de recepção não conseguiram, ainda, uma combinação transdisciplinar suficientemente afinada como para caracterizar essas *transferências*; os conhecimentos alcançados pela *proxemia*, a dramaturgia televisual, a eurtmia, as montagens infográficas, a geografia humana, a economia política dos meios, a história da comunicação, a sociologia da cultura e a psicologia estão longe de ter conseguido estruturas produtivas na pesquisa comunicológica.

Observamos um contraste entre os avanços instrumentais das ferramentas que empregamos para produzir comunicação e a inserção dessas tecnologias na prática de pesquisa, reflexão e produção teórica na área e nas ciências sociais em geral. A esse respeito a problemática das *transferências* torna-se muito mais interessante para as teorias em comunicação: a defasagem entre o desenvolvimento superacelerado das tecnologias informáticas e o ritmo de estruturação de novos pensamentos teórico-metodológicos no campo é significativa.

Nesse sentido, podemos estabelecer o problema de uma prática profissional operativa, condicionada quase exclusivamente pelo *lucro*, carente em extremo de reflexão teórica crítica e, por outro lado, uma práxis dos pensadores em ciências sociais marcada por um desconhecimento da vida produtiva na área e, em muitos casos, por um desprezo *a priori* dos conhecimentos técnico-profissionais em comunicação.



A problemática da transferência permite, também, reformular a concepção sobre os códigos, as regras e as operações de significação. Os exemplos que colocamos anteriormente demonstraram a relatividade de uma classificação formal entre códigos analógicos e digitais; esse esquema, adotado por Verón em 1969 –“*Os códigos da ação*”–, foi superado pelo autor cinco anos depois formulando “...*uma semiologia das operações translinguísticas*”<sup>248</sup>.

É importante apontar que Verón reconhece as limitações estabelecidas por uma semiologia dedicada a uma “tipologia dos signos”; a necessidade de vincular a *semiose* com o social; a urgência de pensar as regras de codificação não simplesmente como propriedades intrínsecas das matérias significantes, mas como qualidades que podem investir diferentes matérias significantes. Desse modo o autor chega a um argumento muito importante, de ruptura com as concepções tipológicas: *Observa-se, assim, que as regras constitutivas são apenas normas sociais cuja função é a de estruturar a percepção das matérias significantes.*<sup>249</sup>

Penso que conceber as regras dessa maneira permite deslocar os pensamentos para questões mais importantes em comunicação, além da simples classificação dos signos. Por outro lado, o reconhecimento de que a *matéria significativa* não é *contínua* nem *descontínua* em si mesma, mas é, só, numa perspectiva de análise semiológica torna possível pensar que acolá das chamadas regras constitutivas da linguística existem regras de estruturação das mensagens, dos discursos, dos modos de comunicação que são importantes conhecer.

Na “linguagem” cinematográfica e de vídeo é fundamental por exemplo compreender a *decupagem* –as regras de divisão do filme em planos–, que torna possível construir conjuntos mais complexos como *cenas*, *sequências* e *produtos acabados* como um capítulo de telenovela, um documentário, um filme, uma reportagem etc. Para que um comunicador social possa realizar uma produção audiovisual de qualidade, não precisa conhecer as regras linguísticas da *arbitrariedade/não-arbitrariedade*; *descontinuidade/continuidade*; *similaridade/não similaridade*; *substituição/contiguidade*. Essas *regras constitutivas*, de uma análise linguística, possibilitam uma aprofundamento reflexivo

248 Eliseo Verón, “*Para uma semiologia das operações translinguísticas*”, in **A produção de sentido**, São Paulo, Cultrix-Edusp, 1980, pp. 64-86. Segundo consta no texto foi escrito em janeiro de 1974, momento em que o autor radicava-se na França.

249 Ibidem., p. 66-67.

para os especialistas nessa área, sempre e quando considerem a relatividade e as limitações de sua pertinência. Por outras palavras, o êxito numa produção audiovisual dependerá, em parte, do domínio das regras de construção dessa “linguagem” pelos realizadores; entretanto um audiovisual não é simplesmente regras, ele requer de capacidade operativa, de processo concreto de aplicação dessas proposições ou de questionamento das mesmas –como num filme experimental ou na arte contemporânea–.

Para compreender o acabamento de uma mensagem temos que inserir, necessariamente, na análise elementos-chave desse processo: estratégias, gerenciamento, práticas profissionais, *operações* técnicas, tipos de montagem, trabalho conjunto e sincronizado de diretores, atores, dramaturgos, fotógrafos, técnicos de som, cenógrafos, técnicos de luz, produtores etc. As **condições sociais de produção de uma mensagem são muito mais complexas que a presença de outros textos no discurso produzido; a produção de sentido depende, também, de operações que não têm como função direta investir matérias de sentido**. A qualidade de transmissão, sintonia e trabalho técnico têm a ver com isso; a capacidade de organizar equipes ou montar elencos também. As características empresariais dos produtores; os critérios estéticos dos diretores; o sistema produtivo que gera a produção de sentido não está restrito à construção do discurso.

Na perspectiva de Verón, a combinação de *regras* e *operações* definiria de uma forma mais sociológica os códigos:

(...) a própria distinção entre códigos “extrínsecos” é códigos “intrínsecos” parece-me extremadamente perigosa: qualquer princípio de codificação é extrínseco pois **não se trata de propriedades do “real” ou da “matéria”, mas de convenções culturais**.<sup>250</sup>

A produção de sentido, nesse argumento, é uma produção cultural, proposição com a qual concordo plenamente. **As proposições formalistas são questionadas na base, quando colocamos como centro das definições o caráter cultural da produção de sentido**.

Na proposição de Verón temos as regras de análise metalinguísticas utilizadas pelos semiólogos, analistas de discursos e linguistas para interpretar

---

<sup>250</sup> Eliseo Verón, *Ibidem.*, p. 70.

a problemática da *semiose* social. Uma questão complicada, percebida por Verón no começo dos anos 70, é que o objeto de estudo desses especialistas é, também, uma metalinguagem; estudavam, por exemplo, *frases-modelo* que só existem nas formulações dos linguistas, ou dos *teóricos dos atos da linguagem*, esmeravam-se na construção de tipologias, componentes, variáveis, neologismos, modelos, funções que constantemente mostravam-se insuficientes e deformadoras de um estudo pertinente dos processos de comunicação social concretos.

**A saída de Verón foi formular sua “teoria dos discursos sociais” que tentou romper os seus profundos laços com a linguística, mas que continuou sendo um modelo baseado na preponderância da estrutura semiótica.** As definições de *dimensão semiótica*, *dimensão do poder* e *fundações* estão centradas na problemática do *discurso*; não obstante conceber os discursos como produtos sociais, a meu ver **o problema conceitual de Verón é situar a *semiose* como o eixo constitutivo mais importante das sociedades, sem estabelecer relações com outros eixos fundamentais da estrutura social.**

Não entanto, Verón é um autor-paradigma na América Latina que incorpora ao campo teórico elementos sociológicos na análise da produção de sentido. Sua definição de *ideologia* e de *poder* considera as *condições de produção* e as *condições de reconhecimento* dos discursos, como elementos fundamentais dessas configurações; as duas referem-se a fatores textuais e [extra] textuais. Na prática de produção teórica do autor, constata-se que esses elementos *extra* estão delimitados aos componentes tecnológicos, constitutivos das gramáticas das mídias e de suas linguagens.

Na seguinte fase de sua estruturação teórico-metodológica, Verón insere os modelos de Peirce e de Göttlob Frege, ambos, com um terceiro elemento constitutivo do *signo*; esses modelos estabeleceram-se como os quadros teóricos centrais de sua concepção: *INTERPRETANTE* [Peirce] e *SINN* [Göttlob Frege] (construtos teóricos sobre **o sentido transubjetivo de ordem social**). Contudo, continuou incluindo as proposições da *Escola de Palo Alto* sobre a **produção de sentido**, como a da *INTERATIVIDADE*; preocupando-se, assim, pelos *comportamentos* e pelas *situações*, e introduzindo, dessa maneira, elementos da ordem *tecnológica*, que intervêm nesses processos. No obstante, nas suas análises, são as estruturas formais discursivas que continuam sendo preponderantes. **A problemática do sujeito histórico-social, das classes, dos modos de organi-**

**zação, da política, da cultura, da sociedade restringe-se a uma participação secundária no eixo da *enunção*, da *análise do discurso*, da *rede informativa*:**

Los acontecimientos sociales no son objetos que se encuentran ya hechos en alguna parte en la realidad y cuyas propiedades y avatares no son dados a conocer de inmediato por los medios con mayor o menor fidelidad. **Sólo existen en la medida en que esos medios los elaboran. (...) Los medios informativos son el lugar en donde las sociedades industriales producen nuestra realidad.**<sup>251</sup> [grifos meus].

Uma proposição logocentrista que situa nas mídias a existência da realidade mesma; *midia-centrismo* que concebe a indústria de mensagens como o universo do real, e expressa, nitidamente, o deslocamento do autor para uma compreensão restritiva do mundo.

Nessa perspectiva é significativo o seguinte parágrafo:

Responder a la cuestión sobre la continuidad (o la falta de continuidad) del fenómeno peronista en el plano de los contenidos nos lleva, en consecuencia, a un resultado decepcionante: algunos temas cambiaron profundamente, otros menos, otros nada; algunos ‘motivos’ que caracterizan determinados períodos desaparecen completamente en otros.

El resultado es muy diferente cuando se analiza el funcionamiento discursivo. En este plano el discurso de Perón muestra, a lo largo de su historia, una continuidad sistemática, una unidad profunda. Desde este punto de vista **los textos del líder revelan una verdadera lógica discursiva, cuyos componentes dibujan una estructura enunciativa invariante, capaz de ‘absorber’ los contenidos más diversos.**<sup>252</sup> [grifos do autor].

A problemática do *peronismo* é de carácter multidimensional, as questões de ciência política, de antropologia, de estudos culturais, de sociologia

<sup>251</sup> Eliseo Verón, **Construir el acontecimiento**, Buenos Aires, Gedisa, 1983, p. III.

<sup>252</sup> Eliseo Verón, **Perón o muerte**, Buenos Aires, Hyspamérica, 1989, p. 233.

e de história presentes nessa corrente política argentina, não podem ser reduzidos, na sua importância, à continuidade do estilo discursivo de Perón; ou a sua capacidade de sistematizar o discurso; ou a sua coerência lógica. Concordo com Verón em que esses elementos estão presentes e são característicos do *peronismo*, mas são uma parte de um todo muito mais rico, complexo e significativo para a história social argentina e da América Latina; as específicas características discursivas do líder fundador desse movimento político são um componente importante da análise comunicológica, porém não exclusivo.

## As condições de produção comunicacional

As análises de discurso, publicadas como livros em: de *Three Mile Island* e *Perón o muerte*, demonstram como o autor reduziu a análise sociológica, e a análise comunicológica, a **características discursivas formais**. Comprova, simultaneamente, que não é suficiente com inserir regras de construção de uma linguagem, e operações de fabricação, para interpretar o campo de sentido desse produto. A **produção de sentido** nos grupos e comunidades sociais **vai muito além das formalidades retóricas, depende de múltiplas mediações, jogos táticos, formas de vida, circunstâncias, estruturas, tradições culturais, costumes, crenças subjetividades etc.** As análises de comunicação não podem ser reduzidas a análises discursivas; se bem elas contribuem à compreensão do **problema comunicológico**, cooperariam muito mais, se tivessem uma **perspectiva integradora de vários modelos e correntes teórico-metodológicas** na prática concreta de produção de conhecimentos.

Ao pesquisar a proposta teórica de Verón numa perspectiva de ciências sociais a redução resulta ainda maior, porque aspectos essenciais como as estratégias políticas; as organizações; as classes sociais; as formas institucionais; os poderes –concebidos não como efeitos de discursos sem como complexo de forças em conflito e negociação–; os processos históricos; as formações econômico-sociais; as formas de vida; a realidade (que existe independentemente da agenda dos meios) não são considerados pelo autor nas suas análises. Ainda que aceitemos a dimensão simbólica como uma das dimensões centrais nas sociedades contemporâneas, é inadequado supor que é possível realizar uma análise socio discursiva aprofundada abstraindo os fatores apontados.

O exclusão de paradigmas teóricos gerais<sup>253</sup>, como o *materialismo histórico*, a *psicanálise*, o *estruturalismo*, levou o autor a um posicionamento exclusivista caracterizado pela preponderância da *análise dos discursos*, como modelo primeiro e fundamental da análise sociológica. Esse comportamento provocou um impasse profundo com seu passado teórico, que deu como resultado uma período de não publicação de livros teóricos<sup>254</sup>.

A opção pelas pesquisas de campo, comerciais, sobre recepção de produtos nos públicos franceses, afastou Verón das preocupações teóricas cruciais; seus artigos durante esses anos tratam de problemas ou casos específicos, perdendo o caráter epistemológico “fundador”, que o autor teve até 1985.

A passagem daquele autor, que combinava nas suas reflexões teóricas *semiologia-estruturalismo- materialismo histórico* e *psiquiatria social*, para o pesquisador das *análises de discursos sociais*, precisou de concentração e afinamento na problemática acerca do ‘discurso’:

Os **discursos sociais** são objetos semioticamente **heterogêneos** ou mistos, nos quais intervêm, ao mesmo tempo, várias matérias significantes e vários códigos. O próprio discurso linguístico não é nunca monocódigo: quer se trate da escrita ou do discurso falado, **há sempre regras paralinguísticas** que não podem ser reduzidas apenas ao código da “língua”. Isto se aplica aos discursos que circulam no nível das “comunicações de massa”, mas também à comunicação interpessoal, sempre constituída por “pacotes” de comportamento-e-fala.<sup>255</sup>

Para Verón os *discursos* já eram fenômenos translinguísticos em 1974; nessa época, os caracterizava pela **variedade** das suas **matérias significantes** e pela **multiplicidade** dos seus **códigos**; o vínculo com a linguística era forte e a sua definição delimitava os discursos como fenômenos *translinguísticos*. Nessa perspectiva, para Verón a tarefa dos semiólogos estaria definida pelo escl-

<sup>253</sup> Eliseo Verón, “Investigación semiología y comunicación: del estructuralismo al análisis en producción”, in rev. **Causas y azares**, n# 3, 1995, p. 19:

“Creo profundamente que ya no puede haber más teorías generales, o mejor: no hay más explicaciones unitarias de lo que son las sociedades actualmente”.

<sup>254</sup> O livro **La semiosis social** foi editado por primeira vez na França em 1988, os textos selecionados nele foram escritos entre 1975 e 1984 e constituem segundo seu autor a base da formação de uma *teoria da discursividade*.

<sup>255</sup> Eliseo Verón, **A produção de sentido**, pp. 78-79.

recimento da complexidade discursiva: “*delimitando os códigos e sua maneira diferencial de trabalhar as matérias significantes*”<sup>256</sup>.

Nesse ponto vista, **os discursos** deviam ser situados como **práticas sociais específicas**, que necessitam ser pesquisadas, compreendidas e teorizadas na sua particularidade. O autor, conservava o vínculo linguístico, mas formalmente construía proposições que estabeleciam vínculos teóricos com o sociológico. Verón percebe a impossibilidade de pensar a produção da *indústria cultural*, e os processos sociais de comunicação, que ele nomeia como *universos discursivos diferentes*, com só o instrumental teórico da linguística; portanto insere na sua formulação elementos sociológicos:

As operações produtoras da significação no seio do discursivo, isto é, as operações de investimento do sentido nas matérias significantes são, ao mesmo tempo, **práticas sociais específicas**. Os “códigos”, como conjuntos de operações, são, portanto, apenas **sistemas de regras às quais obedece, o trabalho social produtor de significação**.<sup>257</sup>

Junta, desse modo, a definição de código como *sistema de regras* com elementos concretos de produção social. **O código combina trabalho (operações) com regras**, e legitima essas atividades como um sector-chave da sociedade. É muito importante essa proposição de Verón, porque questionava interpretações formais que caracterizavam os códigos como uma espécie de

<sup>256</sup> Ibidem., p. 79.

<sup>257</sup> Idem., p. 81:

A visão *instrumentalista* e *estruturalista* de Verón sobre a participação dos sujeitos na “*semiose social*” é manifesta de modo incisivo na seguinte proposição:

*Dissemos já que os discursos estão sempre situados: com efeito, é evidente que a noção de processo de produção pressupõe a noção de um **sujeito produtor**. Ora, este **sujeito produtor nada mais é que o suporte das operações** que definem a produção de um certo tipo de discurso.*

Verón expressava muito bem, nessa passagem, esse momento da sua concepção. Definir os SUJEITOS simplesmente como SUPORTES é próprio de um *estruturalismo ortodoxo*. O processo histórico, nessa perspectiva, é um acontecer determinista que responde a um *programa estrutural* extremamente delimitado e que segue orientações próprias, deixando para os sujeitos sociais, as classes, um papel secundário linearmente definido. Nos processos de comunicação, a *produção de sentido*, as *operações semióticas* realizadas pelos sujeitos estariam programadas pela lógica estrutural, correspondendo aos atores simplesmente materializar essas funções.

vade-mécum jurídico, que reúne as normas ou as chaves de uma determinada “linguagem” e de suas realizações sociais.

Não obstante, o aspecto conservador da proposta era forte, porque concebia as **operações de codificação** como: **“(...) sistemas de regras às quais obedece”**.

Sabe-se, que além da normatização básica de todo jogo de linguagem, são possíveis e desejáveis as rupturas de suas regras, é o que acontece a menudo nas diferentes formas de comunicação social. No caso da linguagem, esse aspecto é crucial para enriquecer a língua, já que só por meio da fala cotidiana, irreverente, renovadora, inventiva, transformadora a linguagem se mantém viva. Isso acontece também na realização de trabalhos estéticos, artísticos, e de *produção de sentido*, como exemplos paradigmáticos estão José Saramago e Gabriel García Márquez. Na fala grotesca e cotidiana as táticas subterrâneas estão presentes reiteradamente, reformulando de alguma maneira essas regras. Importantes obras artísticas do campo da comunicação social, do cinema, na publicidade, do teatro, da escrita apresentam essa ruptura criativa com as normas.

A tentativa de Verón por normatizar as *operações* e as *atividades criativas*, mediante as quais os comunicadores constroem seus produtos, é restritiva. Por outro lado, se bem um jogo ou uma linguagem tem regras que se devem cumprir, as operações de realização desse jogo têm infinitas possibilidades de combinação, e sempre novas execuções.

A crítica, feita por Verón, as correntes que centraram suas preocupações teóricas na *intencionalidade* dos enunciadores, levou-o a formular um posicionamento polêmico, e extremo, em sentido contrário: **“A produção do discursivo nada tem a ver com a intencionalidade de um sujeito que gostaria de “transmitir uma mensagem.”**<sup>258</sup>

O peso das correntes teóricas e investigativas que concebiam a *intencionalidade* como um elemento fundamental na produção de sentidos sociais era considerável, na primeira metade dos anos 1970; tanto *funcionalistas* quanto *críticos* outorgavam a esse fator um papel determinante, orientador e decisivo na produção de discursos.

---

<sup>258</sup> Ibidem., p.81.



A ruptura com essa corrente, e a valiosa crítica realizada por Verón, não obstante, anula a participação da *intencionalidade*, desvirtuando um elemento importante da *semiose* social. Sabemos que as indústrias de comunicação montam estratégias de divulgação que têm objetivos determinados por alcançar; na *publicidade* e na *política* esses elementos são especialmente considerados; o trabalho de assessores de comunicação, “marqueteiros”, produtores, diretores, “criativos”, jornalistas etc. está constantemente orientado por metas a cumprir; elas dependem de uma *intencionalidade*, tanto da empresa quanto dos clientes e do produtor; se essa *intencionalidade* teve uma realização feliz na consecução dos objetivos é outro problema; para avaliar isso deveríamos considerar múltiplas variáveis que podem mudar por completo o resultado do processo. O que não podemos negar é que, de fato, os produtores têm *intencionalidades*. No exemplo das telenovelas brasileiras é de conhecimento público, e também investigativo sistemático, o interesse de importantes autores e diretores em colocar na trama assuntos que questionam preconceitos e tabus, assim como problemas políticos de atualidade. Provocar o debate tem sido uma intenção realizada reiteradamente por esses comunicadores. É evidente que a telenovela não é uma *frase-modelo* da teoria linguística, é um discurso social complexo e as intenções dos autores e diretores estão presentes de forma importante na sua realização.

Se analisamos um programa infantil como **Castelo Ra-Tim-Bum**, comprova-se que a *intencionalidade* dos autores em produzir um produto diferenciado com qualidade estética, com sentido crítico-educativo, e numa orientação humanista, é realizada na construção desse programa; como também, nas apropriações concretizadas por amplos públicos infantis, que reconhecem mediante sua audiência, e seus retornos, o valor da proposta. A *intenção* de produzir um programa alternativo ao *lixo* –violento e embrutecedor– da maioria dos programas infantis televisivos, requereu de um intenso e qualificado esforço para a escolha de temas, cenários, narrativas, tramas, música, personagens etc.

Se aceitarmos a formulação de Verón sobre as *marcas de reconhecimento*, que são as que um discurso provoca ao ter um poder de significação, então as pesquisas demonstram que o “Castelo” alcançou uma importante audiência, que as crianças ficavam extremamente concentradas ao assistir, que motivava brincadeiras, conversas e imitações com sentidos diferenciados aos dos modelos

racistas, patriarcais, misóginos, etnocêntricos, xenofóbicos e oligárquicos. Quanto a isso, percebemos que a *intencionalidade* tem um papel na produção de sentido; ainda nos casos nos quais os sentidos, construídos pelas crianças, não foram tão *humanistas* como queriam os produtores, observa-se a presença conflitiva de questões que a programação hegemônica não consegue administrar.

Na dimensão metódica, um modelo de programa como o “Castelo” fundamenta um **percurso heurístico-libertário** que **incentiva às crianças a resolver problemas**; coloca as questões éticas, de luta entre posições contraditórias, de uma forma não maniqueísta; oferece as crianças a possibilidade de participar na organização dos jogos e suas regras; trata às personagens de uma forma equânime; os castigos são reflexivos e procuram o bem de quem errou; a violência não constitui uma matriz de desenvolvimento das relações, nem de resolução das contradições; propõe o respeito e o conhecimento dos semelhantes e das estórias (histórias) familiares; em suma **organiza um modelo estético-argumentativo subversivo com respeito aos padrões hegemônicos** da programação das indústrias de televisão infantil capitalistas.

A *intencionalidade*, conhecemos hoje depois de várias décadas de pesquisa em comunicação social, não é um processo semiótico mecânico, nem linear; ela configura *campos de sentido* que dependem de múltiplas condições, fatores, grupos sociais e matrizes culturais-históricas. A *intencionalidade* não determina univocamente ou isoladamente um processo de produção de sentido, mas ela participa e **tem a ver** com a *semiose* social sim.

Em 1974 Verón afirmava: *O sujeito produtor só pode ser definido em termos de sua posição social. O conjunto de determinações que definem a posição social dos produtores é o que se pode designar como as condições de produção dos discursos.*<sup>259</sup> Os produtores, nessa concepção de Verón, são simplesmente *suportes*; o importante para essas formulações são as determinações estruturais, que organizam e ordenam as operações e o conjunto da *produção de sentido* realizada pelos *indivíduos-suporte*. Dessa forma, as *matérias investidas de sentido* –objetos de todo tipo– e os *suportes-humanos* realizam o programa previamente estruturado pelo sistema semiótico. **Condições de produção são determinações** na definição de Verón; na nossa concepção, são **elementos condicionantes e mediações** que intervêm na produção de sentido. *Condições de produção*, nessa ótica, são *posições sociais*, nas quais os

---

<sup>259</sup> Ibidem., p. 81.

indivíduos produtores são situados pelo sistema para constituir-se em *suportes* efetivos da *semiose* social. Para nada, no pensamento de Verón, os sujeitos sociais estruturam essas condições; eles não constroem a história, basicamente são organismos, dos quais se servem as estruturas, que permitem a realização material e concreta da produção de sentido.

Nas formulações anteriores, constatamos a forte presença de uma linha *cibernética*, no sentido de *sistemas de controle das comunicações*, que anula a participação dos sujeitos na *produção de sentido*. Para esse tipo de proposições os poetas, cientistas, artistas e demais criadores são elementares suportes de programas determinados. A *invenção* é reduzida a efeito mecânico e necessário do desenvolvimento *natural* das estruturas. Os grupos humanos, os sujeitos geniais, como fatores fundamentais do curso histórico, são negados radicalmente pelo *veronismo cibernético*<sup>260</sup>. A *cultura* é transformada em expressão de determinações estruturais; as ações sociais, como a atividade de *semiótica* reduzida a realização dessas “determinações”.

A meu ver as *condições de produção* de um discurso são um conjunto de elementos causais e fortuitos que intercambiam de função, de acordo com uma lógica dialética, de tal forma que é inadequado estabelecer *a priori* uma situação determinada para eles. Entre as condições de produção temos aspectos de índole histórica, cultural, econômica, ideológica, psíquica, geográfica, sociológica, ecológica, linguística etc. que configuram uma série de condicionantes, que não necessariamente, na realização do processo de produção de sentido, tornar-se-ão causais. O acaso, o fortuito, elementos que num primeiro momento não apareciam como necessários, participam de acordo com as circunstâncias e as variações de rumo operadas pelos sujeitos e pelas indispensáveis mudanças do devir histórico; esse devir é em essência dinâmico e variável, o que permite que fatores secundários se transformem em causas importantes<sup>261</sup>.

<sup>260</sup> Umberto Eco, *Interpretação e superinterpretação*, p. 117:

O universo da semiótica, isto é, o universo da cultura humana, deve ser concebido como se fosse estruturado como um labirinto do terceiro tipo: (a) é estruturado de acordo com uma rede de intérpretes. (b) É virtualmente infinito porque leva em conta as múltiplas interpretações realizadas por diferentes culturas... é infinito porque todo discurso sobre a enciclopédia lança dúvidas sobre a estrutura da própria enciclopédia. c) Não registra apenas “verdades”, mas antes o que se disse sobre a verdade ou o que se acreditava ser a verdade...

<sup>261</sup> Eli de Gortari, *Introducción a la lógica dialéctica*, p. 79:

*La relación entre los procesos es, además, múltiple y polimorfa. Asimismo, en cada proceso*

## O discurso da ciência e a teoria dos discursos sociais

As *condições de produção* dos discursos sociais levaram Verón a refletir sobre um sistema produtivo particular de geração discursiva: *o discurso da ciência*, que no caso da nossa tese resulta de extremo interesse. A produção social do conhecimento era definida pelo autor (1974) como um sistema produtivo, em concordância com o paradigma *materialista histórico*<sup>262</sup>. O **discurso científico**, nessa perspectiva, é produto desse processo, um resultado material concreto. Para compreender a especificidade do discurso científico Verón estabelecia dois grandes aspectos de sua constituição; primeiro, o elemento geral a todo discurso, que como apontamos são suas **condições de produção**; e, segundo as **condições distintivas** dessa prática específica de produção de conhecimento. Essa distinção, na orientação do autor, estava caracterizada pela propriedade de poder auto se analisar, de voltar-se sobre seu próprio produto (discurso), e estudá-lo avaliando suas condições de produção, suas fases, suas metodologias, seus modelos teóricos de referência. Segundo Verón, teríamos um **“retorno infinito”** do discurso científico sobre si mesmo, mediante uma **autorreflexão** que permitiria uma produção ajuizada de pensamentos<sup>263</sup>:

El presente enfoque es **empírico**: se trata de estudiar concretamente qué propiedades posee lo que la sociedad llama el **“discurso científico”** (el “conocimiento”) y qué condiciones de producción pueden explicar esas propiedades. Si se quie-

---

*existe interdependencia y conexión íntima entre todos y cada uno de sus aspectos y elementos; y esta conexión interna es la que produce la unidad del proceso. A la vez, la conexión universal entre los procesos y en el interior de los procesos es una relación activa. Los movimientos y los cambios de cada proceso influyen en los cambios y los movimientos de los otros procesos y, a su vez, reciben la influencia de ellos. Esta acción recíproca es una causalidad recíproca entre los procesos, que se condicionan mutuamente. Así, la causa produce el efecto; pero, al propio tiempo, el efecto no es pasivo, sino que actúa, a su vez, sobre la causa. De esta manera, existe una transferencia continua y recíproca entre causa y efecto. Y, en consecuencia, toda acción es simultáneamente efecto y causa, en sus múltiples relaciones con otras acciones. (...) la acción recíproca es la verdadera **causa final** de todos los procesos.*

262 Eliseo Verón, **Imperialismo, lucha de clases y conocimiento (Veinticinco años de sociología en la Argentina)**, Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporáneo, 1974, p. 82:

*“La ciencia, dije, es un **sistema productivo**, una práctica social articulada con las demás prácticas que configuran una formación social determinada.”*

<sup>263</sup> Eliseo Verón, **Imperialismo, lucha de clases y conocimiento...**, p. 85.

re conservar el término (“epistemología”), se podría decir que se trata de fundar una **epistemología empírica materialista** sobre la generación del conocimiento.<sup>264</sup> [grifos meus]

Desse modo, a reflexão sobre a noção teórica de *condições de produção*, levou Verón a propor, na época, uma **epistemologia materialista**, na que considerava fundamentais as relações do conhecimento com os fatores extra discursivos. As *classes sociais*, suas lutas; as determinações das *formações econômicas-sociais*<sup>265</sup>; o caráter histórico da produção científica, no qual a *dependência do imperialismo* era um aspecto importantíssimo<sup>266</sup>.

Como podemos inferir das formulações e das considerações desse raciocínio de Verón, sua construção conceitual, a respeito da problemática das *condições de produção* tem, nessa época, uma fonte teórica no modelo de Marx; até a década de 70 o próprio autor reconhecia essa inspiração, da qual nos anos oitenta renegaria.

Na sua análise retrospectiva da noção de *discurso social* (1976-1980)<sup>267</sup>, Verón desloca o eixo de sua reflexão para o problema específico das relações da *teoria dos discursos* com a linguística; e considerava que um dos elementos mais importantes de sua *teoria do discurso* foi a *ruptura* com a linguística. Nessa época, Verón, pouco a pouco, vai concentrando suas preocupações teóricas no discursivo, fundamenta seus argumentos em diálogo e apropriação das propostas lógicas de Friedrich Frege, da semiótica de Peirce e da linguística de Chomsky.

Verón situa como sua **fonte**, para começar a refletir e adotar o conceito de **discurso**, um **velho artigo de Zelig Harris, 1952: “Discours analysis”**<sup>268</sup>; segundo o autor, esse foi o referente teórico que lhe permitiu começar a refletir

<sup>264</sup> Ibidem., p. 85.

<sup>265</sup> Idem., p. 87:

*En efecto, es a mi juicio una verdad histórica el que la sociedad capitalista occidental generó un tipo de práctica social (la llamada “ciencia moderna”) regulada (entre otras cosas) por la norma según la cual se produce un discurso descriptivo de lo real con capacidad autorreflexiva. La ciencia no es una actividad en el vacío: es el nombre de una práctica específica, articulada por primera vez en las formaciones sociales del capitalismo. Ya dije que lo que llamamos ideología no es cualquier relación entre los discursivo y lo extra discursivo, sino aquella relación del discurso con sus condiciones de producción que se explica a su vez por la relación de dichas condiciones con la lucha de clases.*

<sup>266</sup> Ibidem., p. 97-103.

<sup>267</sup> Eliseo Verón, “Discursos sociales”, in **La semiosis social...**, p. 121-123.

<sup>268</sup> S.Z.Harris, “Discours analysis”, **Language**, 28: 1-30 (1952). Citado por Verón, op. cit., p. 121.

sobre a problemática do *discurso* nos anos 1970; o momento coincide com a crise da *semiologia estruturalista* e dos paradigmas consagrados nas ciências sociais e humanas, o que provocou aos teóricos, centrados na problemática da significação, a busca por caminhos diferenciados da *semiologia*, da linguística e da filosofia dos *atos da linguagem*.

Na dimensão teórica as propostas de Verón sobre os *discursos sociais* são muito importantes porque deslindam campos de pertinência com a linguística<sup>269</sup>, com a filosofia formalista, e com a *semiologia estruturalista*: “*Una teoría de los discursos sociales se sitúa necesariamente en un plano que no es el de la lengua*”<sup>270</sup>. Para o Verón dos anos 1980, a *teoria dos discursos* torna-se uma espécie de “epistemologia”, uma *metateoria* com capacidade de avaliar os diferentes discursos produzidos na sociedade:

“...una teoría de los discursos sociales puede darse como objeto (como ya lo hicimos), el surgimiento de la lingüística como práctica discursiva científica **(y más en general, el surgimiento de los discursos científicos en la historia)**. Resulta evidente que la lingüística no posee las herramientas para comprender sus propios orígenes y su funcionamiento como discurso sobre el lenguaje (y tampoco tiene la pretensión de poseerlas).<sup>271</sup> [grifos meus].

Claramente, essa formulação sobre o objeto da *teoria dos discursos sociais* tem um caráter epistemológico. Constatamos que a aspiração de Verón de construir uma *epistemologia empírica materialista*, com um embasamento forte no *marxismo* e na *semiologia estruturalista* **deu passo a uma *teoria analítica*, uma metateoria, que conservou seu aspecto reflexivo-crítico**, mas que incorporou como referentes teórico-metodológicos essenciais os modelos de

---

<sup>269</sup> Eliseo Verón, *Semiosis de lo ideológico y del poder(...)*, 2a. ed., Buenos Aires, CBC-UBA, 1997, p. 22:

*No se trata de decir que cuando se pasa al orden de lo discursivo, se pasa a lo social: de hecho, la lingüística como ciencia de la lengua, como ciencia extraña a lo social, sólo pudo constituirse sobre la base de un dispositivo metodológico destinado a expulsar lo social del lenguaje, reduciendo la actividad relativa al lenguaje (siempre discursiva y siempre social) al modelo de la producción de oraciones por un <<hablante oyente ideal>> (No se pretende ciertamente negar la importancia histórica de tal dispositivo.*

<sup>270</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, p. 122.

<sup>271</sup> Idem., p. 122.

Frege, Peirce e Chomsky. Nessa linha, foi chave sua ruptura com a concepção binária de signo; e considerava que a *terceridade*, proposta por Frege e Peirce, possibilitava formular uma teoria mais afinada sobre os discursos.

Nesse percurso, Verón insere como parte de sua *teoria dos discursos*, dois problemas não considerados centralmente na sua fase anterior: a **materialidade do sentido** e a **construção do real na rede da semiose**. Os elementos sociológicos, antropológicos e psicanalíticos perdem força para privilegiar o lado semiótico.

Foi assim, como Verón definiu à *teoria da semiose* como o eixo articulador de uma teoria sociológica geral: “**...es en la semiosis donde se construye la realidad de lo social**”<sup>272</sup>. Proposição central do autor, que esclarece sua *posição teórica* no campo da produção de conhecimentos nas ciências sociais; com efeito, esse *logocentrismo* de Verón, estabelecido na problemática do *discurso*, explicita seu modelo teórico principal para explicar as questões políticas, sociológicas e de comunicação.

Os **discursos**, nessa perspectiva, não são meras expressões de pensamento, são as **formas concretas espaço-temporais de sentido**, sejam elas sons, imagens, grafias, móveis, cenários, cores, vestidos, paisagens, corpos, gestos, olhares, cerimônias, contatos etc., matérias investidas de sentido pelas determinações de suas *condições de produção*<sup>273</sup>. A *materialidade do sentido* é um aspecto que Verón conservou, no seu pensamento sobre os discursos sociais, para suas formulações dos anos 1980, o que comprovou, nesse aspecto, uma continuidade com sua tradição *materialista*.

Cabe problematizar essa fonte, o *materialismo* tem sido um aspecto importante de suas referências que, como sabemos, está profundamente vin-

<sup>272</sup> Idem., p. 126.

<sup>273</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social...**, p. 128:

*Los “objetos” que interesan al análisis de los discursos no están, en resumen, “en” los discursos; tampoco están “fuera” de ellos, en alguna parte de la “realidad social objetiva”. Son sistemas de relaciones: sistemas de relaciones que todo producto significativo mantiene con sus condiciones de generación, por una parte, y con sus efectos por la otra.*

Ibidem., p. 129:

*La semiosis está a ambos lados de la distinción: tanto las condiciones productivas cuanto los objetos significantes que nos proponemos analizar contienen sentido. Para dar toda su importancia teórica a esta observación basta recordar el hecho de que, como ya lo subrayamos en la primera parte de este trabajo, entre las condiciones productivas de un discurso hay siempre otros discursos.*

culada com a perspectiva metodológica empírica; de acordo com Verón, sem pesquisa empírica não existe condição de produzir teoria científica. E esse princípio *teórico-metodológico* constituiu-se em problematizador, e contribuiu a questionar profundamente (desde os anos 1960) a prática teórica *crítica*, acostumada exclusivamente a uma reflexão especulativa. Em Verón é interessantíssimo como se combina um *formalismo* teórico com uma obrigatoriedade da investigação empírica; desde suas investigações com neuróticos, nos anos 1960, até as interpretações semióticas dos anos 80 e 90, sempre trabalhou a pesquisa empírica como elemento de confronto de suas construções teóricas.

Desse modo, sua *teoria dos discursos sociais* além de ser um *metateoria* (*epistemologia* empírica) de todo tipo de discursos, inclusive dos científicos, também é uma *teoria operativa* que investiga o *sentido* produzido mediante a análise das relações entre discursos, tanto em *produção* quanto em *reconhecimento*. Assim sendo, de acordo com os postulados de Verón, ela é uma **teoria científica** porque reúne as condições de **autorreflexão**, e de **desdobramento**, do discurso científico. Ela **produz conhecimentos**, por uma parte, e, por outra, **avalia** a produção desses conhecimentos.

O objetivo de Verón em 1974, quando tentava *fundar uma epistemologia empírica materialista*, transformou-se na formulação de sua *teoria dos discursos sociais*, na qual articulou argumentações importantes construídas anteriormente: *teoria da ideologia*, *teoria do poder*, *teoria da produção de conhecimentos*.

## A produção de sentido

Uma problemática teórica amplamente tratada e aprofundada por Eliseo Verón a longo de 50 anos foi a **do sentido**. As pesquisas e os estudos realizados para construir uma concepção afinada acerca dessa questão, começou com a pesquisa realizada com 53 neuróticos em hospitais de Buenos Aires, durante quase cinco anos, na década de 1960. Nesse período, aplicou técnicas semânticas e psicanalíticas para investigar as distorções linguísticas dessas pessoas que, pelas características de desvio próprias de seu estado, ofereciam material interessante para caracterizar estilos de enunciação, tipos de construção sintática, comportamentos interativos com o entrevistador etc., que serviriam para perguntar-se acerca do sentido. As anomalias e os desvios,



próprios desses comportamentos neuróticos, permitiram observar questões que em indivíduos “normais” é muito complicado perceber.

A análise de falas (entrevistas), textos jornalísticos, tipos de comportamento social, modelos e práticas de cientistas levaram o autor a procurar fundamentação teórica na *semiologia*, na *linguística*, nas *teorias da comunicação*, na *antropologia estrutural*, na *sociologia* e na *psicologia social*. O profundo e sistemático interesse pela problemática do *sentido* guiara seus esforços até a formulação de seus fragmentos sobre uma *teoria da discursividade*; foi assim que entre 1976 e 1980 construiu sua proposta do **sentido como produção discursiva**.

Verón considera que o impasse reiterado que encontrava para vincular o *sentido* com o *real* foi resolvido mediante a introdução da **terceridade** de Peirce e de Frege, que o permitiu estabelecer um **vínculo** teórico-metodológico do **signo** com o **social**, com a realidade:

Se trata de concebir los fenómenos de sentido como apreciando, por un lado, siempre bajo la forma de conglomerados de materias significantes; y como remitiendo, por otro, al funcionamiento de la red semiótica conceptualizada como **sistema productivo**. El acceso a la red semiótica siempre implica un trabajo de análisis que opera sobre fragmentos extraídos del proceso semiótico, es decir, sobre una cristalización (resultado de la intervención del análisis) de las tres posiciones funcionales (operaciones-discurso-representaciones). Se trabaja así sobre **estados**, que sólo son pequeños pedazos del tejido de la semiosis, que la fragmentación efectuada transforma em productos. La posibilidad de todo análisis del sentido descansa sobre la hipótesis según la cual **el sistema productivo deja huellas en los productos** y que el primero puede ser (fragmentariamente) **reconstruido a partir de una manipulación de los segundos**. Dicho de otro modo, analizando **productos**, apuntamos a **procesos**.<sup>274</sup> [grifos do autor: palavras; grifos meus: frases].

Essa proposta teórica de Verón, construída a começos dos anos 1970, sobre a *produção de sentido* como um *sistema produtivo* foi potente. Em momento posterior, sua formulação de finais da década de 70, lapidou essa

<sup>274</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, p. 124.

definição, concebendo-a como uma **rede semiótica**; as matérias significantes organizam-se nessa rede em três **posições funcionais: operações–discurso–representações**. Elas correspondem, respectivamente, ao que em Peirce é: **interpretante–signo–objeto**; em Frege é: **sentido–expressão– denotação**. A análise semiótica estudaria, na teoria de Verón, cada uma dessas partes fragmentariamente (*produtos*) para reconstruir o processo.

**O sentido**, para o autor, é **necessariamente social**, é determinado pelas suas condições produtivas. A variação do termo *interpretante*, de Peirce, para *operações*, o elemento correspondente em Verón, é indispensável porque para o autor o *sujeito* só é um *suporte* dessas operações, não interessa como *sujeito histórico inventor*.

A respeito do *signo*, Verón desenvolveu argumentos sobre a *discursividade* que compreendem os signos além de seu caráter lógico, em configurações sociais concretas. Os discursos podem estar formados por *pacotes de imagens-textos-sons*, ou podem ser conjuntos de cenários, quer dizer não correspondem as formas lógicas formais.

Com respeito à relação entre o termo *objeto*, de Peirce, e o termo *representações*, de Verón, este último considera que na cadeia semiótica os *suportes* não operam com objetos, mas com as *representações* deles; portanto, o propósito da *análise do discurso* não são os objetos, mas sim suas *representações discursivas*. Essas *representações sociais*, na perspectiva de Verón, estão fundamentadas na produção de sentido que atravessa todas as instituições, os comportamentos, as relações e a organização social em seu conjunto.

O autor parte das seguintes hipóteses:

- a) **Toda producción de sentido es necesariamente social:** no se puede describir ni explicar satisfactoriamente un proceso signficante, sin explicar sus condiciones sociales productivas.
- b) **Todo fenómeno social es**, en una de sus dimensiones constitutivas, **un proceso de producción de sentido**, cualquiera que fuere el nivel de análisis (más o menos micro o macrosociológico).<sup>275</sup>

---

<sup>275</sup> Ibidem., p. 125.

A pesar de afirmar que a **produção de sentido** é só uma dimensão constitutiva do social, na prática de pesquisa o autor situa essa *dimensão* como o **eixo diretriz fundamental, principal, organizador das sociedades**. Concebe, também, esse processo como o eixo essencial de explicação dos processos histórico-sociais; os livros: *Perón o muerte & Construir el acontecimiento*, são um exemplo demonstrativo disso; assim, para Verón, a *teoria dos discursos sociais* e *teoria da produção de sentido* são o quadro teórico fundamental das explicações históricas, políticas, sociológicas e ideológicas.

Não obstante afirmar que não tudo é semiosis, ela é, no autor, a *dimensão essencial* das sociedades:

Si el sentido está entrelazado de manera inextricable con los comportamientos sociales, si no hay organización material de la sociedad, ni instituciones, ni relaciones sociales sin producción de sentido, es porque esta última es el verdadero fundamento de lo que corrientemente se llama las “representaciones sociales”. (...) la teoría de la producción del sentido es uno de los capítulos fundamentales de una teoría sociológica, porque **es en la semiosis donde se construye la realidad de lo social**. (...) El análisis de los discursos sociales abre camino, de esa manera, al estudio de la **construcción real de lo social** (...).<sup>276</sup> [grifos meus]

Concordo com Verón em que a *dimensão semiótica* é uma problemática fundamental da teoria sociológica; afirmo, inclusive, que a produção de sentido é uma problemática epistemológica geral das ciências do conhecimento, e de cada ciências sociais em particular. Penso que **o logocentrismo semiótico de Verón está em pensar que a construção real do social é realizada centralmente na dimensão da produção de sentido**; coincido em que esse aspecto é fundamental, mas não posso excluir nos estudos sociais modelos teórico-metodológicos fundamentais que também explicam a construção do real. Nas construções teóricas de Verón, a partir de 1975, esses fundamentos saem pouco a pouco de seu quadro conceptual, centrando suas fundamentações nos modelos de Peirce e Chomsky e perdendo a abrangência teórica dos seus primeiros anos.

<sup>276</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, p. 126.

**Paradoxalmente, quanto mais social a configuração-formal de seus *fragmentos teóricos*, menos sociológico e mais especializado tornou-se seu discurso profundo.** O Verón das análises pluridisciplinares deu passo ao Verón que estudou operações discursivas particulares; condições interdiscursivas de produção; interações concretas entre *suportes-humanos* dos discursos; *sistemas de relações* dos produtos significantes com as suas *condições de produção*, e com seus *efeitos de poder*. **Um quadro teórico fechado, autossuficiente, negador radical de um diálogo e uma cooperação com outros modelos, disciplinas ou quadros.** Para o campo da comunicação esse posicionamento resulta singularmente conflitivo e isolante, dadas nossas características de mistura teórica.

Numa perspectiva construtiva, essas hipóteses de Verón, independentemente dos desvios que o autor realizou, e apesar de que para alguns analistas podem resultar triviais, questionam e enriqueceram o pensamento em comunicação social na América Latina, porque inseriram na sua problemática elementos teórico-filosóficos-lógicos (Peirce-Frege-Chomsky) que criticaram os procedimentos vulgares e *funcionalistas* de resolução dos problemas, tanto ao estimular nossa crítica quanto ao permitirmos aprofundar e ampliar nossos referentes. Esses postulados oferecem subsídios importantes para a reflexão, o debate e a produção de conhecimentos.

Para o estudo teórico em comunicação é muito interessante, por exemplo, a proposta triádica de Göttlob Frege: **expressão** (signo: ZEICHEN), **sentido** (SINN), **denotação** (BEDEUTUNG). Verón relaciona a *denotação* de Friedrich Frege<sup>277</sup> com a sua noção de *representações* (a *representação* em Frege é subjetiva)<sup>278</sup>. Para Verón é fundamental o caráter de construção do real-social do

<sup>277</sup> Göttlob Frege: “*La denotación de un nombre propio (eines Eigennames) es el objeto mismo (der Gegenstand selbst) que designamos con ese nombre...*”. Citado por Verón em op. cit., p. 101; in G. Frege, **Escritos Lógicos et philosophiques**, Paris, Seuil, 1971, pp. 105-106.

Para G. Frege a *denotação* problematiza-se no ser, no mundo construído por uma linguagem; essa linguagem pode ser imaginária ou real, abstrata ou concreta, significante ou material. Esse mundo é social, transubjetivo. O universo da denotação de G. Frege é heterogêneo e abrange toda a problemática do ontológico.

<sup>278</sup> Ibidem., p. 101:

“*La representación asociada a un signo debe distinguirse de la denotación (Bedeutung) y del sentido (Sinn) de ese signo. Si un signo denota um objeto perceptible por medio de los sentidos, mi representación es un cuadro interior (inneres Bild), formado por el recuerdo de las impresiones sensibles y de las acciones exteriores o interiores a las cuales me entregué. En ese cuadro, los sentimientos penetran las representaciones; la distinción de sus diversas partes es desigual e inconstante. En el mismo individuo, la misma representación no siempre está ligada al mismo sentido, pues la representación es subjetiva (Die Vorstellung ist subjektiv); la de uno no es la de*

*sentido* em Frege: o *sentido* é transubjetivo; a **denotação** abrange o mundo; a **expressão** representa linguisticamente esse *ser*; o *sentido* é o “tesouro comum de pensamentos” da humanidade. *Ontologia, linguística-lógica e semiótica-sociológica* tornaram a Göttlob Frege um paradigma teórico central, sistematicamente incorporado por Verón, como discurso-chave das suas condições de produção sobre uma *teoria da discursividade*. G. Frege oferece para Verón um quadro abrangente dos tipos de *denotações*: dos juízos lógicos até objetos materiais; estabelece as relações dessas *denotações* com a dimensão discursiva, *expressões* em Frege, e fundamenta um modelo para uma **teoria do real como construído**: “...por las operaciones de referenciación tomadas a su cargo por las expresiones de un sistema lingüístico dado.”<sup>279</sup>

O modelo ternário de G. Frege define um **modelo de signo vinculado com o mundo por meio da denotação**; esse mundo é construído por meio de um quadro interior de representações subjetivas das impressões sensíveis, e das ações realizadas. O *sentido* situa-se **entre a denotação e a representação**, ele não é o objeto, mas também não é subjetivo; o **signo pertence à ordem do social**, as **operações para sua construção são parte da fabricação do real**.

Outro quadro teórico essencial na produção dos fragmentos de *teoria dos discursos sociais* de Verón é a **semiótica de Ch. S. Peirce**. Verón situa em Peirce elementos para resolver o problema da produção do dispositivo *sentido* na sociedade; novamente o caráter ternário formulado por Peirce é chave para nosso autor:

“(...) por ‘semiosis entiendo (...) una acción o influencia que es o implica la cooperación de tres sujetos (subjects),

---

otro (...). Es allí donde una representación se distingue esencialmente del sentido de un signo. Este puede ser la propiedad común de varios individuos: no es por lo tanto parte ni modo del alma individual, porque no se puede negar que la humanidad posee un tesoro común de pensamientos (einen gemeinsamen Schatz von Gedanken) que se transmite de una generación a la otra.”

Um pouco más lejos:

“La denotación de un nombre propio (eines Eigennames) es el objeto mismo (der Gegenstand selbst) que designamos con ese nombre; la representación que allí alcanzamos es enteramente subjetiva; entre los dos se encuentra el sentido, que no es subjetivo como la representación, pero que tampoco es el objeto mismo”

[Citado por Verón do texto francês *Escrets logiques et philosophiques*, Paris, Seuil, 1971, pp. 105-106; texto alemão *Kleine Schriften*, op. cit., pp. 145-146].

<sup>279</sup> Eliseo Verón, **La semiosis social...**, p. 103.

un **signo**, su **objeto** y su **interpretante**, esta influencia tri-relativa (tri-relative influence), no siendo en manera alguna reductible a acciones entre pares.”<sup>280</sup>

Para Verón além do paralelismo com G. Frege, pelo caráter ternário do *signo*, seria importante salientar a exclusão feita por Peirce do aspecto psicológico no *signo*, nega radicalmente a interação entre humanos e considera a produção de sentido uma relação do *interpretante* com a linguagem (*signo*) e com o objeto real de que trata. Questão importante do quadro teórico de Verón, tomada de Peirce, a noção de **suporte**, **Peirce** considera os três termos do *signo* como **subjects = suportes**, não como sujeitos em sentido psicológico. Lembremos que nas proposições de Verón os indivíduos que participam de um processo de *produção de sentido* são meros *suportes*, que realizam operações de acordo com as normas, determinações e condições sociais. Para fundamentar essas proposições Verón buscou insistentemente elementos que eliminassem o psicologismo próprio da semiologia de Saussure, e das teorias comunicativas com as quais trabalhou nos seus primeiros anos de pesquisa e reflexão.

Seguindo esse raciocínio, Verón estabelece uma correspondência essencial entre as concepções de *signo* de Frege e Peirce:

FREGE	PEIRCE
<b>Signo</b> (ZEICHEN)	<b>Signo</b>
<b>Sentido</b> (SINN)	<b>Interpretante</b>
<b>Denotação</b> (BEDEUTUNG)	<b>Objeto</b>

281

As reflexões teóricas de Verón levam-no para um plano epistemológico, tomando de G. Frege e de Peirce elementos que tratam sobre a concepção das ideias e a produção de pensamento. Identificar nesses autores categorias para produzir sua *teoria dos discursos* é seu objetivo fundamental.

<sup>280</sup> Charles Sanders Peirce, **Escrits sur le signe**, Paris, Seuil, 1978. Citado e traduzido por Eliseo Verón na p. 103 de **La semiosis social...**

<sup>281</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 104.

É assim que Verón adota a proposição de *phaneron* de Peirce:

“(...) por **phaneron** entiendo la **totalidad colectiva** de todo lo que, cualquiera sea la manera y el sentido, está **presente en el espíritu**, sin considerar en modo alguno si ello corresponde a alguna cosa real o no.”<sup>282</sup> [grifos meus]

Nessa **definição** podem estar **presentes tanto sonhos quanto representações dos fenômenos, ou leis, ou pensamentos**. Para caracterizar esse *phaneron* Peirce define **três modos de ser** gerais, presentes nele: **‘primariedade’** da ordem da possibilidade (qualidade: **qualisignos**); **‘secundidade’** da ordem dos eventos singulares, em bruto (**sinsignos**); **‘terceridade’** da ordem da razão, da lei (do pensamento: **legisignos**). Essas distinções permitem delimitar a especificidade entre os diferentes tipos de fenômenos ontológicos.

Para Verón não é importante em Peirce suas *taxonomia* dos signos, ele concebe o pensamento de Peirce como *analítico*. Nesse sentido os **modos de ser do phaneron** são **fundamentais**, o que **interessa** é o **modo de funcionamento** dessas categorias ou dimensões. Elemento essencial, condição de produção do discurso de Verón, é que **esse pensamento analítico** pode ser encarado como uma **“composição de operações cognitivas”**<sup>283</sup>; lembremos que a concepção de *código* em Verón: *normas e operações* combinadas, já permitia essa aproximação à problemática operativa.

Verón debate, como uma questão fundamental, a relação entre *signo* e *objeto*; em contraposição com algumas interpretações de Peirce, o autor **afirma que o objeto não determina o signo** entanto tal, mas na sua condição de *terceridade*, que essa **relação é um tipo de emanção de “precepto de explicação”**:

“Peirce dice:

“...todo signo tiene, en acto o virtualmente, lo que podemos llamar un **precepto** de explicación, según el cual

<sup>282</sup> Ch. S. Peirce, op. cit., p. 67; citado por Verón, op. cit., p. 106.

<sup>283</sup> E. Verón, op. cit., p. 111.

hay que comprenderlo como si fuera, por así decir, una especie de emanación de su objeto(...). Si el Signo es un ícono, un escolástico diría que la ‘**species**’ del objeto que de él emana (emanating from it) encuentra su materia en el ícono. Si el Signo es un índice, podemos pensar que se trata de un fragmento arrancado al Objeto, siendo ambos en su existencia un conjunto o una parte de un tal conjunto. Si el Signo es un símbolo, podemos pensar de él que incorpora la ‘**ratio**’ o razón del objeto de él emanado (emanated from it)” (2.230).<sup>284</sup> [grifos do autor]

**As relações entre *signo* e *objeto* são relações complexas de interdependência; Verón realiza uma leitura em que o *signo* tem um carácter ativo sobre o *objeto*, para ele tanto no caso do ícone quanto do símbolo Peirce afirmaria que o objeto é uma emanção do signo<sup>285</sup>. Por outro lado, numa carta dirigida a Lady Welby do 23 de dezembro de 1908, Peirce afirmava:**

“A esta cosa que es la causa de un signo en cuanto tal, se la llama el **objeto** (en la lengua ordinaria el objeto “real”, pero más exactamente el objeto **existente**) representado por el signo: el signo está determinado a tener alguna especie de correspondencia con ese objeto” (5.473/Fr.: 127).<sup>286</sup>

Peirce afirma que deve ter algum tipo de correspondência, considero que não está afirmando uma determinação mecânica do *objeto* pelo *signo*, como afirmariam alguns leitores de Peirce. Verón pelo contrário argumenta a favor da determinação do objeto pelo signo, porque em profundidade todo ‘objeto’ é um terceiro, uma lei. É aí um juízo-chave de seu logocentrismo

---

<sup>284</sup> Ch. S. Peirce, op. cit., p. 123; a segunda parte da citação não consta no texto francês está tomada de **Collected Papers of Chales Sanders Peirce**, editado por C. Hartshorne y P. Weiss, Harvard University Press, 8 volumes, 1931-1958, segundo a convenção utilizadas para cita a Peirce: o primeiro número indica o volume e o segundo o parágrafo, neste caso é 2.230; citado por Verón em op. cit., p. 113

<sup>285</sup> E. Verón, Idem., p. 113.

<sup>286</sup> Ibidem., p. 112.



semiótico<sup>287</sup>. A perspectiva contrária reduziria o *signo* a um reflexo linear do objeto, reprodução que determinaria a estruturação do sistema de signos que o representam. A argumentação não é tão clara e sintética, sua retórica tem uma configuração dialética na qual o raciocínio reconhece elementos contraditórios, de partida, que são desvendados mediante a construção de argumentos que explicam a primazia do abstrato<sup>288</sup>, do pensamento na definição do *signo*.

De todos modos, nem o pensamento de Verón, nem as proposições de Peirce trabalhadas por Verón, apresentam só um aspecto da problemática, sua riqueza e inquestionável, tomemos por exemplo o seguinte parágrafo que caracteriza ao *signo* como *mediação*:

El signo, en efecto, remite a su objeto, lo **representa**. Pero lo hace siempre **de una manera determinada**. “(El signo) reemplaza algo: su objeto. Lo reemplaza, no desde todos los puntos de vista, sino con referencia a una especie de idea que he llamado **fundamento** del representamen” (2.228/Fr.:121). Esta **manera** define la relación del signo con su objeto y es la que, al operar el signo como mediación, debe ser **producida** como relación del interpretante con el mismo objeto.<sup>289</sup> [grifos do autor]

<sup>287</sup> Eliseo Verón, *La semiosis social...*, p. 115:

*Siendo un segundo un objeto, no puede producir ni determinar jamás un signo, que es un tercero. Si se puede decir del objeto que es determinante, es porque el **objeto mismo es ya un tercero**. Ello es evidente, porque cuando se habla, **en la semiótica**, de un primero, de un segundo y de un tercero, se designan de ese modo aspectos de la Terceridad. Dicho de otro modo, el primero, el segundo y el tercero ya son naturalmente, los tres, **terceros**.*

*En consecuencia, si se puede decir de un objeto que termina un signo, es porque el **objeto mismo, como el representamen y el interpretante, es un signo**. Esta es precisamente la respuesta de Peirce: “ Todo signo está puesto para un objeto independientemente de él mismo; pero sólo puede ser un signo de este objeto en la medida en que el objeto tiene en sí mismo la naturaleza de un signo, del pensamiento; porque el signo no afecta al objeto, pero es afectado por éste, de tal suerte que el objeto debe ser capaz de comunicar el pensamiento, es decir, debe tener la naturaleza del pensamiento o de un signo” (1.538/Fr.: 115). [grifos de autor]*

<sup>288</sup> Eli de Gortari, *Siete ensayos filosóficos sobre la ciencia*, México, Ed. Grijalbo, 1969, p. 19:

En la interpretación lógica del método científico, una de las grandes conquistas realizadas por Galileo fue la de comprobar que el pensamiento lógico puro es estéril, puesto que no permite adquirir ningún conocimiento de la realidad objetiva; o sea, que las conclusiones a las cuales se llega, valiéndose de medios exclusivamente lógicos, son completamente vacuas.

<sup>289</sup> *Ibidem.*, p. 118.

Para Verón essa seria uma relação primária entre *signo* e *objeto*, a relação que lhe interessa é uma relação de *segunda ordem*, que é a *representação* da relação entre a *representação de primeira ordem* e o objeto, imposta pelo funcionamento da *semiose*. Analisando essa relação, Verón compreende que o *objeto* desborda o *signo*, porque ele não pode representar o “todo” do objeto; esse *desbordamento* é nomeado como *objeto dinâmico*.<sup>290</sup>

Como afirmei anteriormente, considero que existe uma interdependência entre o *signo* e o *objeto*, nela não é possível estabelecer um condicionamento unilateral, portanto as duas proposições de Peirce são válidas (*objeto* → ← *signo*), porque se referem a aspectos distintos da cadeia semiótica. O fundamental é reconhecer esses nexos e evitar definições redutoras.

Se pensarmos num projeto científico sabemos que todo *objeto científico* (*objeto empírico/objeto teórico*) é construído, ele não é um capricho especulativo dos pesquisadores; os signos organizados como hipóteses são testados mediante a experimentação, ou a observação sistemática, que confrontam os processos reais de existência do *objeto* (*objeto dinâmico*) com os signos que tentam representá-lo. Sabemos, também, que vários sistemas consistentes de hipóteses podem dar uma explicação coerente e afinada de um mesmo objeto, portanto ele condiciona a estruturação desses signos e de seus significados, mas não os determina em caráter absoluto. Podemos afirmar que, de alguma forma, o *objeto* está representado no *signo*; mas também, que de alguma outra maneira, o *signo* define o que é o *objeto*.

A análise da citação permite identificar que, para Verón, o importante, nesse parágrafo, é a *maneira* de se relacionar o *signo* com o *objeto* e os fundamentos da representação. Para nós é importante o caráter do *signo* como *mediação* entre *objeto* e *interpretante*, estabelecida explicitamente por Peirce nessa passagem. Seguindo Peirce, teríamos que formular que os signos organizados em *textos* e *discursos* são uma *mediação fundamental* entre os *interpretantes* e os *objetos*.

Para Verón, não obstante, a *terceridade* (lei, pensamento, lógica) tem primazia na fabricação da realidade:

Si nos colocamos en el nivel de la semiosis, de la red de los signos que remiten unos a otros sin cesar, ambos objetos,

<sup>290</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 118.

el objeto inmediato y el objeto dinámico, son producidos por la semiosis.

(...) El objeto dinámico es una cuestión de conocimientos supuestos, y el conocimiento es una cuestión de signos (...).<sup>291</sup>

Na ótica de Verón os dois tipos de objetos são fabricados pela semiose, como vimos, ela foi definida como o eixo fundamental de construção da realidade; ela também, nessa perspectiva, é a *dimensão constitutiva essencial* da sociedade; ela não é tudo no mundo social, mas é o fundamental. É aí o logocentrismo de Verón expresso a nível teórico, que por outra parte constatamos como *discurso profundo* nas suas pesquisas empíricas em comunicação, que analisaremos na terceira parte deste livro.

Por mais interessantes que sejam as proposições de G. Frege e de Peirce, não podemos reduzir o pensamento (*hard*) em comunicação a esses modelos lógico-filosóficos<sup>292</sup>. Romper com uma visão binária de signo não é suficiente; tampouco declarar o carácter social do *signo*, ou carácter semiótico da sociedade. **Como pensar os discursos sociais fora da história? Como definir as condições de produção dos discursos, ignorando a economia política dos modos e dos meios? Como excluir os produtos discursivos das suas relações com as classes<sup>293</sup> e os grupos que os constroem? Como caracterizar os discursos,**

<sup>291</sup> Ibidem., p. 118.

<sup>292</sup> Eli de Gortari, *Introducción a la lógica dialéctica*, p. 79:

La relación entre los procesos es, además, múltiple y poliforma. Asimismo, en cada proceso existe independencia y conexión íntima entre todos y cada uno de sus aspectos y elementos; y esta conexión interna es la que produce la unidad del proceso. A la vez, la conexión universal entre los procesos y en el interior de los procesos es una relación activa. Los movimientos y los cambios de cada proceso influyen en los cambios y los movimientos de los otros procesos y, a su vez, reciben la influencia de ellos. Esta acción recíproca es una causalidad recíproca entre los procesos, que se condicionan mutuamente. Así, la causa produce el efecto; pero, al propio tiempo, el efecto no es pasivo, sino que actúa, a su vez, sobre la causa. De esta manera, existe una transferencia continua y recíproca entre causa y efecto. Y en consecuencia, toda acción es simultáneamente efecto y causa, en sus múltiples relaciones con otras acciones.

<sup>293</sup> Karl Marx, **O dezoito Brumário de Luis Bonaparte** (parte VII): *Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em oposição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe.*; in **Dicionário do pensamento marxista**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Norberto Bobbio: *(...) para Marx o conceito de classe constitui um instrumento de análise que lhe permite entender de relações entre os fenômenos econômicos, políticos e culturais...*; in N. Bobbio et. al., **Dicionário do pensamento político**, Brasília, Ed. UNB, 1986, p. 172.

**anulando as *estratégias políticas* que são parte de sua estruturação? Como compreender os discursos sociais expulsando os *sujeitos* históricos, os cidadãos produtores desses “*pacotes*”, as etnias, os grupos e seus sentimentos, paixões e emoções?<sup>294</sup>.**

O instrumental teórico semiótico é um modelo importante que deve ser parte das construções teóricas em comunicação; aplicá-lo isoladamente, centrando as análises e as pesquisas nos seus procedimentos e nas suas proposições é um desvio, que merma importantes contribuições que a semiótica oferece para os estudos em comunicação.

Tomemos, por exemplo, a problemática do *signo* com relação ao *social*; lembremos que Verón afirmou que “*o conhecimento é uma questão de signos*”, nós podemos apontar que é, e não é, porque ele é um processo produtivo muito mais complexo que a dimensão semiótica. Em termos de proposições gerais, Verón formula a pertinência do social como elemento substancial da produção simbólica; o problema é que, ao situar a *semiose* nesse social, ela torna-se a “*dimensão constitutiva fundamental*”.

Coincidimos com Verón em que para analisar *discursos sociais* (filmes, telenovelas, noticiários, programas de auditório, jornais, revistas, comportamentos de públicos, modas, hábitos de comida, rituais, festas etc.) é necessário partir do estudo das *condições de produção* desses discursos. Porém, a questão chave na qual me distanciei de Verón, é que não podemos reduzir essas condições à *interdiscursividade*, ponderando-a na análise como a determinante na produção discursiva.

---

<sup>294</sup> Ludwig Wittgenstein, *Investigaciones filosóficas*, p. 519:

<<La autenticidad de la expresión no puede demostrarse, hay que sentirla>>.

José Carlos Mariátegui, “*El hombre y el Mito*”, en Augusto Salazar Bondy (org.), *Ensayos Escogidos*, Lima, Ed. Universo, 1974, pp. 33-36:

*Renán, como el mismo Sorel lo recuerda, advertía la fe religiosa de los socialistas, constatando su inexpugnabilidad a todo desaliento. “A cada experiencia frustrada, recomienzan. No han encontrado la solución: la encontrarán. Jamás los asalta la idea de que la solución no exista. He ahí su fuerza”.*

*(...) Los profesionales de la Inteligencia no encontrarán el camino de la fe, lo encontrarán las multitudes. A los filósofos les tocará, más tarde, codificar el pensamiento que emerge de la gran gesta multitudinaria. ¿Supieron acaso los filósofos de la decadencia romana comprender el lenguaje del cristianismo? La filosofía de la decadencia burguesa no puede tener mejor destino.*

Os discursos sociais são multidimensionais, os fatores determinantes do seu processo de configuração dependem de combinações concretas, nas quais, as circunstâncias, os sujeitos, as mediações, as matrizes culturais, a conjuntura política, as estruturas econômicas, as características institucionais, e os conflitos entre os grandes grupos sociais, intervêm significativamente.

Eliseo Verón adotou as proposições de Peirce sobre a categoria de *realidade*, nessa relação podemos encontrar algumas pistas importantes da concepção de Verón sobre o *social*:

“Las cogniciones que nos alcanzan... son de dos clases, las verdaderas y las no-verdaderas, es decir, cogniciones cuyos objetos son **reales** y otras cuyos objetos son **irreales**. ¿Y qué entendemos por ‘real’? Es una concepción que debemos tener por primera vez cuando descubrimos que había algo irreal, una ilusión; en otras palabras, la primera vez que nos corregimos. (...) Lo real es aquello sobre lo que más tarde o más temprano debería desembocar finalmente la información y el razonamiento; lo que, en consecuencia, es independiente de las extravagancias del yo y del tú. El **verdadero origen de la realidad** muestra que esta concepción **implica** esencialmente la **noción de una COMUNIDAD**, sin límites precisos, capaz de un crecimiento definido de conocimientos” (5.311). Esta comunidad aparece como **la garantía, la fuente de legitimidad, de lo real y de lo verdadero**, pues el problema de la verdad se plantea a partir de actos de aserción. Y **la aserción no es otra cosa que un contrato social**: “Un acto de aserción supone que, formulada una proposición, una persona cumpla un acto que la hace pasible de los castigos del derecho social (o en todo caso, del derecho moral) en caso de que no fuera cierta, a menos que tenga una excusa precisa y suficiente” (2.315/Fr.: 71).<sup>295</sup> [grifos meus]

A realidade é reduzida ao *social produtor de conhecimentos*, que seria a fonte essencial da *verdade*. O *real*, na perspectiva de Verón, para ter essa categoria, necessita de uma *comunidade* produtora de conhecimentos definidos.

<sup>295</sup> Ch. S. Peirce, op. cit.; citado por Eliseo Verón no livro *La semiosis social...*, pp. 119-120.

Pergunto, qual é essa comunidade na sociedade? não pode ser outra que a comunidade dos cientistas, pesquisadores e intelectuais capazes de estruturar leis, de produzir “terceridade”.

Esses acertos sociais, normas de ação, organizam-se em *hábitos* que fundamentam na proposta de Peirce a veracidade desses signos. O direito social e moral define, nesse ponto de vista, o *real* e o *verdadeiro*. A ‘*realidade*’ definida como uma categoria objetiva independente do pensamento, da vontade e da organização social dos homens, transforma-se em Verón, seguindo Peirce, em *objeto existente, contingente*.

O jogo retórico é forte, aparentemente estamos fortalecendo o *social* dotando-o de um nível epistemológico substancial que fundamenta o *real* e o *verdadeiro*. **Na verdade, o pensamento pragmático, operativo, com poder de estabelecer efeitos de poder: regras, normas, hábitos e ações é formulado como sinônimo de verdade e de realidade.** O *logocentrismo* é extremo, adquire um caráter excludente que para mim explica o porquê da falta de diálogo do autor com paradigmas comunicacionais distintos. Esse modelo teórico combina, magistralmente, *teoricismo* e *empirismo*, porque só a dimensão teórica, a comunidade produtora de cognição pode construir o verdadeiro e o real; **o hábito empírico-social fundamenta, sincronicamente, o pensamento e o mundo.**

Um pensamento coerente e afinado que “elegantemente” nos desloca de problemáticas comunicológicas importantes. As dimensões teóricas históricas, econômicas, políticas, antropológicas, psicológicas, ecológicas, tecnológicas e culturais dão passo à “total-meta-teoria semiótica”. Em claro estilo apologético Verón sublinha:

Peirce fundó la semiótica y, a la vez, definió su problemática teórica fundamental: la de las relaciones entre la **producción del sentido, la construcción de lo real y el funcionamiento de la sociedad.**<sup>296</sup> [grifos meus]

Esse parágrafo nega a própria tese de Verón sobre *fundações*, que seriam discursos com uma relação complexa, de máxima tensão e distância com

---

<sup>296</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 120.

os discursos de produção e com os discursos de reconhecimento<sup>297</sup>; esse discurso (ou conjunto) fundador capaz de gerar as características apontadas, não teria uma personagem fundadora<sup>298</sup> na teoria das *fundações* de Verón. Novamente, como em repetidas ocasiões temos comprovado, o autor postula questões-chave em expressa contradição com suas próprias formulações históricas centrais.

**Na minha perspectiva, não é possível “fundar” nada sem construir uma problemática;** portanto, resulta desnecessário postular quem fundou e estabeleceu a problemática teórica fundamental; sem construir a problemática, não há os alicerces para sustentar basicamente uma teoria.

A terceira questão, que devo salientar, é a síntese bem-sucedida que o parágrafo configura do eixo problemático da semiótica Peirce→Verón: *produção de sentido*→ *construção do real*→ *funcionamento da sociedade*. Penso que a ordem de exposição não é acidental; se considerarmos a lógica do discurso de Verón esses elementos têm uma hierarquia que vai, em ordem genético, do *sentido* para a *construção do real*, e logo para ao *funcionamento social*

<sup>297</sup> Eliseo Verón: *Minha hipótese é que os textos de fundação ocupam uma posição particular no interior da rede, a saber, a que é caracterizada por uma distância máxima entre a produção e o reconhecimento. Essa distância máxima não diz respeito à relação (Pdi)-(Di), isto é, à relação de um discurso com os discursos que fazem parte de suas condições de produção. A distância que estamos falando não se refere, tão pouco, à relação (Di)-(Rdi). Ela se refere à relação entre as duas relações. O que é móvel e variável é a relação (Pdi)-(Di)/(Di)-(Rdi); é ela que encerra a dinâmica histórica do desenvolvimento do sistema de produção de uma ciência ao nível discursivo;* in Eliseo Verón, *A produção de sentido*, p. 120.

*Impõe-se, conseqüentemente, mudar de nível teórico: a noção de fundação designa os momentos de tensão no interior da rede histórica da produção discursiva das ciências, os pontos onde o tecido da circulação histórica dos textos conhece suas defasagens máximas. Nem continuidade nem ruptura: o desenvolvimento das ciências, ao nível dos discursos que produzem, é marcado por fundações. Uma fundação não é senão um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações...;* in, op. cit., p. 122.

<sup>298</sup> Eliseo Verón: *o “verdadeiro” rosto do fundador não existe. A pesquisa desse rosto autêntico que estaria em algum lugar da obra (desde que se fizesse a boa leitura desta), que seria localizável a partir deste ou daquele escrito, nada mais é do que a última versão da ideologia do “sujeito criador”.*

*(...) Ora, não é nada disso. Isso não quer dizer que o sujeito concreto (histórico, individual) não tenha deixado traços no discurso: em qualquer discurso, há uma multidão heterogênea de traços de diferentes origens. Só que as origens de interesse para a análise de um texto como texto de fundação nada têm a ver com o sujeito concreto (histórico, individual). A lembrança desse sujeito concreto só servirá para embaralhar indefinidamente a questão:* in Eliseo Verón, op. cit., pp. 123-124.

concreto. O processo também, nesse raciocínio, segue o caminho inverso: da ação social empírica –a sua força de *hábito*– determina o *sentido*, transformando-o em lei, em *terceridade*: “Una ley jamás puede encarnarse en tanto ley, salvo determinando un hábito” (1.536/Fr.:115).<sup>299</sup>

Um cruzamento retórico forte que argumenta, simultaneamente, a primazia do empírico-social: *hábito* (*critério da verdade e do real*); e a prioridade do semiótico-lógico: (*semiosis produtora da realidade e do social*).

---

299 Ch. S. Peirce, op. cit.; citado por Verón *ibidem.*, p. 119.





**PARTE III:  
PRINCIPAIS  
PROPOSTAS METODOLÓGICAS**

## Configurações teórico-metodológicas: vínculos e contribuições

Eliseo Verón é um destacado metodólogo na área de comunicação na América Latina; sua importância epistemológica e teórica tem um complemento necessário na dimensão metodológica. O autor conseguiu desenvolver essas três dimensões porque optou por um posicionamento aprofundado e complexo com respeito à problemática do conhecimento. Na sua concepção definem-se vínculos profundos entre teoria e metodologia, a teoria precisa de investigação sistemática e suas obras são produto de pesquisas teóricas e empíricas. Para escrever sobre *antropologia estrutural* trabalhou no laboratório de Lévi-Strauss, e estudou as proposições teóricas dessa corrente por vários anos; a incorporação da semiologia no seu quadro conceptual foi produto, também, de pesquisa e estudo, ao confrontar seu modelo semiológico com processos comunicacionais concretos, mediante investigações sobre os sistemas midiáticos.

Na sua trajetória, no descuido o trabalho de campo, o desenho de projetos de pesquisa, a construção de técnicas, etc., que não têm sido elementos estranhos à práxis de Verón. Desde a graduação recebeu a influência da *sociologia funcionalista*, e compreendeu com ela a importância que tem a *pesquisa empírica* para a produção do conhecimento. Nos projetos funcionalistas dos anos cinquenta do século XX, Verón participou como estudante, e logo como auxiliar de pesquisa, nas pesquisas do *Departamento de Sociologia da Universidade de Buenos Aires* (UBA). Durante os anos 60 foi pesquisador e protagonista da pesquisa *Comunicación y neurosis* junto com Carlos E. Sluzki; e trabalhou também em vários projetos menores na UBA. Nesses processos, experimentou com propostas metodológicas do *estruturalismo*, da *semiologia* e da *psiquiatria social*. O confronto com o *funcionalismo* norte-americano em sociologia teve como subsídios teórico-metodológicos estratégias da *antropologia estrutural*, da *semiologia francesa*, da *lingüística de Saussure* e das *teorias da comunicação* da Escola de Palo Alto. Verón, com esse conjunto transdisciplinar, rico e diverso, procurou estruturar um quadro teórico-metodológico vigoroso, para enfrentar a hegemonia *funcionalista*.

Nos anos setenta suas rupturas, e explorações teóricas, tiveram a sustentação de pesquisas em comunicação social, que permitiram sua crítica ao *imanentismo* linguístico e ao *formalismo* da semiologia estruturalista. Nesse

sentido, a influência da *Escola de Palo Alto* foi fundamental, por tratar-se de uma corrente que pondera fortemente a investigação experimental empírica. Contudo, não é pertinente ignorar a influência sobre Verón de Lévi-Strauss e de Gino Germani, mestres formadores do seu esmerado espírito metodológico. Verón recebeu, desde seus primórdios como pesquisador, o influxo desses modelos, e durante toda sua carreira demonstrou a preponderância que a dimensão metodológica teve na sua configuração científica.

A primeira pesquisa de peso desenvolvida por Verón foi *Comunicación y Neurosis*, 1964-1968, na qual procurou junto com Carlos E. Sluzki e uma equipe do *Instituto de Sociología da UBA* testar a seguinte **hipótese geral: “diferentes tipos de neurosis se caracterizan por distintas modalidades de comunicación”**<sup>300</sup>. Essa investigação foi uma importante tentativa de trabalho transdisciplinar, ao combinar modelos teóricos psiquiátricos com modelos semiológicos, e reformular modelos metodológicos próprios desses referentes conceituais.

O projeto começou com proposições e metas muito ambiciosas, característica típica da época, em um bom número de projetos em ciências sociais; não obstante, com o avanço do projeto centrou-se, finalmente, na hipótese que apontamos no parágrafo anterior:

Lo cierto es que **durante casi cinco años analizamos entrevistas de pacientes histéricos, fóbicos y obsesivos, y construimos y destruimos niveles de análisis de la comunicación** verbal. Esta experiencia nos sirvió, a quienes lo hicimos, para muchas cosas, pero sin duda sobre todo para corregir nuestras pretensiones y generar en nosotros cierta modestia acerca de la investigación de los procesos de la comunicación social, que constituyen un territorio que apenas empieza a explorarse.<sup>301</sup> [grifos meus]

O ponto de partida metodológico acolheu intuições gerais e de longo alcance; mas, a realização concreta da investigação e seus resultados permitiram, segundo Sluzki e Verón, situar questões e interrogantes mais específicas

<sup>300</sup> Eliseo Verón, Carlos E. Sluzki, **Comunicación y neurosis**, Buenos Aires, Editorial del Instituto, 1970, p. 41.

<sup>301</sup> *Ibidem.*, p. 9.

para seus trabalhos futuros. De fato, Verón perderia, paulatinamente, o interesse pela psiquiatria social, e concentraria suas pesquisas futuras na sociologia, antropologia e semiologia.

Foi assim, que a pesquisa sobre *comunicação e neurose* apresentou uma série de elementos metodológicos relevantes para a compreensão das problemáticas em comunicação social. Em **primeiro lugar**, a **mistura metodológica** entre as propostas de psiquiatria social, desenhada pela *Escola de Palo Alto*, que *caracterizava os transtornos mentais numa perspectiva de comunicação*; combinada com as formulações da *semiologia* de Greimas sobre *componentes semânticos* e as *funções* da linguagem de Jakobson. Esses referentes, foram articulados com o modelo de *Perturbação Lingüística* de George Mahl<sup>302</sup>, o teste de *Relações Objetuais* de Phillipson<sup>303</sup> e o modelo de Verón e Sluzki sobre *Relações Semânticas*<sup>304</sup>. De fato, um importante esforço, de agir **transmetodológico**.

Em **segundo lugar**, a afirmação da **impossibilidade de trabalhar a produção de sentido nos limites das frases lingüísticas**, que no futuro permitiria a Verón romper os limites lingüísticos, e pensar numa *teoria dos discursos sociais*:

(...), nuestro propósito había sido, desde un primer momento, estudiar la organización de los significados discursivos más allá de la frase: la influencia de los mensajes de un comunicador sobre los mensajes (respuestas) del otro y viceversa, resulta del **efecto global de sentido** de los mensajes, y suponemos que este efecto global no deriva simplemente de la sumatoria de los efectos que se pueden atribuir, según su estructura, a cada una de las unidades mínimas consideradas aisladamente, es decir,

---

<sup>302</sup> G. F., Mahl, 1956, "*Disturbances and silences in patient's speech in Psychotherapy*", **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 53:1.

-----, 1959 a., "*Measuring the patient's anxiety during interviews from 'expressive' aspects of the speech*", **Transactions of the New York Academy of Sciences**, 21: 249.

-----, 1959b., "*Exploring emotional states by content analysis*", en Sola Pool (ed.), **Trends in Content Analysis**, Urbana, University of Illinois Press.

-----, 1961, "*Measures of two expressive aspects of a patient's speech in two psychotherapeutic interviews*", en **Gottschalk (ed.)**, 1961.

<sup>303</sup> Eliseo Verón & Carlos E. Sluzki, **Comunicación y neurosis**, apéndice B, pp. 287-288.

<sup>304</sup> *Ibidem.*, pp. 303-305.

no se reduce al predominio estadístico de cierto tipo de unidades en el conjunto de los mensajes. La copresencia de una sucesión de unidades con ciertas características en un mensaje verbal de cierta longitud, crea un **campo de significaciones** cuyas propiedades no pueden ser explicadas meramente por la suma de las propiedades de las unidades predominantes. Contribuye en forma importante a este “campo” la **red de relaciones semánticas** que se crea en el seno de la cadena verbal, del sintagma, como resultado de su organización secuencial.<sup>305</sup> [grifos do autor].

Este parágrafo é memorável na perspectiva do conhecimento da obra de Verón, e de suas contribuições para as teorias da comunicação social. Nessa referência, constata-se a presença de pensamentos-chave, que o autor desenvolveria no transcurso de sua produção intelectual: a noção de **efeito global de sentido** e não de sentidos isolados é uma proposição que depois se estruturaria na formulação de **efeitos de produção (ideologia)**, ou de marcas das condições no discurso; assim como, na de **efeitos de reconhecimento (poder)**; que foram constituindo-se em elementos centrais de sua **teoria dos discursos sociais**.

Na proposição de **campo de significações** percebemos um antecedente de sua formulação futura de *campos de sentido*; essa passagem demonstra como, prematuramente, Verón trabalhava com concepções complexas sobre o *sentido*. Isso não significa que, na mesma obra, não encontremos esquemas redutores, como a definição de comunicação humana comparada aos procedimentos de informação de um computador<sup>306</sup>. Resulta muito importante, retrospectivamente, observar a maneira em que se misturavam, num mesmo pensador questões, escolas, modelos, correntes e raciocínios, que depois entrariam em antagonismo e sairiam do seu quadro teórico-metodológico.

A *rede de relações semânticas* desenvolvida por Verón e Sluzki, numa linha lógica argumentativa renovadora, não teria um desenvolvimento futuro na metodologia de Verón. Foi assim que categorias como *operadores lógicos*; *especificadores* e *sequências* não tiveram construções mais avançadas na sua *semiose social*. As *relações semânticas* que foram construídas em *Comunicación y Neurosis*, mediante um procedimento indutivo, ao **explorar as**

<sup>305</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 175.

<sup>306</sup> Ibidem., pp. 89- 92.,

**53 entrevistas**; configuraram um **esquema formal de 22 duas variáveis**<sup>307</sup>, que não ofereceram resultados potentes para o campo da comunicação, apesar do afinamento, do intenso esforço de abstração, e do detalhismo ao classificar o conjunto de enunciados. As **matrizes** e as tabelas estatísticas sobre combinações entre enunciados de histéricos, obsessivos e fóbicos, comprovaram um valioso esforço construtivo, e resultados interessantes:

	H	F	O
<i>Operadores lógicos</i>	51%	57%	43%
<i>Especificadores</i>	59%	60%	41%
<i>Secuencias</i>	47%	50%	43%
<i>No clasificables</i>	36%	33%	26%

308

Classificaram **3.480 relações semânticas** para **histéricos**, **3.954** para **fóbicos** y **2.037** para **obsessivos**, porque só consideraram os diferentes casos neuróticos nítidos; mesmo assim, o esforço não justificou os resultados obtidos; a tabela de cima é uma amostra de um conjunto de matrizes e tabelas encontradas entre as páginas 185 e 206, que podem ser muito instrutivas de como os números e as estatísticas podem limitar uma análise transdisciplinar qualitativa em ciências sociais.

Os autores, a meu ver, selecionaram um conjunto de procedimentos complexos: classificações lógicas dos enunciados, que pouco contribuíram à compreensão dos processos de comunicação. Com respeito aos *componentes*

<sup>307</sup> Eliseo Verón, op. cit., pp. 177-180: *Operadores lógicos*: 1. Equivalencia; 2. Inferencia; 3. Conjunción; 4. Disyunción; 5. Oposición; 6. Pertenencia; 7. Definición; 8. Condición. *Especificadores*: 9. Causa; 10. Circunstancias; 11. Fines; 12. Motivos; 13. Razones; 14. Cuantificación; 15. Tiempo; 16. Aclaración. *Secuencias*: 17 Sucesión. 18. Secuencia relato; 19. Repetición; 20. Límite temático. *No clasificables*: 21. No clasificable por unidades incompletas; 22. No clasificable por falta de categoría.

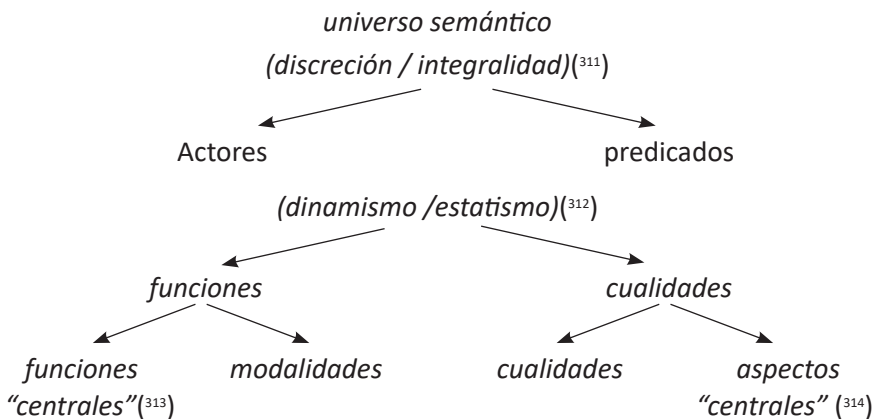
O grande esforço de classificação por tipos de frases-enunciados vinculadas com outras frases expressa a forte presença do pensamento teórico-formal em Verón. Sua afeição pelos esquemas informáticos e pela lógica formal é evidente. O resultado concreto desses empreendimentos mentais foi muito limitado e explica, em parte, o abandono desses procedimentos pelo autor. O paradoxo de formalismo metodológico e amplitude conceptual é forte nesse conjunto de proposições.

<sup>308</sup> Ibidem., p. 204.

*semânticos* procuravam determinar a estrutura interna das *unidades de comunicação*, que seriam unidades mínimas, fragmentos de significado:

La idea central es que, sin embargo, ese universo semántico, infinito en cuanto a los **contenidos** de significación que comprende, puede ser analizado en ciertas **formas** básicas invariantes, a las que siempre y necesariamente se incorporan los contenidos, sean cuales fueren. Dicho de otra manera, el universo semántico manifestado en el lenguaje puede ser descripto (sic.) como dotado de una estructura compuesta por unas pocas formas básicas<sup>309</sup>.

Para trabalhar isso adota o modelo de Greimas<sup>310</sup> de *universo semântico*:



<sup>309</sup> Ibidem., pp. 137-138.

<sup>310</sup> Greimas, A. J., 1966. **Sémantique structurale**, Paris, Larousse.

<sup>311</sup> E. Verón, op. cit., pp. 138-139: “Discreción” se refiere a lo discreto en el sentido de discontinuo, separable. “Integralidad” se refiere a lo continuo, no separable.

<sup>312</sup> Idem. p. 139: Cuando los predicados corresponden al polo dinámico, hablaremos de **funciones**; cuando corresponden al polo estático, de **cualidades**. Las funciones son pues predicaciones que describen acciones o procesos; las cualidades, predicados que atribuyen propiedades o estados, o describen situaciones.

<sup>313</sup> Idem., p. 141.

<sup>314</sup> Ibidem., p. 140: Hay funciones que cumplen un papel particular, consistente en **calificar** de cierta manera el sentido de otra función o de una cualidad que podemos llamar “central”. En este caso, la función o la cualidad “central” está en relación de dependencia con respecto a esa función “calificadora” que llamaremos, siguiendo a Greimas, **modalidad** o **función modal**.

A partir desse esquema os autores organizam relações entre *atores*, *funções*, *modalidades*, *qualidades* e *aspectos* que, segundo sua perspectiva estruturalista, permitiria classificar o *universo semântico*.

A **unidade semântica mínima** foi definida como aquela que está estruturada por: a) um, dois ou três *atores*<sup>315</sup>; b) uma *função* ou uma *qualidade*<sup>316</sup>; c) uma ou mais *modalidades*; um ou mais *aspectos*.

Os **atores são classificados** em **ator-fonte** se a ação ou atividade tem origem no ator; **ator-destino** se a função está dirigida para o ator. **Atores-pessoais** designados por nomes próprios ou expressões pronominais e **atores-impessoais** (coisas, lugares, entidades abstratas, etc.). **Atores ego**, relação de identidade entre o ator e o emissor da mensagem; **atores-alter** quando não têm uma relação de identidade com o emissor, mas estão vinculados por uma função com os *atores-ego*<sup>317</sup>. A pesquisa dos casos netos de *histéricos* (H), *obsessivos* (O); *fóbicos* (F) deu resultados como:

**Cuadro 6.1.** <sup>(318)</sup>

	H %	F %	O %
<i>Ego personal</i>	59	72	66
<i>Ego impersonal</i>	5	2	3
<i>No-ego personal</i>	29	16	16
<i>No-ego impersonal</i>	7	10	15
	100	100	100

<sup>315</sup> Ibidem., p. 145: *Observación: La unidad mínima podrá contener tres actores sólo en el caso en que dos de ellos estén vinculados con un tercero por una función que vale simultáneamente, para los dos primeros; por ejemplo: "Yo mi hermano conversamos con mamá".*

<sup>316</sup> Idem., p. 145: *Observación: Una unidad mínima no tendrá entonces más de una función ni más de una cualidad, aunque si podrá contener una función y una cualidad. La presencia en un fragmento de dos o más funciones o de dos o más cualidades señala la presencia (o reiteración) implícita de un actor. En consecuencia, se dividirá el fragmento en tantas unidades como funciones y/o cualidades aparezcan, predicadas de los actores implícitos.*

<sup>317</sup> Eliseo Verón, op. cit., pp. 142-143.

<sup>318</sup> Idem., p. 152.



Transcrevo só a parte do quadro que expressa os dados brutos, sem incluir os cálculos comparativos feitos pelos autores, que complicam a visão empírica. Como se observa os dados não oferecem informações de significação com respeito às características dos transtornos neuróticos; por outro lado, o tipo de investigação não permite inferir muita coisa sobre as variações apresentadas entre as diferentes classes. Novamente constatamos um trabalho esforçado por construir dados científicos, a elaboração de um conjunto complexo de variáveis, a sustentação desses dados em modelos teóricos complexos (Greimas, Jakobson), e, ao mesmo tempo, resultados sem maior importância comunicacional.

Pelo interesse que tem para esta reflexão metodológica, vou transcrever as *proposições* formuladas pelos autores como resultado da organização descritiva do quadro 6.1. para reforçar meu argumento:

**Prop. 1.** Los F muestran en sus mensajes una proporción mayor de Ego personal que H y O (i. e., hablan más de sí mismos).

**Prop. 2.** Los O muestran una proporción mayor de Ego personal que los H.

**Prop.3.** Los H muestran una proporción mayor de Ego impersonal que F y O (i.e., hablan más de partes de sí mismos o de cosas que les pertenecen, disociadas del “yo”).

**Prop.4.** Los H muestran una proporción mayor de No-ego personal que F y O (i.e., hablan más de otras personas).

**Prop. 5.** Los O muestran una proporción mayor de No-ego impersonal que H y F (i.e., hablan más de cosas o entidades exteriores al yo).

**Prop.6.** Los F muestran una proporción mayor de No-ego impersonal que H. <sup>(319)</sup>

**[F= fóbicos; H= histéricos; O= obsessivos]**

Essas proposições não precisariam de um esforço estatístico para serem estabelecidas pelos pesquisadores; demonstram claramente o contraste entre investimento técnico e resultados simples. Os quadros que analisam os atores

<sup>319</sup> Eliseo Verón & Carlos E. Sluzki, **Comunicación y neurosis**, pp. 151-152.

como *fonte, destino, qualidades, funções* (VERÓN, 1970: 151-167) confirmam essas características metodológicas. As principais questões de conteúdo, formuladas sobre a problemática dos neuróticos em comunicação, são produto da análise teórica e não dos resultados empíricos. Os quatorze *componentes*<sup>320</sup>, suas definições operativas, as notações e a codificação demonstram a dedicação dos pesquisadores, a preocupação com os detalhes técnicos, e o profundo divórcio entre a realização técnica sistemática e os resultados teóricos de monta.

A codificação de cada *unidade mínima de comunicação* oferece tabelas com uma retórica estética cientificista: as notações produzem um ar de cientificidade e uma imagem de linguagem lógica; o efeito ideológico é forte, porque confunde os *discursos sociais* com análise gramatical formal, tentando apresentar o processo sociocultural complexo da comunicação como esquemas reduzidos, formais, matriciais e estatísticos.

O estudo do processo intelectual de Eliseo Verón permite observar como um comportamento técnico rigoroso, centrado na pesquisa teórica-metodológica mediante um trabalho complexo não garante resultados fecundos. A escolha dos procedimentos técnicos (*“teorias em ato”*) no caso da pesquisa *comunicación y neurosis* limitou a reflexão teórico-metodológica. Penso que o formalismo estruturalista comprimiu a pesquisa pela importância outorgada aos esquemas utilizados, tanto é assim que os autores tiveram que redigir um capítulo sobre novas hipóteses sem relação com o trabalho empírico:

Ha llegado el momento de presentar un esquema teórico más amplio, en el que se hagan explícitas algunas hipótesis sobre los trastornos neuróticos, que pueden ser derivadas de la teoría de la comunicación. **Resultará obvio que los datos recogidos no validan ni invalidan un esquema como el que nos interesa (...)** si no expusiéramos los supuestos teóricos que hemos elaborado tras casi cinco años de trabajo, dejaríamos de lado una parte central de los “resultados” de esta investigación. A muchos puede parecerles inútil e incluso “poco científico” incluir en el informe de una investigación una exposición de supuestos que no pueden ser validados por los datos, (...).<sup>321</sup> [grifos meus]

<sup>320</sup> *Componentes: Actor, Ego (E), Alter (A), Otro (O) (“ni Ego ni Alter”), Personal (p), Impersonal (i), Fuente (E→;A→;O→), Destino (E←;A←;O←), Función (←→), Modalidad (m), Cualidad (C), Aspecto(a), Negación (~);* in Eliseo Verón..., op. cit. p. 144.

<sup>321</sup> Eliseo Verón, op. cit., pp. 227-228.

Essa ruptura com o *formalismo* é que caracterizava a face criativa, transcendente e subversiva de Eliseo Verón. Por uma parte utilizava, trabalhava esforçadamente com técnicas formais, procurando um diálogo e uma sustentação em vertentes científicas (“caixa preta”, *componentes semânticos, relações semânticas*); mas, ao mesmo tempo, criticava com profundidade as ilusões tecnicistas. O paradoxo, a contradição, o conflito de metodologias no trabalho de Verón é de uma riqueza singular:

Esta perspectiva nos parece, sobre todo, ilusoria –la norma sería inferir solo con base en los datos–: en toda investigación operan supuestos teóricos generales, habitualmente no explicitados, que sin embargo han influido de una manera u otra en las operaciones realizadas con los datos y en las decisiones metodológicas aplicadas. **La única estrategia científica aceptable es, pues, hacer explícitos esos supuestos en la medida de lo posible**, para que cualquiera tenga los elementos que le permiten juzgar por sí mismo hasta qué punto ellos han afectado el trabajo del investigador.<sup>322</sup> [grifos meus].

A **explicitação conceitual** adquiriu assim um caráter fundamental na construção de toda pesquisa, Verón a definiu como a *única estratégia* adequada para garantir um trabalho de avaliação, ensino e crítica dos processos de produção de conhecimentos. Vincula, desse modo, teoria-pesquisa e técnicas como expressão de um conjunto de elementos inter-relacionados que constroem os saberes; concretamente na pesquisa *comunicación y neurosis* não conseguiu estabelecer essas pontes e essas redes, mas essa situação não o levou a um posicionamento destruidor dos nexos entre as dimensões teórica, metódica e técnica.

As proposições que elaborou a partir dessa limitação crucial da pesquisa sobre neurose, demonstram a força do nível crítico do autor na época:

Además, como todo el mundo sabe, en ciencias sociales no existe todavía ningún sistema de relaciones término a término entre datos y conceptos teóricos. El pasaje de los

<sup>322</sup> Ibidem., p. 228.

datos a la teoría y viceversa, está sembrado de lagunas y discontinuidades. Y lo cierto es **que la progresiva formación de hipótesis generales dentro de un marco explicativo amplio es uno de los aspectos más importantes de los resultados de una investigación**, aun cuando la mayoría de esas hipótesis no puedan ser puestas a prueba con los datos que se han recogido. Todo conjunto de datos es sugerente de hipótesis que van más allá de los datos, a veces mucho más allá. A lo largo de la investigación **se van estableciendo conexiones entre conceptos antes aislados, o vínculos intuitivos entre distintos aspectos de los fenómenos** que se estudian, aspectos que en la literatura existente aparecían hasta ese momento sin aparente relación entre sí, o cobran un sentido nuevo formulaciones teóricas que el investigador ya conocía.<sup>323</sup> [grifos meus]

Esse texto é crucial para compreender o caráter multifacetado de Verón na época; aplicava métodos formalistas de análise de mensagens, mas sabia que a riqueza da produção do conhecimento vai muito além desses formalismos. O parágrafo anterior, demonstra como para os autores a relação teoria-métodos tornou-se complicada, como não conseguiram trabalhar os nexos entre essas duas dimensões fundamentais. Na análise das construções técnicas de *relações*, *componentes*, *perturbações* comprovamos essa separação entre teoria e técnicas; a pobreza de resultados desse detalhado esforço de aplicação de técnicas semânticas apresentou muito bem esse problema.

No obstante, o problema fundamental não é esse; seria equivocado pensar que Verón e seus colegas possuíam uma teoria complexa e sofisticada, e que o erro consistia na aplicação de técnicas inadequadas. A confusão estava originada essencialmente na configuração da rede conceptual, que misturava *teoria da informação* (Shannon) com *semântica estruturalista* (Greimas) e com *funcionalismo lingüístico* (Jakobson). Essas referências estavam presentes no desenho da pesquisa, dos seus métodos e de suas técnicas. Por tanto, não é que existiu uma incoerência entre teorias e métodos; de fato, na elaboração das técnicas encontramos problemas pelas limitações que esses modelos conceptuais formalistas condicionam. **A transcendência de Verón, nesses anos, estava dada em muito pela sua ousadia e sua coragem para superar esses limites.**

---

<sup>323</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 228.

Se o autor tivesse ficado como um reproduzidor e divulgador dos modelos franceses e norte-americanos não constituiria um *autor-paradigma* no campo da comunicação na América Latina. Sua importância tem como alicerces a rigorosidade teórico-metodológica, a rica experiência de pesquisa com equipes renomadas no âmbito internacional; mas, sobretudo, pelo seu caráter inovador, explorador, fundamentador de novas alternativas de procedimentos metodológicos e de modelos teóricos.

A importância metodológica de *comunicación y neurosis* é que foi uma pesquisa *pluridisciplinar* que tentou relacionar diferentes métodos para o estudo de um mesmo objeto. Linguística e psiquiatria são os dois fundamentos centrais dessas construções; os esquemas e instrumentos técnicos aplicados durante a investigação demonstraram uma coerência profunda com os postulados teóricos da *lingüística estruturalista* e da *psiquiatria social* vinculada com o modelo de *Palo Alto*<sup>324</sup>.

A autocrítica dos autores às dificuldades técnicas, demonstram seu compromisso científico e sua perspectiva aberta, tanto teórica quanto metodológica. No entanto, é importante sublinhar que o caráter semiótico em Verón ia-se definindo como central na sua concepção metodológica já naquela época; as proposições, seleções e procedimentos utilizados para resolver os principais problemas de comunicação são os *semânticos estruturais* que, no caso de Verón, constituem o antecedente de sua inserção paulatina no campo da semiótica e da *análise dos discursos* sociais.

## Inter-relações entre as dimensões teórica/empírica: inovações e audácia

As reflexões sobre **a necessidade de combinar pesquisa quantitativa com pesquisa qualitativa**, constituíram uma contribuição importante para o pensamento crítico dos anos 60, do século XX. Na época, sustentavam-se os desenhos metodológicos em ciências sociais quase exclusivamente, na reflexão

<sup>324</sup> O peso do modelo de *Palo Alto*, especialmente Gregory Bateson, na prática de pesquisa de Verón é significativo. A escolha do objeto “comunicação e neurose” tem um paralelismo evidente com a pesquisa de Bateson e sua equipe sobre comunicação e esquizofrenia realizada entre 1950 e 1960. Tanto pela seleção da área temática -psicologia da comunicação- quanto pelos modelos teóricos usados comprovamos que o autor estava muito influenciado por essa corrente.

filosófica geral dos problemas. A pesquisa empírica era descuidada, adjetivada como própria do *funcionalismo*; esquecia-se das longas e profundas investigações desenvolvidas por Karl Marx e por Vladimir Lênin acerca da *formação social capitalista*; de fato, o pensamento crítico não apresentava herdeiros de porte, na dimensão empírica. Apesar de Verón, e seus colegas, não conseguirem na época superar o formalismo, e o caráter redutor dessas correntes, suas tentativas foram valiosas e cruciais porque inauguraram um campo de problematizações instigante e frutífero para a pesquisa na área. Permitiram, também, constatar limitações próprias dos modelos trabalhados, e avaliar metodologicamente a pesquisa por eles realizada, dado que é possível reconstruí-la, e confronta-la mediante estratégias e postulados; assim como, gerar reflexões epistemológicas acerca da pesquisa no seu conjunto.

A realização dessas pesquisas no início dos anos 60 constituía uma novidade, porque questionava, simultaneamente, o modelo funcionalista hegemônico e as práticas investigativas teóricas no pensamento crítico. Apesar do detalhismo técnico, das formulações teóricas anômalas (“*comunicação social* ≅ *um programa de computador*”), da agressividade crítica com respeito à esquerda; Verón representava, também, um polo inovador, um referente de exigência para os pensadores contemporâneos da região. Verón foi um dos pioneiros, um “desbravador” do campo de investigação e da produção teórica em comunicação na América Latina. A realização de suas pesquisas marca um momento histórico inaugural para compreender a constituição de uma área de pesquisa em comunicação na América Latina. Sem dúvida, ele foi um dos exploradores mais distinguidos do campo, ao inserir na práxis e na reflexão teórico-metodológica problemáticas que para os pensadores em comunicação, nesse tempo, revolucionavam as concepções e os hábitos de pesquisa, preponderantes nas décadas de 40 e 50 do século passado, que estavam restritas a: estudos jurídicos sobre a profissão de jornalista, análises de conteúdo, análise morfológica, estudos funcionalistas de efeitos, cálculos de audiência etc.

A problemática da comunicação com Verón deixou de ser um problema simples para importantes pensadores, pesquisadores e comunicadores críticos na América Latina. Tanto o modelo “*ciespalino*” de investigação funcionalista na América Latina, quanto o modelo teóricista “*frankfurkiano*”, foram seriamente questionados; como apontei em parágrafos anteriores, o mérito de Verón não foi simplesmente trazer para a região os postulados e procedimentos da *antropologia estrutural*, da *semiologia francesa* e da *psicologia da*

*comunicação* de *Palo Alto*; sua contribuição científica crucial foi, já naqueles anos, ter problematizado, trabalhado e investigado, de maneira aprofundada e crítica paradigmas e modelos relevantes para produzir conhecimento em comunicação; como também a sua coragem para propor inovações.

Numa perspectiva metodológica, é muito importante o diálogo estabelecido por Verón com, e entre, várias teorias; apesar dos problemas apontados, seu exercício pluridisciplinar foi capital para as perspectivas integradoras, transdisciplinares e transmetodológicas, ao articular vários modelos para construir um *problema/objeto* complexo de investigação. No caso da comunicação social, que se configura na imbricação de várias ciências, tem sido essencial essa proposição:

El traslado de teorías elaboradas para un campo de investigación a otro –de tal modo que la teoría construida para un tipo de hechos se convierte en modelo para la teoría de otro tipo de hechos– constituye un resorte importante del progreso científico. (...) la aplicación de un modelo a cierta área de hechos es significativa en la medida en que facilita la elaboración (o perfeccionamiento) de la teoría correspondiente a esa área, es decir, cuando facilita la formulación de hipótesis explicativas.<sup>325</sup>

Essa perspectiva teórico-metodológica é fundamental; prematuramente, no começo da década de 60, Verón optava por esse percurso na pesquisa teórica, característica que explica, também, o por quê o autor tornou-se um referente na América Latina. Independentemente das complicações na combinação de técnicas de pesquisa, e no uso de alguns conceitos comunicacionais tecnicistas, Verón **definiu uma perspectiva abrangente e complexa do saber comunicativo**,

<sup>325</sup> Eliseo Verón, **Conducta, estructura y comunicación/ escritos teóricos 1959-1973**, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1995, p. 105. Cito os dados por extenso, porque esta obra é diferente da sua primeira versão de 1968 e da segunda versão de 1972; na verdade Verón deveria ter publicado esses livros definindo suas características particulares e suas diferenças porque para o leitor comum pode parecer que se trata da mesma obra. Existem capítulos comuns em todas as edições, mas há muitas variações; como são na verdade coletâneas de textos teóricos considero que se trata de conjuntos diferentes. Por exemplo entre esta versão de 1995 e a sua correspondente brasileira, que seria **Ideologia, estrutura e comunicação**, encontramos que a primeira parte “*Ação e comunicação*” está formada por oito textos na versão argentina (1995) e por quatro textos na brasileira (1977), não só que faltam quatro nessa última mas a seleção é diferente, “*os códigos da ação*” presente na versão brasileira não está na outra obra.

e desenvolveu práticas de pesquisa empírica orientadas à confrontação de proposições teóricas com fenômenos empíricos. Nessa linha, contribuiu para testar e avaliar a pertinência metódica de estratégias, procedimentos, técnicas, conceitos operativos e linhas de pesquisa. No nascente campo de pesquisa e estudos de comunicação da América Latina dos anos 1960, essas bases constituiriam um conjunto de virtudes científicas, que necessariamente levariam o autor para uma posição paradigmática na teoria e na pesquisa em comunicação.

## Aprender como aprender

Para as problemáticas educacionais, uma questão metódica chave, estudada por Verón nas formulações da *psicología da interação* norte-americana, é o **deutero-aprendizagem: o aprender como aprender**:

La exposición reiterada de un sujeto a una situación de aprendizaje determina la formación en el organismo de una <<predisposición>> (**learning set**) que reduce drásticamente la etapa de ensayo-y-error cuando ese organismo es sometido a nuevas situaciones **del mismo tipo**. En consecuencia, ello indica que el organismo no sólo ha aprendido(...), sino también que ha aprendido a discriminar en general. (...) La pauta normal, una vez establecida la expectativa o predisposición acerca del **tipo** de tarea, es una distribución probabilística en la primera prueba, y un desempeño casi perfecto de la segunda prueba en adelante. En muchas áreas de aprendizaje, la práctica con series de tareas lleva a un progreso en la habilidad del organismo para enfrentar las situaciones de aprendizaje involucradas.<sup>326</sup> [grifos do autor]

Sluzki e Verón aplicaram essas noções a seu estudo sobre neurose, confrontando as pesquisas sobre “neurose experimental”, provocada pelos investigadores, com problemas de comunicação em pessoas neuróticas. As observações de Gregory **Bateson** e sua equipe revelaram a existência de pelo menos **dois níveis de aprendizagem: 1) de conteúdos e 2) de tipos de tarefas**. As pes-

---

<sup>326</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 106.



soas, portanto, não só **aprendem a distinguir conceitos**, ideias, formas, cores, luzes, gestos; mas, também, simultaneamente, **aprendem as operações** que possibilitam essas distinções. Desse modo aprendem uma técnica, um procedimento, um método de resolução de questões mediante a *exposição reiterada* a uma situação. Na rotina cotidiana dos telespectadores, radiouvintes, leitores de jornais e revistas encontramos situações similares; nas quais existem uma série de elementos reiterativos, de procedimentos padronizados, de esquemas temáticos, de estratégias de enunciação, que os sujeitos adotam logo de um aprendizado constante e seriado de práticas de *recepção* dos produtos da mídia.

Esse aprendizado de procedimentos explicaria, na ótica psicológica, a capacidade das pessoas em adotar *matrizes, gêneros, esquemas de leitura, comportamentos rotineiros* no seu uso dos sistemas midiáticos. É importante, nas análises de Bateson-Verón<sup>327</sup>, a observação de que essas práticas reiteradas servem tanto para organizar as condutas quanto para desorganizá-las.

Os *televiciados*, nos nossos dias, corresponderiam a essa descrição estudada por Verón no caso dos neuróticos nos anos 60. A relação sujeito-TV desenvolve um cenário(*set*) de recepção; estabelece predisposições; organiza os *tipos de tarefas* mentais que o indivíduo realiza durante a exposição aos meios; estrutura formas de “aprender” os conteúdos; forma uma *agenda* de temas considerados importantes de considerar. Na prática cotidiana do aprendizado do uso dos meios os grupos humanos aprendem, simultaneamente, *estilos de recepção* das mensagens. Contudo, tanto na proposta de Bateson quanto na nossa, essas padronizações só são possíveis, se na problemática entra como imprescindível o *contexto cultural* no qual se desenvolvem.

Metodologicamente Verón estabeleceu um paralelismo entre as formulações de Lévi-Strauss, sobre os procedimentos da *antropologia estrutural*, e

<sup>327</sup> Idem., pp. 107-108: *En estos datos está contenido uno de los núcleos esenciales de la teoría de la comunicación tal como Bateson y colaboradores la han aplicado al campo de la psiquiatría [Bateson, G., “Communication theories in relation to the etiology of the neuroses”, Symposium on the etiology of the neuroses, Nova York: Society of Medical Psychoanalysis, 1962; Bateson G. and Jackson, D., “Some varieties of pathogenic organization”(mimeo.); Bateson, G., Jackson, D., Haley, J. y Weakland, J., “Toward a theory of schizophrenia”, Behavioral Sciences, 1956, p. 251.; Jackson, D. and Weakland, J., “Schizophrenic symptoms and family interaction”, Arch Genet Psychiat., 1, 1959]:*

1) la distinción entre por lo menos dos niveles de aprendizaje; 2) el surgimiento de fenómenos de desorganización de la conducta cuando a) la situación se define como siendo de un tipo, en armonía con la predisposición existente en el sujeto, y b) ciertas características de la situación contradicen la definición propuesta, haciendo imposible el desempeño solicitado.

os postulados de Gregory Bateson a respeito do estudo das culturas, dos comportamentos e da comunicação humana. A idéia fundamental que, segundo Verón, orienta essas duas escolas de pesquisa é a categoria de *estrutura*; quer dizer que as comunidades primitivas construíram *tipos de ordem* para classificar os símbolos, as regras, as condutas, os fatos e os objetos; e configuraram complexos sistemas de classificação de fatos e de objetos, e sistemas inter-relacionados de valores e de respostas.<sup>328</sup>

A escolha de Verón desses modelos metodológicos: *Palo Alto* e *Antropologia estrutural*, deu continuidade a sua prática sociológica na UBA, nos anos 50, que constituiria seu respeito e seu reconhecimento da *pesquisa empírica*, como elemento necessário na produção de conhecimentos. Tanto Lévi-Strauss quanto Gregory Bateson eram pesquisadores profundamente comprometidos com a pesquisa empírica e tinham desenvolvido métodos importantes para o conhecimento social. A lógica do estudante Eliseo Verón que, ao mesmo tempo, enfrentava-o com o *funcionalismo* e sua precariedade teórica, aproximou-o do laboratório de Lévi-Strauss e da *Escola de Palo Alto*.

#### Estrutura:

\* Sistema de classificação de objetos e fatos (*eidós*).

\* Sistema de valores e respostas inter-relacionados (*ethos* de uma cultura).

A possibilidade de identificar *estruturas*, concebidas como sistemas organizados entorno do que no futuro seria parte da problemática da comunicação, estimulou o jovem pesquisador para uma profunda aproximação a essas vertentes metodológicas.

Verón, prematuramente, demonstrou uma rejeição dos procedimentos especulativos. Seu estilo de raciocínio foi *lógico formal*, argumentativo; rejeitou a formação de pensamentos

<sup>328</sup> Eliseo Verón, *Lenguaje y comunicación social*, pp. 13-14:

Bateson G., "Sex and culture", in *Annals of the New York Academy of Sciences*, 47: 647-660: "Si tomamos los datos de una cultura dada y los clasificamos por tema, poniendo todos los datos que se refieren al sexo en una pila, los datos que se refieren a la iniciación en otra, los referentes a la muerte en otra, etc., obtenemos un resultado muy notable. Encontramos que se reconocen tipos de orden similares en cada pila. Asimismo, si observamos los datos sobre sexo o aquellos sobre la iniciación o la muerte, el sistema de clasificación de objetos y hechos percibidos (el *eidós* de una cultura) es aún el mismo. Similarmente, si analizamos las pilas de los datos para obtener el sistema de respuestas y valores interrelacionados (el *ethos*) de una cultura, hallamos que el *ethos* es el mismo en todas las pilas. En resumen, es como si la misma persona hubiera diseñado los datos en todas las pilas". [grifos do autor]

baseados exclusivamente nas opiniões; defendeu a necessidade da pesquisa como procedimento necessário para alcançar conhecimentos.

## Pesquisa empírica de mídias

A problemática *ideológica na comunicação de massas* foi um dos campos em que maior desenvolvimento de métodos e técnicas realizou Verón. De fato, em 1967 escreveu *“Ideología y comunicación de masas: La semantización de la violencia política”*<sup>329</sup>, que constituiu um referente teórico-metodológico importante para o estudos comunicacionais, na época, na América Latina.

Verón propôs, nesse trabalho, a necessidade de construir um **método descritivo** para as pesquisas em comunicação, que permita organizar a fabricação do objeto empírico, e superar assim a mera especulação sobre ideologias, como sistemas de ideias ou consciência falsa; e, **inserir na problemática ideológica** as proposições da *cibernética*, do *estruturalismo semiológico*, da *psiquiatria social* e da *sociologia*.

O autor confrontou, na ocasião, o modelo clássico de Marx para o estudo da *ideologia* com os modelos sociológicos *funcionalistas* e o modelo weberiano, aplicando-os às *pesquisas de opinião*. No aspecto teórico-metodológico, Verón detectou uma mudança de moda na definição dos conceitos, dos quadros de referência, das técnicas de investigação, da compreensão do objeto de estudo; que levou alguns “apóstolos” do *liberalismo* a falar do “*fim das ideologias*”. Para Verón era fundamental estudar essas mudanças, reformular a concepção de ideologia numa perspectiva crítica para: “(...) *discutir la mitología sociológica y parasociológica sobre la “sociedad de masas”, ese curioso sistema social donde las ideologías se han vuelto invisibles.*”<sup>330</sup>

A preocupação com esse aspecto, a “*invisibilidade*” das ideologias foi uma constante em Verón. Construiu métodos e técnicas para explicitar as *operações semânticas* nessa primeira época; e, logo, as *operações semióticas* que

<sup>329</sup> Eliseo Verón, *“Ideología y comunicación de masas: La semantización de la violencia política”*, in **Lenguaje y comunicación social**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1971, pp. 133-191. Antes de sua publicação esse texto foi apresentado no Simpósio *Teoría da comunicação e modelos lingüísticos em ciências sociais*, organizado pelo Instituto Torcuato Di Tella os dias 23, 24 e 25 de outubro de 1967.

<sup>330</sup> *Ibidem.*, pp. 134-135.

na sua concepção configuram a dimensão constitutiva central das *formas de vida social*, que é a dimensão sociossemiótica.

Uma primeira questão, acerca do objeto de estudo da comunicação, refere-se à mudança de recorte, feita pelo autor, de um campo abrangente de fatos para uma fragmentação dos seus estudos na década de sessenta, do século passado. Na sua problematização da concepção de *ideologia* de Marx; Verón compreende adequadamente a proposta do autor com respeito à *ideologia*, e a relaciona com o campo contemporâneo da *sociologia da cultura*. A citação do *Prólogo à Contribuição da crítica da economia política*, nesse sentido, é pertinente:

Quando **se estudian estas revoluciones** hay que distinguir siempre entre los cambios materiales ocurridos en las condiciones económicas de producción y que pueden apreciarse con la exactitud propia de las ciencias naturales, y **las formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas o filosóficas**, en una palabra, **las formas ideológicas** en que los hombres adquieren conciencia de este conflicto y luchan por resolverlo.<sup>331</sup> [grifos meus].

A problemática ideológica, nessa perspectiva, é ampla e trata das dimensões superestruturais em geral. Verón ao coloca-la em situação/problema, salientava, como ela, foi reduzida a configurações das sociologias especializadas do direito, a arte, a religião, etc.; desse modo, a noção abrangente cultural perdeu-se nesse caminho. Por outra parte, no seio da maioria das *esquerdas* a *ideologia* foi reduzida a suas formas políticas propagandísticas, e aos discursos representativos de sistemas de idéias determinados. A passagem da concepção

---

<sup>331</sup> Cita de Verón na p. 135, op. cit., o autor não coloca a edição do texto citado, da análise da bibliografia do trabalho deve ser das **Obras Escogidas**, Marx, K. e Engels, F., Moscu, Edições em Línguas Estrangeiras. A edição portuguesa: Lisboa, Editorial Estampa, 1977 (5a. ed.) apresenta mudanças significativas com respeito ao texto em espanhol, contudo a parte referente à *ideologia* é similar:

*Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material -que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa- das condições económicas (sic.) de produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas conseqüências [p.29].*

aprofundada e abrangente de *ideologia*, dos clássicos do *materialismo histórico*, para a concepção reduzida de *falsa consciência*, teve historicamente a mediação das correntes autoritárias e burocráticas das *esquerdas*, que de forma sistemática obstaculizaram o estudo, a pesquisa, o aprofundamento e atualização dos postulados originais. A proposta de Verón, nesse sentido, revitalizava a problemática ideológica; não só nas *esquerdas*, também nas correntes *funcionalistas* e *positivistas* que compreendiam a *ideologia* nos termos das *esquerdas* vulgares.

Uma questão metodológica importante, formulada por Verón em 1967, foi a proposta de deslocamento da problemática ideológica do estudo das abstrações teóricas para a **pesquisa da vida cotidiana**; interessou-se assim, por como essas estruturas ideológicas estavam presentes no dia-a-dia dos telespectadores, dos leitores e dos radiouvintes. Verón, prematuramente, no campo das ciências da comunicação, formulava a necessidade de pesquisar e teorizar acerca dos *meios de comunicação de massa* como produtores-chave de ideologias. A *ideologia* como uma dimensão central da produção de sentido começava a configurar-se no pensamento de Verón, de maneira sólida e estratégica; ao analisar retrospectivamente o processo, comprova-se que essas proposições se mantiveram como referência na sua trajetória, e foram aspecto importante de sua concepção sobre *discursos sociais*.

Por outra parte, nas seguintes fases, observa-se uma ruptura de Verón com relação a suas proposições da época, que ainda reconheciam a importância de Marx, o seu caráter estratégico, copernicano, de grande alcance referencial que sua matriz significava para a produção de conhecimento em ciências sociais. As análises ideológicas de Marx trabalhavam com categorias cognitivas, com ideologias globais, com sistemas de idéias, com condições e leis de organização das *representações*<sup>332</sup>. Verón contribuiu mediante seu po-

<sup>332</sup> Verón conservara essa noção marxista de *representação* que é parte de sua tríada de elementos na *teoria dos discursos sociais*, corresponde a o *objeto* de Peirce, mas mantém sua origem marxista no fato de não ser o objeto mesmo, mas sua representação. Cf. **La semiosis social**, p. 124.

Eliseo Verón, *“Ideología y comunicación de masas: la semantización de la violencia política”*, p. 138:

El sistema ideológico determina las representaciones de lo social que tienen los actores, pero sus leyes de organización no aparecen como tales a la conciencia de éstos. Las categorías ideológicas organizan en forma natural y espontánea la visión de la sociedad que tienen los individuos, pero el observador puede describir sistemáticamente propiedades de ese cuerpo de representaciones, de las que los actores, por definición, no tienen ninguna conciencia.

sicionamento metodológico, que vinculou esses aprofundamentos complexos à necessidade de observar sistematicamente como essas *representações inconscientes*, presentes em todo indivíduo, podem ser pesquisadas na materialidade dos produtos dos meios de comunicação, e nos enunciados dos sujeitos comunicantes, ou incommunicantes, como foi o caso dos neuróticos, obsessivos e histéricos na grande Buenos Aires.

O **caráter inconsciente** das **estruturas ideológicas** orientou Verón para a necessidade metodológica de inserir a psicologia nas pesquisas de comunicação; a análise de Marx, que explicava as relações entre as representações e as leis inconscientes de sua organização, pelas propriedades objetivas das *formações sociais*; devia ser complementado por uma análise psicológica dos portadores das ideologias, de sus condutas e de seus pacotes significantes (*Série Auditiva Lingüística [SAL]*, *Série Auditiva Para-Lingüística [SAP]* e *Série Não-Auditiva Para-Lingüística [SNAP]*). Nos anos sessenta Verón teve uma aproximação com os métodos da psiquiatria social e da psicanálise, que alcançou seu ponto de auge entre 1964-1968 com a pesquisa sobre *comunicação e neurose*; porém logo, paulatinamente, abandonou esse percurso metodológico; que, sem dúvida, teria desenvolvido desenhos e procedimentos muito interessantes num outro contexto de pesquisa, e mediante construções teórico-metodológicas menos formais que as aplicadas pelo autor e seus colegas naquela época.

Verón confrontava, nessa segunda metade dos anos 60, as posições neoconservadoras que afirmavam *o fim das ideologias*, essas expressões que logo teriam um desenvolvimento dinâmico durante o auge dos autores pós-modernos. A proposta de Verón era construir uma teoria afinada sobre o objeto *ideologia* e conceber essa na sua real dimensão no mundo contemporâneo:

Lo cierto es que lejos de haber desaparecido, **las ideologías impregnan el campo de la comunicación social**. Estos sistemas se transmiten y difunden constantemente en la sociedad global. Son **sistemas generales de características muy semejantes al objeto “ideología” de la tradición clásica**, y cumplen una función central en el refuerzo de las formas de organización cognitiva asociadas a la “conciencia de clase”—aunque en verdad estas formas se hallan en su casi totalidad, como el iceberg de Freud, sumergidas en el inconsciente—. El problema central es, a mi juicio, que la sociología apenas ha comenzado a elaborar ciertos

métodos para detectar y reconstruir estas estructuras, a partir de los materiales de la comunicación social.<sup>333</sup> [grifos meus]

Desse modo, Verón argumentava sobre a importância da dimensão ideológica nos estudos sociais, e na pesquisa em comunicação; longe do discurso pós-moderno e positivista, ele situou a *problemática ideológica* como ponto central para seu trabalho teórico-metodológico. O objetivo central da sua perspectiva era: “(...) *describir...medir lo que un sistema ideológico tiene de estructural.*”<sup>334</sup>. A importância da descrição estava sustentada na necessidade de ter elementos empíricos organizados para uma interpretação, com base nos referentes reais; a *ideologia* configurada pelos meios de comunicação não é pensada por Verón como um conjunto de conteúdo ou de interesses, e sim como estruturas e estratégias produtoras de significação, e reprodutoras de procedimentos e operações de sentido.

Portanto, um método de *leitura ideológica* dos MCM deveria procurar descobrir a organização implícita ou *não-manifesta* das mensagens; na ótica do autor são importantes as *metacomunicações* para estudar esse tipo de *nível de significação*. Serão técnicas *desconstrutivas* das conotações, dos discursos profundos, das regras semânticas, as que possibilitaram o conhecimento sobre a dimensão ideológica.

## Combinações metodológicas: Bateson, Jakobson e Greimas.

Um elemento-chave na concepção de Verón é a proposta de Gregory Bateson acerca da necessidade de **compreender a organização das mensagens** e não seu conteúdo explícito para saber **como as mensagens controlam a conduta das pessoas**. Essa pista será um alicerce na perspectiva do autor, quem combinara esse princípio da psiquiatria social com os instrumentos da semântica estrutural de Greimas e a lingüística de Jakobson para estudar, nesse período, a problemática ideológica.

<sup>333</sup> Eliseo Verón, “*Ideología y comunicación de masas: La semantización de la violencia política*”, op. cit., p. 140.

<sup>334</sup> Ibidem., p. 140.

As operações do processo de *semantização* são definidas assim:

Toda semantización resulta de dos operaciones fundamentales realizadas por el emisor del mensaje: **selección**, dentro de un repertorio de unidades disponibles y **combinación** de las unidades seleccionadas para formar el mensaje. El mensaje puede ser representado como el producto de este doble sistema de decisiones por parte del emisor.<sup>335</sup> [grifos do autor]

O modelo de Jakobson é adotado como referente central, como método de construção das mensagens e como procedimento de *desconstrução* e análise das mesmas; a crítica semântica deverá compreender as operações de *seleção* e *combinação* para caracterizar a lógica interna a significação dessas mensagens. A partir dessa proposta Verón formula suas proposições de *meta-comunicação por combinação*, e de *metacomunicação por seleção*; a primeira trata das significações construídas mediante a montagem de uma mensagem numa ordem de contigüidade determinada, e a segunda, versa sobre a produção de significação pela substituição de elementos de um repertório possível de escolha.

Verón organiza, assim, uma lógica mais complexa para o estudo ideológico, superando a noção básica de *ideologia* como o conteúdo da mensagem:

Cuando digo algo, el **modo** en que lo digo y lo que **no digo y podría haber dicho** son aspectos inseparables de lo que digo. La **información transmitida no es**, pues, como muy claramente lo ha señalado Ashby, una **propiedad** intrínseca del **mensaje individual**, sino que “**depende del conjunto** del cual proviene” (Ashby, ed. cast. 1960, p. 172).<sup>336</sup> [grifos meus]

Assim, o estudo dos *modos de comunicação*, das *exclusões* e das *possibilidades* torna-se necessário para a pesquisa ideológica. Verón compreende,

<sup>335</sup> Ibidem., p. 144.

<sup>336</sup> Idem., p. 145.; Ashby, W. R., ed. cast., 1960. **Introducción a la cibernética**, Buenos Aires, Nueva Visión.



muito bem, a necessidade de incorporar ao pensamento crítico de comunicação esses elementos da linguística, e os aplica com singular propriedade. A *cibernética* contribui com a noção de *conjunto de significação*, que questiona a validade de pensar a *significação* como interpretação isolada de palavras ou frases; na época o autor, ainda –apesar dessa observação–, trabalhava com frases como uma forma de apresentar o que nomeava como a *organização interna* da mensagem; não obstante, compreendia que a significação social de uma mensagem só pode ser entendida no conjunto do qual é parte. Metodicamente isso significava que deveria estudar um titular no conjunto dos titulares, no conjunto da *nota*, no conjunto da revista, em comparação com outros titulares, revistas, *notas* e produtos.

Uma característica permanente na *práxis* metodológica de Verón é o **método comparativo** que aprendeu na *antropologia estrutural*. O estudo das *fontes de informação* necessariamente, na sua perspectiva, com a que concordo em todo sentido, deve considerar as operações de *comparação* e *diferenciação*.

O ponto de partida de todas essas análises para os pesquisadores, na proposta do autor, tem que ser as mensagens mesmas, que permitem reconstruir o *repertório* e pesquisar as *combinações*. Só trabalhando com o material empírico, concreto, teremos possibilidade de compreender sua estrutura ideológica. Esse postulado de Verón aproximá-lo-ia das propostas de Ch. S. Peirce e culminaria com suas análises em produção. Numa perspectiva metódica, é fundamental reconhecer seu posicionamento a favor da pesquisa empírica como elemento imprescindível para qualquer interpretação teórica, esse postulado estava afinado já em 1967.

Para Verón o **critério ideológico tem força metodológica** singular, porque participa na definição do *corpus* da pesquisa, tanto na *seleção* de mensagens quanto na definição dos critérios de homogeneidade. Esses critérios são exteriores ao método, porque são construídos a partir do problema central que se vai investigar. É a problemática que define os métodos adequados ao objeto, e não ao contrário<sup>337</sup>.

<sup>337</sup> Idem., p. 145:

Los criterios de definición de la homogeneidad son, en sentido estricto, convencionales, o si se prefiere puramente formales en sí mismos, pero su especificación no deja por ello de ser importante, porque dichos criterios afectan la significación de lo que podamos encontrar cuando analicemos el corpus. Nada impide que constituyamos un corpus totalmente arbitrario:

O **percurso descritivo** definido por Verón, exigia a caracterização das *matérias significantes* investigadas; para fazer isso, os pesquisadores deviam ter conhecimento das ordens sensoriais (visuais, auditivas, táteis, gustativas, olfativas) presentes no corpus; como também, ter ciência das séries informacionais construídas com base nessas ordens. Para a pesquisa sobre *semantização da violência política*, utilizou a *série visual lingüística* (linguagem escrita nos semanários) e a *série visual paralingüística* (*manchetes, epígrafes, tipo cor e tamanho de letra, diagramação dos textos, recursos gráficos que mudam a forma da escrita*).

A organização descritiva dos dados, nesse método de *semantização*, requeria, também, da consideração do elemento *infraestrutura material* que servia de base para a produção e circulação das mensagens. Verón na época já compreendia que as características do meio influíam decisivamente a produção dos *efeitos de sentido* nos públicos.

Essa *infraestrutura* era constituída componentes materiais do *meio*; aspecto que permite estabelecer, na sua argumentação, as *diferenças temporais* entre os meios impressos e os filmes. Essa questão, cabe apontar, era completamente negligenciada pelos cientistas sociais, que realizavam suas análises de mensagens, de conteúdo, de ideologias nos MCM, como si fossem textos escritos de caráter filosófico, político ou econômico. O conhecimento do processo de produção, e das características próprias de cada meio, era negligenciado nas investigações sociais. Para Verón, as diferenças infraestruturais determinam mudanças nos *efeitos de sentido* conforme demonstrou nas suas pesquisas. Essa inclusão de componentes técnicos materiais na *produção de* significações, permitiu validar, simultaneamente, como objetos de estudo relevantes para as ciências sociais as mensagens produzidas pela mídia.

---

podemos por ejemplo reunir un conjunto de novelas de muy distinta época, y seleccionar fragmentos al azar para formar un corpus. Las reglas del método podrán serle aplicadas: lo que probablemente ocurra es que los resultados que obtengamos carecerán de toda significación y nuestro análisis será un juego puramente formal. Desde el punto de vista del investigador, las reglas para la selección del corpus (y por consiguiente, los criterios para su homogeneidad) dependen pues de consideraciones sustantivas, y estas determinarán la significación de los resultados que se obtengan.

## Pesquisar o *óbvio* e o *trivial*

Por meio das *séries informativas* e da *infraestrutura material*, Verón materializava **elementos concretos de análise** e de classificação, que a maioria dos estudos críticos ignoravam. Estabeleceu, assim, um respeito metodológico necessário para um importante setor de objetos de estudo da comunicação, que são os produtos, os processos, e as mensagens dos MCM). Desse modo, situou elementos concretos de observação e de descrição; o que tornou possível desenvolver uma linha crítica às posições que definiam os meios, e seus produtos, como “objetos insignificantes” de estudo. Essa perspectiva especulativa e elitista, ainda tinha uma presença expressiva nos ambientes acadêmicos em comunicação na passagem do século XX para o século XXI. Ao confrontar esses posicionamentos, Verón refletia sobre as escolhas metodológicas dos grandes pensadores em ciências humanas:

Obsérvese que tanto en el caso de Marx como en el de Freud, la importancia del análisis no reposa en el “descubrimiento” de un campo desconocido o de un objeto nuevo existente en la realidad. El **punto de partida** está dado por objetividades familiares, cosas que, por decirlo así, están muy próximas a la conciencia subjetiva de la vida cotidiana. En efecto, ¿qué más familiar que el trabajo, el dinero o los bienes materiales que consumimos diariamente? Son para usar la expresión de Marx, cosas “evidentes y triviales” (Marx K., **El Capital**, México, Fondo de Cultura Económica, 1959, p. 36.). Qué más inmediato y conocido, ¿qué más próximo a nosotros que nuestra conducta, nuestros actos fallidos, nuestros sueños? Se trata de fenómenos “vulgares”, que se manifiestan “incluso en los individuos más normales” (Freud, **Obras completas**, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, vol.II, p. 96).<sup>338</sup> [grifos meus]

A opção por questões “evidentes” e “triviais” não é uma escolha particular da *comunicação*, como demonstra Verón as ciências sociais têm que

<sup>338</sup> Eliseo Verón, “Introducción: Hacia una ciencia de la comunicación social”, in E. Verón, **Lenguaje y Comunicación Social**, p. 10.

estudar o homem e sua realidade concreta; compreender elementos básicos que são parte de seu dia-a-dia, aspecto que deveria ser inquestionável num pensamento metodológico crítico sério. Assim, as declarações sobre “objetos nobres” e sobre “objetos vulgares” não passam de expressões ribombantes de intelectuais elitistas.

Além das *séries informativas* e da *infraestrutura material* o autor considera válido **inserir na análise informações externas**<sup>339</sup> ao corpus. Esse ponto de vista de Verón é muito importante na perspectiva metodológica, porque questiona os dogmatismos teóricos, as pesquisas de “comprovação mecânica”, nas quais os pensadores realizam o exercício de indagação como uma formalidade para repetir o que já tinham formulado em “teoria”. Sabe-se, por exemplo, que sem embasamento teórico consistente não existe a possibilidade de interpretar os dados de maneira aprofundada; **o quadro teórico está presente na formulação da problemática e na interpretação dos resultados**, mas não pode intervir como obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa. Na etapa da *observação* contamos com os instrumentos técnicos (teorias em ato), mas não podemos acomodar esses instrumentos para impor na realidade nossos postulados teóricos, eles devem ser confrontados nos processos de investigação, mediante a operacionalização dos conceitos em reconstrução; assim como, essas teorias tem que estar traduzidas nos instrumentos de registro e na construção dos dados.

Apesar de que Verón chegou a defender a “*mecanização*” e a “*estandarização*” das regras do método; de modo a torná-lo adequado a procedimentos cibernéticos “objetivos”, e quase autônomos; sua defesa da necessidade da presença de elementos teóricos externos al método, coloca uma questão-chave necessária para discutir as limitações de todo método, e a necessidade de sua inter-relação com a dimensão teórica. Na verdade, encontramos sempre uma vinculação muito profunda teórico-metodológica, que, contudo, deve permitir o desenvolvimento de cada dimensão em suas particularidades epistêmicas.

---

<sup>339</sup> Eliseo Verón, “*Ideología y comunicación de masas...*”, p. 148: *La idea de la autonomía del análisis estructural y las polémicas surgidas alrededor de este punto forman parte más bien de la mitología estructuralista que de la realidad de la teoría y la práctica metodológica planteadas por Lévi-Strauss. En el análisis de la mitología, por ejemplo, los ejes semánticos mismos que dan origen a las oposiciones componentes de la estructura, no pueden ser determinados sin información externa.*

Uma questão metodológica, relacionada com isso, que Verón não explicitou e sistematizou, é a **necessidade de problematização dos métodos** no processo de observação e experimentação. Construir técnicas, definir estratégias e táticas de construção do objeto, implica confrontar os postulados com a *práxis* inventiva no campo ou no laboratório. Nesse sentido, a *exploração* metodológica é imprescindível, nela há que procurar testar, afinar, reformular, construir procedimentos e instrumentos. A reconstrução metodológica não precisa só de informações externas provenientes dos quadros teóricos utilizados; o método requer das informações que o contexto sociocultural –parte do *objeto*– impõe à pesquisa; assim como necessita de informações metodológicas diversas, que garantam uma montagem investigativa vigorosa.

Por mais planejado, afinado e aperfeiçoado que seja um instrumento, vai ser só no confronto com a realidade que ele demonstrará suas qualidades e limitações; a partir dessas limitações sempre podemos realizar afinamentos, válidos para melhorar nossa observação ou experimentação, e a posterior organização e interpretação desses dados.

### **O contexto-meio: as mídias como espaço/tempo de análise**

Na produção da “*semantização da violência política*” Verón **formula de forma mais abrangente e aprofundada a idéia de contexto**, saindo da definição formal que só considerava os elementos internos à linguagem; ele **coloca o meio massivo como contexto de suas unidades de análise**; e necessária inserção dos sistemas midiáticos, como elementos da construção metodológica. Esse **contexto-meio** tem características definidas enquanto a seus sistemas de organização, construção, classificação, estilo e perfil, que devem ser reconhecidas na sua particularidade, e depois comparadas com *contextos-meios*, similares ou distintos. Recordemos que o *método comparativo* é central em Verón na sua perspectiva estrutural; por isso, a análise de mensagens deve partir sempre pelo menos de dois tipos de *meio*, sem análise comparativa, para Verón, não existia possibilidade de produzir conhecimento de um objeto semântico.

A **pesquisa sobre semantização** precisaria, de acordo com Verón, em 1967, da **comparação de dois conjuntos**; de ter um *modelo formal de compo-*

*ntes mínimos* do universo semântico (amostra) e de *resolver o problema da notação simbólica*. Para os componentes semânticos o autor adotou um modelo simplificado da proposta estrutural de Greimas (1966), procedimento que também utilizou na pesquisa sobre *comunicação e neurose*, e que demonstrou a força da concepção estruturalista da linguagem e da comunicação em Verón durante os anos 60. Seguindo essa lógica define como componentes: *Ator* [pessoal / não-pessoal; singular / plural; determinado / indeterminado (entidade que realiza as ações)]; *Função* [centrífuga / centrípeta (predicado dinâmico o ator de referência é fonte ou destino)]; *Qualidade* [predicado estático atribuído ao ator]; *Aspecto* [especificação de características, circunstâncias ou propriedades da função]; *Limite* [limite entre unidades semânticas mínimas]; *Negação* [negação do componente que segue ao símbolo]. Esses componentes, de acordo com os princípios estruturalistas serviriam para codificar o texto literalmente.

Esses componentes, como já apontamos na análise da pesquisa *comunicação e neurose*, permitem uma organização descritiva e esquemática dos textos; nesse sentido, é um exercício de raciocínio que serve para organizar de uma maneira determinada as mensagens. Não obstante, o problema metodológico central desse modelo, é que se constitui numa espécie de **“camisa-de-força”** para a análise descritiva. Numa perspectiva não excludente que defende as combinações metodológicas, tanto o tipo de *oposições* quanto o de *relações*, entre os elementos da problemática, devem ser construídas tomando em conta a especificidade do objeto. Esse formato estruturalista dos *componentes semânticos* reduz a riqueza multifacetada em que se apresentam e se constroem os *significados*; a primazia do esquema empobrece a descrição, facilita o mecanicismo técnico e a esquematização metodológica; nessa linha: se o modelo está dado, o trabalho metodológico se reduz a só aplicá-lo<sup>340</sup>. A pesar de Verón ter sido um crítico sistemático desse tipo de comportamento

<sup>340</sup> Eliseo Verón, “Investigación, semiología y comunicación: del estructuralismo al análisis en producción”, in revista **Causas y azares**, #3, 1995, p. 11:

*Consideraba e considero muy negativo esas modas conceptuales que no se traducen en nada, pero que le permiten a la gente hacer como si se pudieran discutir cosas. McLuhan cumplió esa función. Dadas las características de sus escritos, servía para discutir sobre los medios sin investigar nada sobre los medios.*

*Con Althusser pasó lo mismo. Aquí no había tradición de investigación desde un punto de vista marxista, entonces Althusser sirvió para hablar de El Capital sin haberlo leído. El noventa por ciento de la gente que hablaba de Althusser jamás había puesto sus manos sobre El Capital de Marx. Y McLuhan fue un poco lo mismo. Es la función que cumple Baudrillard en los años 80. Permite hablar de todo sin investigar nada.*

intelectual, o *estruturalismo* semiológico condicionou a inúmeros intelectuais numa prática de pesquisa pouco aprofundada, com apoio em notações e esquemas formais; dotando-a de um certo prestígio, por ser parte da corrente hegemônica. Na academia esse condicionamento foi redutor do pensamento crítico, dado que o “*modelo científico*” para as ciências humanas estava instituído, a acomodação burocrática levava a só aplicá-lo, o que, paralelamente, garantia um “certificado de cientificidade”.

## Modismos e superficialismos

Verón estava certo quando sublinhava que Althusser, McLuhan e Baudrillard permitiram o desenvolvimento de modismos e superficialismos de pensamento; apesar disso, esses modismos também encontraram espaço, esquemas e condições adequadas na semiologia e na semiótica. No caso dos ensaios sem pesquisa, automeados de teorias, o autor precisa de um especial domínio retórico-literário para produzir um conjunto de efeitos de sentido sociais acadêmicos de importância. Os modismos intelectuais produzem estragos nos modos de aprender, de pensar e de discutir dos estudantes e pensadores, levando-os para “doutas-ignorâncias”.

As artes de fazer semiológicas e semióticas exigem de um aprendizado, de um referente técnico, de conhecimento de esquemas descritivos; mas isso não significa que garantam uma produção aprofundada, criativa e inovadora. Acontece que a retórica, nesse caso, é formal; sustenta-se na força simbólica dos esquemas *pseudomatemáticos*, o que os tornava em sistemas sofisticados de expressão, especialmente adequados para criar uma imagem de legitimidade científica, e de conhecimento complexo. O contraste entre a realidade, com suas exigências de renovação metodológica paulatina, em contraposição aos esquemas e exercícios formais, foi que eles necessariamente entraram em crise pelo seu *formalismo*, que afetou à inventividade metodológica e ao enriquecimento epistemológico na diversidade.

Se partimos do reconhecimento das limitações próprias do conhecimento humano, que compreende e aprofunda cada dia os saberes sobre o universo, devemos simultaneamente considerar que esse saber é enorme e ínfimo ao mesmo tempo; o mundo traz cada dia novas informações, muda questões que pare-

ciam definitivas, oferece novas problemáticas, fere profundamente os esquemas que se concebem como saberes “absolutos”, obriga a construir novos percursos de pesquisa e muda até o que parece mais sólido e forte<sup>341</sup>. O fundamental é reconhecer que numa perspectiva metodológica o *problema/objeto* determina os métodos e os instrumentos técnicos que precisamos para compreendê-lo.

É pertinente retomar a análise dos **componentes semânticos** formulados por Verón, nessa pesquisa, e constatamos que sua classificação dos atores em *singular/plural; pessoal/impessoal; determinado/indeterminado* é muito limitada para classificar os *sujeitos comunicantes*, e os grupos que participam como protagonistas dos processos de *semantização*. A meu ver, considerações de caráter classista, político, econômico, cultural são muito mais expressivas, e possíveis de analisar, num material determinado de semanários. Considero, que essa classificação não tem uma correspondência metodológica com o quadro teórico materialista histórico, que Verón reconhecia como subsídio para essa pesquisa<sup>342</sup>. As possibilidades descritivas, desse esquema de *atores*, não permitem estabelecer nenhuma ponte argumentativa, lógica, entre os dados descritivos e a interpretação. Por isso, Verón teve que argumentar a favor da interpretação externa. De fato, cada fase de uma pesquisa tem sua especificidade e seus métodos pertinentes, mas o desenho do conjunto da pesquisa e a construção da problemática devem estabelecer essas passagens, essas pontes necessárias entre cada etapa; de outro modo, temos processos fragmentados que não conseguem uma unidade de teórico-metodológica complexa, de caráter *transmetodológico*.

Ao pesquisar a metodologia trabalhada por Verón, para estudar a *semantização* da violência política na Argentina, constata-se que definiu seis operações executadas pelos meios para organizar o *universo semântico: contextualização*<sup>343</sup>;

<sup>341</sup> Karl Marx: (...) até as categorias mais abstratas, ainda que válidas -precisamente por causa de sua natureza abstrata- para todas as épocas, não são menos, sob a forma determinada desta mesma abstração, o produto de condições históricas e só se conservam plenamente válidas nestas condições e no quadro destas; in K. Marx, **Contribuição para a Crítica da Economia Política**, p. 233.

<sup>342</sup> Eliseo Verón: *El marco teórico en que está encuadrada la investigación de la que aquí se han presentado algunos datos, es el del modelo marxista de las clases sociales, y está vinculado con la problemática infraestructura/superestructura.*; in E. Verón, “Ideología y comunicación de masas: la semantización de la violencia política”, op. cit., pp. 189-190.

<sup>343</sup> **Contextualización** es la operación consistente en presentar un contexto de realidad más amplio, dentro del cual se ubica el hecho central que motiva la nota. Como se verá, a su vez, este último “arroja luz “sobre el contexto, aclara lo que está ocurriendo en ese ámbito más amplio. Dicho ámbito incluye otros hechos diferentes del hecho central. En el ámbito de “La Nación “han ocurrido otras cosas además de la muerte de R.G.”; in E. Verón, “Ideología y comunicación de



*temporalização*<sup>344</sup>; *classificação*<sup>345</sup>; *descrição*<sup>346</sup>; *circunstancialização*<sup>347</sup> e *explicação*<sup>348</sup> [nota na página seguinte]. Esse recurso metodológico apresenta maiores possibilidades de representação e de interpretação dos materiais pesquisados. Los **efeitos de sentido** que essas operações produzem vão além dos significados literários e coloca em questão elementos que vinculam os textos com a realidade histórica na qual são fabricados. *Contexto, tempo, explicação* rompem com os formalismos, e exigem a participação de quadros de referência muito mais ricos que a simples quantificação e esquematização dessas operações.

### **Análise da *semantização*: operações, contextualização, circunstancialização**

Outro elemento metódico importante, inserido por Verón nessa pesquisa, é o referente às **condições de estruturação da mensagem**; ele refere-se com essa noção às características, ao perfil de cada meio de comunicação. O **estilo de produção** de mensagens de cada semanário participa, assim, como fator que influencia o processo de significação, e condiciona os outros elementos (*componentes e operações*). As *operações de diferenciação, seleção e combinação* também estão condicionadas pelas condições mediáticas. Devemos

---

*masas...*”, op. cit., p. 155.

<sup>344</sup> **Temporalización** es la operación consistente en la referencia directa o indirecta a una **secuencia** de hechos de la cual forma parte el hecho central del que habla la nota. E. Verón, idem., p. 155.

<sup>345</sup> Definimos como **clasificación**, muy sencillamente, la operación que consiste en caracterizar a un hecho como miembro de una cierta clase. E. Verón, idem., p. 155.

<sup>346</sup> **Descripción** es la operación de enumerar los aspectos concretos del hecho central mismo (hora en que ocurrió, personas presentes, etc.). Abarca todas las referencias a elementos constitutivos del acontecimiento que se relata. E. Verón, idem., p. 156.

<sup>347</sup> **Circunstancialización** es la operación consistente en presentar las situaciones concretas que anteceden inmediatamente al hecho central, que lo siguen, o que en general están inmediatamente asociados a él. (Ejemplos: de dónde venían las víctimas o a dónde iban; declaraciones posteriores de la policía o de los gremios; protagonistas y su identidad, el funeral, etc.). Más de la mitad del material escrito de A corresponde a esta operación. Se diferencia de la contextualización y de la temporalización en que no incluye la referencia a **otros** hechos que pueden estar vinculados con el hecho central pero que se produjeron en otros lugares y momentos, si no tan sólo las referencias a personas, acciones o cosas relacionadas directamente con el hecho relatado. E. Verón, idem., p. 156.

<sup>348</sup> **Explicación** es la mención explícita de causas, sea cual fuere su tipo o grado de abstracción o generalidad. E. Verón, ibidem, p. 156.

considerar que esse elemento depois, nos anos setenta e oitenta, tornou-se crucial no pensamento de Verón quando construiu sua *teoria dos discursos sociais*, na qual as *condições de produção* e as *condições de reconhecimento* das mensagens são capitais para compreender a produção de *sentido*. Contudo, naquela época, anos 1960, os esquemas formais eram marcantes no pensamento de Verón. Com efeito, **a análise semântica desenhada pelo autor separava os componentes, da problemática comunicacional, de seu espaço concreto de enunciação, de sua contigüidade (fundamental para saber o valor das mensagens), e da sua realização pragmática.** Os elementos gramaticais e estruturais eram preponderantes na proposta metodológica de Verón para a **análise de mensagens** e contradiziam as expressões inovadoras do autor.

É interessante estudar a **análise da semantização** da violência, porque os *componentes* e as *operações* metodológicas só cobram vida quando são inseridas numa *análise mais aberta*. Verón utilizava a categoria mitologia **do enigma**, por exemplo, para situar vários dos enunciados-chave emitidos pelos semanários sobre o assassinato dos sindicalistas peronistas. Esse recurso metodológico, lhe permite explicar como é construído o ambiente de suspense, e as relações desse *espaço/tempo* com os *atores-fonte* da ação. Para investigar nessa lógica, definiu como componentes: os *mecanismos de ambiguação*; as *técnicas de sensacionalismo*; as *forças em conflito* [do ódio e do amor, da lealdade e deslealdade, dos mártires e dos justiceiros e matadores]; esses elementos, foram cruciais para construir uma metáfora interpretativa sutil dos meios. O que Verón não apontava é que esses mecanismos, simultaneamente, **fabricam um ambiente emotivo** necessário para fortalecer o *reconhecimento* dessas mensagens.

Essas **matrizes culturais**, presentes por milhares de anos na vida da espécie humana, têm um poder singular para **produzir efeitos de sentido**; de fato, esteve ausente em Verón uma característica-chave dos enunciados mediáticos: a incorporação no discurso de formas culturais das classes populares, como magistralmente o demonstraram Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin, Armand e Michèle Mattelart, Aníbal Ford, Martín Barbero, e um conjunto importante de pesquisadoras e pesquisadores na América Latina<sup>349</sup>. As problemáticas dos gêneros, das estratégias, do reconhecimento, das rotinas profissionais, da dramatização mediática, não eram pensadas por Verón na sua relação com os mecanismos

<sup>349</sup> Antonio Gramsci, **Literatura e vida nacional**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978; Jesús Martín Barbero, **dos meios às mediações...**, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997; Jesús Martín Barbero, **Procesos de comunicación y matrices de cultura/ itinerario para salir de la razón dualista**, México, Gustavo Gili, 1987.

esquemáticos da *semântica estruturalista*; nesse sentido, foi um metodólogo e um pensador renovador, insurgente, que experimentou e ofereceu construções analíticas relevantes para o campo das ciências da comunicação.

Verón era consciente da carência que implicava restringir-se à *análise semântica* que fragmenta o discurso; para superar isso, o autor incorporou, na sua pesquisa, a *análise sintagmática*, que permite produzir interessantes construções combinatórias. Os *atores, funções, qualidades e aspectos* adquirem nesse espaço metodológico pertinência para pensar as relações entre as *unidades de comunicação* e as formas de apresentação do *discurso* para os *públicos*. Para realizar essa operação, Verón teve que romper as limitações da *frase-modelo* dos linguistas, e trabalhar com *parágrafos* [como unidades de análise]; conjunto sintagmático que permite trabalhar de forma mais aprofundada e social os processos de *significação*. Dessa forma, comprova-se como, reiteradamente, Verón saiu dos modelos fechados da *semântica estrutural* para conseguir produzir descrições, análises e interpretações fecundas para a área da comunicação.

Verón incluía na sua análise a *estilística dos meios*, nela mostra como as mídias apresentavam suas produções, como se fossem a realidade mesma, e não fossem de autoria e de responsabilidade sua. Para isso, um mecanismo muito usado é a *testemunha (determinada/ indeterminada)* geralmente é *desconhecida*; também recorrem ao uso de construções retóricas como: “*observadores*”; “*resultou evidente*”; “*alguém manifestou*” etc. Esses recursos de enunciação serviam para produzir a *distorção de fonte*, sem que os *leitores comuns* percebam o jogo retórico desses semanários. A *estilística*, na nossa apropriação, permite realizar combinações de frases, enunciados e palavras, que configuram o sentido sutil das mensagens; o *discurso profundo* realiza-se nessas combinações, os significados adquirem sua força na configuração concreta desses elementos; aos quais temos que juntar as *combinações de tipo espacial* (diagramação), *temporal* (momento da circulação) e *contextual* (realidade cultural: sociopolítica e econômica). Não obstante, Verón ter superado já naquela época os meros formalismos, na sua análise ainda utilizava enquadramentos como análise dos *emissores* ou *transmissores*; o princípio segundo o qual todo processo de produção de *sentido* tem que ser estudado, em primeiro lugar, a partir das *condições de reconhecimento* estava ausente em Verón; só na segunda metade dos anos 70 (uma década depois), incorporará na sua metodologia esse postulado crucial.

Na metodologia do autor são característicos seus **quadros representativos** que permitem ter uma visão sinóptica de suas proposições; nesses esquemas percebe-se a influência informacional de Shannon, a capacidade organizativa do *estruturalismo* e as marcas da sociologia de Germani. Cabe apontar, no entanto, que Verón não é um reproduzidor dessas influências mais um reconstrutor, um inovador, um crítico, que constantemente procurou novos desenhos para expressar suas construções abstratas, seus procedimentos metodológicos e seus desenhos técnicos.

Para ilustrar esse estilo metodológico do autor, vou transcrever a síntese realizada na sua análise comparativa dos dois semanários, nos quais estudou a *semantização*:

**Cuadro 10. Resumen comparativo de las características de la *semantización de la violencia* en los medios C y A ( <sup>350</sup>)**

	<b>C</b>	<b>A</b>
<i>Operaciones predominantes</i>	<i>Contextualización Temporalización</i>	<i>Circunstancialización Descripción Explicación</i>
<i>Actores</i>	<i>Gobierno Gremialistas Actor-fuente-identificado: terroristas</i>	<i>Gremialistas Actor fuente no identificado (dudas, rumores, versiones encontradas)</i>
<i>Semantización de la función</i>	<i>Estructura combinatoria discontinua  Operador terrorismo</i>	<i>Intersección de clases  Mitología policial: enigma Descalificación del operador terrorismo</i>
<i>Efecto de sentido</i>	<i>(a) Despojamiento de sentido a la <b>función central</b> del hecho 'x' en tanto acción (b) El hecho 'x' es comprensible como <b>mensaje</b> para ciertos grupos: © es signo de la realidad nacional (d) aumenta la inteligibilidad de <b>otros</b> hechos (e) Imputación indirecta de la función central (por contextualización y temporalización)</i>	<i>(a) <b>Primer nivel</b> (despojamiento de sentido): el hecho concreto es <b>incomprensible</b> (b) Despierta estupor, sorpresa  © No está asociado a otros hechos  (d) <b>Segundo nivel:</b>  explicación o interpretación alegórica</i>

<sup>350</sup> Eliseo Verón, "Ideología y comunicación de masas...", op. cit., p. 183.

Como podemos observar nessa síntese o *efeito de sentido* é a parte menos desenvolvida apesar de contar com mais itens. As *operações dominantes* remetem à realidade concreta ou histórica, no semanário para classes médias os fatores sociais lógicos abrangentes (*contextualização* e *temporalização*) são dominantes. No semanário para classes populares é a apresentação do fato particular o que conta (*circunstancialização, descrição*), é interessante que nesse meio a *explicação*, quer dizer a exposição explícita das causas do fato, que é dominante, o *estilo é direto*. No semanário destinado às classes médias o *estilo é indireto*, e apresenta os elementos relacionados ao contexto político, às seqüências de eventos, para “explicar” os eventos mediante conotações, e sutileza de argumentos, como recurso retórico afim com as característica das mensagens destinadas às classes sociais de maior nível de educação, como Verón o demonstrou detalhadamente nessa pesquisa.

Com respeito ao *tratamento dos atores*, a politização no *meio das classes médias* é mais abrangente inclui o governo, e simultaneamente **ataca o ator-fonte** de maneira direta. No *meio para classes populares* o governo não faz parte desse confronto, o que significa uma fragmentação grave das relações e dos conflitos que fundamentam o fato, e **o ator-fonte fica não identificado**, permitindo uma interpretação mais livre sobre os responsáveis do assassinato. Essas características, encontradas por Verón para o semanário popular, não poderíamos ampliá-las para todos os semanários desse perfil, porque o discurso para esses segmentos sociais não permite um jogo retórico muito abstrato. A suposta “transparência” do discurso dirigido para as classes populares, segundo a lógica preponderante midiática, exige de formas grotescas, pornográficas, violentas e messiânicas que as formas eruditas não possuem.

## Decodificar sistemas ideológicos

Por meio dessa investigação Verón chegou a esclarecer os mecanismos, por meio dos quais os enunciadores das empresas de comunicação de massa, produziram o *sentido* político da ação terrorista. Comprovou como **esvaziaram de sentido sua ação**, e construíram um **sentido inverso para os leitores**. Tanto o semanário para classes médias quanto o dirigido aos sectores populares realizaram essa operação simbólica numa perspectiva política bem delimitada.

Os jogos de fabricação retórica das mídias, não obstante sua sofisticação, não conseguem produzir *campos de efeitos de sentido* exatos, controlados; mas, esclarecem sobre os *sistemas ideológicos* que transmitem, e os interesses concretos que manifestam sobre uma determinada realidade social.

Para Verón, naquela época, era fundamental ter como objetivo central de pesquisa a *identificação* e a *descrição* de estruturas:

Pero lo central es tomar en cuenta que esta perspectiva implica un importante cambio con respecto a la estrategia metodológica corriente: se trata de construir modelos cualitativos o algebraicos y no modelos con variables continuas, porque los objetos que necesitamos describir son estructuras no estadísticas (cf. Lees, 1957; Verón, 1963)<sup>351</sup>. Una vez realizada esta descripción, sin duda podremos cuantificar propiedades, pero éstas serán **propiedades de una estructura**.<sup>352</sup> [grifos do autor]

O entusiasmo *estruturalista* levou o autor a pensar que estava criando uma ponte entre linguagem argumentativa verbal e linguagem matemática<sup>353</sup>. De fato, seus ensaios pouco têm a ver com uma linguagem matemática séria, e oferecem demonstrações de produção de mitologias científicas sobre a capacidade das máquinas para realizar análises “objetivas”. Entusiasmou-se com a formalização como o objetivo metodológico sumo, e pensava possíveis modelos de análise “automáticos”<sup>354</sup>. Sua faceta *formalista-informacionista* esteve presente constantemente em momentos-chave de suas reflexões, tanto

---

<sup>351</sup> Lees, R. B., 1957. “Review of Noam Chomsky ‘Syntactic structures’”, *Language*, 33: 375-408; Eliseo Verón, *El análisis estructural en ciencias sociales, Buenos Aires, UBA, Instituto de Sociología*.

<sup>352</sup> Eliseo Verón, “Ideología y comunicación de masas: la semantización de la violencia política”, op. cit., p.185.

<sup>353</sup> Florestan Fernandes: *O mecanismo adaptativo da cultura funcionou no sentido de canalizar os problemas aparecidos na direção dos métodos e conceitos tradicionais. Por isso, impôs-se à sociologia o modelo das ciências matemático-naturais. (...) a preocupação principal na filosofia das ciências, desde Comte, tem sido a de encontrar o ponto de transição natural entre as “ciências exatas” e as “ciências sociais”. E a maioria dos sociólogos, economistas e psicólogos sociais têm reduzido suas indagações metodológicas ao esquema fornecido pelas ciências matemático-naturais;* in F. Fernandes, *Elementos de sociologia teórica*, 2a. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974, pp. 241-242.

<sup>354</sup> Ibidem.. p. 185.

nos anos 60 quanto nos 90. A cibernética, como ciência do controle da informação nos homens e nas máquinas, foi um referente epistemológico essencial para Verón, e esclarece suas especulações científicas.

Apesar disso, o caráter multifacetado do seu pensamento e de seus procedimentos metodológicos; principalmente seu lado inovador, sistematizador e crítico, permitiram que ofereça alternativas metódicas instigante, e propostas teóricas valiosas para o campo da comunicação social. Seu trabalho de caracterização e sistematização da noção de *ideologia* é exemplar nesse sentido, apesar das críticas que possamos realizar a alguns aspectos dessa configuração. A **tarefa fundamental dos sociólogos**, segundo suas palavras (hoje diríamos que esse seria um objetivo dos pesquisadores em comunicação, ou dos comunicólogos), seria o **decodificar os sistemas ideológicos** para descrever seus mecanismos e operações de construção dos significados. Essa meta estruturalista viu-se limitada, e caiu numa crise aguda de desenvolvimento, pela ação de aprisionamento teórico-metodológico gerados nos seus esquemas formais<sup>355</sup>.

A explicação sociológica só é possível na proposição metodológica de Verón depois da **descrição sistemática** dos sistemas, das estruturas, das relações, das combinações. Esse postulado metodológico geral supera os limites do estruturalismo, e coloca a questão fundamental da necessidade da construção de processos de observação e de experimentação, para estudar empiricamente os problemas. No campo da comunicação social na América Latina, e no mundo, tem sido especialmente proveitosa a *pesquisa empírica*; simultaneamente, a face menos trabalhada tem sido a *pesquisa teórico-metodológica*, com a necessária reflexão epistemológica desses processos para a produção

<sup>355</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 186: *A nuestro juicio, este tipo de "lectura" "revela donde están, en la sociedad industrial, los sistemas ideológicos que los fundadores de la sociología del conocimiento hallaban en la religión y la filosofía. Y en verdad, adecuadamente descritos, son de un nivel de abstracción comparable a las especulaciones discutidas en la Ideología Alemana. Constituyen la red de categorías de codificación de lo real que nos viene propuesta cada mañana en el periódico. Su efectividad es enorme porque su complejidad y el nivel de transmisión la vuelven transparente. Este es el mecanismo básico de la comunicación ideológica: el discurso se vuelve invisible como tal, y el receptor cree estar ante el objeto.*

*Una vez que hayamos avanzado bastante en esta tarea de "desciframiento" (Lévi-Strauss, 1954) y no antes, estaremos en condiciones de plantearnos el recorrido complementario e igualmente indispensable: la interpretación de estos sistemas a la luz de los procesos de conflicto en el plano de la estructura de clases. Sólo entonces comienzan, para la teoría sociológica de las ideologías, las hipótesis explicativas.*

de conhecimentos. Nos anos 60, do século XX, existia uma ampla especulação filosófica no campo crítico-sociológico; nesse contexto, uma contribuição de Verón foi trabalhar e propor para a *pesquisa crítica* a necessidade da *pesquisa empírica* construtora dos objetos concretos, nos quais sua problemática fosse definida como na investigação analisada: “*Ideología y comunicación de masas: a semantización de la violencia política*”. De fato, essa pesquisa constituiu-se, sem dúvida, um referente importante da história da investigação em comunicação na América Latina.

## Marcas neocoloniais no campo científico latino-americano

A problemática metodológica foi na década dos 60 uma preocupação central de Eliseo Verón, discutiu as questões referentes ao uso concreto de metodologias psiquiátricas, semiológicas, antropológicas e cibernéticas, porém trabalhou também as questões gerais referentes aos métodos em comunicação social como são as relações entre ciência e ideologia; objetividade da pesquisa em ciências sociais; cientificidade do conhecimento na área das disciplinas humanas e as relações entre as dimensões teórica, metódica e técnica.

No texto “*As ideologias estão entre nós*”<sup>356</sup> o autor realiza uma leitura sociológica da atividade sociológica na Argentina e na América Latina dos anos 50 e 60. Sua orientação metodológica foi **analisar a estratégia cultural dos produtores de saberes em sociologia**; estudar os fundamentos dessas correntes e as conseqüências da aplicação dos seus métodos no contexto sociocultural da época.

Verón situa a década de 50, do século XX, o momento histórico no qual se organizam as primeiras instituições da região destinadas à formação de sociólogos: Santiago do Chile, Rio de Janeiro e Buenos Aires começam o trabalho acadêmico, técnico e profissional de formação de especialistas na área.

Esses centros difundem a ideologia da nomeada “*sociologia científica*”, e estabeleceram normas e procedimentos diferenciados das práticas intelectuais anteriores. Procedimentos de trabalho, técnicas de pesquisa empírica, formatos de projetos, métodos descritivos e concepções *positivistas* formavam

---

<sup>356</sup> Eliseo Verón, “*As ideologias estão entre nós*”, **Ideologia, estrutura e comunicação**, 2a. ed., São Paulo, Ed. Cultrix, 1977, pp. 193-234.



um conjunto autodefinido como “*método científico*”. América Latina importou sem nenhum tipo de avaliação crítica, nem de aprofundamento teórico-metodológico esses modelos; concretamente, a *sociologia funcionalista* estadunidense como sinônimo de *ciência*<sup>357</sup>. A força do contexto político-ideológico-acadêmico do continente americano, marcado pelo *pan-americanismo*, e pelo controle político-militar direto dos estadunidenses sobre América Latina, que era considerada seu “quintal natural”, sua neocolônia, tornava possível a divulgação intensa e expandida de ideologias consideradas *modernizantes*; estreitamente vinculadas à divulgação de *inovações tecnológicas* (comunicacionais), definidas como a solução para a superação do atraso, e a instauração de sociedades modernas na região.

O “*comunismo*” [termo adotado para se referir aos países socialistas de Europa, Ásia e América Latina] estava em processo de expansão depois da Segunda Guerra Mundial, e exigia estratégias de defesa ao Estado imperial norte-americano. O confronto ideológico agudizado pela vitória da *revolução socialista cubana* em janeiro de 1959, e a intensificação da *Guerra Fria* contra a *União Soviética*; obrigou aos estrategistas dos EUA a desenhar projetos de “desenvolvimento” do capitalismo para América Latina; parte importante desses programas era a formação de especialistas, que ajudassem na elaboração de diagnósticos sobre a situação da região. Isso não significava, que as elites do continente, não soubessem da situação de atraso, pobreza, corrupção e autoritarismo na região; sabiam muito bem, mas precisavam conhecer as formas concretas, os detalhes. Pretendiam quantificar a realidade sobre a propriedade da terra, por exemplo, já que funcionava como na época da Colônia: capitânicas gerais, “feudos”, latifúndios, fazendas e grandes plantações, que mantinham na maior parte da região formas de exploração em forte contradição com a lógica do *capital*; na *Era do Ouro* da acumulação e do desenvolvimento capitalista nos países do Primeiro Mundo.

Nesse contexto, Verón se perguntava:

Que relação pode-se estabelecer entre a difusão e institucionalização da sociologia moderna na América Latina, e a

<sup>357</sup> Ibidem, pp. 194-195: *O problema central neste processo é o do transplante: é necessário obter fundos, professores, material bibliográfico; introduzir uma enorme massa de informação e difundir teorias, técnicas, regras de procedimento. Este transplante se apóia fundamentalmente no conhecimento sociológico elaborado nos Estados Unidos e, em muito menor escala, na França.*

**situação de dependência imperialista em que se encontram esses países?** E uma vez institucionalizadas –com melhor o pior sorte– em cada país, que papel jogam as ciências sociais modernas na dinâmica ideológico-cultural da dominação de classe dentro da região? Formulei essa pergunta em termos premeditadamente genéricos ou “grossos”. Parecem-me questões cruciais, ante as quais não é permitido encolher os ombros; ao mesmo tempo, penso que é sumamente difícil respondê-las adequadamente.<sup>358</sup> [grifos meus]

Na época, Verón trabalhava na sua *análise política* elementos teóricos do paradigma materialista histórico; com efeito, a problemática das *classes sociais* e do *imperialismo* estavam presentes nas suas perguntas centrais sobre o significado da presença da *sociologia científica* na América Latina. *Dominação de classe* e *dependência* foram dois pontos-chave para perguntar-se pelo significado da presença desse modelo metodológico na região.

Verón não entra na análise das características gerais dessa dependência e dominação; sua **preocupação central** é com a **leitura sociológica da sociologia**, com o desmascaramento do caráter ideológico das propostas da “*sociologia científica*”, *funcionalista*, da época. Uma questão-chave, nessa análise, foi o esclarecimento por Verón, de que a *maioria dos problemas significativos*, entre a sociologia dos países hegemônicos e a sociologia dos países dominados, não era passível de decisão em termos dos princípios do *método científico*<sup>359</sup>. O autor questionava as pretensões *absolutistas* dos procedimentos *funcionalistas*, que decretavam aquilo que é ciência e o que não é ciência; desmontava a intenção de aparecer como um discurso “neutro” que expressa diretamente o saber.

A contribuição metodológica de Verón foi substancial, nesse aspecto, ao estabelecer sistematicamente **a necessidade de caracterizar e estudar as condições de produção dos conhecimentos**; de conhecer as regras do jogo; de esclarecer os tipos de estratégia que estão por trás de um projeto, de uma pesquisa, de uma instituição; de questionar o senso comum intelectual, que adota uma moda sem conhecer profundamente os elementos que configuram um

<sup>358</sup> Ibidem., p. 195.

<sup>359</sup> Ibidem., p. 199.

método: seus fundamentos epistêmicos, seus postulados respeito ao social, suas relações com redes conceptuais determinadas<sup>360</sup>.

**As características da dependência e da dominação no campo da pesquisa sociológica apresentava os seguintes problemas metodológicos essenciais”:**

(a) A **problemática teórica** que define o campo conceitual desses projetos **é elaborada nos países centrais**, que são os que fornecem o financiamento.<sup>361</sup> [grifos meus]

A construção da problemática que representa o núcleo, a essência, do conhecimento das estratégias, hipóteses, objetivos e rede conceptual não era construída, nem pensada na região. Desse modo, os sociólogos latino-americanos eram simplesmente consumidores de problemáticas. Contudo, é importante anotar que a universidade pública na América Latina foi o cenário adequado para terminar com essa dependência extrema, existente nos anos 50 e 60. O pensamento sociológico crítico, e o pensamento em comunicação social

---

<sup>360</sup> Idem., p. 206: ***A precisão dos conceitos varia em relação direta ao grau de integração da estrutura teórica. Como este grau de integração em sociologia é sumamente baixo, o aparente consenso terminológico se apóia em boa medida na imprecisão dos conceitos. O decisivo para avaliar a unificação de uma disciplina é o consenso no plano da estrutura teórica; o acordo sobre um repertório de termos considerados isoladamente é uma pura ilusão. Esta ilusão alimenta-se do critério fragmentário com que se considera a questão, isolando os conceitos do contexto semântico de uma teoria, que é o contexto que pode permitir precisar seu significado.*** [grifos meus]

Esta questão nas ciências sociais é sumamente conflitiva, uma estrutura teórica de consenso como formulava Verón é muito difícil de conseguir. Existem vários modelos que explicam teoricamente a problemática social; por outra parte o logocentrismo matemático no conhecimento social só produziu vulgarizações impertinentes da matemática e reduções simplórias do conhecimento social. Sabemos que até nas ciências físicas vários sistemas coerentes de hipóteses explicam uma determinada problemática; no caso das ciências sociais temos um confronto mais intenso pela ambigüidade própria da linguagem verbal. Isso não significa que não possamos construir argumentos que formulem hipóteses fortes sobre a realidade ou que todas as teorias gerais sejam de um relativismo sem maior significação científica como a moda pós-modernista impôs. Podemos construir teorias sólidas sim, mas sem pensar na ilusão do consenso para acreditar que temos uma unificação disciplinar. Talvez esse postulado levou Verón a não acreditar a partir dos anos 80 em explicações gerais sobre as sociedades: ***Creo profundamente que ya no puede haber más teorías generales, o mejor: no hay más explicaciones unitarias de lo que son las sociedades actualmente. No hay la explicación “correcta”. Hay que construir cosas mucho más complicadas*** (VERÓN, 1995: revista Causas y Azares, #3).

<sup>361</sup> Eliseo Verón, “*As ideologias estão entre nós*”, op. cit., p. 210.

desenvolvido na América Latina, a partir de meados dos anos 60 só foi possível pela existência desses espaços de liberdade; estruturados principalmente nas universidades públicas da região. Hoje assistimos a um processo inverso mediante a implementação de estratégias de destruição da universidade pública na região. O objetivo estratégico não pode ser outro que a tentativa de pôr fim ao pensamento crítico e à pesquisa transformadora produzidos nesses importantes centros de produção de conhecimentos.

É só refletir sobre o caso paradigmático de Eliseo Verón, para observar como, durante sua vinculação à Universidade de Buenos Aires (UBA) e à Universidade de Paris, elabora a maior parte de suas formulações metodológicas críticas. Fora da universidade pública os esquemas da pesquisa administrativa e de mercado são operacionais, tecnicistas, micro sociológicos; as explicações gerais perdem sentido, os objetivos concretos, empresariais tornaram-se prioritários.

Com relação ao problema metodológico das técnicas Verón verificou a seguinte situação:

(b) **Os instrumentos** –sobretudo no caso dos citados projetos comparativos– geralmente **já chegam esboçados**. Em suma, os pesquisadores locais têm como **tarefa a tração e adaptação dos questionários**.<sup>362</sup> [grifos meus]

A famosa “*sociologia científica*” expandiu um vício de pesquisa muito divulgado, até hoje, na região: pensar que as **técnicas são estruturas fechadas, sem relação com a teoria** que as inspirou, estruturadas de **forma definitiva, e aplicáveis automaticamente** aos objetos de pesquisa. A necessidade de construção de técnicas, de acordo com as exigências de cada objeto, não passava pelo raciocínio *funcionalista*. O uso e abuso do *questionário*, como técnica *sine qua non* da pesquisa empirista no campo social, era abrangente. Ainda hoje, nós no início da terceira década do século XXI, a pesquisa comercial e administrativa continua abusando dessa técnica. No entanto na década de 1990, ter-se legitimado o uso de *técnicas qualitativas* na pesquisa social, com resultados de sucesso na academia, no marketing e na pesquisa administrativa; na

---

<sup>362</sup> Ibidem., p. 210.

área de comunicação o *questionário* continua sendo o instrumento de maior uso nas pesquisas sociais<sup>363</sup>.

Outra característica importante apontada por Verón com respeito à prática sociológica imposta pelo *funcionalismo* era:

c) A **análise e interpretação** dos dados se realiza habitualmente **no centro estrangeiro** onde se originou o projeto.<sup>364</sup>

O trabalho central de construção de teses, inferências, raciocínios interpretativos, que dá à pesquisa seu caráter científico, era deixado para os pensadores dos centros hegemônicos. Assim delimitado o processo de pesquisa, nos seus pontos fundamentais, era construído, planejado e controlado pelo poder econômico-político neocolonial. Os conhecimentos produzidos a partir dessas práticas serviam para os bancos de dados dos centros de investigação dos EUA. A dependência, como muito bem o demonstrou Verón, não era um dogma da propaganda radical, e sim um estado real que condenava a produção científica na América Latina a uma situação parasitária, dependente, submetida.

Esse modelo neocolonial, apesar dos condicionamentos que a hegemonia burguesa local impôs, foi quebrado em importantes centros de pensamento da América Latina, como foi o caso do México, da Argentina, do Chile, da Colômbia, do Brasil, do Equador, da Venezuela, de Cuba e do Peru. Nesses cenários, o pensamento em comunicação, a partir da década dos 1960, começou a produzir pensamento e pesquisas alternativas ao modelo norte-americano. Depois de uma década de amadurecimento, o pensamento crítico latino-americano em comunicação espalhou-se com força pelo continente, tanto nas faculdades, escolas e cursos de comunicação quanto nos centros de produção de comunicação popular e nas instituições independentes de investigação. Não obstante essa expansão ter acontecido de maneira dinâmica, de tal forma que “transformou” até importantes autores-referência

<sup>363</sup> O diagnóstico de Verón acerca da hegemonia do modelo funcionalista nas ciências sociais não significa que importantes autores e escolas críticas não existissem na época. Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Teotônio dos Santos, Milton Santos, Celso Furtado e Paulo Freire eram paradigmas que o pensamento em ciências sociais do Brasil já oferecia para a América Latina e o mundo.

<sup>364</sup> *Ibidem.*, p. 211.

*funcionalistas* em “críticos”, durante os anos 1980; de fato, a influência essencial foi ao nível das idéias críticas ao modelo industrial hegemônico estadunidense. Porém, a realidade é paradoxal, e na dimensão metodológica, e das práticas profissionais, até os meios mais radicais reproduziram os modelos e procedimentos *funcionalistas*, sem a menor percepção desse tipo de operacionalização.

O procedimento hegemônico, segundo o qual a **análise interpretativa** ficava sob responsabilidade dos especialistas dos centros metropolitanos, foi reproduzido ao nível universitário, e dos centros alternativos, deixando para os “**mestres**” e “**dirigentes**” a prática do pensamento interpretativo. Do ponto de vista metodológico esse modelo caracterizou-se por um profundo conservadorismo, e contribuiu para manter o *status quo* de procedimentos *funcionalistas/positivistas*, na realização de processos de comunicação popular e alternativa.

Com respeito ao problema de “**contaminação da atividade docente**”<sup>365</sup> os **projetos internacionais** exerceram esse tipo de ação, especialmente por meio dos **professores universitários contratados** como pesquisadores pelos centros norte-americanos. Apesar disso, é importante sublinhar que no México e no Brasil a existência de agências e fundações de apoio à pesquisa em ciências sociais, e em comunicação, permitiu a produção de investigações críticas relevantes. Em sentido contrário, a influência metodológica e técnica dos norte-americanos atuou por meio de sua força operativa para auxiliar as pesquisas empíricas, na maioria dos países<sup>366</sup>. Na América Latina só o Brasil e o México estruturaram setores universitários de pesquisa fortes no campo da comunicação; nos outros países a produção foi o resultado de esforços titânicos de pequenas equipes, centros e pensadores, como mostram os casos paradigmáticos de Argentina, Chile e Venezuela.

---

365 Idem., p. 211.

366 Lopes, Ma. Immacolata de: *A tendência verificada no conteúdo das disciplinas –de metodologia em comunicação– é a sua concentração quase exclusiva no modelo quantitativo de pesquisa empírica*; in Ma. Immacolata de Lopes, **Pesquisa em comunicação...**, São Paulo, Loyola, 1990, p. 70.

A mesma tendência verificamos nos levantamentos feitos no México, na Colômbia, no Peru, no Chile e na Argentina (DESCO, FELAFACS, ALAIC, AMIC). O modelo quantitativo e empírico esteve presente em bom número desses trabalhos.

## Pesquisa teórica: originalidade e autonomia

Apesar do expressivo crescimento da pesquisa em comunicação durante os anos 80 e 90, do século XX, e a continuação dessa expansão nas duas primeiras décadas do século XXI, a **pesquisa teórica continua sendo um campo muito restringido**, trabalhado por poucos pesquisadores (as), e com fortes problemas de circulação no meio acadêmico. Embora a disciplina de *teoria da comunicação* seja obrigatória na maioria de cursos da América Latina; os textos teóricos de autores latino-americanos têm uma circulação restringida, às vezes até censurada pelo preconceito neocolonial pro estadunidense.

A seguinte constatação de Verón:

Raramente esses projetos internacionais são pesquisas destinadas a desenvolver **hipóteses teóricas** ou estão vinculadas a um processo de elaboração desse tipo de hipótese.<sup>367</sup> [grifos meus]

Continua vigente no século XXI, não só para projetos internacionais, como também para a maior parte das pesquisas em comunicação. Nesse sentido, é **importante considerar que a legitimidade teórica de nossos objetos “vulgares” continua sendo um problema forte para o campo científico**; embora o conjunto das humanas e sociais passem por problemas similares, o campo da comunicação permanece como secundário, como “*ciência aplicada*” segundo a concepção formal dos administradores da ciência contemporâneos.

Por outra parte, o **trabalho teórico** apresenta fortes dificuldades pela fragmentação e a ambiguidade das proposições críticas. A crise dos paradigmas não foi um processo que afetou os burocratas do pensamento; eles normalmente mudam de esquema, de acordo com as modas ou conveniências econômicas-administrativas. O *pragmatismo*, a aplicação quase mecânicos de técnicas, a racionalidade instrumental, são referentes que continuam tendo hegemonia. Independentemente de o pesquisador ter mudado seu rótulo de “socialista” para “emergente global”, antes e hoje, o modelo metodoló-

<sup>367</sup> Ibidem., pp. 212-213.

gico hegemônico foi esse, seja na *esquerda* ou na corrente funcionalista. O positivismo de fundo inspirou e motiva o desenho de currículos, projetos, pesquisas e quadros teóricos.

O vício metodológico, consistente em **pensar que a construção de hipóteses teóricas não é um requerimento necessário de toda pesquisa séria**, expandiu-se com facilidade e de fato contaminou extensamente a *práxis de investigação* na região. **Os postulados, proposições, conceitos pareceriam que estão prontos: em confortáveis pacotes acabados.** É muito difícil inserir no pensamento, de estudantes e pesquisadores, a concepção de que **o pensamento deve ser construído, aperfeiçoado, criticado, reformulado em cada pesquisa.** É muito mais simples juntar questões elaboradas por autores de prestígio, e de moda, e redigir um quadro teórico agradável.

As reflexões acerca do *processo de trabalho científico* na sociologia nos anos 1960 levou Verón a formular a questão crucial da **unidade e controle do processo de produção de conhecimentos:**

Não se trata necessariamente da elaboração de novos conceitos ou da criação de técnicas: a autonomia não se define por uma exigência de originalidade, ainda que esta seja por si mesma desejável. Trata-se da **unidade** do processo de trabalho científico em seus diversos aspectos, de como se articulam seus diferentes elementos e de **se o pesquisador tem ou não o controle orgânico desses componentes.**<sup>368</sup> [grifos meus]

Um parágrafo-chave do ponto de vista metodológico, que demonstra a capacidade de Verón para situar questões estratégicas. Sua **crítica à heteronomia** na prática da pesquisa em ciências sociais na América Latina, colocava os problemas centrais que deviam ser resolvidos para superar a desarticulação dos trabalhos, a dependência cultural, e a desagregação entre os diferentes momentos da pesquisa.

Prematuramente, Verón situava aspectos essenciais da problemática metodológica, a questão da *unidade da pesquisa* colocava uma orientação central sobre a **necessidade de coerência teórico-metodológica** para toda in-

---

<sup>368</sup> Ibidem., p. 214.



investigação. **Estruturar as pesquisas nas suas diferentes etapas e dimensões era um requisito formulado por Verón com profundidade e nitidez. A autonomia, necessária, com respeito aos centros de poder mundial do conhecimento,** não significava no pensamento do autor uma rejeição xenófoba aos desenvolvimentos do conhecimento nos EUA e na Europa; pelo contrário, era aproveitar esses conhecimentos reformulando-os criticamente e elaborando questões próprias.

Para uma reflexão histórica sobre os procedimentos metodológicos em sociologia utilizados na região, nos primórdios dessa área de pesquisa, é ilustrativa a classificação realizada por Verón na época:

Creio que, se agrupamos os projetos de pesquisa realizados na América Latina nos três grupos seguintes, serão muito pouco os que não possam ser classificados:

(a) **Pesquisas descritivas** destinadas a **reunir dados primários** sobre estrutura social (estratificação, mobilidade, processos de urbanização e industrialização, etc.). A metodologia destes estudos corresponde, seja à **técnica de levantamentos**, seja ao método de **análise de fontes secundárias**, sobretudo censitárias.

(b) **Pesquisas descritivas** centradas em aspectos particulares da estrutura social, aspectos que se considera importante conhecer em relação com a perspectiva geral do desenvolvimento econômico e social. A maioria se refere à **avaliação de recursos para o desenvolvimento**: (...).

(c) Pesquisas **sobre atitudes e opiniões**.<sup>369</sup> [grifos meus]

Verón teve como uma de suas facetas centrais ter sido, também, um metodólogo; a importância que concedeu à pesquisa na sua atividade intelectual exigiu esse posicionamento. Seus diagnósticos sobre a produção de conhecimentos não se limitaram a construir argumentos, ou elaborar abstrações, sobre temas determinados; periodicamente, preocupou-se pela construção de procedimentos, à crítica das técnicas e à reflexão dos métodos. Essa

<sup>369</sup> Ibidem., pp. 215-216.

preferência pela dimensão metodológica esteve presente, a meu ver, também na sua escolha pela *pesquisa administrativa* de assessoria de comunicação para grandes empresas automotivas francesas<sup>370</sup>. A formulação de modelos de pesquisa foi, reiteradamente, uma de suas preocupações centrais; com efeito, parte de sua relevância no campo da comunicação no continente teve como alicerce esse aspecto. De fato, foi um dos pioneiros da *pesquisa semiológica* dos *meios* de comunicação de massa na América Latina; independentemente de suas restrições, essa prática intelectual foi muito importante para começar a construir um campo de investigação crítico e sistemático em comunicação na América Latina.

Na sua análise da produção sociológica na região, além de classificar os tipos de pesquisa, Verón situava o modelo teórico-metodológico geral, ao qual pertenciam: “**sociologia do desenvolvimento**” norte-americana, como também os autores que elaboraram uma crítica aprofundada desse modelo<sup>371</sup>. A força dos métodos descritivos, espalhados extensamente pelo *funcionalismo*, paradoxalmente deixaram uma marca no autor. A partir de uma perspectiva diferente ao modelo *desenvolvimentista*, mas reconhecendo no plano metódico a importância da *descrição*, Verón construirá suas pesquisas inserindo essa fase. Parte de seu desencanto com a linguística e a semiologia estruturalista seria a incapacidade desses modelos para fabricar descrições afinadas do real.

Outro elemento importante dessa análise é aquele que destaca a importância que davam à dimensão psicológica, as investigações *desenvolvimentistas*; paradoxalmente, também, Verón dedicará cinco anos à pesquisa sobre *comunicação o e neurose* e a dimensão psicológica da co-

---

<sup>370</sup> Eliseo Verón: *Trabajé por ejemplo en el análisis de las modalidades de percepción de las formas de automóviles. Se generaron modelos semiológicos de descripción de formas para Renault, para Peugeot, y el análisis semiológico de las formas aparece como una fase esencial de la descripción de los nuevos productos.*; in **revista Causas y Azares**, # 3, 1995, p. 17.

<sup>371</sup> André Günder Frank, “*Sociology of development and underdevelopment of sociology*”, **Catalyst**, University of Buffalo, 5 (1967): 20-73; José Nun, “*Los paradigmas de la ciencia política: un intento de conceptualización*”, **Revista Latinoamericana de Sociología**, 2 (1966) 1: 67-97; Silvia Sigal, “*Participación y sociedad nacional: el caso de las comunidades rurales latinoamericanas*”, **Revista Latinoamericana de Sociología**, 3 (1967) 1: 4-40; Rodolfo Stavenhagen, “*Siete tesis equivocadas sobre América Latina*”, **Desarrollo Indoamericano**, 1 (1966) 4: 23-27; Pablo González Casanova, **Las categorías del desarrollo económico y la investigación en ciencias sociales**, UNAM, México, 1967.

Essas referências estão nas páginas 217-218 de **Ideologia, Estrutura e Comunicação**.

municação, o estudo do comportamento dos *sujeitos* será uma constante na sua atividade.

## A compreensão metodológica dos processos de *fundação*

Uma das formulações metodológicas centrais em Eliseo Verón é aquela que permite **estudar textos** para determinar seu caráter de **fundadores**, ou não. Verón estruturou esse procedimento como alternativa para sair da dicotomia “*ruptura*” / “*continuidade*”, muito forte nas discussões epistemológicas dos anos 60 e 70. Essa proposta de Verón procurou inserir no processo de formação de um campo de conhecimentos uma concepção que combine elementos de mudança e de acumulação de saberes, sem pensar o movimento de constituição desses saberes num dos esquemas propostos pelos modelos vigentes.

Na parte epistemológica do livro, vimos que os postulados básicos apontados pelo autor para caracterizar a problemática eram:

(...) trata-se de **compreender que o aparecimento de uma prática de produção de conhecimentos** num determinado campo do real, enquanto fenômeno histórico:

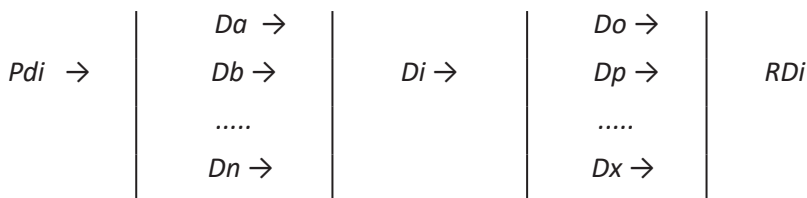
- 1) **Não tem a unidade de um acontecimento**, é um processo e não um acontecimento singular;
- 2) **Não tem a unidade de um ato**, cuja fonte seria um agente humano singularizado, portanto não têm sujeito<sup>372</sup>;
- 3) **Não tem a unidade de um lugar** ou de um espaço (mesmo textual) portanto é inútil buscá-lo “em alguma parte.”<sup>373</sup>

Para Verón foi importante, em termos metodológicos, organizar um modelo, que partindo dessas três negações, afirma-se a construção de conhecimentos como uma **rede intertextual desdobrando-se num dado período de**

<sup>372</sup> No texto reeditado em 1996 pela Gedisa, Barcelona, p. 27. Verón eliminou desse argumento a parte que diz: “*portanto não tem sujeito*”, lamentavelmente o autor não explicou essa mudança nessa publicação em espanhol.

<sup>373</sup> Eliseo Verón, **A produção de sentido**, p. 116; **La semiosis social...**, p. 27.

**tempo.** A forma sinóptica dessa rede foi desenhada pelo autor do seguinte modo:



(374)

$$\exists R (PDi) \rightarrow Di \in R(PDi) \quad \exists P (RDi) \rightarrow Di \in P(RDi)$$

Considerado um **discurso determinado** Di, esse conjunto tem como discursos que participam na sua produção o **conjunto finito** {Pdi} formado por {Da, Db,...,Dn}; portanto **Di é um discurso de reconhecimento desses discursos** que servem para sua elaboração. Por outro lado, numa outra fase, **o discurso Di gera inúmeros discursos de reconhecimento sobre si mesmo** que configuram o **conjunto {Rdi}** formado por {Do, Dp,..., Dx}; como esses discursos trabalham com base em Di, este último é parte dos discursos de produção de Rdi.

Seguindo esse raciocínio Verón formula sua proposição:

Minha hipótese é que **os textos de fundação ocupam uma posição particular no interior da rede**, a saber, a que é caracterizada por uma **distância máxima** entre a **produção** e o **reconhecimento**. Essa distância máxima não diz respeito à relação (PDi)-(Di) (...) tão pouco (sic), à relação (Di)-(RDi). Ela se refere à **relação entre tais relações**. O que é móvel e variável é a relação (PDi)-(Di) / (Di)-(RDi); é ela que encerra a dinâmica histórica do desenvolvimento do sistema de produção de uma ciência ao nível discursivo.<sup>375</sup> [grifos meus]

<sup>374</sup> Ibidem., p. 117; p. 28.

<sup>375</sup> Eliseo Verón: *Podemos, assim, da a esta hipótese a seguinte forma: um texto o conjunto de textos Di, cuja relação complexa entre a relação com as suas condições de produção e sua relação com as condições de reconhecimento apresenta uma defasagem máxima, tem toda probabilidade de se tornar um texto de fundação, ou, em outras palavras, de produzir (depois) um efeito de reconhecimento que consiste em dar-lhe o estatuto de lugar de fundação. Como*

A hipótese de Verón foi o resultado de sua mudança paulatina, na primeira metade da década de 70, para uma perspectiva centrada na lógica do *reconhecimento*. A impossibilidade de avançar num rumo orientado na análise formal semântica, linguística e gramatical; combinada com a crise dos modelos clássicos de pensamento social a partir de 1968, levou o autor a um posicionamento voltado para a problemática do *reconhecimento*, da *receptividade*.

Foi assim, que o complexo de relações que definiu como *lugar de fundação* teve como ponto de partida o *reconhecimento*, realizado por leitores, outros pensadores, do discurso o do conjunto de discursos considerados fundadores. Numa perspectiva metodológica, isso supõe que é necessário pensar e construir procedimentos de pesquisa sobre os processos de *reconhecimento*. Em primeiro lugar, pelo atraso com respeito aos estudos de *produção*, que historicamente os antecederam; e, em segundo lugar, porque na lógica de Verón eles deveriam ser o ponto de partida da problemática, o que implica a construção de métodos relacionais para vincular gramáticas, momentos e realidades diferentes: *produção* e *reconhecimento*.

Na formulação dessa hipótese está presente o *critério relacional*, adotado por Verón do método estruturalista, e que conservou durante toda sua trajetória. Por outra parte, os seus fundamentos sociológicos evitaram que se tenta oferecer uma *explicação interdiscursiva*; o por quê da *distância máxima* entre o conjunto de produção e o de reconhecimento, para o autor é um problema histórico-sociológico<sup>376</sup>, não é um assunto interno à problemática particular de um conjunto Di. A meu ver, é interessante, numa ótica metodológica, essa perspectiva, no sentido que ela concebe a produção de conhecimentos como um sistema produtivo social, historicamente condicionado, que tem um passado concreto, formado por elementos identificáveis que podem ser pesquisados, relacionados e compreendidos nas suas relações com uma problemática determinada.

---

já disse, o **porquê** dessa distância máxima, num dado momento, não pode ser encontrado nos próprios discursos, porque essa distância é **definida** como uma relação (complexa) entre relações interdiscursivas; in Eliseo Verón, **A produção de sentido**, p.120; **La semiosis social/ fragmentos de una teoría de la discursividad**, p. 31.

<sup>376</sup> Eliseo Verón, idem., pp. 120-121: *Como já disse, o porquê dessa distância máxima, num dado momento, não pode ser encontrado nos próprios discursos,(...).*

**É sempre do lado das condições objetivas históricas, extradiscursivas (que fazem parte, precisamente, das condições de produção, circulação e reconhecimento de um dado discurso) que se impõe buscar a explicação.**

A **concepção histórica é crucial nesta proposta de Verón**. Primeiro, porque **analisa o processo de estruturação** (produção) de um discurso mediante a **investigação das condições** que o conformam; depois, porque realiza um estudo a respeito do reconhecimento, efetivado por autores que analisam o discurso Di, como parte de sua produção; o tempo histórico também é importante nesse aspecto. O objetivo de Verón de caracterizar a *rede interdiscursiva*, que esses conjuntos formariam, é um trabalho de pesquisa teórica, que depende das perspectivas epistemológicas.

Metodologicamente resulta importante o posicionamento de Verón ao negar a existência de *fundadores*, de *lugares* e de *acontecimentos de fundação*. É como si Verón necessita-se romper radicalmente com as qualidades próprias de uma construção paradigmática; como se precisa-se negar os elementos internos do discurso Di, suas relações, sua capacidade lógica, sua riqueza conceptual, sua economia e sua abrangência. Ao buscar criticar os purismos e as falsas autenticidades dos analistas da “ruptura” e da “continuidade”, nega a importância do processo de produção, que não é dada só pelas influências de outros discursos, mas, também, pelas características da sistematização, da argumentação, da exposição e da organização conceitual do conjunto em referência.

## O sujeito produtor de conhecimentos e os tempos longos

Ao negar a validade de uma análise interna, nega também a importância do *produtor*, do **sujeito histórico** que configurou um conjunto de competências teórico-metodológicas que o transformaram num cientista. Nesse sentido, a concepção de Verón que pensa o cientista como um simples *suporte*, atravessado pelo tecido intertextual, é insustentável, porque o sujeito histórico *autor* é parte importante das condições históricas que permitiram uma produção determinada. Na história da ciência, e no sistema produtivo da ciência, as condições são criadas pelos homens com base nas características culturais, históricas, econômicas e sociais de uma determinada *formação*; porém, esse sistema não é condição suficiente para gerar conhecimento.

A **sociedade precisa formar produtores de saberes**, motivá-los, treiná-los, liberá-los para uma prática criativa de conhecimentos. A problemática

das fundações, das invenções, da organização de um campo de saberes tem como *sujeito-chave* de sua realização a espécie humana; o produtor concreto que marca com sua realização estética a obra. Isso não significa que precisemos saber a vida íntima do autor, mas sim suas características pessoais como pesquisador; seu percurso histórico; as comunidades científicas nas quais participou; suas relações com outras escolas, autores e correntes de pensamento; seus percursos, suas mudanças e suas continuidades; seu posicionamento ético-político com respeito aos problemas essenciais da humanidade.

A transcendência de um modelo teórico, de um pensamento, de fato —é obvio— tem a ver com sua presença histórica por um longo período de tempo; o teorema de Pitágoras, por exemplo, com seus mais de 2.500 anos de história expressa muito bem essa realidade e confirma a hipótese de Verón. Porém inúmeros preconceitos sociais têm muitos mais séculos de história, de presença forte nas sociedades; é ilustrativo, nesse sentido, aquele preconceito paradigmático que afirma que o *poder* deve ser controlado por uma minoria ínfima; ele estruturou-se produzindo um vasto campo de *efeitos de sentido* na maioria das comunidades acadêmicas e de cidadãos no mundo contemporâneo. Todas essas ideologias são formas retóricas que para garantir seu *discurso profundo*, perverso, devem evitar sistematicamente o desdobramento crítico que Verón concebe como necessário para o discurso científico.

No plano formal, Verón necessita de um apoio em notações matemáticas para enunciar sua hipótese; novamente, suas construções formais não conseguem vincular argumentativamente códigos e corpus conceptual, como acontecia com seus esquemas de *semântica estruturalista*. Verón expõe sua hipótese, mas ela está separada por um abismo dos argumentos que deveriam sustentá-la; o problema maior é que as condições históricas são reduzidas aos paradigmas que influenciam tal o qual conjunto de discursos. A hipótese central de *fundações* é uma afirmação descritiva que enuncia uma *distância máxima*, uma *tensão máxima*, entre conjunto de discursos de produção e conjunto de discursos de reconhecimento, sem explicar o porquê desse fenômeno. Na nossa perspectiva, ele só é possível pelas condições sociohistóricas extratextuais nas quais o discurso é construído.

Eliseo Verón propõe a partir de sua hipótese dois procedimentos de leitura, uma *leitura da produção* dos textos, dos discursos e uma *leitura do reconhecimento* (dos *efeitos*); desse modo evitar-se-ia uma *leitura “frontal”* que

produz confusões. Seu método é um **“método diagonal”**, para observar e construir logicamente os elementos essenciais, que constituem um discurso, o pesquisador deve olhar de viés, evitando embaralhar a visão profunda do objeto<sup>377</sup>.

O interlúdio visual serviu de analogia mental crucial para conceber a pertinência de um **“método oblíquo”**; com efeito a **partir de 1975** Verón passaria a realizar suas pesquisas seguindo a **lógica de produção e do reconhecimento**, como dois dimensões distintas e importantes na compreensão dos discursos. Parece que a **metáfora da confusão no olhar defronte** marcou fortemente o autor, porque de fato os vínculos dinâmicos entre uma e outra “gramática” são um problema que não foi desenvolvido; de fato essa lógica dinâmica é muito complexa, o que explica em geral a dificuldade de estabelecer procedimentos e relações sobre esse campo.

## O procedimento de análise de discursos

Numa perspectiva metodológica é importante considerar que para Verón a noção de **discurso** configurou-se como um *conceito teórico* central da sua metodologia; não foi definido como um objeto de estudo, e sim como um **“modo de aproximação ao texto, um modo de manipulação ou de abordagem do texto.”**<sup>378</sup>. Por conseguinte, o *discurso* na concepção de Verón sobre

---

<sup>377</sup> Eliseo Verón: *Já faz alguns anos, encontrei na casa de amigos um objeto que me parece, hoje, poder ser tomado como uma espécie de concretização, uma espécie de imagem (com certeza simplificada), não de uma fundação, mas, antes, da natureza dos textos que fazem parte de um processo de fundação.* → *Tratava-se de um quadro, cuja superfície de vidro, ou de plástico, parecia lisa, mas que não era: na realidade era feita de pequeninos sulcos verticais, de sorte que, olhando-se o quadro com os olhos colocados à altura da borda superior ou inferior, não se via uma linha mas um perfil dentado. Todas as faces internas dos sulcos, orientadas num sentido, continham os fragmentos de um desenho; as faces orientadas noutro sentido continham os fragmentos de outro desenho. Conforme a inclinação imprimida ao quadro, era possível perceber um ou outro desenho, com uma infinidade de posições intermediárias onde os desenhos se misturavam. Uma vez preso à parede, olhando-o da extrema esquerda ou da extrema direita. é que se obtinham, respectivamente, as imagens mais nítidas de um e de outro desenho. Passando diante do quadro tinha-se a ilusão de que um desenho, pouco a pouco, transformava-se noutro. Postando-se, pelo contrário, bem defronte ao meio do quadro, não se via nada: uma confusa mistura dos dois desenhos;* in E. Verón, **A produção de sentido**, p. 125; **La semiosis social...**, 36.

<sup>378</sup> Eliseo Verón, **Semiosis de lo ideológico y del Poder/ La mediatización**, 2a. ed., Buenos Aires, Oficina de Publicaciones del CBC-UBA, 1997, P, 70. [tradução minha]



*mediatização* é um *método de estudo* e de *análise* dos textos. O texto é um conceito empírico que designa pacotes de linguagem, como vimos na parte teórica, o autor considera como **textos** os **objetos escritos, orais, visuais, acústicos, espaciais, corporais etc.**

Segundo a perspectiva de Verón um texto não tem *unidade* porque ele pode someter-se a várias análises: **“Un texto tiene múltiples marcas que remiten a niveles de determinación y a sistemas de causalidad diferentes.”**<sup>379</sup> [grifos meus]

Assim, no mesmo texto podemos realizar análises históricas, psicanalíticas, sociológicas, gramaticais etc. Para o autor, o **problema não é a ausência** de modelos de leitura, o **problema é o excesso** e a **seleção arbitrária** do modelo:

La cuestión que se plantea es por qué a este texto hay que aplicarle un modelo de relato, por ejemplo, si hay docenas de modelos. (...)El problema es contar con un **critério** que nos permita distinguir los análisis que resulten verdaderamente interesantes.<sup>380</sup> [grifos do autor]

A **existência de várias marcas e causalidades** demonstra que **o texto é um objeto multidimensional**; portanto, uma primeira orientação, para começar a definir critérios, é considerar essa **diversidade** lógica, estrutural, enunciativa como importante para defini-los. Uma segunda orientação metódica, invariante no autor através dos anos, é que não é possível analisar um texto só, **precisa-se analisar vários textos**:

(...) el único principio metodológico capaz de resolver este problema de la multidimensionalidad es el **principio de la diferencia**. No puedo decir gran cosa de un texto, justamente porque puedo decir demasiadas.<sup>381</sup> [grifos meus]

<sup>379</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>380</sup> Ibidem., p. 72.

<sup>381</sup> Ibid., p. 73: *Lo que si puedo decir es que es diferente de otro, y puedo describir esa diferencia. (...) El principio consiste en afirmar que tengo un texto con multiplicidad de propiedades que yo sé bien como analizar o a cuáles atribuir mayor importancia, y que sólo poniendo junto a este texto un segundo texto -esto es una metáfora- se me revelarán las propiedades del primero.*

A experiência de nossa pesquisa sobre *corpus teóricos latino-americanos*, confirma a pertinência do *princípio da diferença* e o da *comparação*, tanto entre vários autores quanto do autor nas suas diferentes obras, etapas e proposições.

O método de Verón desenvolve-se organizando os critérios de seleção comparativa, porque qualquer comparação não é garantia de aprofundamento, ou de articulação de questões importantes. A **multidimensionalidade** e a **diferença** complementam-se com o esquema da “**unidade mínima de funcionamento de um tecido discursivo: um discurso (geralmente um corpus discursivo complexo), as condições de produção e as condições de reconhecimento**”.<sup>382</sup> A análise do discurso remete-se, assim, à concepção de *fundações*; para Verón esse método supõe colocar o discurso em relação com suas **condições de produção ou com suas condições de reconhecimento**. Assim Verón ampliou sua compreensão epistemológica do **processo de fundação**; o que se iniciou como uma estratégia para pensar textos teóricos, expandiu-se para pesquisar textos midiáticos. O autor afirmava que não é adequado estabelecer relações com os dois tipos de condições porque resultaria sumamente complicado. Desse modo, anula a possibilidade prática de realizar uma análise comparativa entre *produção e reconhecimento*; as possíveis relações entre as características de construção de uma *telenovela*, por exemplo, e os *campos de sentido* produzidos pelos *públicos* a partir da sua circulação.

A caracterização das propriedades das *condições de produção* e de *reconhecimento* foi resolvida por Verón mediante a definição de um instrumento mediador: **gramática**:

Aquí “**gramática**” no tiene un sentido técnico, sino de “**saber un conjunto de reglas de un determinado arte**”, reglas que describen **operaciones** que permiten formular la manera en que el discurso es engendrado en su producción. Y según el punto de vista, esas reglas pueden verse como una descripción de **propiedades** o de operaciones.<sup>383</sup> [grifos meus]

<sup>382</sup> Ibidem., p. 74. [tradução minha]

<sup>383</sup> Idem., p. 74: *Descripción de propiedades en el sentido de que, de algún modo, habrá que caracterizar los elementos que identifican un texto; y operaciones, porque esas reglas, que desde cierta perspectiva son descriptivas, se pueden considerar de inmediato como reglas productivas, ya que, si las aplico, obtengo otro texto del mismo tipo. (...) un conjunto de reglas que describe las propiedades pertinentes a cierto discurso, en realidad define una **clase**.*

Desse modo, o estudo das *operações* de produção de um texto permitem estabelecer invariantes que definiriam *propriedades* de uma *classe* determinada de textos; se identificamos e aplicamos corretamente essas regras então estamos em condições de produzir um novo texto com as mesmas características; portanto, o **conhecimento metodológico de uma gramática** nos permite **produzir textos** e expressa o caráter de **eficácia** desse conhecimento. Lembremos que essa linha epistemológica já estava presente no Verón que aplicava os esquemas linguísticos dos eixos *combinativo* e *substitutivo* de Jakobson. A diferença é que, nesse caso, partia-se de estruturas e funções gerais, *a priori*, que os textos deveriam expressar. Na *análise dos discursos* se parte da pesquisa empírica, construindo *componentes, operações e propriedades* no estudo concreto desses produtos complexos; as *condições de produção* são caracterizadas mediante o conhecimento dos elementos que participam numa enunciação, das operações realizadas para construí-la e das propriedades verificadas nessa análise sistemática.

Seguindo esse raciocínio **toda “gramática” é incompleta**, porque ela não pode dar conta do conjunto do texto, dado que ele é multidimensional e possui invariantes que uma perspectiva determinada não registra (uma leitura política não se ocupará de questões gramaticais, por exemplo). Verón nomeia as zonas não contempladas numa gramática determinada como *“arbitrárias”* com respeito a ela. Esse caráter incompleto de toda *“gramática”* é importante, no pensamento do autor, porque permite **limitar o alcance das análises** impedindo um exercício analítico até o infinito.

Com respeito a análise das *condições de reconhecimento*, Verón aponta a complexidade dessa outra dimensão, distinguindo que no reconhecimento não temos uma gramática senão várias: *“...en diferentes sectores de la estructura social la recepción va a ser diferente.”*<sup>384</sup>. Conseqüentemente não temos correspondência de gramáticas entre produção e reconhecimento; existe a *defasagem* e a *assimetria* verificadas por Verón, que leva à necessidade de formular ***famílias de gramáticas do reconhecimento***; esse é um campo de pesquisa, muito mais complexo, não

<sup>384</sup> Ibidem., p. 77.

desenvolvido por Verón que corresponde em comunicação à pesquisa de *recepção*<sup>385</sup>.

Outra ruptura teórico-metodológica importante, no autor, é derrubada das fronteiras entre análise semântica, análise sintática e análise pragmática; para Verón na *análise de discursos sociais* os conjuntos de regras são híbridos, portanto os invariantes podem se referir a questões pragmáticas, sintáticas ou semânticas que serão indiferentes para esse método. A necessidade de classificação nesse formato da lógica formal e da linguística, não tem sentido para o novo modelo de Verón; o que é importante, é considerar que **as unidades de análise da linguística e dos discursos sociais não coincidem:**

Entonces, desde el punto de vista de la **discursividad social** las **unidades pertinentes son totalmente heterogéneas e híbridas** como unidades de análisis(...) <sup>386</sup>[grifos meus]

O estudo empírico dos produtos dos meios de comunicação fez compreender ao autor que os programas, mensagens, produtos ou textos, como ele os denomina, na comunicação social contemporânea são objetos complexos que combinam formas de comunicação, códigos, artes, gramáticas, enunciações constituindo-os em realidades inabordáveis numa perspectiva exclusivamente linguística.

## Proposta precursora de uma necessidade transmetodológica

Outro aspecto metodológico muito importante, sublinhado por Verón é que **as relações entre o discurso e suas condições de produção não são**

<sup>385</sup> Isso não significa que Verón não tivera realizado pesquisas em *recepção*, uma parte de suas investigações administrativas foram com empresas para as quais teve que formular problemas de *reconhecimento* (Renault e Peugeot, por exemplo): “Trabajé ...en el análisis de las modalidades de percepción de las formas de automóviles. Se generaron modelos semiológicos de descripción de formas para Renault, para Peugeot, y el análisis semiológico de las formas aparece como una fase esencial de la descripción de los nuevos productos.”; in **revista Causas y Azares**, # 3, 1995, p. 17. Lamentavelmente esses modelos não constam nem nos livros, nem nos artigos de Verón até 1997; como esses trabalhos foram feitos a partir de começo dos anos 80 resulta estranho no contar com esses modelos. O mais provável é que sejam considerados segredo econômico.

<sup>386</sup> Eliseo Verón, **Semiosis de lo ideológico y del poder/ La mediatización**, p. 80.

**relações deterministas**; ele não considerava que, dadas certas condições, necessariamente terá que produzir-se um texto e só esse. Ao afirmar que existe **uma gramática da produção**, e não várias, está definindo o processo produtivo organizado, sistêmico, mediante um conjunto de regras, operações e propriedades; isso não significa que dadas essas mesmas condições sempre se fabrique o mesmo texto, mas sim uma *classe de textos*.

O quadro teórico de referência da formulação do modelo metodológico nomeado **análise de discursos sociais** (versão Verón) é, como já apontamos, a **semiótica de Peirce** e o **modelo ternário de Friedrich Frege**. Verón combinou esses dois modelos de produção, no seu arranjo, e estruturou um *método analítico*; constata-se que o procedimento *comparativo-diferencial* se fundamentou na **noção de rede discursiva**, como condição necessária para poder falar de um texto (Peirce); na necessidade de contar com uma *dimensão referencial* na análise e na produção de sentido.

O **“método diagonal”** proposto por Verón fundamenta-se na proposição *peirceana* de que um signo não pode nunca representar a totalidade de um objeto, sempre o representa numa perspectiva determinada. A visão frontal do objeto, (*confusa*) em Verón, equivaleria ao *objeto imediato* de Peirce; o **objeto dinâmico** só pode ser enunciado e caracterizado, no raciocínio Peirce-Verón, a partir da **interdiscursividade**, a **construção do objeto só é possível considerando os vários discursos ou perspectivas que o concebem**. O objeto pensado necessita da *semiose* para sua existência, ele expressa na sua configuração a interdiscursividade que o simboliza. Desse modo Verón, sem explicitá-lo, constitui-se num **precursor da necessidade epistêmica transmetodológica em comunicação**.

Na perspectiva dos efeitos de reconhecimento; se bem não temos um efeito único, também não são completamente *indeterminados*, é possível relacionar os efeitos de sentido com as propriedades do discurso. O efeito nunca é arbitrário e depende das estratégias de enunciação; nesse sentido, a caracterização das *operações* de construção dos textos, das propriedades de seus elementos, oferece pistas para compreender o *campo de efeitos de sentido*.

No modelo *veroniano* dos discursos sociais a classificação das dimensões dos textos em *indiciais, icônicas e simbólicas*<sup>387</sup>, seguindo a Peirce, permite-lhe organizar diversos tipos de características de apresentação dos signos. Verón teve uma distinção forte com a concepção de Peirce referente à ordem indicial, que na ótica de Verón é existencial, de contato, e na de Peirce é analógica, de similaridade. Por meio desse recurso Verón conseguiu descrever os comportamentos, os corpos e os gestos como signos. Seu velho problema sobre o significado da *ação* tem uma saída concreta nesse esquema; **para Verón o indicial é existencial não-analógico**, e a ordem do **contato**, da **proximidade** e do **afastamento** (tem a ver com sua antiga classificação de signos metonímicos). Esses elementos definiam o “*contato com o receptor*”<sup>388</sup>, por isso pensava em termos de dimensões e não de tipos; **a ordem indicial historicamente é a mais arcaica, marca o ingresso dos sujeitos no universo simbólico. A dimensão indicial é condição histórica para a existência das outras dimensões**; existe em todo tipo de discurso, na escrita Verón coloca a diagramação, os tipos de letra, os tamanhos, as cores, etc. como elementos de contato com o *receptor*<sup>389</sup>.

A importância que Verón outorga à *ordem indicial* penso que está justificada pelo alto investimento que observamos no *indicial* nos programas de TV,

<sup>387</sup> Eliseo Verón, (...) **La mediatización**, pp. 88-89: *Vamos a pasar a la cuestión de las materias, relacionada con la distinción entre símbolo, ícono e índice. Todo signo comporta tres dimensiones, un orden simbólico, un orden icónico y un orden indicial. No quiere decir que un signo sea símbolo o ícono o índice, sino que las tres dimensiones están presentes en cualquier signo (...) Desde el punto de vista de Peirce es el orden de relaciones de significación que implican relaciones existenciales. En el caso de la dimensión simbólica, es el orden del arbitrario lingüístico, que para Peirce es el orden de la ley, de la necesidad. El orden icónico es el de la imagen que funciona por similitud en una relación de representación y el indicial es el orden existencial -para dar un ejemplo banal- porque el humo es índice del fuego. Hay una relación causal de términos. Pero lo que parece importante es que el orden indicial es esencialmente todo el universo significante del comportamiento, el universo en tanto soporte de la discursividad.*

(...) Peirce habla mucho de ese orden indicial, pero por desgracia lo llama analógico, y de ese modo resulta muy confuso. (...) Todo el orden de los gestos, que los norteamericanos llaman “proxemia”, el orden de los códigos gestuales pertenece a la esfera del índice, porque es el orden del contacto. Por eso el factor fundamental de este orden es lo que puede llamarse el **cueroo significante, el orden de la corporeidad.**

(...)la relación indicial no funciona sobre el principio de la similaridad (...) Hay una relación existencial. Pero todas las relaciones (por eso hablo de “contacto”, que es en cierto modo el régimen topológico de la significación) de proximidad y alejamiento pertenecen al orden indicial.

<sup>388</sup> Ibidem., p. 90.

<sup>389</sup> No ao nível de dimensão, mas de função Roman Jakobson definiu a *função factual* da linguagem que servia para manter o contato, o exemplo típico na fala são os cumprimentos.

nos jornais, nos noticiários etc. As *matérias significantes* estão formadas por composições complexas das ordens *indicial, icônica e simbólica* que adquirem importância dependendo do *contexto* no qual se situam.

No modelo metodológico de Verón corpos, gestos, olhares, espaços, movimentos, cenários são inseridos na ordem do contato com o *receptor*. A força de essa ordem estaria na sua importância histórica, arcaica, que possui profundas marcas nos sujeitos, na sua estrutura cerebral, o que condiciona o resto das ordens materiais. O **alto investimento** feito pelas indústrias de comunicação no **contato com os públicos** se explicaria desse modo. A partir de aí Verón argumenta a supremacia da *enunção* (do modo) com respeito ao *enunciado*; por outras palavras, as **operações de construção** de um discurso devem considerar como básica para sua realização a **ordem do contato, do modo** e das **formas**, que ao expressar um mesmo enunciado variam profundamente seu significado.

O percurso metodológico de Verón nos seus *discursos sociais* levou-o a procedimentos menos formais na dimensão metódica, mas simultaneamente exclusivistas na dimensão teórica (Peirce, principalmente). Sua cosmovisão reduziu-se a questões pragmáticas, a análises concretas e a problemáticas pontuais. Paradoxalmente, como sublinhamos em outras passagens, **no plano metodológico suas análises foram mais livres**, não teve problema em construir conceitos operativos definir *públicos* como *coletivos plurais* (cidadãos, obreiros, elementos fragmentários), *coletivos de identificação* (vínculos entre o enunciador e o destinatário), *coletivos singulares* (-não fragmentáveis-, república, Estado, povo, tradição etc.).

Ao pesquisar os programas políticos e suas estratégias, definiu **componentes operativos** muito interessantes numa análise discursiva: componente *distintivo* (dimensão histórica, enunciador depositário do saber do passado, presente e futuro; intervenção numa linha temporal). **Componente didático** (função referencial; relação do discurso político com o real; anuncia as verdades absolutas, gerais). **Componente** da ordem **do dever** (de modo explícito supõe a exortação); **componente programático** (ideal imaginário; o poder fazer)<sup>390</sup>.

<sup>390</sup> Eliseo Verón, op. cit., p. 116.

Examinávamos nas pesquisas realizados por Verón, nas décadas de 1960 e 1970, uma forte dose de *formalismo*, que se expressava em esquemas semânticos e semiológicos de forte estruturação construtiva. Existia uma separação muito grande entre a dimensão teórica (que na época era transdisciplinar, abrangente, macrosociológica e crítica) e as dimensões metodológica e técnica. Os métodos eram detalhistas, tecnicistas, especializados, e não permitiam *arranjos* próprios, a partir das suas problematizações. Nesse aspecto, os modelos de Verón eram contraditórios com seus postulados cientificistas, porque a fase descritiva da pesquisa não oferecia nenhuma ponte argumentativa para vincular-se com a teoria. As interpretações sociológicas, muito importantes e abrangentes, partiam dos quadros teóricos que Verón paralelamente trabalhava, mas não possuíam uma inter-relação lógica interna no desenho da pesquisa.

Do lado teórico Verón era um autor aberto, que combinava vários paradigmas com flexibilidade, procurava relações, vínculos, complexidades entre várias disciplinas e modelos de pensamento; do lado metódico, era um sociólogo/antropólogo estruturalista, um semântico formal, um psicólogo sistêmico, que aprisionava as ideias em esquemas fechados.

A crise da *semiologia*, do *marxismo*, do *estruturalismo* e do *funcionalismo*, que explodiu em finais dos anos 1960, levou Verón a um posicionamento teórico cada vez mais fechado; tornou-se cético em face à crise dos seus referentes teóricos, e situou-se no “espaço seguro” da semiótica de Peirce; teoricamente fechou seu leque para Chomsky, Frege e Peirce. Os referentes antropológicos, psicológicos, sociológicos foram deixados de lado. Verón tornou-se o semiótico que concebia o social ao interior do discurso (*ethos* articulador da existência), porém rejeitava as explicações sociológicas, antropológicas, filosóficas, históricas, econômicas, gerais. A semiótica é, na sua lógica, a dimensão fundamental constitutiva do social. Por isso, conseqüentemente sua escolha para estudá-la.

Na dimensão metodológica suas análises da programação da mídia tornaram-se mais interessantes, suas construções mais livres e inovadoras, seus modelos instigantes e fecundos. Penso que uma pesquisa crítica do *método de Verón* pode suscitar problematizações importantes para a pesquisa em comunicação; seu potencial e vigor têm contribuído e podem contribuir para produzir orientações e procedimentos fecundos, mediante problemáticas com transcendência sociocultural e política abrangentes.





# CONSIDERAÇÕES DERRADEIRAS



Escrevo estas páginas em inícios da terceira década do século XXI, passaram-se setenta anos daquela época em que o jovem Eliseo Verón iniciou sua jornada intelectual, investigativa, existencial e histórica como germinador latino-americano da área de ciências da comunicação. Neste livro mostram-se facetas, realizações, linhas de investigação, argumentos e visualizações epistemológicas sobre um campo de pesquisa e de estudos, que Verón construiria como um *autor/fundador*, dado que se constituiu em um sujeito histórico articulador de um relevante conjunto de produções teórico-metodológicas, que têm sido reconhecidas como bases gnosiológicas para instituir o campo. Concomitantemente sua produção, durante mais de meio século, gerou um conjunto importante de *discursos de reconhecimento* no Brasil, na América Latina e na Europa, que o distinguem como um *pensador de referência* no campo das ciências da comunicação internacional.

Nesta parte final do livro *Teorias da comunicação na América Latina: enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón*, vamos inter-relacionar argumentos construídos nas três primeiras partes com produções-chave realizadas pelo autor no século XXI; assim, buscamos atualizar perspectivas e fundamentos; como também, procuramos mostrar renovações e ampliações argumentadas por Verón.

Nossa problematização vai iniciar seu percurso argumentativo em diálogo com o texto, de Verón, publicado pela revista *Matrizes*, da ECA-USP, o título expressa o retorno do autor a um posicionamento interdisciplinar: *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*.<sup>391</sup> Nesse texto publicado em junho de 2014, dois meses após seu falecimento, Eliseo Verón mostrou-se na sua compreensão antropológica de longa duração, que tão fortemente nos expressou entre os anos 1960 e 1980. A *midiatização* deixou de estar restrita ao *tecnicismo* das máquinas, dos discursos e dos sistemas modernos; e, passa a compreender aquilo que temos fundamentado em nossas propostas *transmetodológicas* como o *ethos comunicacional*; quer dizer, o mundo da vida construído pela espécie humana durante um longo período histórico, mediante o magnífico recurso existencial à *invenção*, graças a um magnífico exercício de produção de inter-relações e de resolução de problemas entre nossa espécie, a natureza e o cosmos. A sobrevivência, a resistência, e a construção de mundos culturais/artificiais, entre

---

<sup>391</sup> VERÓN, Eliseo. *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. **Revista Matrizes**, v.8, n.1, p. 13-19, jan.-jun. 2014.

eles o estratégico *mundo da comunicação social*, foram possíveis porque nos autoconstruímos como cérebros capazes de inventar,<sup>392</sup> de produzir *experiências mentais*, de estruturar, neurologicamente, um tecido capaz de gerar linguagens articuladas, e uma estrutura corporal adequada à exploração do *tempo/espaco mundial*. É esclarecedor, nesse sentido, observar as migrações de nossos ancestrais da África para Ásia, Europa e América, e compreender como, esses *caminhantes incansáveis*, aprenderam uma das chaves cruciais do método: *não há caminhos, se faz caminhos ao caminhar*, como no século XX o grande poeta Antonio Machado o expressaria de modo magistral.

Pelo conhecimento sistematizado até o momento, temos aproximadamente dois milhões e meio de anos de produção de ferramentas como espécie, Verón assinala esses inícios, no texto da *Matrizes*, como referente para esse longo período histórica de geração da *semiose humana*; de fato, hoje com o concurso da *ciberarqueologia* e de um conjunto de *transdisciplinas*, que combinam de modo fecundo conhecimentos tecnológicos de várias áreas, a aproximação aos processos históricos concretos é muito mais afinada que no passado recente.<sup>393</sup> Em termos comunicacionais, Verón retoma sua compreensão antropológica iniciada no laboratório de Lévi-Strauss, situa a *cultura* como categoria estratégica para pensar a *mediatização*, amplia seus pensamentos incluindo aspectos *históricos* na problematização, e avança em termos geográficos e físicos ao introduzir na sua reflexão o componente crucial do *tempo/espaco*, e o da aceleração do *tempo histórico*.

É importante, nesse texto de Verón<sup>394</sup> (2014, p. 16)), analisar a *ruptura* que realizou com respeito à sua definição de *comunicação* e *mediatização* delimitada no formato computacional-discursivo; se bem, continuou restringindo a compreensão das problemáticas do conhecimento (necessariamente transdisciplinares) aos esquemas triádicos de Peirce; é muito importante a sua reformulação, por considerar que os *dispositivos técnico-comunicacio-*

---

<sup>392</sup> HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **A vantagem humana**: como nosso cérebro se tornou superpoderoso. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. NICOLELIS, Miguel. **Muito além do nosso Eu**: a nova neurociência que une cérebro e máquinas- e como pode mudar nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>393</sup> SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. *Identificação e descrição das primeiras ferramentas de controle contábil através da ciberarqueologia*. Revista **Sociabilidade, contabilidade e gestão**, v. 13, n. 1; jan./abr. 2018

<sup>394</sup> VERÓN, Eliseo. Idem. Ibidem, p. 16.

*nais* foram configurados pela humanidade, em vários períodos de invenções históricas, e que esses dispositivos podem ser compreendidos de maneira pertinente como *MEIOS*.

Nessa proposta de Verón, os *Meios* operam através dos dispositivos técnico-comunicacionais, que se inventam e influenciam de modo *não-linear*, *mas transversal sem equilíbrio* nas sociedades; por outro lado, retomou a noção de *retroalimentação*, que tanto destacaria<sup>395</sup> quando foi transferida da cibernética para a linguística; também, mostrou o *campo de efeitos* socioculturais produzidos pela invenção das distintas tecnologias midiáticas nas sociedades históricas. Os seus pensamentos derradeiros levaram-no a argumentar, sobre como os *processos de comunicação mediados por um dispositivo técnico*, e a comunicação humana em geral, são *não-lineares* em todos os seus níveis; desconstruindo assim uma tentativa anterior, sua, de compreensão cibernética da comunicação humana. Essa ilusão tecnicista, muito forte na trajetória de Verón, nos seus pensamentos finais vai ser questionada; apesar de ser preponderante em diversas comunidades contemporâneas de teóricos da comunicação.<sup>396</sup>

Nas reflexões finais de 2014 Verón retomou pensamentos sobre a *[des] contextualização*, e a persistência dos discursos e dos significados no tempo histórico. Para o autor, a inter-relação *emissores/receptores* foi um eixo de argumentação importante; nessas últimas reflexões insistiu sobre a *autonomia* das gramáticas dos *suportes/componentes* discursivos (*receptores*); e destacou a propriedade de *persistência* dos discursos, graças a sua base material de existência. A marca *materialista histórica* também se atualizou, quando Verón sublinhava a presença do *conflito*, de uma interminável disputa entre grupos sociais confrontados na história da *midiatização*, na tentativa do que, ele, compreendia como a *estabilização dos sentidos*, processo que considerava destinado ao fracasso. Nessa linha, destacou a crescente complexidade dos fenômenos de comunicação; e, simultaneamente, negou a pretensão moderna da institucionalização do *consenso*, vigorosamente argumentada por Habermas.<sup>397</sup>

São instigantes e renovadores os questionamentos de Verón sobre a *descontextualização*, porque ampliaram esse modo de operação e de potencialidade a todo tipo de produção simbólica, e não só a midiática. Nesse sen-

<sup>395</sup> JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: CULTRIX-EDUSP, 1970.

<sup>396</sup> VERÓN, Eliseo. Idem. Ibidem., p. 17

<sup>397</sup> HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

tido, abalizou como a linguagem oral humana, desde tempos imemoriais, já podia sair dos enquadramentos do *tempo/espaco* físico. Assim complementou sua reflexão mostrando como os fenômenos midiáticos, necessariamente, materializam a *ruptura* e produzem a *distorção* do *tempo/espaco*. Nesse texto, retomou também a questão das inter-relações entre psique e sociedade, argumentando sobre o distanciamento pronunciado entre essas duas dimensões a partir das invenções dos dispositivos técnicos da comunicação. É muito instigante observar como essas preocupações, que foram centrais na pesquisa *comunicação e neurose* (1965-1970), se atualizaram e complementaram nesses pensamentos derradeiros; nessa ótica, salientou sobre a necessidade da presença de *sistemas psíquicos* na nossa espécie, como pré-condição para a existência dos fenômenos midiáticos, em contraposição ao seu deslocamento anterior que excluía os aspectos psíquicos das problemáticas comunicacionais. Também, enfatizou sobre a importância dos *sistemas psíquicos* ao situá-los como pré-condição dos sistemas sociais, e finalmente apontou a necessidade dos fenômenos midiáticos como pré-condição dos *sistemas sociais complexos*. Nesse aspecto deu coerência e continuidade a sua concepção que afirmava o primado da *dimensão semiótica* como articuladora e estruturadora das sociedades.

Para avançar na análise da obra de Verón, a continuação, vamos focar no livro *Fragments de um tecido*, publicado em 2004, que teve o propósito, característico em Verón, de atualizar um conjunto de textos publicados em períodos anteriores, que os considerava representativos do seu pensamento. Esse trabalho, também, concretiza um processo de cooperação teórica e investigativa no Brasil que daria como resultado a conformação do CISECO (Centro Internacional de Semiótica e Comunicação), projeto muito importante para Verón, e que o acompanharia até o final da sua vida. O vínculo com a comunidade de pensamento brasileira data desde os anos 1960, conforme analisamos nas três primeiras partes do livro, essas relações tiveram com lugar de encontro o Seminário de Verón na EHESS – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris.

Na apresentação de *Fragments (...)* Verón explicita que selecionou para essa publicação textos produzidos entre 1971 e 1994. O período abrange o intervalo problematizado por nós nas partes epistemológica, teórica e metodologia deste livro; contudo, oferece algumas concretizações que nos permitem afinar análises e compreensões sobre a perspectiva de pensamento construída por Verón.

Nossa reflexão e análise se concentra no capítulo 11, intitulado *As mídias na recepção: os desafios da complexidade (1991)*, que expressa bem a postura investigativa e teórica do autor em relação à problemática dos sistemas midiáticos na sua inter-relação com os *públicos*; como também, confirma a centralização de sua produção em pesquisa sobre a *produção do discurso das mídias*, a partir de 1985. No capítulo em questão, o autor explicitou, novamente, seu distanciamento da linguística e dos estudos literários; criticou perspectivas metodológicas, como as de Wolfgang Iser<sup>398</sup>, que pensavam num modelo de *leitor/receptor* abstrato, e que evitaram a pesquisa sobre o que “*fazem concretamente os receptores de um discurso*”<sup>399</sup>. De fato, como mostramos em capítulos anteriores, Verón romperia com os enquadramentos linguísticos na década de 1970, e proporia uma alternativa fecunda, de caráter metodológico, que se configurou nas suas *análises dos discursos sociais*, nos discursos das mídias. Na época, Verón mostrou as limitações da linguística formal, a enquadrar suas análises as frases da língua; conforme apresentamos, também desconstruiu a proposta de Austin e sua teoria dos *Atos da linguagem*; foi nessa fase de sua produção teórica, que situou como um eixo chave de sua problematização teórica a *articulação* entre *produção* e *recepção* dos discursos. Suas argumentações sobre *Fundações* e sobre a *Semiose Social* foram esclarecedoras e fortalecedoras, e constituíram seu posicionamento teórico-metodológico estratégico.

No capítulo 11: *As mídias na recepção (...)* Verón atualiza seu conceito sobre *contrato de leitura*, proposto por primeira vez em 1983, e trabalhado com maior ênfase a partir de 1985. Esse conceito surgiu num contexto internacional, na área da comunicação, no qual a *pesquisa qualitativa* adquiriu uma relevância e um reconhecimento que não tivera antes, em especial nos círculos anglo-saxônicos. A noção de *contrato de leitura* em Verón, foca nas condições de construção da relação entre mídias e seus *consumidores*; foca no *vínculo* estabelecido no tempo de inter-relação entre mídias e *consumidores* (lembramos que Verón estava trabalhando em pesquisa comercial); por isso vai delimitar, também, um *mercado de discurso*, e a necessidade das mídias comerciais por construir e preservar um *habitus* (adota o conceito de Bourdieu) de consumo. Nessa proposta de Verón, o conceito nutre-se na teoria da enunciação, por tanto, é um *contrato enunciativo* no qual as mídias estabelecem

<sup>398</sup> ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture. Théorie de l'effet esthétique*. Bruxelles : Pierre Mardaga Editeur, 1985

<sup>399</sup> VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004, p. 273.

suas *distinções* nas modalidades de dizer; e, assim, definem as relações com os públicos mediante *estratégias de contato*, e estratégias discursivas que as tornam diferentes das outras mídias. Verón explicitava que, apesar das diversas mídias enunciar os mesmos conteúdos, sua particularidade está definida pelas características peculiares de construção de seus discursos nos modos e nas formas de enunciar a *ficção*, a *informação*, o *entretenimento*, etc. Nesse capítulo Verón também convida a Michel de Certeau, ao inserir o aspecto *crença: contrato, confiança* para explicar sua proposição; nesse diálogo, novamente a categoria *tempo* é mencionada, dado que o *contrato de leitura* entre *consumidores* e mídias só se concretiza em um período duradouro de inter-relação.

Nossas pesquisas de *receptividade comunicativa* têm nos levado a conceber a inter-relação *mídias/públicos*, como uma inter-relação que configura componentes diacrônicos fortes, em especial aqueles referentes a atualização e reconfiguração de *matrizes culturais* seculares. Simultaneamente, permitem-nos afirmar, essas pesquisas, que há inter-relações sincrônicas que nem sempre correspondem a *contratos*, e que são configuradas mediante *pactos de sentido comunicacional*, produzidos pela confluência de diversos fatores contextuais, discursivos, infraestruturas, tecnológicos, conjunturais e socioculturais. De fato, os vínculos entre mídias e *sujeitas (os) comunicantes* não se reduzem à figura do *consumidor*, nem do *receptor*; estruturam formas e modos de comunicação múltiplos, que hoje, nas condições digitais, adquirem expressiva diversidade e intensidade experimental.

A argumentação de Verón no capítulo 11, também atualizou a sua compreensão sobre *mediatização* e *mediação*; de fato, é um texto esclarecedor, porque mostra como, para o autor, a noção de *sociedades midiáticas* estava relacionada à noção de *sociedades industriais*, nas quais os chamados “*meios de comunicação de massa foram progressivamente instalados*”<sup>400</sup>. Nessa noção, a interdependência entre o sistema econômico capitalista e suas necessidades de construir *sistemas industriais de comunicação* está ausente; não há uma compreensão que inter-relacione a realidade econômico política e socio-cultural, à constituição e estruturação dos sistemas midiáticos; ao contrário de argumentos como os da *Invenção da comunicação*,<sup>401</sup> ou da *Comunicação*

<sup>400</sup> Idem, *Ibidem*. p. 277

<sup>401</sup> MATTELART, Armand. *A invenção da comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MATTELART, Armand. *Comunicação mundo: história das ideias e das estratégias*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.



*Mundo*. Tampouco existe uma referência ao processo estratégico, e decisivo, de instalação das mídias na América Latina, como muito bem Aníbal Ford, Muniz Sodré, Carlos Monsiváis, Armand e Michèle Mattelart, Héctor Schmucler, Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Daniel Prieto Castillo,<sup>402</sup> entre outros importantes pensadores e pesquisadores, o demonstraram. Com efeito, a noção de *sociedades midiáticas* não deveria ser enquadrada nas “sociedades industriais” do hemisfério norte. A instalação progressiva de mídias na América Latina, no século XX, foi intensa e transformadora para a configuração das sociedades regionais, e para a institucionalização de *culturas midiáticas* de forte e intensa penetração cotidiana. Não é válido excluir da noção *sociedade midiática*, às formações sociais capitalistas latino-americanas, nas quais se constituíram grandes indústrias televisivas, radiofônicas e impressas, que condicionaram e definiram os modos de vida social e as culturas preponderantes da região.

É pertinente problematizar, também, a proposta de Verón sobre *sociedades industriais midiáticas*. Segundo a argumentação de Verón: “A *sociedade midiática* [grifos meus] emerge à medida que as práticas institucionais de uma sociedade midiática se transformam, em profundidade, *porque há mídias* [grifos do autor]”. O aspecto industrial na noção apresenta-se problemático; como muito bem têm demonstrado a economia-política existimos em sociedades nas quais o *capitalismo cognitivo* é preponderante, o *capital improdutivo*, dos grandes inversores das bolsas de valores, controla todos os ramos da economia; de fato, há uma economia mundial globalizada que funciona sob a lógica da acumulação e da concentração excessiva da renda mundial e nacional.

Assim, a noção de sociedades industriais, que poderia ser um modelo adequado para pensar formações sociais até a década de 1970 (ainda assim com expressivas limitações), hoje resulta um enquadramento teórico redutor. Nesse formato importantes referentes reais-concretos como China, Brasil, México, Portugal, Espanha, países nórdicos europeus, Rússia, Irã, entre outros

<sup>402</sup> Para problematizar a presença das mídias na América Latina são esclarecedoras as obras: FORD, Aníbal. *Navegações: comunicação, cultura e crise*. SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. MONSIVÁIS, Carlos. *Aires de família: cultura y sociedade em América Latina*. MATTELART, Armand & MATTELART, Michèle. *O carnaval das imagens; a ficção na TV*. MATTELART, Armand & SCHMUCLER, Héctor. *América Latina en la encrucijada telemática*. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. PRIETO CASTILLO, Daniel & VAN DE POL, Peter. *E-Learning: comunicación y educación, el diálogo continúa en el ciberespacio*. GONZÁLEZ, Jorge A. *Mais (+) cultura (s): estudos sobre telenovela, comunicação, culturas populares e sociedade*.

importantes, ficam incompreensíveis. No aspecto estritamente midiático, a condição estabelecida por Verón para definir *sociedades midiáticas* considera que as práticas institucionais *se transformam em profundidade porque há mídias*. De fato, no conjunto latino-americano todas as práticas institucionais têm se transformado radicalmente pela presença dos sistemas midiáticos, primeiro analógicos, e atualmente digitais. Não há setor, nem instituição, que não tenha se transformado por essa presença. Cabe lembrar as igrejas e seus discursos traduzidos às formas televisivas; a vida política condicionada e atravessada pelo *marketing*, pelas “*notícias falsas*”, pela propaganda articulada pelos *príncipes eletrônicos*. Ainda é imprescindível assinalar as mudanças *comunicativas* geradas pela contínua, intensa e forte participação dos discursos midiáticos na vida educativa. Como ignorar o *mundo doméstico do cotidiano*, quase completamente atravessado pela presença das lógicas e agendamentos midiáticos na sua existência. Hoje, com o processo estratégico de digitalização móvel, é ainda mais difícil excluir sociedades latino-americanas de sua qualificação como *sociedades midiáticas*. Com efeito, como temos demonstrado nas nossas pesquisas, há presença das mídias em todos os setores, instituições e formações sociais; e, essa presença tem sido decisiva nos processos de transformação institucional e sociocultural da América Latina. Cabe marcar que esses processos e fenômenos têm sido diversos, desiguais e combinados para cada país, para cada região, para cada cenário geográfico, para cada etnia, para cada classe e para cada tribo sociocultural.

A definição de *midiatização* de Verón apresenta uma compreensão do conceito de *democracia* restrito a um modelo de *democracia liberal*, no qual destaca o *conflito entre* as várias *identidades coletivas*; nesse conflito, na sua percepção, as mídias teriam a tendência de tornar-se autônomas, de “*curto-circuitar*” as instituições políticas. De fato, na nossa perspectiva, na dimensão política os sistemas midiáticos se transformaram no *intelectual orgânico*, no *príncipe eletrônico* conforme a precursora caracterização de Octavio Ianni.<sup>403</sup> Em sentido divergente, ao continuar com sua argumentação, Verón afirmava que “*as mídias seriam o lugar (o único) em que, no plano da sociedade global, far-se-ia o “trabalho” sobre as representações sociais: as instituições políticas seriam cada vez mais desapossadas dessa função*”<sup>404</sup>. Nessa afirmação do autor, o ente plural *mídias* adquire um caráter totalizante e único, em sentido

<sup>403</sup> IANNI, Octavio, *Enigmas da modernidade-mundo*.

<sup>404</sup> VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*, p. 279.

global; em contraposição é plausível afirmar que, se bem os sistemas midiáticos transnacionais são hegemônicos, e preponderantes, eles não têm nem as propriedades, nem as condições socioculturais/históricas para ser o “único/ator mundial da produção de representações”.

De fato, o globalitarismo apresentava-se na época dessa argumentação (1991) como triunfante e unipolar, a hegemonia parecia consolidada, o *socialismo europeu oriental* tinha fracassado, e as ilusões individualistas, pragmáticas egocêntricas, e consumistas floresciam. A pergunta que cabe é: que sentido tinha publicar essa proposta em 2004/2005? considerava-se adequada num contexto de mudança intensa e expressiva no plano político, multimidiático, cultural, comunicacional, investigativo, teórico de meados da primeira década do século XXI? Como ignorar as transformações políticas apontadas pelas ciências sociais, comunicacionais, humanas? Por que separar as estruturas econômico-políticas das estruturas midiáticas? Em inícios do século XXI, em Porto Alegre, já tinham acontecido os Fóruns Sociais Mundiais; na América Latina governos sociais-populares tinham se instalado, apesar de todo o jogo sujo simbólico das grandes mídias? As representações simbólicas sobre diversas culturas étnicas, regionais, etárias, de gênero explodiram; superando os obstáculos colocados pelos sistemas midiáticos hegemônicos. Os movimentos sociais, os movimentos culturais, os movimentos sociocomunicacionais, os agrupamentos massivos inter-relacionados em modos subterrâneos, o movimento *software livre*; a vida política mundial não devia ser reduzida dada sua diversidade e riqueza na produção de representações.

Verón na suas proposições sobre *midiatização* e *mediação* argumentava sobre a necessidade de *preserva a complexidade*; nesse subtítulo, ele incluía uma explicitação sobre a existência de tantos *reais* quantos sejam produzidos por mídias informativas diferentes. O *real construído-midiático* tornava-se assim o *real complexo*; não ótica de Verón o *Real* estava circunscrito ao *real das semioses*. Em inter-relação com esse *real*, preocupou-se por explicitar a existência de diversas *ressonâncias* na produção de sentido realizada pelos diferentes “*receptores*”, em vínculo com os discursos midiáticos. Nessa linha, salientou a *heterogeneidade da oferta* discursiva midiática, e a *heterogeneidade dos modos de apropriação*; desse modo, no pensamento de Verón elas se encaixam numa complexidade dupla. Assim, a noção de *complexidade da recepção*, na concepção do autor, passa também pela existência de uma *ancoragem* das mídias, no que ele chama de *mercado dos receptores potenciais*.

Para trabalhar isso, distanciou-se de sua *centralidade na semiótica*, e pensou de modo comunicacional a *multiplicidade de fatores* que caracterizam a *complexidade da evolução* sociocultural: *demográfica, econômica, política e cultural*.<sup>405</sup> Essa, é uma das poucas passagens em que Verón explicita uma lógica pluridimensional para analisar a inter-relação *mídias/receptores*. De todos modos, no mesmo parágrafo, reduz a lógica da inter-relação *mídias/anunciantes* a uma opção *unidimensional*; essa qualidade, que poderia ser pensada para os processos mais simples e analógicos dos processos publicitários e de propaganda, resulta redutora para a vida *multimidiática* e da *[ciber]publicidade* na contemporaneidade.

Na perspectiva de Verón, enunciada no capítulo 11, há uma preocupação para que as representações sociais, geradas pelo trabalho de construção-transformação das identidades sociais, não fiquem restritas à lógica do consumo, promovida pelos mecanismos de concorrência econômica. Com efeito, essa passagem, mostra a percepção do autor sobre o peso do discurso econômico; porém, ignora que essa preponderância não está restrita a uma lógica de concorrência abstrata e geral, senão que corresponde à lógica do capital transnacional globalizado, que, em termos midiáticos, concretizou-se numa *matriz de modo de vida* que se pretende seja universal, e deveria ser adotada, obrigatoriamente, por todas as culturas para que sejam consideradas civilizadas e democráticas.

Lamentavelmente as preocupações justas de Verón se perdem, num discurso carente de argumentações, necessárias, sobre a configuração histórica concreta do *capitalismo do século XXI*<sup>406</sup>; no qual a configuração cognitiva e informacional do sistema mudou qualitativamente o mundo real, objetivo, no qual temos que pensar e investigar. Para complementar essa análise, é necessário atender à afirmação de Verón sobre a *incapacidade* dos partidos políticos, e da institucionalidade política, para pensar as problemáticas midiáticas complexas; essa percepção era, e é, importante. Ainda, nos inícios da terceira década do século XXI, essa incapacidade é clara e generalizada; expressa-se, inclusive, nos fracassos dos projetos políticos de construção de hegemonias pelos blocos democrático populares. Com efeito, a invasão neofascista e neonazista das redes digitais, mostrou uma desatenção, e uma falta de compreensão, do papel

<sup>405</sup> VERÓN, Eliseo, *Fragmentos (...)*, p. 281.

<sup>406</sup> PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

DOWBOR, Ladislau. *O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais*. São Paulo: SESC, 2020.

crucial dos sistemas multimidiáticos e dos processos de comunicação digital na definição dos poderes, pelos estrategistas e pensadores em comunicação das instituições políticas democráticas.

Para finalizar nossa problematização *transmetodológica* sobre a obra de Verón, é importante assinalar que em todo o processo de pesquisa, tanto na missão de investigação que realizamos em Buenos Aires, da qual é fruto a entrevista publicada no apêndice deste livro; quanto nas visitas realizadas por Verón ao Brasil, em particular durante uma realizada na ECA-USP para ministrar uma palestra, o autor teve uma atitude aberta, interessada, colaborativa para brindar informações, fontes, textos, referências sobre sua produção teórica. Sua interlocução foi generosa e construtiva; era a época dos disquetes, e aquela bibliografia que não se conseguia no Brasil, Verón gentilmente copiou nesses arcaicos suportes digitais para minha pesquisa. Na missão em Buenos Aires abriu-me as portas, restritas, da Universidade Barilán para conseguir realizar as indagações que precisava; orientou-me também sobre bibliotecas na UBA, onde encontrei materiais que fortaleceram a investigação. Esse comportamento intelectual têm um sentido ético/metodológico que expressa a importância da parceria, da cooperação, da relação direta -quando possível- que a pesquisa teórica precisa ter, não só com os argumentos, senão também com o *sujeito histórico* produtor desse conhecimento.

Esta pesquisa teórica sobre a obra de Verón e sua constituição como autor/pioneiro, como pensador e investigador crítico, desbravador da área das ciências da comunicação na América Latina, comprova a relevância desse tipo de investigações para a consolidação de conhecimentos vigorosos em ciências da comunicação na região. No caso desta investigação, o fato de sermos pensadores com cosmovisões, referentes paradigmáticos e práxis investigativas distintas, não representou um empecilho para o trabalho de produção de conhecimentos. Muito pelo contrário, o debate argumentativo foi enriquecido por um comportamento confluyente para favorecer o trabalho de pesquisa, independentemente da perspectiva, ou a definição política filosófica dos participantes. Minhas críticas, quando pertinentes, não teriam tido a vitalidade e a consistência que alcançaram sem a cooperação do mestre. Fico profundamente agradecido, como manifestei em vida ao autor, pela sua generosidade e exemplo de espírito e comportamento investigativo.

Esta pesquisa teórica constituiu-se, também, em um alicerce epistemológico importante para a fundamentação posterior da *perspectiva transmetodológica*, ela confluiu com outras duas pesquisas teóricas uma sobre a obra de Armand e Michèle Mattelart, e outra sobre a obra teórica de Jesús Martín Barbero. Articulou-se, também, com a realização de um projeto integrado de investigação sobre *ficção e realidade*,<sup>407</sup> que combinou pesquisa teórica sobre *receptividade televisiva* com pesquisa empírica dos *usos e apropriações* da telenovela por *telespectadores (as)* de favela, bairro popular, bairros de classes médias e bairro de elite em São Paulo. Nesse emaranhado de investigações as demandas e reflexões de Verón sobre o que fazem os *consumidores/receptores*, transformaram-se no concreto das nossas pesquisas em *aprendizados caminantes*, em compreensões empírico/teóricas e em visualizações epistemológicas, que deram vida à proposta multidimensional e multicontextual em comunicação concretizada na *transmetodologia*. As produções de sentido das pessoas comuns -que participaram na pesquisa- confrontaram-se e dialogaram com os argumentos dos filósofos da ciência, dos metodólogos, dos teóricos, dos pesquisadores e pensadores em comunicação. Esse Tsunami intelectual foi profundamente transdisciplinar, estabeleceu premissas *multimetodológicas*, gerou um conjunto de conhecimentos e saberes, formulou procedimentos, técnicas e estratégias, que nos tem acompanhado nestas duas primeiras décadas do século XXI.

Eliseo Verón continuou presente com suas teorias e metodologias, nas nossas pesquisas e pensamentos no Sul do Brasil; de fato, nossa produção intelectual está marcada pela inserção de suas propostas e questionamentos em dezenas de pesquisas que temos orientado, dirigido e produzido nestas duas últimas décadas; com efeito, o autor tem ocupado um lugar especial na nossa compreensão da dimensão semiótica em comunicação. Esta nova edição revista, reformulada e ampliada, segue também uma compreensão processual dos textos, pensados em movimento, em processo de atualização e de reformulação, em confronto e em diálogo, em processos de aprofundamento e deslocamento, em confrontações com o *Real* vivido e construído, no trabalho pela construção de *mundos possíveis* de dignidade, paz, justiça e liberdade.

---

<sup>407</sup> Projeto coordenado pela professora Maria Aparecida Baccega, que teve como coordenadora e orientadora do projeto de recepção à professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, referente e parceira crucial na nossa imersão no Brasil, e, principalmente, na problematização sistemática dos métodos. Nesse projeto iniciei, também, uma parceria investigativa estratégica com a professora Jiani Adriana Bonin, quem durante os últimos 25 anos tem compartilhado a aventura existencial da construção da vertente *transmetodológica* em comunicação.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**





- ADAM, Jean-Michel; BONHOMME, Marc. **La argumentación publicitaria: Retórica del elogio y de la persuasión**, Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.
- ADORNO, Theodor W. “Experiencias científicas en Estados Unidos”. In: ADORNO, T. **Consignas**, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.
- AREND, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média y no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo-Brasília: HUCITEC, EDUNB. 1987.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1977.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Da sedução**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos**, 2ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. “Estado y perspectiva de la investigación en comunicación en América Latina”. In: **Memorias de la Semana Internacional de la comunicación**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 18-22 de agosto, 1980.
- BEN-DAVID, Joseph. **O papel do cientista na sociedade**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser e a fabricação da realidade**. São Paulo: CULTRIX, 1985.
- BORDENAVE, Juan Diaz; CARVALHO, Horácio Martins de. **Comunicação e planejamento**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BORGE, Tomás. **La paciencia impaciencia**. La Habana: Ediciones Casa de las Americas, 1992.
- BORELLI, Sílvia; PRIOLLI, Gabriel (coords). **A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: SUMMUS, 2000.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. "Cultura Brasileira". In *Filosofia da educação brasileira*, (coord.). Demerval Trigueiro Mendes, 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

BOURBAKI, Nicolás. **Elementos de historia de las matemáticas**. 2ed. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **El oficio de sociólogo**. 5ed. Madrid: Siglo XXI, 2003.

\_\_\_\_\_. "El espacio social y la génesis de las clases". In: *revista Estudios sobre las culturas contemporáneas*, n 7, p. 27-65, Colima, México, septiembre de 1989.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRECHT, Bertol. **Teoría de la radio: En el compromiso en literatura y arte**. Barcelona: Península, 1973.

BRITTON, Jack R.; BELLO, Ignacio. **Matemáticas contemporáneas**. 2ed. México: Harla S. A., 1982.

BRONOWSKI, Jacob. **O senso comum da ciência**. São Paulo: Editora ITATIAIA, 1977.

BUNGE, Mario. **Epistemologia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

CARRILHO, Manuel Maria, *et. al.* **Retórica e comunicação**. Porto: Edições Asa, 1994.

CASIRRIER, Ernest. **El problema del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

\_\_\_\_\_. **Antropología filosófica: introducción a una filosofía de la cultura**. 5ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

CASTELLS, Manuel. **Rede de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer: A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Newton Carneiro Affonso da. **Lógica indutiva e probabilidade**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento científico**. 2ed. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

CUEVA, Agustín. **Literatura y conciencia histórica en América Latina**. Quito: Letraviva-Ed. Planeta, 1993.

- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: SESC, 2020.
- DUCROT, Oswald, TEODOROV, Tzvetan. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: Dom Quixote, 1974.
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Viagem na irrealidade cotidiana**, 82, ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Como se faz uma tese**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Tratado de semiótica general**. 5ed. Barcelona: Lumen, 2000.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus, **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- FEITOSA, Vera Cristina. **Redação de textos científicos**. Campinas: Papyrus. 1991.
- FERNANDES, Florestan. **Elementos de sociologia teórica**. 2ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos científicos de la explicación sociológica**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- FIGUEREDO, Rubens; MALIN, Mauro (orgs). **A conquista do voto**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FORD, Aníbal, **Navegações: comunicação, cultura e crise**. Rio de Janeiro: Editora da URFJ, 1999.
- FORD, Aníbal, RIVERA J. B., ROMANO E. **Medios de comunicación y cultura popular**. 3ed. Buenos Aires: Ed. Legasa, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber**. México: siglo XXI, 1972.

- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 7ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FUENTES, Raúl. **La investigación de la comunicación social en México: sistematización documental 1956-1986.** México: Ediciones de Comunicación S. A. 1988.
- GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **O nacional e o popular nas políticas culturais: concepções atuantes na América Latina.** São Paulo: Cortez, 1983.
- \_\_\_\_\_. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: URFJ, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** 2ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social / encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991.
- GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASJ, Scott. **Modernidade reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1997.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOES, Paulo, "Criação do potencial científico nacional". *Revista Debates*, São Paulo, 1972.
- GONZÁLEZ SÁNCHEZ, J. A. "Cultura (s) popular (es), en revista **Comunicación y Cultura**, México, Universidad Autónoma Metropolitana, 1983.
- GONZÁLEZ, Jorge A. **Mais (+) cultura(s): Estudos sobre telenovela, comunicação, culturas populares e sociedade.** Campina Grande/PB-João Pessoa/PB: EDUEPB-Editora IFPB, 2017.
- GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Cultura y creación intelectual en América Latina.** México: Siglo XXI, 1984.

- GORTARI, Eli de. **Siete ensayos sobre la ciencia moderna**. México: Grijalbo, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Lógica general**. México: Grijalbo, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- GRAMSCI, Antonio. **Cultura y Literatura**. Barcelona: Ediciones Península, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRECO, Milton. **A aventura humana entre o real e o imaginário**. 2ed. São Paulo. Perspectiva, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica do discurso científico da modalidade**. São Paulo: DIFEL/SBPL., 1976.
- GUEVARA, Ernesto. **Obras completas**. Buenos Aires: Ed. Macia, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Sobre literatura y arte**. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1997.
- GUTIERREZ, Tomás. **Dialética do espectador**. São Paulo: SUMMUS, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões**. São Paulo. EDUSP, 1990.
- HARRÉ, R. (org). **Problemas da revolução científica**. São Paulo: Editora ITATIAIA, 1976.
- Harvey, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Guía de El Capital de Marx: Libro primero**. Madrid: Akal, 2014.
- HIRANO, Sedi (org.). **Pesquisa social-projeto e planejamento**. São Paulo: Queroz, 1979.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX –1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **Teorias da estratificação social / leituras de sociologia.** 3ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

\_\_\_\_\_. **Enigmas da modernidade mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: CULTRIX-EDUSP, 1970.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem / Teorias do pós-moderno e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Editora URFJ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Ática, 1996.

JAUSET, Jordi A. **La investigación de audiencias en televisión / Fundamentos estadísticos.** Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.

KNELLER, George F. **A ciência como atividade humana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos Galilaicos.** Lisboa: Dom Quixote, 1986.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial a pós-moderna.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.

LADRIÈRE, Jean. **A articulação do sentido.** São Paulo. EDUSP, 1977.

LASWELL, Harold. **A estrutura e a função da comunicação na sociedade.** São Paulo. Nacional, 1975.

LEAL, Laurindo Lalo Filho. **A melhor TV do mundo / O modelo britânico de televisão.** São Paulo: SUMMUS, 1997.

LÊNIN, Wladimir Ilich. **La información de clase.** Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia / O processo de formação do mercado interno para a grande indústria,** 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero / a moda e seu destino nas sociedades modernas,** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LOPES, Joao Aloísio (org). **Filosofia da comunicação: antologia de textos.** São Paulo: ECA-ESP, 1990.

- \_\_\_\_\_. **Teoria do valor-da-informação**. São Paulo: ECA-USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Lições de Tansitologia**. São Paulo: Edicom: ECA-USP, 1997.
- LOPES, Maria Immacolata de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- LYOTARD, Jean François. **Lições sobre a analítica do sublime**. Campinas: Papyrus, 1993.
- MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: CULTRIX, 1979.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **Epistemología de la comunicación: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina**. Quito: CIESPAL, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Transmetodología de la investigación teórica en comunicación: análisis de la vertiente Verón en América Latina**. Quito: CIESPAL-INTIYAN, 2009.
- MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia (orgs). **Perspectivas metodológica em comunicação: novos desafios na prática investigativa**. Salamanca: COMUNICACIÓN SOCIAL/ediciones y publicaciones, 2013.
- MALDONADO, Alberto Efendy (org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital**. Salamanca: COMUNICACIÓN SOCIAL/ediciones y publicaciones, 2014.
- . **Geopolítica de la difusión transnacional / el conflicto centroamericano de los años ochenta en los “grandes” diarios burgueses del Ecuador**. Tese de licenciatura apresentada en la Facultade de Comunicação Social, FACSO- Quito, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa teórica em comunicação na América Latina: estudo de três casos relevantes-Verón, Mattelart e Martín Barbero**. Tese de doutorado, São Paulo: ECA/USP, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Da semiótica à teoria das mediações”. In: **Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín Barbero**. São Bernardo do Campo: UME-SP/UNESCO, 1999, p. 113-133.

\_\_\_\_\_. “Explorar a recepção sem dogmas, em multiperspectivas e com sistematicidade”. In: MALDONADO, A.E. et al. **Mídias e recepção**. São Leopoldo: UNISINOS/COMPÓS, 2000, p. 5-18.

\_\_\_\_\_. “Dimensões comunicacionais: ideológica, funcional e receptiva”. In: **coletânea Mídias e processos socioculturais, São Leopoldo/RS**: Ed. UNISINOS, 2000, p. 137-158.

\_\_\_\_\_. “Teorias críticas em comunicação: o pensamento de Armand Mattelart”. **Revista. Intexto** (eletrônica), Porto Alegre: PPG/CC/UFRGS/FABICO, 2000.

\_\_\_\_\_. “Do Pato Donald e das fotonovelas até a epistemologia histórica da comunicação”, In: **Memórias do V CELACOM**. São Bernardo do Campo: UMESP-UNESCO, 2001.

\_\_\_\_\_. “Formulações teóricas instigantes: alguns aspectos configuradores das propostas de Verón”, In: **ANAIS COMPÓS 2000**. Brasília: UNB/COMPÓS, 2001.

MANGEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIÁTEGUI, José Carlos. “El hombre y el mito”, In: **Ensayos escogidos**, Lima: Editora Universo, 1974.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARX, Karl. **O capital (V. I, II, III)**. 3ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARTÍ, José. **Páginas escogidas**. La Habana: Editora Universitaria, 1965.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas** (tres vol.), La Habana: Ed. de Ciencias Sociales, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicación masiva. Discurso y poder**. Quito: CIESPAL-INTIYAN, 1978.

\_\_\_\_\_. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili S. A., 1987.

\_\_\_\_\_. **Procesos de comunicación y matrices de cultura: Itinerario para salir de la razón dualista**. México: Gustavo Gili S. A., 1988.

\_\_\_\_\_. **Pre- Textos: Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos**. 2ed. Cali-Colômbia: Editora de la Universidad del Valle, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 1997.



- \_\_\_\_\_. “Producción teórica y producción de sentido”. **Revista de la Universidad del Valle**, n. 3-4, Cali, 1977.
- \_\_\_\_\_. “La comunicación desde la cultura”, **Revista Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 1, n, 3, p. 45-69, Colima, México, mayo, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Euforia tecnológica y malestar en la teoría”, **Revista Dia-logos de la comunicación**, 20, abril 89, p. 7-16.
- \_\_\_\_\_. “Secularización, desencanto y reencantamiento massmediático”, **Revista Dia-logos de la comunicación**, n.41, p. 71-81, marzo 1995.
- \_\_\_\_\_. “Jóvenes: Des-orden cultural y palimpsestos de identidad”. In: Martín-Barbero, J. et al. **Encuentros: Viviendo a toda, jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Universidad Central-DIUC- Siglo del Hombre Editores, 1998, p. 22-45.
- \_\_\_\_\_. “De la Comunicación a la Filosofía y viceversa: nuevos mapas, nuevos retos”. In: Néstor García Canclini, *et. al.* **Mapas nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín Barbero**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores- Universidad Central-DIUC, 1998, p. 201-219.
- MARTÍN BARBERO, Jesús; Muñoz Sonia (org). **Televisión y melodramas: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.
- MATTELART, Armand. **El imperialismo en busca de la contrarrevolución cultural**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1974.
- \_\_\_\_\_. **As multinacionais da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Multinacionais e sistemas de comunicação: os aparelhos ideológicos do imperialismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Comunicación y nueva hegemonía**. Lima: CELADEC, 1981.
- \_\_\_\_\_. **La comunicación masiva en el proceso de liberación**, 7ed. México: Siglo XXI, 1980.
- \_\_\_\_\_. **América Latina en la encrucijada telemática**. Buenos Aires: Paidós, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Internacional publicitaria**. Madrid: FUNDESCO, 1990.
- \_\_\_\_\_. **La publicidad**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

\_\_\_\_\_. **Comunicação mundo: história das ideias e das estratégias.** Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Invenção da comunicação.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

\_\_\_\_\_. **A globalização da comunicação.** Bauru / SP: EDUSC, 2000.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal en Chile.** Buenos Aires: El Cid Editor, 1976.

\_\_\_\_\_. **Frentes culturales y movilización de masas.** Barcelona: Anagrama, 1977.

\_\_\_\_\_. **A cultura contra a democracia: O audiovisual na época transnacional.** Sao Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pensar sobre los medios: comunicación y crítica social.** Madrid: FUNDESCO, 1987.

\_\_\_\_\_. **O carnaval das imagens: a ficção na TV.** Sao Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Historia de las teorías de la comunicación.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

MATTELART, Armand, DORFMAN, Ariel. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MATTELART, Armand, PIEMME, Jean Marie. **La televisión alternativa.** Barcelona: Anagrama, 1981.

MATTELART, Armand, STOURDZE, Y. **Tecnología, cultura y comunicación.** Barcelona: Mitre, 1984.

MATTELART, Michèle. **Comunicación e ideologías de la seguridad.** Barcelona: Anagrama, 1978.

\_\_\_\_\_. **La cultura de la opresión femenina.** 2ed. México: Era, 1982.

\_\_\_\_\_. **Mujeres e industrias culturales.** Barcelona: Anagrama, 1982.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000).** Salvador: Ed. PAS-Edições lanamá, 2000.

MATOS, Heloiza (org). **Mídia, eleições e democracia.** São Paulo. Editora Página Aberta, 1994.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1987.

- \_\_\_\_\_. (org) **Anais do 1º seminário transdisciplinar. A crise dos paradigmas.** São Paulo: ECA-USP, 1991.
- \_\_\_\_\_; GRECO, Milton. **Planeta inquieto / direito ao século XXI.** São Paulo: ECA-USP, 1998.
- MELO, José Marques de (coord.). **Teoria e pesquisa em comunicação-panorama Latino-Americano.** São Paulo: Cortez-Intercom, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Inventário da pesquisa em comunicação no Brasil (1883-1983).** São Paulo: INTERCOM/ALAIC/CIID/CNPq, 1984.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- MORAGAS, Miguel de. **Teorías de la comunicación.** Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- \_\_\_\_\_. *et. al.* **Comunicación y Teoría Social.** México: Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM, 1984.
- MORIN, Edgar. **A cultura e comunicação de massa.** São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Para sair do século XX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O método 3: conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MUNIZ, Sodrê. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil.** 7ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Pensar Nagô.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- MUNIZ, Sodrê; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- MUNIZAGA, Giselle, RIVERA, Anny. **La investigación de la comunicación social en Chile.** Lima: DESCO, 1983.
- MURARO, Heriberto. **Poder y comunicación: La irrupción del marketing y la publicidad en la política.** 2ed. Buenos Aires: Letra Buena, 1996.

- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 4ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NOVAES, Adauto (org.) **Rede imaginária e democracia**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1999.
- ODDONE, Juan. “Los imperativos de la integración regional”. In: Leopoldo Zea (org.), **América Latina en sus ideas**. México: Siglo XXI, 1986.
- OLIVEIRA, Paulo Salles. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: HUCITEC / UNESP, 1998.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Notas sobre la problemática de la globalización”, **Revista Dia-logos de la comunicación**, n. 41, p. 5-11, marzo de 1995.
- PASQUALI, Antonio. **Comprender la comunicación**. Caracas: Monte Ávila, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Bienvenido Global Village**. Caracas: Monte Ávila Editores, 1998.
- PIAGET, Jean. **Psicología, lógica y comunicación**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1967.
- PIKETTY, Thomas. **A economia da desigualdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- PITKIN, Hanna. **Wittgenstein: El lenguaje, la política y la justicia**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984.
- POPPER, Karl. “A racionalidade das revoluções científicas”, In: Harré R. (org), **Problemas da revolução científica**. São Paulo: Editora ITATIAIA, 1976.
- PRIETO CASTILLO, Daniel; VAN DE POL, Peter. **e-Learning comunicación y educación: el diálogo continúa en el ciberespacio**. São José, Costa Rica: Radio Nederlan Training Centre, 2006.
- RICHARDSON, Roberto J. et. al. **Pesquisa social / Métodos e técnicas**, 3ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RIVERA, Jorge B. **La investigación en comunicación social en Argentina**. Lima: DESCO, 1986.
- ROCHA E SILVA, Mauricio. **Ciência e humanismo**. São Paulo: EDART, 1969.

- ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROIG, Arturo Andrés. **Interrogaciones sobre el pensamiento filosófico**. México: Siglo XXI, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SANTOS, Milton *et al.* (org). **Globalização e Espaço latino-americano**. São Paulo: Ed. HUCITEC-ANPUR, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica I: teoría de los conjuntos prácticos**. Buenos Aires: Losada, 2011.
- SEN, Amartya. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SPEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A saúde perfeita / Crítica de una nova Utopia**. São Paulo, Loyola, 1996.
- SUN, Tzu. **A arte da guerra**, 18ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A arte da guerra II / os documentos perdidos**. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna / teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. 2ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
- VERÓN, Eliseo; SLUZKI, Carlos E. **Comunicación y neurosis**. Buenos Aires: Editorial del Instituto, 1970.
- VERÓN, Eliseo. **Lenguaje y comunicación social**. Buenos Aires: Nueva visión, 1969.
- \_\_\_\_\_. **El proceso ideológico**. 2ed. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Imperialismo, lucha de clases y conocimiento**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974.

- \_\_\_\_\_. **Ideologia, estrutura e comunicação.** 2ed. São Paulo: CULTRIX, 1977.
- \_\_\_\_\_. **A produção de sentido.** São Paulo: CULTRIX-EDUSP, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Construir el acontecimiento.** Barcelona: Gedisa, 1983.
- \_\_\_\_\_. **La semiosis social.** Barcelona: Gedisa, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Conducta, estructura y comunicación.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Semiosis de lo ideológico y del poder / La mediatización.** 2ed. Buenos Aires: Oficina de publicaciones del CBC-EBA, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2004.
- \_\_\_\_\_. “La antropología hoy: una entrevista con Claude Lévi-Strauss, **Cuestiones filosóficas**, n. 2/3, p. 160- 167, Buenos Aires, 1962.
- \_\_\_\_\_. “Ciencia social y praxis social”, **Discusión**, n. 4, p. 3-10, 1963a.
- \_\_\_\_\_. “Notas para una concepción estructural en psiquiatría social, **Acta Psiquiátrica y Psicológica**, v. 9, n. 4, p. 287-292, 1963b
- \_\_\_\_\_. “Infraestructura y superestructura en el análisis de la acción social”, **Pasado y Presente**, n. 7/8, p. 159- 173, Córdoba, 1965.
- \_\_\_\_\_. “Un <<happening>> de la comunicación de masas: notas para un análisis semántico”. In: MASSOTTA, O. (ed.), **Happenings**. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1967, p. 77- 90.
- \_\_\_\_\_. “Ideología y producción de conocimientos en América Latina”. Revista **América Latina**, n.4, p. 19- 48.
- \_\_\_\_\_. “Acerca de la producción social del conocimiento: el estructuralismo y la semiología en Argentina y Chile”. Revista **Lenguajes**, n. 1, p. 96-125, 1974.
- \_\_\_\_\_. “El cuerpo reencontrado”, s/c, s/d, p. 140-155.
- \_\_\_\_\_. “Psicología social e ideología”. In: VERÓN, E. et. al. **Razón, locura y sociedad**. México: Siglo XXI, 1978, p. 117-141.
- \_\_\_\_\_. “Discurso, poder, poder del discurso”. **Anais do Primeiro Colóquio de Semiótica**. São Paulo: Loyola, p. 85- 98, 1980.
- \_\_\_\_\_. “Está ahí, lo veo, me habla”, **Revista Comunicaciones**, n.38, p. 98-130, 1983a.

\_\_\_\_\_. “Hacia una semiología de la recepción”. Revista **Signo y Pensamiento**, v. 2, n. 3, p. 21-31, 1983b.

\_\_\_\_\_. “Semiótica y teoría de la democracia”. **Revista de Occidente**, n. 92, p. 130- 142, Madrid, 1989.

\_\_\_\_\_. “La información televisada: modelos descriptivos y estrategias de formación”, **Bulletin CERTEIC**, n.10, p. 67-72., Universidad de Lille 3, 1989.

WALLERSTEIN, Immanuel et.al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WEIL, Pierre, TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 49ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus lógico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Investigaciones filosóficas**. Barcelona: Crítica, 1988; México: Instituto de Investigaciones Filosóficas UNAM, 1988.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.







**ENTREVISTA**



## História de vida intelectual: entrevista com Eliseo Verón

**Profesor, por gentileza podría explicar el proceso original de formación del futuro investigador y teórico de la comunicación Eliseo Verón; ¿escoja los momentos, situaciones, pensamientos y recuerdos claves de su historia personal, que han quedado marcados como significativos para la construcción del pensador paradigmático, en que usted se transformó?**

Yo hice filosofía y letras, entré debe haber sido en 1952, debo haber estado en tercero o cuarto año da licenciatura, viene el golpe militar de 1955 que lo hecha a Perón. En esa época nosotros estábamos en la resistencia estudiantil contra el *peronismo*, a mí no me llevaron preso, pero estuvimos suspendidos, no podíamos tomar clases, así que estuvimos un año sin cursar nada porque no podíamos. Todos los miembros de las comisiones directivas, los centros estudiantiles en 1955 –bueno viene la nueva universidad, etc., etc., etc.– cambian las autoridades y todo eso; empieza la carrera de sociología y psicología, que no existían antes, en la propia filosofía y letras. Yo comienzo a trabajar con Gino Germani, que fue el sociólogo que armó toda la sociología argentina en esa época, era ayudante de trabajo práctico. Entré muy rápidamente en el departamento de sociología; pero como yo estaba, ya casi, en cuarto año de filosofía y no tenía ganas de empezar otra carrera, entonces trabajando en sociología cada vez más, terminé la carrera de filosofía. No cursé la licenciatura en sociología, pero, de hecho, laboraba primero como ayudante de trabajos prácticos, y luego como jefe de trabajos prácticos con Germani.

Después, solución de compromisos, debe haber sido en **1961**, hice **mi tesis en psicología social**, pues yo ya estaba completamente metido en ciencias sociales. Dicho esto, mi formación filosófica me sirvió de mucho después, en 1961 trabajando en el departamento de sociología me saqué una beca para ir a París, y me fui a trabajar en el **laboratorio de antropología social** de Lévi-Strauss; ahí estuve **dos años** con lo que acá se llama una beca-externa del CONICET argentino, ese fue, también, un momento muy importante para mí. Volví en 1963, y entré como *profesor adjunto*, y después como *profesor asociado* en el departamento de sociología. **Descubrí**, me empecé a interesar mucho en la **semiología** cuando estuve en Francia, esa vez entre **1961** y 1963. El sesenta y uno es el año en que **Barthes** daba sus **seminarios sobre semiología**, no estaban publicados todavía y entonces yo volví con toda una problemática de

*semiología* y de *estructuralismo* (Lévi-Strauss). Eso no tenía nada que ver con la orientación de la carrera de sociología acá, que era el *funcionalismo norteamericano*, que representaba Germani. Esa situación generó bastante polémica y enfrentamientos conceptuales, pero no hubo ningún conflicto. Yo introduje en la carrera de sociología una problemática que no tenía nada que ver con la orientación dominante, que era más bien cuantitativa, **funcionalismo norteamericano**, Parsons, Merton. Enseñé en sociología con Miguel Murmis, que era un colega de esa época, dábamos juntos una de las materias centrales de la carrera, que era **sociología sistemática**, esto duró hasta 1966. Ese año hubo otro golpe de estado, de Onganía, nos echaron a todos de la universidad, algunos, muchos renunciaron. Cuando intervinieron los militares en la universidad hubo una serie de incidentes, sucedió lo que quedó en la memoria universitaria, quedó conocida como **la noche de los bastones largos**: a todas las autoridades de ciencias exactas las sacaron a palos, al decano la policía lo sacó a palo de la facultad, esa fue la famosa noche de los bastones largos.

Quedamos fuera de la universidad prácticamente todos, y algunos de nosotros pasamos al instituto Di Tella, que era una fundación privada que acogió a muchos de los que fueron echados en distintos lugares; yo entré al instituto como investigador, como tuve beca-externa del CONICET yo todavía estaba en la *carrera de investigador*.

Entre tanto, cuando volví en **1963**, yo era amigo de un **psicoanalista y siquiatra**, que ahora está en los EUA (hace muchos años), que se llama **Carlos E. Sluzki**, que después entró en la **Escuela de Palo Alto**. Él estaba trabajando en el *Policlínico de Lanus* con un siquiatra que fue muy importante, que se llamaba **Goldemberg**, armamos una **investigación juntos**, que se desarrolló de 1964 a 1970, sobre *neurosis*; en 1970 publicamos el libro **Comunicación y neurosis**.

## 2. Su primer contacto con Psicoanálisis fue ese?

No fue el primero, pero fue la primera investigación empírica sobre problemas de comunicación y trastornos mentales; esa investigación se desarrolló durante cinco años y terminó en el libro mencionado, que publico el instituto Di Tella en su editorial. Esos fueron momentos importantes, pusimos en contacto el modelo estructuralista, que yo traía de París, y el modelo americano, de Bateson, que traía Sluzki en ese momento; ese libro *Comunicación y neurosis* es una especie de mezcla de esos dos puntos de vista.

A Bateson no lo conocimos personalmente nunca, porque en esa época ya estaba en Hawai estudiando los delfines, pero a todos los demás los conocíamos Jackson, Watzlawick, a todos los que estaban ahí, porque fuimos a *Palo Alto* con Sluzki varias veces.

### 3. Usted realizó varias visitas a esa *Escuela*?

A *Palo Alto* si, dictamos seminarios, salí con ellos, eso fue entre 1964 y 1970. En 1970 me nombraron **director del centro de investigaciones sociales del Di Tella**, yo era todavía investigador de carrera del CONACIT, entre tanto hubieron varias actividades alrededor del instituto Di Tella, que fue en esos años una institución muy importante en el ámbito cultural, no sólo a nivel de sus centros de investigación como el centro de economía, el centro de investigaciones sociales, el centro de estudios urbanos; fue el lugar donde, a veces, pasaba algo bajo la dictadura militar y se organizaron varios coloquios, congresos y seminarios donde vino gente de afuera. **Paul Ekman**, especialista de la **comunicación gestual** vino ahí por primera vez a Buenos Aires en 1967, hubo mucha, mucha actividad; pero también a nivel de artes, porque el Di Tella tenía un centro, un laboratorio de música, que fue importantísimo culturalmente en esa época, vinieron todos los grandes músicos que andaban por ahí. Tenía un centro de arte, también, por donde pasaron muchos de los grandes diseñadores gráficos de este país, pasaron todos por ahí; el instituto tenía una actividad cultural, no sólo científica, sino también artística, musical, teatral. No sé si lo conoce, bueno es un director de teatro argentino que vive en París hace “mil años”, es uno de los más conocidos directores de teatro: **Alfredo Arias**, él pasó y se hizo en el Di Tella, era joven en esa época, se hizo también en Argentina. Bueno, en el año 1970 me nombraron director del centro de investigaciones sociales y yo estuve un año nada más, en 1971 decidí que me iba del país.

### 4. Usted entró en el instituto Torcuato Di Tella en 1966?

No, debo haber entrado en 1965, 1964...

### 5. Antes de salir de la universidad?

¡Ah no! Tiene razón, me estaba equivocando, yo entré después que nos echaron de la universidad, esto fue a mediados de 1966, o sea que yo estuve en

el Di Tella de 1966 a 1970, hasta principios de 1971, fines del 71 yo me voy a París. Sluzki se va a *Palo Alto* definitivamente y yo me voy a París; entre tanto yo estuve en París varias veces entre 1966 y 1970, pero decidí instalarme allá en 1971. Después volví un tiempo, poco menos de un año en 1973 y ahí me fui definitivamente, en esa época empieza mi etapa europea.

## 6. ¿Esa decisión de salir de Argentina, provocó la situación, el contexto político?

No, no fue, el contexto político en ese momento no era tan terrible, fue porque yo **pensé que lo que quería hacer no se podía hacer acá, simplemente no había manera, no había lugar para lo que a mí me interesaba**, que no era tanto la sociología, la antropología, sino **la semiología** y todas esas cosas. Entonces, salvo esa venida de un año más o menos en 1973, cuando me fui **me invitaron** como **director de estudios de la Ecole**, que era la escuela práctica de altos estudios. Yo estuve en la **Ecole de 1971 con alguna intermitencia hasta 1980**, toda esa década yo daba mis seminarios en la *Ecole*. Bueno en esa misma época yo estaba en el centro donde estaba Barthes, donde estaba Christian Metz, ahí los conocí a todos ellos. Estaban en el **CECMAS (Centro de Estudios de las Comunicaciones de Masa)**, donde estaba Edgar Morin, conocí a Julia Kristeva a Todorov, toda la gente que hacía semiótica en Francia. Ese **período fue para mí muy importante porque yo elaboré todas las cosas sobre la teoría del discurso. Mis seminarios eran sobre teoría del discurso.**

## 7. ¿Fue la década de 1970, del 71 al 80?

Más o menos; a partir del golpe militar que derrocó a Isabel Perón y viene el proceso con todas las muertes y todos los “rayos” yo ya no volví, y no podía volver, además, toda esa época yo no tuve ninguna relación con Argentina, entre 1976 y 1983 hasta cuando ganó Alfonsín yo no pisé este país.

Bueno en 1980, en 1979 en realidad hay otro cambio, porque fue mi primera investigación aplicada que dio origen al libro *Construir el acontecimiento*, ese libro debe ser del 81. Esa fue una investigación que hice para Electricidad de Francia, el equivalente, no sé cómo es en Brasil, a la empresa estatal de electricidad. A partir de ahí, en ese año, creo que fue en **1980, yo recibo la nacionalidad francesa y entonces no puedo ser más director de estudios** porque yo estaba a título de extranjero en la *Ecole*, que es lo que ellos llaman *director de estudios*

*asociado*, que son los extranjeros que ellos invitan; siendo francés no podía estar en ese puesto. Yo no tenía muchas ganas, porque es muy complicado entrar en proceso electoral, en una campaña electoral, para ser elegido *director de estudios* propiamente dicho, y entonces empecé a trabajar en la actividad privada a partir de 1980-81, **todos los años 1980. Trabajé primero en una empresa, después en otra, después puse mi propia empresa haciendo investigación aplicada en comunicación**, que es lo que sigo haciendo ahora pero ahora acá, yo tenía mi empresa allá y a **partir de 1987-88 la misma empresa acá**.

### 8. ¿Verón y asociados?

No ese nombre es nuevo. A partir de 1983, de la vuelta a la democracia yo empecé a viajar mucho a Buenos Aires, viajaba tres veces por año, una cosa por el estilo, cada tres o cuatro meses yo estaba acá, pero por períodos cortos, **y esa fue la época en que trabajé con Alfonsín, de 1985 a 1987**, trabajé con el presidente en consultoría de comunicación.

### 9. ¿En esos años usted se radicó aquí o no?

No, desde París lo hacía viajando mucho, salvo un período de seis meses que estuve en 1987 de abril a septiembre. Si no venía muchos trabajos, análisis, yo los hacía allá y los mandaba por fax.

### 10. ¿Organización de estrategias de comunicación para el gobierno?

Si, por un lado, era asesoría directa con el presidente, por otro lado, Alfonsín decía bueno tienen que ocuparse de tal cosa, entonces íbamos a tal ministerio para trabajar; nos mandaba a diferentes lugares, eso fue en la segunda mitad de los años 1980.

### 11. ¿Sus trabajos de investigación aplicada eran para empresas privadas y estatales?

De todo, yo trabajé mucho para **Renault**, automóviles que en aquella época eran todavía públicos, no eran privados. Trabajé para los **ferrocarriles**, para el **metro de París**, para **Appel** en aquella época, ya no me acuerdo, pero eran

**muchas empresas públicas y privadas; para el correo francés, para Telecom, para Toshiba, diferentes empresas.**

### **12. ¿En esa época trabajó para el gobierno Mitterrand?**

Era la época del gobierno Mitterrand, que ganó en 1981.

### **13. ¿Usted tuvo contactos con él?**

Muy poco, tuve alguna pequeña actividad en la preparación de la primera campaña que ganó en 1981, pero muy secundaria: asistí algunas reuniones, hice algunos pequeños memos sobre algunas cosas, pero muy poco. Después colaboré un poco en algún momento con el consejero personal de Mitterrand, pero nada comparable con el trabajo de Alfonsín, que fue mucho más; yo después nunca hice comunicación política en Francia.

### **14. ¿Usted recibió la ciudadanía francesa, tuvo que renunciar a la ciudadanía argentina?**

No, eso se va acumulando. Tener dos pasaportes es siempre mejor que uno.

Después en un momento **vuelvo a la universidad**, esto fue en **1992**, soy nombrado **profesor titular en París VIII** y dirijo el **departamento de comunicación de París VIII**; esto fue **1992 a 1995**, debe haber sido el último invierno 1995-96. Pero yo ya había decidido volverme a la Argentina, así que **digamos terminé, decidí irme, no renuncié, pedí la jubilación anticipada**, eso uno puede hacerlo antes de la edad automática que uno tiene para jubilarse, me fui, me volví para acá.

Pero acá ya estaba funcionando esta empresa, que había empezado en 1987-88, que seguía acá, entonces yo retomé todo eso, viviendo acá y me instalé.

### **15. ¿Volvió en 1996?**

Realmente a vivir, aunque yo seguía viajando mucho para allá; me instalé en esta casa en mayo 1995. Pero después me pasé seis meses en París, de nuevo,



porque tenía que dar clases, así que en 1995 fue mitad aquí y mitad allá. Partí en el '96 cuando terminé las clases, me fui de *París VIII*; yo sigo viajando mucho, viajó a París tres o cuatro veces por año, pero estoy viviendo acá.

**16. ¿Esa decisión de volver a Argentina?**

Nada que ver, una historia totalmente personal, totalmente personal. Mi hijo vive allá porque es francés.

**17. ¿Profesor, usted es porteño?**

Si de Buenos Aires.

**18. ¿De Buenos Aires, en que año nació?**

En 1935.

**19. ¿Usted comenzó en la filosofía?**

Si, pero después como que me desilusioné de la filosofía, y cuando vino la sociología moderna, entre comillas, con Germani, me pareció mucho más interesante eso. Posteriormente me vino muy bien haberme pasado cinco años leyendo Aristóteles, Platón, Kant, Hegel y no sé qué más, porque hice la carrera completa. Así que me recorrí toda la filosofía y eso me sirve de vez en cuando todavía, no fue tiempo perdido digo.

**20. ¿Como piensa hoy, retrospectivamente, su aproximación al *estructuralismo marxista*? ¿Qué importancia tuvieron las propuestas del Althusser en los años 1960 para el campo del pensamiento en comunicación social?**

Bueno, yo tengo una posición muy clara, yo siempre estuve en contra de Althusser, y en algún lugar escribí en contra; pero yo creo que fue funesto, fue un desastre; porque, primero creó la ilusión de que uno puede conocer *El Capital* sin haberlo leído, y después porque fue un freno a la investigación científica. Uno especulaba sobre la sociedad y las clases sin haber tenido la más pura

idea, sin saber lo que es una sociedad. Althusser era un filósofo y representaba, a mis ojos, una de las razones porque abandoné la filosofía, porque no se puede hablar de la sociedad así sentado en un escritorio. Yo en algún lugar puse eso. Althusser fue un desastre, los pocos, la gente más o menos inteligente que se interesaba en la sociedad, en la evolución social en aquel momento, obviamente en la revolución, también en todas esas cosas, Althusser le sirvió de pretexto para no enterarse de nada.

## **21. ¿Su pluralidad para seleccionar modelos teóricos, autores y escuelas, proviene de su formación filosófica personal, o tuvo influencias decisivas de grupos, colectivos o comunidades de científicos?**

En relación con la cuestión de los grupos no. Tuvo para mi importancia, y la sigue teniendo, el grupo que se generó alrededor de la *Asociación Argentina de Semiótica*. Esa asociación se creó en 1970, poco antes de que yo me fuera a Francia, éramos cinco o seis que la creamos. La asociación existe todavía, pero ya hay otra gente. E ahí sí, ese grupo donde estaba **Carlos Traversa, Oscar Steimber, Juan Carlos Sindart, Alicia Paes**, que murió, y algunos más que me olvidé. Ese grupo si, hemos discutido mucho, tomamos posiciones político-culturales juntos etc. Y ese grupo existe, yo sigo trabajando hoy con Traversa, lo veo todos los días, es profesor en la universidad donde doy clases. En esa universidad ese grupo persistió a lo largo de, todo este tiempo; pero eso es más local.

En Francia si y no, porque yo estaba primero y seguí vinculado aun después de recibir la nacionalidad francesa con el CECMAS, ese centro de la *Ecole*, donde estaban todos los semiólogos, pero no era un equipo de trabajo, hacían la revista *Comunicación*, pero no se podía decir que era un equipo que compartía hipótesis teóricas no, nunca fue eso. Metz, Barthes, Morin son personas, individualidades totalmente distintas unas de otras. Morin estuvo siempre en contra de la semiología.

Ahí estaba el **más grande semiólogo francés que era Barthes**, pero no era un equipo; simplemente cada uno hacía sus cositas en su rincón y no era un verdadero equipo. Así que a ese nivel no hubo. No hay casi equipos en Francia, el trabajo es muy individualizado.

**22. ¿Su comportamiento intelectual no tendía a un trabajo en equipo; el hecho de estar en el laboratorio de antropología social de Lévi-Strauss y simultáneamente en los seminarios de Barthes?**

No es en el mismo momento, no; yo estuve con Lévi-Strauss desde 1961 al 63 estudiando, yo acababa de terminar la universidad y estaba como becario.

**23. ¿El Seminario de Barthes?**

Eso fue diez años después, ah no perdón, tiene razón fue en el mismo momento, pero yo iba en sus clases no tenía una relación personal con él. Yo era un estudiante, entré en el círculo del CECMAS después 1969, 70, 71; cuando yo ya era profesor acá e investigador en el instituto Di Tella, en ese segundo momento yo tenía relaciones más institucionales con ellos.

Yo lo traje a **Umberto Eco en 1971**, por ejemplo, cuando vino por primera vez a Buenos Aires, por iniciativa del Di Tella, pero en acuerdo con otras universidades. En la primera época en Francia yo era más un estudiante, quiero decir mi primer contacto con Barthes fue el curso, pero era como un estudiante más, yo lo conocí personalmente después.

**24. ¿Cómo fue posible en los años 1950, 60 y 70 caracterizados por prácticas intelectuales totalizantes estructurar una concepción y un comportamiento científico pluridisciplinar?**

Bueno la historia pluridisciplinar es más bien una anécdota personal que yo podría justificar.

**25. ¿Cómo, decía que fue una anécdota?**

Sí era más digamos, en gran medida, en ese momento fue como anecdótico el pasaje de la filosofía para la sociología, fue anecdótico porque yo estaba terminando la filosofía, me interesaba la sociología, pero no tenía ganas de hacer una nueva carrera. Yo estaba terminando la licenciatura, me pasé de hecho. Lo de la psiquiatría social, a partir de 1964 fue también anecdótico porque empezamos un trabajo sobre neurosis y comunicación porque encontramos plata para hacerla.

## 26. ¿Su tesis de licenciatura fue sobre psicología social?

La tesis fue sobre psicología social porque yo era jefe de trabajos prácticos de psicología social, ya en los años en que empecé entré en el *departamento de sociología*, entonces no iba hacer una tesis de filosofía; conseguí que aceptaran una **tesis de psicología social**, aunque era **tesis de la carrera de filosofía**. Y así fue. La antropología, bueno yo quería trabajar con Lévi-Strauss, eso es cierto, pero no me interesaba la antropología, me interesaba la teoría Lévi-Strauss, pero no me interesaba trabajos con los *sadam australianos*; a mí la antropología como campo nunca me interesó, me interesaba Lévi-Strauss en tanto teórico. De modo que se fue dando así ese pasaje de un campo a otro; se fue dando de una manera bastante anecdótica. Lo mismo, yo hice una tesis en lingüística, yo soy lingüista. **Doctor de Estado en lingüística**, porque cuando decidí hacer mi tesis no sabía con quién hacerla, yo hice mi **defensa** de tesis en **1985**. Y tenía que elegir o hacerla con un sociólogo o hacerla con un lingüista, porque no se podía hacer así de semiótica, eso no existe en Francia, no hay carrera de semiótica. O sociología o lingüística, y preferí lingüística por esas razones circunstanciales, porque tenía un tipo que yo quería que me dirigiera la tesis; **el sociólogo que podría haberme dirigido la tesis era Touraine, pero a mí la sociología de Touraine no me interesa; entonces preferí trabajar con Chedalie que es lingüística, que aceptaba tesis que en realidad eran de lingüística**, porque fue una tesis más bien una **tesis sobre teoría del discurso** que sobre lingüística propiamente dicha. Bueno, también trabajé bastante, digamos conozco más o menos la lingüística contemporánea, pero el hecho de ser doctor en lingüística fue también un accidente administrativo casi, prácticamente, no encontraba manera de tener un director de tesis que a mí me pareciera interesante, eso es una característica, **yo hacía semiótica en realidad, pero nunca hubo carrera de semiótica en Francia en ningún lugar, no existe.**

## 27. ¿Su opción por Francia como contexto social para desarrollar su trabajo, qué antecedentes históricos personales tuvo, y que razones de producción científica? ¿Por qué no los Estados Unidos?

Eso por una afinidad casi biográfica, mi familia es de origen francés por ambos lados, eso, por un lado, por otro lado.

## 28. ¿Sus padres eran franceses?

No, de Argentina los dos, pero de origen francés. Eso es una cosa, en mi casa se hablaba francés cuando yo era chico; esto quiere decir: cuando no querían que los chicos entendieran lo que se hablaba, hablaban francés. Después, bueno, el hecho de que yo me interesé específicamente en Lévi-Strauss, yo ya estuve en París; además en esa época, efectivamente, yo estaba ideológicamente muy enfrentado a todo lo que era sociología americana, *funcionalismo* americano. Yo me enfrenté mucho con Germani, por ejemplo, y a mi no me atraía ir a los Estados Unidos.

## 29. ¿La Escuela de Palo Alto, tampoco?

Bueno, pero *Palo Alto* fue después yo ya había terminado mi carrera, había terminado mi beca externa, empezaba a hacer investigación yo mismo. En tanto estudiante yo preferí ir a París que, a EUA, obviamente, por eso fui a estudiar con Lévi-Strauss.

## 30. ¿En el momento que emigró de Argentina, por qué?

La definitiva.

## 31. Si la de 1971. ¿Ahí porque escoge como campo de trabajo París?

Ah bueno, porque en ese momento, después de los dos años de beca más los varios viajes que yo hice entre 1964 y 1970 a Francia, yo ya tenía vínculos con mucha gente, con toda la gente que hacía lo que hago yo, lo que hacía yo es decir *semiología*, incluso un poco de *análisis del discurso* que empezaba recién. Yo en esa época los conocía a todos: **Greimas, Barthes, Christian Metz, Julia Kristeva, Todorov** a toda esa gente. Entonces, definitivamente yo tenía muchos contactos con Francia. Creo que eso explica, se fueron reforzando mis vínculos con Francia, pero además **yo no hubiera ido a vivir nunca a los EUA, es un país que no me gusta.**

## 32. ¿Su salida de Argentina fue producto de la imposibilidad real de desarrollar un trabajo sistemático serio y con garantías económicas? ¿Ningún país

### **de América Latina ofrecía alternativas y condiciones de investigación y producción teórica en la época?**

En esa época no, era una época en que casi todos los países de América Latina estaban bajo dictadura militar; en Brasil desde 1964, aquí desde 1966 con Onganía. Es verdad que en Brasil la represión universitaria no fue tan fuerte como acá. Digamos, fue un poco. Cardoso siguió siendo profesor en São Paulo, a pesar de los militares [información equivocada de Verón]. Los militares brasileros nunca atacaron tanto, tan directamente, pero un poco también. Aquí nos echaron a todos los profesores, eso en Brasil no ocurrió tan brutalmente; pero no se me ocurre que otro país estaba en democracia, estaban todos esos países con dictadores en ese momento.

### **33. ¿El caso de México?**

Después vino Chile en 1973; los años 1960 y 70 desde ese punto de vista fueron terribles, en América Latina no se podía hacer nada.

### **34. ¿México nunca fue una opción para usted?**

No, porque yo tenía el prejuicio que no me gustaba México. ¿Vaya a saber por qué? A México yo lo descubrí a finales de los años 1980, principios de los 90, me parece un país maravilloso, pero que yo no conocía y tenía prejuicios contra los mexicanos, que sé yo. No nunca se me hubiera ocurrido, y muchos de los argentinos se fueron a México efectivamente, pero a nivel universitario la pasaron bastante mal, es un país muy cerrado México; es un país maravilloso para visitar y probablemente para vivir, también, pero **el medio universitario mexicano es muy cerrado**, todos los argentinos que vivieron allí unos años se lo pueden contar.

### **35. ¿Cuéntenos sobre su participación política como ciudadano en Argentina, Francia y América Latina? ¿Cuáles fueron los procesos políticos más importantes en que participó y como lo hizo?**

Poco yo diría, yo tuve una actividad importante en el movimiento estudiantil, mientras era estudiante, en la FUBA –Federación de Estudiantes de Buenos Aires.

### 36. ¿En la época de Perón?

Claro, fines de los años cincuenta, ahí si tuve actividad política, pero en tanto militancia estudiantil en el Centro de Estudiantes de Filosofía y Letras, después en el Consejo Superior de la Universidad a partir de 1955. Y después, militancia directa no, yo como tantos otros tuve la ilusión del *frondismo*, en un momento, pero duró muy poco, yo era vagamente radical.

En Francia no, no tuve ninguna actividad política, bueno lo voté a Mitterrand, pero como cualquier ciudadano; no, no tuve, y mis relaciones mínimas con el equipo de Mitterrand, por un lado. Más importante con Alfonsín, fueron más bien relaciones profesionales; yo estaba más o menos de acuerdo con Alfonsín, pero no en tanto militante radical, yo era un profesional de la comunicación.

### 37. En los años 1960 y 1970 usted participaba de organizaciones de científicos sociales en América Latina; ¿en ese sentido se constata una preocupación central por la constitución de las comunidades e instituciones de investigación, que sucedió para cambiar ese comportamiento?

No entendí bien la pregunta.

### 38. Usted era parte de la asociación de sociólogos de América Latina; de la revista *latinoamericana de sociología*; ¿en la psicología, a nivel gremial usted trabajó en esos espacios?

No, no, no porque la revista *latinoamericana de sociología* era una revista que hacía el instituto Torcuato Di Tella, yo fui secretario de redacción, era una revista simplemente. Participé en algunos de los *congresos latinoamericanos de sociología*, pero no a nivel de organización. Posteriormente en cosas como la FELAFACS que es la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación, fui al último congreso ahora en Lima, pero es el primero en que yo estaba.

### 39. Al pensar en sus características personales, mediante una reflexión interpersonal, ¿qué elementos fueron cruciales para definir Eliseo Verón?

Como yo lo veo, una especie de **ausencia de ambición de poder**; a mí no me interesa ser decano en una facultad, ese tipo de cosas, *boludeces*, por eso el

único cargo así de director que tuve en esa época fue en el Di Tella y aguanté un año y me fui; insoportable, me pasaba el día firmando cartas ese tipo de cosas. Y eso si pudiera ser una característica, en la medida en que **las instituciones me aburren, y en general lo que yo busco es que me dejen tranquilo.** ¿La gente no entendía como yo me fui de Francia, es tan difícil llegar a ser profesor titular de una universidad francesa que me decían cómo te vas a ir? Los franceses no entendían, creían que me había vuelto loco, porque es un puesto que no se abandona, digamos. La gente pasa quince años de ir de Toulouse a Bordeaux, de Bordeaux a Lille, termina en París al final, como profesor de la universidad de París, y entonces no podían creer que yo me fuera. Me fui, me aburrí, no me interesa, esa puede ser una característica. Por eso no ocupé **nunca cargos administrativos en federaciones latinoamericanas, ese tipo de cosas me parecen una perdedera de tiempo total, que otra cosa puede ser.**

#### **40. ¿Su carácter emigrante de dónde viene?**

No, eso tiene un aspecto circunstancial, no es que me guste ser emigrante, la prueba es que después de veinte y tres años de vivir en París yo prefiero vivir en Buenos Aires, toda la vida. Yo nunca sentí a París, siendo francés y todo, después de casi veinte años de francés. Francia no es mi país, mi país es la Argentina, por eso volví sin ninguna angustia, no, lo contrario, yo adoro Buenos Aires. Y París es una hermosa ciudad cuando uno es turista, pero vivir ahí... no; yo no tengo para nada una vocación de emigrante.

#### **41. ¿Qué diferencias fundamentales establece entre la América Latina de los años 1960 y 1970 y la de los 1990? Pensada ella como un espacio de producción de conocimientos en comunicación. ¿Cómo fueron sus relaciones con América Latina durante sus años en Europa?**

Bueno los años 1960 y 1970 en comunicación en Argentina prácticamente no existieron, muy poco, digamos en Brasil mucho más, por ejemplo, las escuelas de comunicación brasileras son muy viejas, existen hace mucho tiempo. Aquí las licenciaturas, creo yo que debe ser la más vieja la de la UBA, tiene 10 años, empezó en 1987 y en cambio en Brasil había escuelas de comunicación desde los años 1950, si no me equivoco, probablemente; no, no, periodismo, claro; después se van transformando en escuelas de comunicación.



Argentina estaba muy atrasada en eso. Y doctorado lo mismo, doctorados en comunicación en Brasil hay hace mucho tiempo; el primero argentino lo hice yo en 1995-96, fue la primera maestría argentina en ciencias de la comunicación. Ahora se está multiplicando por todos lados, ya hay como diez, pero son del año pasado. Así que, a nivel de la comunicación propiamente dicha, la Argentina estaba con un enorme retraso respecto a otros países de América Latina.

Por otro lado, con los gobiernos militares no había propiamente posibilidad de investigar en este país. No había plata, no había estabilidad institucional, nada. Ahora que la cosa está normalizándose, desde los años 1980 cuando poco a poco los países más importantes del área entraron en la mínima estabilidad democrática, Argentina, Brasil, Chile, que sé yo. Pero eso es mas bien de la mitad de los 80 para adelante, si no hay estabilidad universitaria no se puede hacer investigación. Salvo a nivel privado, efectivamente hay instituciones como FLACSO, en su época el instituto Di Tella, otras instituciones similares en Chile, en Santiago, que eran las únicas en que algo se podía hacer; eran al mismo tiempo instituciones muy marginales, muy, muy en su rinconcito, que no se fijarán demasiado, que no llamarán la atención y como se llamaba la brasilera donde estuvo Cardoso en su época, que está en São Paulo, SEBRAC por ejemplo, quiero decir de ese tipo, que atravesaron esas épocas difíciles, muy aislados, tratando de protegerse lo mejor posible, pero ahora no, ahora parece que la cosa se ha estabilizado, va a durar, entonces uno puede hacer planes de investigación, formar alumnos, lleva tiempo, cuánto lleva? **Lleva unos diez años formar un buen investigador.**

#### **42. ¿El proyecto de la universidad Hebrea Bari-Lan, usted está trabajando en la línea de posgraduación en Semiótica?**

No, ciencias de la comunicación.

#### **43. ¿Ciencias de la comunicación?**

Estrategia de la comunicación, incluye semiótica obviamente, pero no es de semiótica. Semiótica creo que hay una maestría en Córdoba; ésta no, ésta es ciencias de la comunicación más en general.

**44. En 1968 su evaluación sobre la investigación y la producción teórica en comunicación constató una dependencia extrema con relación a los modelos teóricos y a los procesos metodológicos. Qué continuidades y qué cambios observa en la actualidad; ¿en su opinión que perspectivas tiene la producción de teoría en comunicación en la región?**

Qué dice sobre el 68, que eso no entendí.

**45. Que usted detectaba que había una dependencia extrema en lo que se refiere a teoría y metodologías.**

No sé a qué trabajo se podría referir eso

**Al libro *Ideologia, Estrutura e Comunicação*.**

Usted piensa en el libro brasilero, porque la versión argentina se llamaba *Conducta, estructura y comunicación*. Pero la edición brasilera lo llamaba *Ideología, estructura y comunicación*.

**46. Lo más importante que me interesaría es la cuestión de las perspectivas de la producción de teoría en comunicación en la región. Me interesa porque usted diagnosticaba, esa época, que las personas adoptaban métodos y teorías, modelos teóricos sin reflexionar sobre ellos, sin cuestionar esos modelos. ¿Entonces cómo se vería en la actualidad la situación y que perspectiva habría?**

No, yo creo que ese tema es inseparable del tema de la estabilidad institucional y si en un país como éste, por ejemplo, usted no puede hacer investigación está obligado a imitar lo que se hace en otro lado. Tiene que haber una investigación mínimamente autónoma para poder hacer la crítica, modificar tal o cual modelo que puede venir del extranjero, digamos hay un fenómeno de dependencia intelectual bastante general, que existió tanto en sociología, por ejemplo todas las cosas de Germani, generó investigación, en realidad por primera vez hubo grandes investigaciones sobre estructura social argentina, sobre las clases sociales, con una óptica *americana*, porque acá no había tradición sociológica de ningún tipo. Bueno, entonces se usaba Parsons o se usaba Merton, los autores americanos, pero hubo investigaciones importantes, hechas acá, pero con una óptica traída de afuera y lo mismo pasó a nivel conceptual con

Althusser. Si no hay un foco local, ya sea de reflexión teórica, que además a mí me parece inseparable de la investigación, uno lee los libros que vienen de París, o de California y que otra cosa puede hacer; yo digo la posibilidad de una cierta autonomía, que permite una actitud más crítica, supone que haya localmente investigación, o sea es inseparable del tema precedente. Ahora eso puede ir combinado en la medida en que hay un comienzo de estabilidad, uno puede pensar una investigación a tres años sin que lo echen del lugar donde está, que sé yo hay un mínimo de tranquilidad que permite, talvez, desarrollar cosas más propias.

**47. Usted ha sido un profundo, sistemático y riguroso crítico de los discursos en comunicación modelados en el juego especulativo de opiniones, sin base en investigación serias. McLuhan, Baudrillard, consumismo de modas intelectuales etc. En esa perspectiva: ¿qué elementos, experiencias, propuestas, comunidades o autores encuentra renovadores, actualmente, en América Latina?**

¿En América Latina?

Tenía una respuesta probablemente injusta, porque yo todavía no he recuperado realmente un conocimiento detallado de lo que se está haciendo en los distintos países, estuve veinte y pico de años ausente y recién, que sé yo, realmente instalado dos años, debe haber mucho más de lo que yo puedo señalar; por eso es que la respuesta va a ser seguramente es injusta, no le puedo decir; yo creo que, a veces no me acuerdo bien los nombres, estoy empezando a ir de nuevo a Brasil que hace muchos años que no iba. Ahí parece haber mucha gente trabajando bien, en distintos lugares no, con trayectorias ya bastante largas, que sé yo. Sino hay figuras como García Canclini, que es argentino y está en México desde hace mil años. Jesús Martín Barbero en Colombia, gente así, que yo no veo tanto, empiezo a ver de nuevo después de bastantes años, en congresos, en cosas. En Chile están trabajando muy bien, también, yo estuve hace un año y medio en la *Católica*, la escuela de periodismo de la Católica de Chile y ahí se está haciendo investigación de muy buen nivel. Hay seguramente mucho más, por eso digo que es una respuesta muy, muy incompleta, porque todavía no he viajado demasiado; he estado una vez en Brasil, hace poco después de bastante tiempo. Ahora estamos organizando una especie de acuerdo

y vamos a hacer la maestría de Bari-Lan en Porto Alegre, a partir del año que viene.

#### **48. ¿Con la Federal de Porto Alegre?**

Con la *Luterana* hay ese proceso; estamos haciendo más o menos lo mismo, un acuerdo y empezó ahora la maestría en, digamos bastante próxima a la de Bari-Lan en Rosario. Va a empezar en Río Negro, por iniciativas locales, pero nosotros si es necesario llevamos los profesores, los currículos, este tipo de cosas. Pero bueno eso es reciente eh, seguramente yo he visto así gente, probablemente una generación bastante más joven que debe estar trabajando bien, que yo no conozco todavía correctamente.

**49. ¿En la edición brasilera de la *Producción del sentido*, Edward Lopes y Eduardo Peñuela caracterizan su trabajo durante los años 1960 y 70 como un movimiento entre los dominios fronterizos de la lingüística, la semiología y la teoría marxista de la ideología? Antropología estructural, sociología, psicoanálisis y el *análisis de los discursos sociales* fueron excluidos.**

¿Como fueron excluidos?

**50. Ellos no lo consideraron en la caracterización. Varios prefacios y presentaciones lo definen como sociólogo, semiólogo, lingüista etc. ¿Su transdisciplinariedad de hecho provoca esas denominaciones, usted se considera un comunicólogo?**

No me gusta el término; **yo pienso que la problemática de la comunicación, discursos sociales y ahora muy fuertemente de los medios es una problemática por definición transdisciplinar.** Y lo que ahora se tiende a llamar ciencias de la comunicación en plural cubre más o menos bien ese terreno, porque incluye de todo. La comunicación hay que estudiarla desde el punto de vista económico, histórico, antropológico, psicológico no es una disciplina en sí misma, **digamos es un nudo de disciplinas**, pero eso yo creo que es lo más moderno que tiene, porque **los sectores que son hoy importantes son nudos de disciplinas**, no son una disciplina. En las ciencias cognitivas es lo mismo, hacer ciencia cognitiva no significa nada. Usted puede ser lingüista, fisiólogo, neuro-

biólogo, de todo, filósofo, porque hay muchos filósofos trabajando en ciencias cognitivas ese es un cruce de informáticos, obviamente. **Y las ciencias de la comunicación, yo creo que debería llegar a ser algo parecido, un cruzamiento de las disciplinas** en sentido tradicional del término. Pero no por azar se habla de ciencias de la comunicación y no de comunicología es absurdo, sería totalmente absurdo llamar a eso comunicología, no es una disciplina.

**51. Usted decía en *La producción del sentido*: “Una lectura ‘inteligente’ de textos parece ser una de las condiciones esenciales de todo buen trabajo de historiador”; y en la *Semiosis Social*: “Al recolocar al texto en el conjunto del proceso histórico de su surgimiento, la cuestión no es separar lo “bueno” de lo “malo”: en cada lectura el texto es estudiado en su integridad, en su coherencia y sus contradicciones”.**

**¿Cuáles han sido sus relaciones con las teorías y métodos históricos y que importancia tienen para su pensamiento?**

A bueno, respecto de un trabajo que puede ser propiamente mío yo hice una sola cosa por ese lado. Yo no soy un historiador, hice ese trabajo sobre alrededor del surgimiento de la lingüística en Saussure en relación con el positivismo en el siglo XIX, ese fue mi único intento de situar históricamente un texto teóricamente importante digamos, proponiendo un modelo de como habría que tratar ese tipo de problema, pero yo no seguí trabajando en eso. Concretamente yo **desde hace bastante tiempo estoy trabajando, me interesan más los medios actuales**, digamos la TV, todas esas cosas, pero pienso que **la perspectiva histórica es fundamental, absolutamente fundamental**, por ejemplo, para comprender lo que hacen los medios. Ahí yo he hecho una pequeña incursión, hace unos pocos años, sobre la historia de la fotografía, pero bueno cosas así muy circunstanciales, en cierto modo en términos de importancia que hay que darle, por ejemplo en términos de los elementos de la maestría de **ciencias de la comunicación hay un acento puesto en la historia de las teorías**, eso sí a mí me parece fundamental en Bari-Lan y en estos otros también va a haber el tema historia social de las tecnologías es un tema central: historia de la radio, historia de la fotografía, historia del cine, obviamente, pero historia social, no simplemente historia de acontecimientos: hizo tal película en tal año. Es historia social en el sentido de cómo fue evolucionando la articulación entre la tecnología y la sociedad, eso es fundamental.

**52. ¿En *Comunicación y neurosis* está clara su relación con la psiquiatría social, pero un aspecto que necesitaría conocer son sus relaciones con instituciones psicoanalíticas, sus experiencias e influencias teóricas en este campo?**

No, yo no tengo ninguna incursión conceptual en el psicoanálisis, no me atrevería a tenerla tampoco, en la investigación esta con Sluzki sobre *neurosis* el psicoanalista es más bien él no yo, y usamos una perspectiva inglesa en ese momento para articular un poco la comunicación y la teoría psicoanalítica o psiquiátrica, particularmente Fairbairn<sup>1</sup>; si se quiere a mí el psicoanálisis inglés siempre me interesó bastante digamos, Winnicott, Fairbairn toda esa gente, Melanie Clear por supuesto. Yo creo que en la cama hay cosas muy importantes, pero yo estoy en desacuerdo profundo con las bases del *lacanismo* digamos. Pero bueno, desde afuera, quiero decir esa es la cosa por la cual yo nunca utilicé ningún elemento de la teoría *lacaniana*; pero todos esos son juicios desde afuera. Creo en el *inconsciente* si se trata de eso, pero no podría formular ninguna hipótesis conceptual porque sería una falta total de seriedad porque no he trabajado, he leído Freud como todo el mundo, pero más allá de eso no tengo nada que decir, puedo llegar a usar algo como hicimos en *comunicación y neurosis*, usamos el modelo de Fairbairn porque nos servía, nos ayudaba a comprender ciertas cosas, pero yo no puedo entrar en una polémica para saber si Fairbairn tenía más razón que Winnicott, no entro en eso.

**53. Su concepción sobre los fenómenos de sentido define a la red semiótica como un *sistema productivo*. En su perspectiva metodológica de *análisis de los discursos sociales* el punto de partida es el sentido producido. Mi pregunta es, qué relación tienen estas propuestas con las formulaciones de Marx sobre *modos y formas* de producción. ¿Sobre fabricación de la historia, sobre relaciones como elementos esenciales en la definición de las realidades?**

Digamos, tal como está cuestión de la producción del sentido aparece dentro del campo de las ciencias de la comunicación, de la semiótica si se quiere a partir de Peirce, que es lo que yo más uso; yo creo que no hay ninguna relación con la propuesta marxista, absolutamente ninguna, salvo el término *producción*, que bueno se usa en muchas disciplinas, pero que no remite al contenido conceptual de esos términos en la *teoría marxista*.

Yo no creo que hay ninguna relación directa, la única cosa que en mi caso es

<sup>1</sup> W. R.D., Fairbairn, *Estudio psicoanalítico de la personalidad*, Buenos Aires, Hormé, 1962.

una *huella* de la época en que **yo era marxoiide** digamos, es la noción de *condiciones de producción* del *discurso* ahí si hay algo, pero no creo que guarde relación, viene de ahí obviamente, viene de ese horizonte conceptual *marxista*, pero me molestó un poco en este momento, tendría que buscar otra cosa, y el contenido que yo le doy ahora tiene poco o nada que ver con el concepto *marxista*.

Porque la relación entre discurso y sus condiciones de producción es de naturaleza diferente, es mucho más complejo que lo que Marx podría entender por *condiciones, modo de producción*, este tipo de cosas. Salvo el concepto bajo de *producción* que uno le puede dar, obviamente que es casi equivalente a la noción de un proceso, que sé yo; es demasiado indeterminado para significar algo preciso fuera de un contexto teórico definido. El *marxista*, propiamente dicho tiene un contenido preciso, uno puede estar de acuerdo o no, pero muy *causal* digamos y eso es inconveniente en el uso de la noción de *relaciones de producción* a nivel de la producción del sentido del discurso, esa relación no es causal, es mucho más complicado que causal, digamos un *causalismo* un poco mecánico en la teoría *marxista*. Y eso es lo que produce dificultades cuando uno usa esta noción de producción en relación con la significación, con el sentido, porque ahí los símbolos son permanentes, las condiciones de producción **no son la causa del discurso**, es un modelo epistemológico mucho más complejo lo que uno tiene que tener para entender cómo funciona el *discurso* en relación con sus *contextos*, con la sociedad, con los productores, con los receptores, que sé yo todo eso es mucho más cibernético que marxista, por decirlo así vagamente.

#### 54. ¿Como concibe en la actualidad la problemática de la transdisciplinariedad para el campo de la comunicación social?

Un poco eso yo ya se lo contesté.

#### 55. Ese intercambio teórico-metodológico entre las diferentes disciplinas; ¿en el trabajo que ustedes tienen trabaja cada uno en su área?

No, no, no, sí, sí, es un poco esa idea de *nudo disciplinar* digamos, porque hay una noción tradicional de disciplinas, con una cierta homogeneidad, con un campo de problemas, con ciertos objetos, que sé yo, y no puede ser tal; históri-

camente uno puede decir la antropología es una disciplina, la sociología es una disciplina, que sé yo, la economía obviamente es una disciplina; pero lo que me parece que pasa que en los últimos años, quince o veinte años han aparecido estas **transdisciplinas**, que son **nudos** que **están definidas por problemas y no por campos** digamos, por eso los dos ejemplos que se me ocurren, el más importante obviamente es el de las ciencias cognitivas; **yo trato de entender las ciencias de la comunicación** de esa manera, entonces no están en el mismo nivel, no puedo comparar las ciencias de la comunicación con la lingüística que es tradicionalmente una disciplina, están en niveles diferentes, no son comparables, pero **para trabajar un fenómeno de comunicación hay que usar lingüística, historia, economía, antropología, psicología**. Y ese fenómeno, insisto, me parece un fenómeno, la evolución va hacia ese tipo de fenómeno digamos, a lugares en que intervienen múltiples especialistas. Un filósofo que hace ciencias cognitivas tiene que conocer neurobiología, sino no puede, no es fácil, es pesado con notoriedad, pero y, además, cada vez más los grandes neurobiólogos como gente que tuvo premios Nobel, que sé yo, tienen reflexión filosófica sobre el cerebro; se está mezclando todo digamos, a mí eso no me molesta, al contrario, me parece bien, me parece interesante.



## Sobre o livro

Projeto Gráfico e Editoração | Norah Gamboa Vela

Design da Capa | Norah Gamboa Vela

Tipologias Utilizadas | Calibri 11 pt

Este livro oferece um conjunto sistemático de formulações teóricas em comunicação, apresenta vários paradigmas comunicacionais em confronto e confluência; configura, assim, uma análise epistemológica da obra de Eliseo Verón. O volume oferece uma problematização teórico-metodológica, que articula aspectos cruciais do processo histórico de constituição do pensamento e da investigação crítica em comunicação na América Latina; para isso, estrutura argumentos que procuram visualizações fortes para a pesquisa na área. Teoria e pesquisa são trabalhadas mediante um tecido que procura rigor científico, flexibilidade inventiva, e compromisso ético, político e histórico com os povos latino-americanos.